

SAMUEL SMILES

O

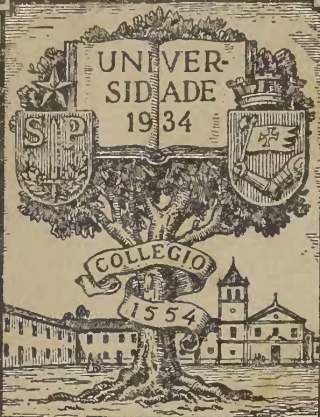
PODER DA VONTADE



RIO DE JANEIRO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

EX-LIBRIS



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA
LUÍZ DE QUEIROZ

J. W. R.

Nº

1296

153.8
5041pb

~~1009~~

CR-7-P-4-1A

5.09.03.40-7

1063

Washburne 1 piece Copy 10/20/10

O PODER DA VONTADE

ou

CARACTER, COMPORTAMENTO E PERSEVERANÇA

Ficam reservados todos es direitos de propriedade.

○
PODER DA VONTADE

OU
CARACTER, COMPORTAMENTO
E PERSEVERANÇA

POR
S. SMILES

—
Traducção de M. J. FERNANDES DOS RIOS

—
SEXTA EDIÇÃO
—

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR
71, RUA DO OUVIDOR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

—

Illm. Sr. B. L. GARNIER,

Agradeço-lhe as primeiras folhas impressas que v. s. enviou-me da traducção da obra de mr. Samuel Smiles, intitulada *Self Help*. É obsequio que devo á sua muita bondade, e que v. s. quiz attribuir-me o ter-lhe eu suggerido a idéa de publical-a em portuguez.

Poucos livros tenho lido que me causassem tão viva e intima satisfação e cuja vulgarisação tanto deseje. Ao lado da mais sã doutrina faz o autor sobresahir os exemplos illustres de tantos homens que, começando nas mais humildes e obscuras profissões, desajudados da fortuna e lutando com innumeradas contrariedades, elevaram-se pela força da vontade e deveram altas posições sociaes, riqueza e renome unicamente ao amor do trabalho, á coragem e persistencia com que se dedicaram á realisação de seus planos.

A formação do character individual é ponto tão importante na educação, que considero prestar v. s. verdadeiro serviço, pondo ao alcance de grande numero de leitores um livro que para ella tanto póde concorrer, por despertar os mais nobres estimulos e fortalecer os mais elevados sentimentos do homem.

Sou com o devido apreço de v. s. attencioso venerador e criado.

PAULINO JOSÉ SOARES DE SOUZA

Rio de Janeiro, 29 de Outubro de 1870.

AO LEITOR

A obra que ora publicamos não é traduzida do inglez. Tendo lido a traducção do Sr. Alfredo Talandier, e resolvido fazer verter para o portuguez o original de mr. Samuel Smiles, *Self-Help*, dirigimo-nos a este senhor, afim de impetrar d'elle a devida licença : s. s. nos respondeu, accedendo com toda a obsequiosidade ao nosso pedido, mas aconselhou-nos, ou antes nos pediu por seu turno que para a traducção que iamos emprehender, preferissemos, não o original inglez, mas sim o trabalho do Sr. Talandier. Seguimos de tanta melhor vontade o conselho do digno sr. Smiles, quanto, comparando o original com a traducção franceza, conforme nos recommendara s. s., reconhecemos contar esta maior somma de exemplos biographicos, do que a obra primitiva : o original é um tanto exclusivo nos exemplos que adduz em apoio de suas valiosissimas maximas; a versão franceza, não só mais comprehensiva, foi outrosim feita segundo um novo plano ministrado pelo proprio autor.

Quanto ao merecimento intrinseco da obra que hoje damos a lume, o publico indubitavelmente o reconhe-

cerá, como nós o reconhecemos, e de certo confessará que é impossivel offerecer-se, não só á mocidade, senão mesmo aos adultos, um livro mais eminentemente moral e moralizador, e no qual se reflectam com maior attractivo as elevadas e puras intenções de um *homem de bem*.

Terminando esta succinta exposição, só nos resta agradecer cordialmente, como aqui agradecemos, ao illm. Sr. Antonio José Fernandes dos Reis, a boa vontade com que s. s. nos auxiliou na nossa empreza.

O EDITOR.

Rio de Janeiro, 29 de Novembro de 1870.

O PODER DA VONTADE

OU

CARACTER, COMPORTAMENTO E PERSEVERANÇA

CAPITULO QUE SERVE DE PREFACIO

Se bem reflectirmos, reconheceremos que a valia de um Estado provém da valia dos individuos que o compõem.

JOAO STUART MILL.

A vida não é um prazer, nem uma dor, mas um negocio grave de que estamos encarregados e que devemos tratar e terminar de modo honroso para nós.

ALEIXO DE TOQUEVILLE.

I

Faze da tua parte, que Deus te ajudará—é uma maxima de valor provado, a qual encerra em mui limitado quadro os resultados da mais larga experiencia. O espirito de espontaneidade individual é a origem de todo o desenvolvimento normal no individuo, e quando se manifesta em um grande numero de homens, constitue o verdadeiro fundamento da força e da energia nacional. O apoio que nos vem do exterior é de ordinario tão enervador em seus effeitos, quão invariavelmente fortalecedor é o que nos vem do intimo de nós mesmos. Tudo quanto é feito por outrem em proveito nosso, nos exime da necessidade e até nos tira o desejo de o fazermos com esforço

nosso proprio; e onde quer que o individuo se achar submettido a um excesso de protecção e de governo, a tendencia inevitavel de um tal systema será para reduzi-lo a um estado de fraqueza relativa.

As melhores instituições não garantem ao homem um auxilio effectivo. O mais que podem fazer por elle, é deixar-lhe a liberdade de desenvolver-se e de melhorar a seu modo a sua condição individual. Mas os homens sempre se têm mostrado dispostos a pensar que o seu bem-estar e a sua felicidade podem ser mais resguardados por instituições, do que pelo seu proprio procedimento; e é assim que elles hão chegado a dar tão exagerada importancia á obra da legislação e consideral-a como o mais poderoso motor do progresso humano. Todavia o facto de cada um contribuir pela millionesima parte para a constituição da legislatura elegendo de tres em tres ou de cinco em cinco annos um ou dous deputados, apenas pôde exercer, por mui conscienciosamente que este dever seja cumprido, uma influencia insignificante na vida e no character do homem. Além disso, torna-se cada dia mais manifesto que a funcção do governo é antes negativa e restrictiva do que positiva e activa, e que esta funcção se reduz em grande parte a um simples systema de protecção, protecção da vida, da liberdade, da propriedade. Não ha poder legal que possa dar actividade ao preguiçoso, providencia ao prodigo, sobriedade ao ébrio: só ao proprio individuo incumbe adquirir alguma destas virtudes ou todas ellas a um tempo, e adquiril-as pelo exercicio das faculdades activas e da força de abnegação, cujo livre uso lhe é privativo. Na verdade, toda a experiencia do mundo tende a provar que a valia e a força de um estado dependem antes do character dos individuos que o com-

põem, do que da fôrma das suas instituições. Uma nação nada mais é na realidade do que o complexo das condições particulares, e a propria civilização cifra-se em uma questão de melhoramento individual.

II

O progresso nacional é a somma das actividades, das energias, das virtudes de todos, do mesmo modo que a decadencia nacional é a somma das fraquezas, dos egoismos e dos vicios de todos. Se bem considerarmos, reconheceremos que o que nos temos habituado a denunciar como grandes chagas sociaes nada mais é no maior numero de casos do que um desenvolvimento monstruoso dos vicios de que nós mesmo somos presas, e que em vão tentariamos remover estas excrecencias e extirpalas por meio da lei, porque ellas reapparecerão sempre, variando de aspecto, e com dobrada exuberancia, enquanto as condições do nosso desenvolvimento pessoal não estiverem radicalmente melhoradas. Se isto é com effeito assim, segue-se que o mais elevado patriotismo e a mais generosa philantropia não consistem tanto em reformar as leis e em modificar as instituições, como em ajudar os nossos concidadãos a elevarem-se e a aperfeiçoarem-se pela livre e independente acção de sua propria vontade.

O governo de uma nação nadia mais é de ordinario do que a imagem e o reflexo dos individuos que a compõem. Todo governo que quizer caminhar tomando a dianteira ao povo será inevitavelmente forçado a retrogradar; todo governo que pretender deixar-se ficar atraz será inevitavelmente compellido a avançar. Assim como a agua

acha o seu nivel, assim tambem qualquer nação achará infallivelmente em suas leis e em seu governo as disposições que convêm ao seu carater. Isto está na ordem da natureza. Um povo nobre será sempre nobremente governado; um povo ignorante e corrompido sel-o-ha sempre ignobilmente. A liberdade não é sómente o effeito de um engrandecimento politico; é sobretudo o resultado de um engrandecimento moral, o fructo da energia, da independencia, da liberdade de acções individuaes.

A maneira por que um homem é *governado* póde não ter immensa importancia, ao passo que tudo depende da maneira por que elle se governa a si mesmo. Com effeito, o mais miseravel escravo não é o que se acha sujeito aos caprichos de um despota, comquanto seja isto um grande mal, mas sim o que é dominado pelos seus proprios vicios, pelo seu egoismo, pela sua ignorancia. A emancipação das nações em cujo coração reinar desta sorte a escravidão, jámais será o resultado de uma simples mudança de senhores ou de instituições; e emquanto prevalecer a illusão fatal de que a liberdade depende da forma do governo, estas revoluções, sejam quaes forem os sacrificios com que ellas se effectuem, terão tão pouco valor e produzirão resultados tão pouco duraveis como uma simples mudança de vista em uma fntasmagoria. A liberdade só póde ter solidos alicerces na força dos caracteres individuaes; e é tambem nesta força dos caracteres que se acha a mais firme garantia da segurança publica e do progresso nacional.

João Stuart Mill pondera, com muita razão, que « o despotismo jámais produzirá seus mais perniciosos effeitos emquanto não conseguir quebrantar a força dos caracteres individuaes; e que tudo quanto tende ao conculcamento da individualidade é *despotismo*, seja qual

fôr o nome com que a cousa se disfarce e a auctoridade que ella pretenda fazer prevalecer, a auctoridade de Deus ou a dos homens. »

III

Os trabalhos physicos e intellectuaes das gerações successivas fizeram das nações da terra o que ellas hoje são. Trabalhadores pacientes e perseverantes de todas as classes e condições, cultivadores do solo e excavadores de minas, inventores e exploradores, operarios e manufactureiros, artistas e poetas, politicos e philosophos, todos contribuíram para tão transcendente resultado, e, vindo edificar com os seus contemporaneos sobre os trabalhos das gerações precedentes, levaram a construcção geral ao ponto de grandeza em que hoje a vemos. Graças a estas series successivas de nobres trabalhadores, artistas da civilisação, a ordem, com o andar do tempo, sahiu do cháos na industria, na sciencia e na arte. A geração actual é a herdeira do grande e formoso dominio creado, por assim dizer, pela habilidade e pela industria de toda a nossa raça; dominio que nos foi deixado para o cultivarmos por nossa vez e transmittil-o aos nossos successores não só intacto senão tambem melhorado.

Entre os grandes trabalhadores do passado, sempre se ha notado, elevando-se acima das turbas, uma phalange de homens que, incomparavelmente superiores aos mais, mereceram as justas homenagens do genero humano. Mas os nossos progressos são devidos tambem a uma infinidade de homens que, comquanto menos illustres e conhecidos, talvez não tivessem tido o menor

merecimento; e cumpre lembrar que, não obstante, a historia só consignar os nomes dos generaes que se hão distinguido nas grandes campanhas, nem por isso deixa de ser certo que o valor individual e o heroismo dos simples soldados contribuíram, em grande parte, para a consecução das victorias. Quantos homens não têm existido, cuja vida nunca foi escripta, e que não obstante cooperaram tão efficazmente para a civilisação e o progresso como os mais afortunados de entre os grandes personagens cujos nomes hão sido registrados pela biographia! Não ha pessoa alguma, por mui humilde que seja, que não exerça uma influencia actual e duravel no bem-estar de seu paiz, uma vez que dê aos seus semelhantes constantes exemplos de assiduidade no trabalho, de temperança, de honradez e de firmeza de proposito; porquanto sua vida e seu character vêm finalmente a communicar-se aos mais, sem que elles o sintam, e a propagar o bom exemplo em todos os tempos por vir. Reconheça-se, pois, que a energia do individualismo é que produz os mais efficazes effeitos na vida e nas acções alheias, e que ella constitue realmente, por sua acção, a melhor educação pratica. Á vista disto o que vem a ser o ensino elementar que recebemos nos collegios, nas escolas, nas academias? A educação verdadeiramente importante, verdadeiramente essencial, é a que recebemos em nossos lares, na cidade, nos campos, nas officinas, nas repartições publicas, nos armazens, nos bancos, na fabricas, e em todos os centros de trabalho onde se agita o formiguiero humano. Esta ultima educação que a sociedade dá aos seus membros, e que consiste em exemplos de accção, de procedimento, de esforço espontaneo, de aperfeiçoamento e de vigilancia de cada um sobre suas proprias acções, em uma

palavra, em tudo quanto tende a disciplinar as mais altas faculdades do homem e a tornal-o apto para o desempenho dos deveres e para o trato dos negocios da vida, é o que Schiller chamava a *educação do genero humano*. Ora, esta educação não é bebida nos livros, e não ha instrucção alguma puramente litteraria que nol-a possa dar. Bacon, com a força de expressão que lhe é peculiar, pondera que « os estudos não ensinam a maneira de nos servirmos do que aprendemos »; que « esta sabedoria está fóra e acima delles, e só póde ser adquirida por meio da observação ». Este juizo se applica igualmente bem á vida pratica e á cultura da propria intelligencia; porquanto a experiencia sempre nos ha de provar, e provar com milhares de exemplos, que o homem se aperfeiçõa infinitamente mais por meio do trabalho do que por meio da leitura; e que o que tende perpetuamente a renovar a humanidade é antes a vida do que a litteratura, antes a acção do que o estudo, antes, a influencia do character do que a biographia.

IV

As biographias dos grandes homens, e mais especialmente as dos que se illustraram pela sua dedicação, são, não obstante, mui instructivas e utilissimas, como adminiculos, guias e incentivos. Entre as melhores, algumas ha que, em relação ás normas de bem viver, de bem pensar, de trabalhar cada um energicamente em seu proprio proveito e em pró dos seus semelhantes, têm quasi tanto valor como os Evangelhos. Os preciosos exemplos que ellas offerecem de caracteres nobres e viris lentamente formados pela efficacia do esforço pes-

soal, da firmeza de proposito, da assiduidade no trabalho, da constancia na integridade, ensinam, em uma linguagem que não póde deixar de ser comprehendida, tudo quanto é dado a qualquer homem realizar por si mesmo, e fazem eloquentemente evidenciar-se até que ponto o respeito de nós mesmos e a confiança no nosso proprio esforço contribuem, não obstante a humildade da nossa condição, para que nos tornemos capazes de adquirir honrosa abastança e solida reputação.

Os grandes sábios, os grandes litteratos, os grandes artistas, os que se dedicam ao apostolado das mais sublimes verdades e têm toda a sua nobreza na indomavel energia do proprio coração, nunca pertenceram exclusivamente a tal ou tal classe, a tal ou tal gráo da escala social. Sahiram indifferentemente de todas as classes, de todos os postos, da officina e da herdade, da choupana e do castello. Alguns dos maiores apostolos da Divindade surgiram das infimas camadas do povo. Os mais nobres subiram algumas vezes ás mais elevadas posições; e não houve difficuldades, embora invenciveis na apparencia, que pudessem detel-os em sua marcha. Essas mesmas difficuldades, em muitos casos, até parecem ter sido o melhor ajudatorio: pois que os forçaram a mostrar de quanto eram capazes em relação ao trabalho e á paciencia, e vivificaram faculdades que, se outras tivessem sido as circumstancias, talvez houvessem permanecido inactivas para sempre. Os exemplos de obstaculos assim superados e de triumphos assim obtidos são tão numerosos que, salvas as naturaes excepções, bem podem justificar este proverbio: *Quem porfia tudo alcança.*

V

Muitos dos que mais se distinguiram nas sciencias nasceram em posições sociaes onde ninguem contaria achar uma proeminencia qualquer, e muito menos proeminencia scientifica. É assim que entre os que deram maior impulso á sublime sciencia da astronomia, vemos Copernico, filho de um padeiro polaco; Kepler, filho de um taverneiro allemão, e por sua vez caixeiro de taverna; Alembert, engeitado, encontrado em uma noite de inverno no adro da igreja de S. João (1), em Pariz, e criado pela mulher de um vidraceiro; Newton e Laplace, filhos, aquelle, de um modesto proprietario de Grantham, em Inglaterra, e este, de um pobre camponez de Beaumont-en-Auge, perto de Honfleur. A despeito das circumstancias desfavoraveis com que tiveram de lutar logo ao entrar na vida, estes homens eminentes ganharam, unicamente pelo exercicio das suas faculdades, uma reputação tão solida quão duradoura e que nem todas as riquezas do mundo houveram podido pagar. Talvez mesmo a riqueza lhes tivesse sido mais prejudicial do que a pobreza em cujo seio haviam nascido. O pae de Lagrange, outro astronomo e mathematico eminente, era thesoureiro da guerra em Turim. Diversas especulações infelizes o arruinaram, e sua familia achou-se reduzida a uma pobreza relativa. Ora, era justamente a esta circumstancia que Lagrange costumava attribuir não só a sua felicidade, senão tambem a sua reputação. « Se eu tivesse nascido rico, dizia elle, provavelmente nunca seria mathematico. »

(1) Saint-Jean le Rond.

O abba de Hautefeuille, outro physico e mathematico distincto, era filho de um padeiro de Orleans. O pae de Gassendi era um pobre camponez de Champtercier (Baixos-Alpes); e Hauy, o mineralogista, era filho de um tecelão de Saint-Just (Oise). O chimico Vauquelin teve por pae um caponez de Santo André de Hébertot (Calvados). Se, na escola que frequentou na sua infancia, não se tornava elle notavel pelo luxo do traje, brilhava ao menos por uma extraordinaria vivacidade de intelligencia, e o mestre que o ensinava a lêr e a escrever, elogiava-o a miudo, repetindo : « Trabalha, estuda, rapaz, e um dia andarás tão bem vestido como o thesoureiro da parochia. » Um boticario do campo, vindo visitar a escola, admirou os robustos braços do menino e offereceu-se para o receber como servente no seu laboratorio, proposta esta que Vauquelin aceitou, esperando que seu amo lhe serviria ao mesmo tempo de mestre. Mas o boticario não estava disposto a consentir que Vauquelin consagrasse a menor parte do seu tempo ao estudo; e o rapazinho, afinal desenganado, tomou a resolução de retirar-se. Partio e se encaminhou para Pariz, levando apenas um sacco ás costas e dous escudos na algibeira. Tendo chegado a Pariz, tratou de vêr se obtinha emprego em alguma botica, mas todas as suas passadas foram inuteis. Exhausto de fadiga, inquieto e desgostoso, adoeceu, e neste estado foi levado para o Hôtel-Dieu (1), onde esteve em risco de morrer. Mas *o que tem de ser tem muita força*; e ao misero Vauquelin sorriram depois dias melhores. Assim que se restabeleceu, tratou elle de buscar emprego, e foi afinal admitido em uma botica. Passado algum tempo, travou conhe-

(1) Grande hospital de Pariz.

cimento com o celebre chimico Fourcroy, que, sympathizando extraordinariamente com elle, o tomou para seu secretario; e por morte desté grande philosopho, a qual só teve logar muitos annos depois, Vauquelin lhe succedeu na cadeira de chimica da faculdade de medicina. Emfim, em 1829, o departamento de Calvados o elegeu deputado, e elle voltou triumphante á aldeia de onde sahira tão pobre e obscuro.

VI

Bem como o cirurgião inglez João Hunter, os grandes cirurgiões francezes Ambrosio Paré e Dupuytren nasceram em posições sociaes mui humildes. Na idade de tres annos, Dupuytren foi tomado a seus pais por uma illustre dama que desejava adoptal-o. Mas, apezar da sua grande pobreza, não quizeram elles separar-se do filho, que por conseguinte lhes foi restituído. Chegado à adolescencia, Dupuytren, graças aos atractivos da sua pessoa e de suas maneiras, graças a sua obsequiosidade e ao seu bom comportamento, adquiriu numerosos amigos, e um destes teve a bondade de lhe proporcionar os meios de ir a Pariz estudar medicina. Ora, Dupuytren tinha a grande virtude de, concebida uma empreza, trabalhar indefessa e porfiosamente para a levar ao cabo, a despeito de todos os obstaculos que se lhe oppuzessem. Conta-se que na época em que elle estudava no collegio de la Marche, occupava com o camarada de escola um quarto cuja mobilia consistia em uma mesa, tres cadeiras e uma especie de cama em que os dous moços dormiam revezando-se. Os recursos de ambos eram tão diminutos, que muitas vezes se

viram elles obrigados a passar a pão e agua. Mas isto não impedia que Dupuytren perseverasse nos seus estudos com a melhor boa ventade, entregando-se sempre ao trabalho desde as quatro horas da madrugada. Nada diremos a respeito do gráo de eminencia a que elle se elevou; ninguem ignora que nos ultimos annos de sua vida todos o reconheciam como o primeiro cirurgião do seu tempo.

VII

Entre os homens illustres que, por assim dizer, revestiram a pobreza de uma aureola de gloria, podemos citar José Fourier, filho de um alfaiate de Auxerre; Durant, professor de architectura na escola polytechnica, filho de um sapateiro de Pariz; Conrado Gesner, o naturalista, filho de um cortidor de couros de Zurich. Este ultimo, logo no principio da sua carreira, teve de lutar com todos os obstaculos provenientes da pobreza, da doença, do infortunio domestico; mas nada lhe abateu o animo nem lhe atalhou os progressos. Sua vida foi realmente uma provada verdade desta maxima que *a quem tem boa vontade, por muito sobrecarregado que se ache de trabalhos, nunca falta o tempo*. Pedro Ramus nos mostra um character da mesma tempera. Filho de uma familia pobre da Picardia, viu-se elle obrigado, na sua infancia, a ser pastor de ovelhas. Mas não achando de modo algum do seu gosto esta occupação, Ramus fugiu para Pariz, onde, depois de haver soffrido muita miseria, conseguiu ser admittido como criado no collegio de Navarra. Este emprego, tão humilde como era, abriu-lhe a senda do saber, e dentro em pouco tempo tornou-se elle um dos homens mais sabios da sua época.

Poderíamos citar um numero infinito de exemplos deste genero. Em todos os ramos da actividade humana, bellas-artes, litteratura, negocios, são elles realmente tão numerosos, que na verdade nos vemos embaraçado com tamanha cópia de riquezas, e até é difficillimo fazer, entre o immenso numero de homens que deveram a illustração á sua perseverança no trabalho e aos pacientes esforços, uma escolha que não exceda os limites de um livro ordinario. Basta, por exemplo, lançar a vista pelo dominio da geographia, para logo notarmos, entre os autores de grandes descobertas, Christovão Colombo, filho de um cardador de lã de Genova; Cook, que foi caixeiro de um mercieiro do York-shire; e Livingstone, que trabalhou em uma fabrica de fiar algodão, perto de Glasgow. Entre os artistas, vemos Claudio, filho de um pasteleiro; Geefs, de um pedreiro, e Leopoldo Roberto, de um relojoeiro; ao passo que, por outro lado, vemos que Inigo Jones foi a principio carpinteiro; Haydn, fabricante de carros; e Daguerre, pintor scenographo do theatro da Opera. Entre os papas, Gregorio VII teve por pai um carpinteiro; Sixto V, um pastor; e Adriano VI, um pobre canoeiro. Em sua mocidade, Adriano, tão pobre que nem sequer podia comprar uma vela de sebo, costumava estudar as suas lições á luz dos lampeões que allumiam as ruas e os adros das igrejas, dando assim prova de admiravel paciencia e de incomparavel amor ao trabalho, seguros presagios de sua futura grandeza.

VIII

A maxima que mostra « a carreira franca aos talentos » teve, durante a revolução franceza de 1792, numerosas e

mui notoveis confirmações. Hoche, Humbert, Pichegru, e muitos outros, estrearam na carreira das armas como simples soldados. Humbert, em sua mocidade, tinha sido um rapazinho turbulento, incorrigivel, e aos dezeses annos fugira da casa paterna. Foi primeiro criado de um negociante em Nancy, depois operario em Lyon, e por fim vendedor de pelles de coelho. Em 1792, alistou-se como voluntario, e ao cabo de um anno era nomeado general de brigada. Kléber, Lefèvre, Suchet, Victor, Lannes, Soult, Masséna, Saint-Cyr, Erlon, Murat, Augereau, Bessières e Ney sahiram todos das fileiras. A promoção de uns foi rapida, a de outros lenta. Saint-Cyr, filho de um pobre cortidor de couros de Toul, exerceu primeiro a profissão de actor, depois assentou praça em um regimento de caçadores, e foi nesse mesmo anno promovido a capitão. Victor, que mais tarde teve o titulo de duque de Bellune, assentou praça em 1791 no 4º regimento de artilheria. Durante os acontecimentos da revolução foi licenciado; mas assim que rebentou a guerra assentou praça de novo, e, ao cabo de alguns mezes, graças á sua intrepidez e habilidade, obteve os postos de major-adjudante e de commandante de batalhão. Murat, o *gentil acutilador*, era filho de um estalajadeiro da aldeia do Périgord, e, na sua mocidade, cuidava dos cavallos na estalagem de seu pai. Serviu primeiro em um regimento de caçadores, do qual foi expulso por insubordinação; mas tendo assentado de novo praça, quando começaram as guerras da revolução, obteve bem depressa o posto de coronel. Ney assentou praça aos dezoito annos em um regimento de *hussards*, e, pouco a pouco, subiu de posto em posto; Kléber, que para logo notara o seu merecimento, chamava-lhe o *infatigavel*, e o promoveu a ajudante-general, não obstante

ter elle então apenas vinte e cinco annos. Por outro lado, vemos que Soult quasi nenhuma educação recebeu em sua mocidade, porquanto até teve de aprender a geographia quando foi ministro dos negocios estrangeiros de França. É verdade que, apenas começou a estudar, este ramo dos conhecimentos humanos tornou-se para elle uma fonte de prazer extremo. Serviu Soult seis annos na infantaria real, primeiro que fôsse promovido a sargento. Mas a sua carreira foi rapida se compararmos com a de Masséna, que antes de ser promovido a sargento, serviu quatorze annos no regimento real-italiano; e, bem que depois subisse, de promoção em promoção, aos postos de coronel, de general de divisão e de marechal, sustentou sempre que o posto de sargento fôra de entre todos o que mais lhe custara a obter.

IX

Se passarmos a outra ordem de talentos, a poesia, por exemplo, que tambem tem tido entre os filhos do pobre não poucos cultores dedicados e afamados pelo seu estro, vemos que Marmontel, Metastasio, João-Baptista Rousseau, Molière, foram todos de bem humilde origem. No momento em que escrevemos estas linhas, o numero dos poetas pertencentes ás classes laboriosas é tão consideravel, que daria de sobejo para encher as paginas de um volumoso livro. Ao passo que os antigos poetas francezes eram quasi todos homens illustres pelo nascimento, taes como Henrique IV (autor da poesia *Mimosa Gabriella*); Theobaldo, conde de Champanha; Lusignan, conde de la Marche; Raul, Blondel e Basselin, cujas canções in-

spiravam tanta alegria como o succo de suas vinhas (1); alguns dos poetas do nosso tempo são, pelo contrario, homens nascidos em bem humildes condições sociaes; é assim que entre muitos outros, empregados em diversos officios, vemos Hiblay, official de alfaiate, de Pariz; Gonzalle, sapateiro, de Reims; Durand, marceneiro, de Fontainebleau; Marchand, official de uma fabrica de rendas, de Saumur; Voilleu, official de uma fabrica de velas de navio, de Brest; Magu, tecelão; Orrit et Lebreton, impressores; Poncy, pedreiro, e Germigny, tanoeiro. Béranger foi typographo, Reboul padeiro e Jasmin cabelleireiro. Béranger, tão celebre pelas suas inimitaveis canções, foi educado por seu avô, pobre alfaiate, á cuja memoria pagou elle em termos affectuosos o devido tributo na canção « O Alfaiate e a Fada ». Béranger não se envergonhava da sua origem; pelo contrario, cantava altivamente: « Sou plebeu e bem plebeu ». Elle poderia dizer como Michelet, que, em sua mocidade tambem fôra official typographo: « Nasci, como uma herva sem sol, entre duas pedras das calçadas de Pariz ». Béranger amava estremecidamente a liberdade. Filho do povo, escrevia para o povo, e era do intimo do coração que lhe vinham as idéas. « As minhas canções, dizia elle, são eu mesmo »; ou, como o poeta escossez Nicoll costumava dizer dos seus proprios cantos « É o meu coração que aqui está ».

Reboul e Jasmin nos offerecem typos igualmente notaveis de homens que, com seus bellos e elevados pensamentos, ennobreceram a pobreza. « O Anjo e o Menino », mimosissima poesia que devemos á penna do primeiro, é

(1) Basselin possuia extensos vinhedos no valle de Vire, e os seus vinhos eram tão afamados como as suas canções.

conhecida em toda a França, e, graças ás traducções que della se fizeram, vulgarisou-se em toda a Europa. Apezar das honras recebidas durante sua vida, Reboul nunca esqueceu nem desprezou a digna posição que occupava como trabalhador, e, consagrando as horas vagas á poesia, continuou a exercer o seu officio de padeiro. Foi a dôr que o fez poeta, — uma grande dôr, causada pela perda de sua mulher e filhos, — e é sem duvida a esta origem que deve ser attribuido o caracter grave e meditativo de suas poesias.

Pelo contrario, Jasmin, o cabelleireiro poeta d'Agen, parece ser sómente inspirado pela alegria do proprio coração e pela necessidade de entoar os seus cantos como os passarinhos. E não obstante, desde a infancia, fôra-lhe a sorte summamente rigorosa. Seu pai era corcunda e sua mãe coxa. Uma de suas mais remotas recordações era a de haver acompanhado o avô, ao ser este levado pelas ruas, já moribundo, na unica poltrona que a familia possuia. « Aonde ides, meu avô? » perguntou-lhe o menino. « Vou para o hospital, meu filho, respondeu o velho; é lá que morrem os Jasmins. » Com esta recordação e outras não menos tocantes que se prendem aos dias de sua infancia, compoz Jasmin, sob o titulo de *Minhas Recordações*, um bellissimo fragmento de autobiographia, cujos quadrosinhos são grupados com perfeita arte. Todavia, sêmpre houve meio de mandar o menino á escola, onde elle deu provas de applicação e ganhou premios. Foi depois posto em casa de um cabelleireiro, e alli, trabalhando de dia para aprender o officio, consagra as horas vagas á leitura dos poucos livros que conseguia obter por emprestimo. Passados annos, chegou a estabelecer-se por sua propria conta, e, sem se descuidar das suas occupações de *cabelleireiro dos moços*,

deu-se á composição de canções e poesias a que não faltaram editores nem os suffragios do publico. Emfim, os favores da fortuna affiniram em tanta copia á loja do cabelleiro, que elle poude quebrar, em um transporte de furor poetico, a poltrona hereditaria em que tantos Jasmims haviam sido carregados, quando iam morrer no hospital. Sua mulher oppuzera-se a principio a que elle escrevesse, e até levara a opposição ao ponto de lhe esconder pennas e papel; mas quando vio que os versos se vendiam, mudou completamente de opinião, e foi a primeira a lhe offerecer affectuosamente papel e pennas, dizendo-lhe : « Animo, animo! cada verso é uma telha que preparas para acabarmos de cobrir a casa ». E as cousas com effeito correram tão bem, que pouco tempo depois Jasmin poude comprar a casa onde vivia, com telhas e tudo.

XI

A Inglaterra tambem tem tido seus trabalhadores poetas : Burns, o servente de charrua; Clare, o camponez; Bloomfield, o servente de herdade; Tannahill, o tecelão; Cooper, o sapateiro; e Critchley Prince, o operario de fabrica. Mas acima, muito acima de todos elles, eleva-se Shakespeare, que tambem nasceu em humilde condição social. Seu pai era carneceiro e criador de gado, e o proprio Shakespeare, segundo alguns biographos, foi em sua mocidade cardador de lã; outros dizem que primeiro fôra chefe de escriptorio e depois praticante de tabellião. O que é factó é que Shakespeare parece ter sido não sómente um homem, senão tambem um epitome da humanidade. A exactidão do seu vocabulario naval é

tal, que um escriptor pertencente á marinha acha impossivel que elle não tivesse sido marinheiro; ao passo que um ecclesiastico descobre em suas obras provas intrinsecas de elle haver sido sacristão; e um juiz distincto das boas qualidades e dos defeitos da raça equina sustenta, com igual autoridade, que elle devera ter sido por algum tempo traficante de cavallo. O que é certo, é que Shakespeare, antes de ser actor, exerceu mais de um officio, e adquiriu, no vasto campo da experiencia e da observação que lhe foi assim aberto, incriveis thesouros de saber. De resto, ha um ponto em que todos estão de acôrdo a seu respeito, e vem a ser que elle estudou com uma força de attenção maravilhosa, e trabalhou com ardor incomparavel.

XII

Todos estes homens, comquanto sejam mui desiguaes entre si sob o ponto de vista do merecimento e da distincção, offerecem preciosos exemplos de diligencia e industria, e sua vida é da maior utilidade para mostrar o caminho aos que aspiram á proeminencia, seja em que especialidade fôr. Animados de um salutar espirito de iniciativa individual, todos elles, sem excepção, foram infatigaveis trabalhadores; e — releva compenetrarmos bem desta verdade — as distincções verdadeiramente honrosas só se obtêm mediante os maiores esforços individuaes: a excellencia não é do dominio da preguiça. É unicamente pela actividade do cerebro e da mão que augmentaremos os nossos conhecimentos e a nossa sabedoria e veremos os nossos negocios prosperar. Até mesmo para os que nasceram no seio da fortuna e das

grandezas, não ha reputação solida que possa ser adquirida sem energicos esforços de applicação : os pais podem deixar aos filhos propriedades ; mas em caso nenhum lhes poderia legar sciencia e sabedoria.

É facil ao rico fazer que os mais o dispensem de trabalhar para si, pagando-lhes um preço convencio-nado; mas é-lhe impossivel fazer que outrem pense por elle : a educação que cada homem deve dar a si mesmo não se vende em nenhum mercado. Na verdade, a doutrina que affirma que ninguem pôde tornar-se proeminente, seja no que fôr, sem uma applicação laboriosa, é tão incontroversa para o rico como para o pobre. Para Gifford, por exemplo, que veio a ser redactor em chefe da *Quarterly Review*, tendo tido por unica escola a lojinha de um sapateiro, ou para Hugh Miller, o geologo, que não consta sahisse alguma vez da sua pedreira de Cromarty para ir estudar em collegios.

É só pelo livre exercicio de suas faculdades que o homem pôde adquirir o saber e a experiencia, de cuja união provem a sabedoria : é tão estolido pretender-se obter estes bens sem trabalho nem fadiga, quanto o seria contar com uma colheita onde não se tivesse semeado grão algum. Grotestes, antigo bispo de Lincoln, e no seu tempo poderoso personagem, tinha um irmão summamente estúpido e indolente ; disse-lhe este um dia : « Meu irmão, porque não fazeis de mim um grande homem ? » O prelado replicou : « Meu irmão, se o teu arado alguma vez se quebrar, posso mandar concertal-o, e se perderes um dos teus bois, posso comprar outro para o substituir ; mas é-me impossivel fazer de ti um grande homem : lavrador te achei, e, ainda mal ! vejo-me forçado a deixar-te lavrador. »

Seria maximo absurdo suppôr-se que as riquezas e

o bem-estar são indispensaveis ao desenvolvimento das mais elevadas faculdades da natureza humana : se assim fosse, então o mundo não deveria desde as mais remotas épocas tantas obrigações aos que hão sahido das regiões inferiores da sociedade. Uma existencia commoda e sumptuosa prepara mal os homens para as lutas porfiosas com as difficuldades, e deixa adormecida nelles aquella consciencia da propria força, sem a qual a actividade humana acha-se destituída de toda a energia e efficacia. Na verdade, em vez de ser um mal, a pobreza, para quem tem por si a energia da espontaneidade individual, pôde vir a ser um grande bem : faz ella o homem reconhecer a necessidade da luta com o mundo, luta em que, a despeito das quédas dos que se aviltam para obter o bem estar, o homem justo e resolutu ganha força, confiança e triumphos. « Os homens, diz Bacon, parecem avaliar erroneamente tanto as suas riquezas, como as suas proprias forças; áquellas, dão immensa importancia; a estas, mui pouco apreço. Entretanto, a confiança em si mesmo e a moderação nos desejos podem habilitar qualquer homem a beber no seu proprio copo, a achar bom seu proprio pão, a considerar-se feliz por ganhar a vida trabalhando, e a fazer o melhor uso possivel dos bens cujo deposito lhe foi confiado. »

XIII

As riquezas rodeam de tamanhas tentações os homens, todos já mais ou menos propensos a entregarem-se ao bem-estar e aos prazeres, que muito maior se torna a gloria dos que, favorecidos ao nascer com os dons da fortuna, nem por isso deixam de tomar parte activa nos

trabalhos dos seus contemporaneos, desdenhando os prazeres para levarem uma vida laboriosa. Mais particularmente, porém, devemos admirar aquelles que, inspirados pela fé e só curando do bem do proximo, renunciaram voluntariamente aos prazeres, ao poder e ás honras que lhes competiam, e desceram de sua alta posição para se misturarem com a turba e consagrarem-se ao serviço dos pobres e desamparados. Taes foram Francisco Xavier e Francisco de Salles, homens igualmente illustres pelo nascimento, os quaes provaram pela sua vida que ha no mundo cousas mais bellas do que uma posição eminente, e aspirações mais nobres do que a de amontoar riquezas. A carreira cheia de fadigas, de sofrimentos e de todas as privações da pobreza a que Francisco Xavier se dedicou, teve por digno fim o martyrio; mas esse mesmo martyrio, em vez de ser uma desgraça, foi um triumpho esplendido.

Entre os homens que por serem de condição nobre nem por isso deixaram de levar uma vida laboriosa, podemos citar de passagem Fénelon, Châteaubriand, Montaigne e Buffon. Tinha este uma actividade prodigiosa, era um desses homens a quem os romanos houveram applicado estas palavras, tão frequentemente empregadas pelos seus autores : *incredibile industria diligentia singulari* (1). Considerava elle o tempo como um thesouro limitado que, uma vez perdido, não se pôde recuperar, e o economisava tanto quanto lhe era possivel. Sempre que não sentia necessidade de descansar ou de distrahir-se, entregava-se ao trabalho. Apesar da grande illustração que Buffon obteve no estudo da Historia Natural, sabe-se que este portentoso escriptor, em sua

(1) De incrível industria, de singular actividade (homem).

moidade, não se distinguira extraordinariamente pelos seus talentos. Seu espirito formara-se lentamente e lentamente externava os conhecimentos adquiridos. Era elle tambem — isto parecerá incrível — constitucionalmente indolente. O habito de deixar-se ficar na cama de manhã o fez perder muito tempo durante a primeira parte de sua vida. Combateu elle energicamente este máo habito, e, ajudado pelo seu criado grave, José, conseguiu corrigir-se. Tendo ordenado a José que sempre o acordasse cedo, prometeu dar-lhe um escudo todas as vezes que elle conseguisse fazel-o levantar-se antes das seis horas. Nos primeiros dias, Buffon recusou levantar-se, pretextou que estava doente, fingio irar-se contra o famulo audaz que se atrevia a perturbar-lhe o repouso; e o resultado de tudo isto foi que o pobre José, em vez da promettida recompensa, só recebeu reprehensões por ter deixado seu amo ficar na cama, não obstante a ordem expressa que lhe fôra por elle dada. Afinal, o criado tomou sériamente a resolução de ganhar o escudo promettido, e não poucas vezes forçou Buffon e levantar-se, sem attender ás suas supplicas, aos seus ralhos e ás ameaças de despedil-o; até uma manhã, tendo-se Buffon mostrado mais obstinado que de ordinario, José, reconhecendo a necessidade de recorrer aos grandes meios, não hesitou em lhe derramar sobre o peito uma bacia cheia de agua fria. Foi pelo uso prolongado de taes meios que Buffon se vio finalmente livre do seu máo habito; e por isso, muito tempo depois, ainda elle costumava dizer : « Devo a José tres ou quatro tomos da *Historia Natural*. »

Por espaço de quarenta annos, Buffon nunca deixou de trabaldar todas as manhãs desde as nove até ás duas horas, e de tarde desde as cinco até ás nove. Sua

applicação ao trabalho era tão constante e regular, que se tornou o habito de toda a sua vida.

« O trabalho, diz o seu biographio, tornára-se uma necessidade para elle; seus estudos erão o deleite de sua vida, e chegado ao termo de sua gloriosa carreira, repetia muitas vezes que contava poder ainda consagrar-lhe tres ou quatro annos. » Trabalhador nimiamente consciencioso, esforçava-se elle sempre por communicar aos leitores os seus melhores pensamentos expressos nos melhores termos. Nunca se cançava de polir e corrigir as suas composições; de maneira que se pôde dizer que o seu estylo se approxima tanto quanto é possivel da perfeição. Escreveu não menos de onze vezes as *Epocas da Natureza*, primeiro que se dêsse por satisfeito; e, não obstante, levára quasi cincoenta annos a meditar na composição desta obra. Era outrosim mui entendido nos negocios, amigo da ordem em todas as cousas, e costumava dizer que sem ordem o genio perde tres quartas partes do seu poder. A grande fama que elle ganhou como escriptor foi principalmente devida á sua laboriosa actividade e constante applicação. « O Sr. de Buffon, diz mme. Necker, sempre convencido de que o genio é o fructo de uma profunda attenção concentrada no mesmo objecto, diz que se aborrecia ao compôr os seus primeiros escriptos quando tinha de fazer esforço sobre si mesmo afim de meditar de novo no mesmo objecto, comquanto acreditasse ter já conseguido uma certa perfeição; mas depois achava prazer nesta longa correcção. »

Cumpre tambem accrescentar que Buffon, ao passo que escrevia e publicava suas importantissimas obras, soffria uma das mais crueis doenças a que pôde estar sujeita a natureza humana.

XIV

Aleixo de Tocqueville, nobre como Buffon, foi tão illustre como este grande homem, mas por trabalhos de outro genero. Sua origem tinha sido dobradamente conspicua; porquanto seu pai, o conde de Tocqueville, era par de França, e sua mãe, neta de Malesherbes. Desde a sua mocidade, não obstante poder contar com a influencia da posição, da familia, das amisades, determinou-se o joven Tocqueville a *dever sómente a si mesmo os seus augmentos*. Nomeado, aos vinte e um annos de idade, juiz auditor de Versailles, renunciou bem depressa á esperanza de se elevar na magistratura, afim de executar o projecto que concebera de uma viagem aos Estados-Unidos, viagem de que resultou a publicação da sua bella obra sobre *A democracia da America*. Seu amigo Gustavo de Beaumont nos deu uma descripção da sua infatigavel actividade durante essa viagem. « O ocio, diz elle, era antipathico á sua natureza; e, quer o seu corpo se achasse em movimento, quer immovel, sua intelligencia estava sempre a trabalhar... Para Aleixo, a conversa mais agradavel nenhum valor tinha se não era útil. Os dias aziagos erão os que elle perdia ou haviam sido mal empregados. A menor perda de tempo o contrariava. »

O proprio Tocqueville disse : « Este mundo pertence á energia... não ha época alguma na vida em que nos possamos entregar ao descanso; o esforço no exterior de nós mesmos e mais ainda no interior, é tão necessario e até mesmo muito mais necessario á medida que envelhecemos do que na mocidade. Comparo o homem neste mundo a um viajante que se encaminha incessan-

temente para uma região cada vez mais fria, e que se vê obrigado a agitar-se mais e mais á medida que se vai internando. A grande doença da alma é o frio. E para combatermos esse mal terrível, devemos entreter o movimento vivo do nosso espirito não só por meio do trabalho, senão também pelo contacto de nossos semelhantes e dos negocios deste mundo (1). »

↳ Não obstante a sua força de character e a sua independencia, o Sr. de Tocqueville sabia reconhecer melhor do que nenhum o valor do auxilio e da animação que todos os homens recebem uns dos outros. O character humano é modificado em sua formação por mil influencias subtis : pelo exemplo e pelos preceitos, pela vida de cada dia e pela litteratura, pelos parentes e pelos amigos, em summa, pelo proprio espirito de nossos maiores que se eternisa na tradição dos altos feitos e das nobres doutrinas que elles nos legaram. Posto que o sabio tenha em si mesmo o seu melhor apoio, deve elle também muito a outros espiritos, a outros mestrés, aos vivos e aos mortos. Por isso Tocqueville nunca deixou de se mostrar grato aos seus amigos Kergorlay e Stoffets, os quaes o primeiro, parece, lhe prestara um certo auxilio intellectual, e o segundo, um apoio todo moral e sympathico. Em uma palavra, o character de Tocqueville confirma de um modo admirável esta maxima do poeta inglez Wordsworth : « estas duas cousas, comquanto aparentemente contradictorias, devem andar sempre associadas... *uma digna dependencia e uma nobre independencia, uma nobre confiança em outrem e uma digna confiança em nós mesmos.* »

(1) *Obras e correspondencia inedita de Aleixo de Tocqueville*, por Gustavo de Beaumont.

Tocqueville confessava tambem de bom grado o muito que contribuiu para o character e a disposição de espirito a que elle devia o haver podido perseverar nos seus estudos, a nobre e pura companheira de sua vida, sua esposa Maria, uma destas mulheres de quem se póde dizer, com um autor inglez, que só pelo simples facto de amal-as recebemos uma educação liberal. Ha um proverbio mui commum que diz que « aquelle què quizer prosperar deve primeiro consultar sua mulher »; e é incontestavel que a influencia que a mulher exerce no aperfeiçoamento moral do homem é infinitamente maior do que a que os proprios homens se mostram dispostos a reconhecer. Com effeito, fôra difficil approximarmos tanto da verdade como Rousseau, quando disse que *os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam*. « Tenho visto muitas vezes no correr de meus dias, diz Tocqueville, homens fracos mostrarem verdadeiras virtudes publicas, por terem tido felizmente a seu lado uma mulher que os ajudara a proseguir nesta senda, não por meio de conselhos sobre taes ou taes actos em particular, mas sim exercendo fortalecedora influencia na maneira por que elles deviam considerar em geral o dever ou mesmo a ambição. Em muito maior numero de casos, porém, cumpre confessal-o, hei visto homens que a natureza fizera generosos, desinteressados e grandes, mudarem-se, pela perversão de suas proprias faculdades e por mil influencias domesticas, em uns ambiciosos fracos, vulgares e egoistas que, nos negocios de seu paiz, já afinal não queriam attender senão aos meios de tornarem a sua condição particular commoda e folgada (1). »

(1) *Obras e correspondencia*, t. I, II, 349.

XV

Julgamos não dever concluir este capitulo sem darmos succinta noticia de um dos trabalhadores mais conspícuos e conscienciosos que a França tem produzido nos dominios da historia : queremos fallar de Agostinho Thierry, em que se ostentaram, admiravelmente combinados, os mais raros e sublimes dotes do espirito. Era elle um grande artista, na mais elevada accepção da palavra, e tanto mais sublime artista, quando possuia em eminente gráu o talento de esconder a sua arte. Eloquentemente e pittoresco, tornava, por assim dizer, visiveis os priscos vultos da historia, fazia reviver homens e acontecimentos das mais remotas éras. As *Narrativas dos tempos merovingianos* e a *Historia da conquista de Inglaterra pelos normandos* ficaram sendo eternos monumentos de sua infatigavel actividade e de seu magnifico genio. Sua vida é uma lição não só para os homens de letras, senão para todos os homens, e uma grande, eloquente e tocante lição. Mostra-nos ella como uma bella intelligencia póde triumphar dos males da vida, quando é fortalecida por nobres designios. O estudo da historia foi a sua paixão, e o prazer que achou neste estudo a sua mais preciosa recompensa. Toda sua vida offerece um admiravel exemplo de perseverança, de actividade, de cultivo do proprio ingenho, e de constante dedicação á sciencia. Justamente quando se achara mais atarefado com os seus trabalhos, perdeu ella a vista, e depois a saúde; mas nunca perdeu o amor da verdade. Reduzido a tal estado de fraqueza, que até era obrigado a andar carregado dentro de casa, qual debil criancinha, nem por isso lhe afrouxou em caso algum a indefectivel

energia; cego, exausto de forças como se achava, ainda assim concluiu a sua carreira litteraria com estas nobres palavras : « Se, como me é grato crê-lo, o interesse da sciencia está comprehendido no numero dos grandes interesses nacionaes, dei á minha patria o que lhe dá o soldado mutilado no campo de batalha. Seja qual fôr o destino dos meus trabalhos, este exemplo, eu o espero, não será baldado. Quizera que elle servisse para combater a especie de prostração moral, que é o mal da geração nova, que pudesse chamar ao caminho direito da vida alguma dessas almas enervadas que se queixam de falta de fé, e, sem saberem a que ater-se, andam buscando em toda a parte, mas sempre debalde, um objecto de culto e de dedicação. Porque se ha de dizer com tanta amargura que no mundo, constituido como elle é, não ha ar para todos os pulmões, emprego para todas as intelligencias? Pois não está ahi o estudo? e não ha nelle um refugio, uma esperança, uma carreira ao alcance de cada um de nós? Com elle passamos os dias aziagos sem lhes sentir o peso; somos os autores do nosso proprio destino; gastamos nobremente a vida. Eis o que eu fiz e o que faria de novo se tivesse de recommençar a minha peregrinação; seguiria o caminho que me conduzio ao ponto em que me acho. Cego e soffrendo sem esperança, quasi de continuo, posso attestal-o, e este testemunho da minha parte não será suspeito — *ha no mundo uma cousa que vale muito mais do que os gozos materiaes, muito mais do que a fortuna, muito mais do que a propria saude, é a dedicação á sciencia* (1). »

(1) *Dez annos de estudos historicos* (prefacio).

CAPITULO SEGUNDO

FUNDADORES DE INDUSTRIA

O trabalho e a sciencia são de ora em
diante os senhores do mundo.

SALVANDY

I

Entre as grandes nações do mundo nenhuma ha que não deva a sua prosperidade á industria das classes populares; nenhuma ha cujo engrandecimento e força nacionaes não hajam sido o resultado da livre energia dos individuos e do numero de cabeças e de braços que, conforme as épocas, se acharam activamente empregados na cultura do sólo, na producção de objectos de utilidade, no fabrico de instrumentos e de machinas, na publicação de livros e de jornaes, na creação de artefactos. Ainda mais, este mesmo espirito de actividade creadora, principio vital da grandeza das nações, é tambem o seu principio restaurador; e é nelle que as nações, quando assim se faz preciso, acham o meio efficaz de reagir contra os erros e imperfeições que são inherentes ás leis e instituições humanas.

Demais, a pratica da industria não é sómente uma fonte fecunda de prosperidade nacional, é tambem um

dos mais poderosos meios de educação. A Providencia quiz que ella fosse uma das condições indispensaveis da felicidade. *Os deuses*, diz o poeta, *collocaram o trabalho e a fadiga no caminho que vae ter aos Campos Elyseos*. O que é certo é que não ha para o homem pão mais saboroso do que o que elle deve ao seu proprio trabalho, physico ou intellectual. E assim tambem é igualmente certo que não ha bem algum, pequeno ou grande, que não se possa obter por meio de trabalho, nem gozo que o trabalho não possa dar. O homem não lhe deve sómente o haver podido livrar-se dos horrores da vida selvagem, deve-lhe todos os progressos, todos os beneficios da civilisação.

Napoleão — isto é caracteristico — quando examinava alguma obra prima da arte mechanica, nunca se retirava sem se approximar do autor, mechanico ou engenheiro, para lhe fazer um respeitoso cumprimento, descobrindo-se. Um dia, em Santa Helena, andando elle a passear com a Sra. Balcombe, alguns criados que ião carregando pesados fardos, não se quizeram dar ao incommodo de parar para o deixarem passar; vendo isto, a ama, com tom de enfado, ordenou-lhes que se afastassem do caminho. Mas Napoteão interveio dizendo : « Respeitae a carga, minha senhora. »

É certo que, por muito grosseiro que seja, o trabalho do mais humildo operario contribue de um modo ou de outro para o augmento geral do bem estar. E bem digna de louvor é a sabedoria com que aquelle imperador chim dizia que : *por cada homem que não trabalhava, e por cada mulher que se entregava á preguiça, havia alguem no imperio que soffria os rigores da fome e do frio*.

O trabalho, nunca nos cançaremos de repetil-o, é uma

das condições da felicidade. O preguiçoso póde considerar-o como um castigo, mas o homem sensato sempre o considerará como uma benção. Na verdade, a lei do trabalho se acha escripta em todas as partes do organismo do homem, na carne e nos musculos de seus membros, no mechanismo da mão, nas fibras dos nervos, nos lóbos do cerebro; e é á harmoniosa actividade de todas estas partes que eille deve os maiores gozos que é dado ao ente humano fruir. O trabalho é tambem uma excellente escola, eminentemente favoravel á aquisição da sabedoria pratica, e até mesmo, em uma vida de assiduo labor manual, não impede de maneira alguma o mais alto cultivo intellectual.

Hugh Miller, que foi canteiro em sua mocidade, e escreveu, além de outras obras de geologia, um livro sobre o grès vermelho antigo (*The Old Red Sandstone*), livro que goza de toda a autoridade; Hugh Miller, dizemos, affirma ser resultado positivo de sua propria experiencia a convicção de que o trabalho, por mais ingrato que seja, é uma fonte fecunda de prazer e de instrucção. Um labor honesto é na sua opinião o melhor dos mestres, e a escola do trabalho a mais nobre das escolas (exceptuada a de Jesus-Christo); porquanto é sobretudo nesta escola que o homem, ao passo que aprende a tornar-se util, adquire o espirito de independencia e o habito dos perseverantes esforços. Miller é até de parecer que a disciplina do trabalho, graças ao exercicio que dá ás faculdades de observação de operario, graças á necessidade em que o constitue de occupar-se quotidianamente em cousas actuaes e praticas, e graças finalmente á experiencia da vida intima que ella obriga o homem a adquirir, torna-o verdadeiramente mais capaz de progredir no mundo, e parece por conseguinte mais

propria para fazer delle um homem, na accepção mais elevada desta palavra, do que todos os systemas de educação que possam ser offerecidos pelas outras condições sociaes.

II

O grande numero de nomes illustres que já citámos de corrida, nomes de homens sahidos do seio das classes laboriosas e que se tornaram celebres na sciencia, no commercio, na litteratura, nas bellas-artes, em uma palavra, nas diversas carreiras abertas á actividade humana, mostra que em todo caso as difficuldades que se encontram na senda do trabalho e da pobreza não são insuperaveis. Até mesmo em relação ao estabelecimento da maior parte das industrias, que são para as nações da Europa a origem de tamanho poder e riqueza, é incontestavel que as devemos a homens da mais humilde classe. Se se abstrahir do que elles fizeram neste ramo da actividade geral, reconhecer-se-ha que bem pouco devemos ás outras classes. Consultemos, por exemplo, a historia do fabrico da louça na Europa, e veremos que provas admiraveis não nos offerece ella do poder do genio e industria do homem.

Bem que a maior parte das nações antigas houvessem sabido a arte de fabricar toscos vasos de barro, a do fabrico da louça vidrada foi sempre infinitamente menos commum. Comtudo, entre os antigos, os etruscos cultivaram esta arte, e ainda vemos nos gabinetes de curiosidades amostras notaveis da sua industria. Mas esta arte perdeu-se, e só foi restaurada em uma época comparativamente recente.

A louça etrusca teve grande valor entre os antigos :

um vaso, no tempo de Augusto, vendia-se a peso de ouro ou de prata. Os arabes, ao que parece, conservaram o conhecimento desta arte, porquanto os pizados a acharam em pleno florescimento em Malhorca, quando se apoderaram desta ilha em 1115; e entre os despojos que elles colheram, havia um grande numero de productos da arte mourisca, os quaes foram encrustados, em signal de triumpho, nas paredes de muitas das antigas igrejas de Piza, onde podem ser vistos ainda hoje. Quasi dous seculos depois, os proprios italianos começaram a fabricar uma especie de imitação desta louça esmaltada, a que deram o nome de *majolica*, evidentemente derivado do da ilha onde os mouros haviam precedentemente estabelecido a sua manufactura.

O restaurador ou reinventor da arte de vidrar, na Italia, foi Luca della Robbia, esculptor florentino. Vasari o descreve como um homem de infatigavel perseverança, que manejava o cinzel todo o dia, o lapis a maior parte da noite, applicando-se ao desenho com tamanho afinco, que, para preservar os pés do entorpecimento do frio, quando trabalhava a deshoras, costumava munir-se de um cesto de trapos, dentro do qual os abafava. Era assim que elle conseguia conservar os quentes e podia continuar o seu trabalho. « Isto, diz Vasari, não me admira; porque ninguem consegue distinguir-se em qualquer arte, sem se ter bem cedo acostumado a supportar o calor, o frio, a fome, a sêde e todos os incommodos; e enganam-se muito os que julgam poder alcançar uma honrosa distincção, curando ao mesmo tempo dos seus commodos e prazeres. Não é dormindo, senão velando, meditando e trabalhando indefessamente, que se obtêm a perfeição e a celebridade. »

Todavia Luca, apesar da sua perseverança, não conseguia como esculptor, ganhar dinheiro bastante para viver, e eis a razão por que lhe occorreu a idéa de buscar para os seus trabalhos alguma materia mais commoda e menos cara que o marmore. Foi elle assim induzido a se servir do barro e emprehender uma serie de experiencias afim de descobrir o meio de esmaltar e cozer os seus modelos de maneira que se tornassem duraveis. Depois de muitas tentativas, logrou inventar certa composição chimica que, applicada ao barro e exposta ao calor intenso de um fôrno, se convertia em esmalte quasi indestructivel; e, passado algum tempo, completou esta descoberta com a de um methodo de colorir, que augmentava infinitamente a belleza do esmalte.

III

A fama dos trabalhos de Luca divulgou-se bem depressa em toda a Europa, e os productos da sua arte foram logo procurados, sobretudo pela França e pela Hespanha, para onde se exportaram em grande quantidade. A França só possuia nessa época, em materia de louça, bilhas de barro e panellas de pó de pedra, cujo material e fórma eram igualmente toscos. E este estado de cousas, que alguns melhoramentos insignificantes não puderam modificar, durou até apparecer um homem que, com um heroismo cuja grandeza reveste de certo attractivo romanesco os acontecimentos de uma existencia aliás infortunada, lutou com difficuldades verdadeiramente prodigiosas, e conseguiu abrir em França nova carreira á arte de fabricar louça: este homem era Bernardo Pallissy.

Nasceu elle, segundo dizem, em dias do anno de 1510, na Chapelle-Biron, aldeola situada entre o Lot e o Dordonha. Seu pae era sem duvida official de vidreiro, porquanto foi este o officio que Bernardo aprendeu desde criança. Sua familia era muito pobre, tão pobre que até nem poude mandar dar-lhe a menor educação escolar. « O unico livro que tive, diz elle, foi o céu e a terra, que é dado a todos os homens conhecer e ler. »

Todavia, aprendeu a pintar em vidro, a desenhar, e, posteriormente, a ler e a escrever. Aos dezoito annos, vendo que a fabrica de vidros nada rendia, Pallissy, de sacco ás costas, deixou a casa paterna e começou a viajar, em busca de um logarsinho ao sol. Dirigio-se primeiro á Gasconha, exercendo o seu officio quando achava obra, e empregando ás vezes partes dos seus dias em empreitadas de agrimensura. Encaminhou-se depois para o norte e residio por mais ou menos tempo em diversos logares, ora em França, ora em Flandres, ora na Baixa-Allemanha.

Passaram-se assim dez annos, e por fim Pallissy casou-se. Abandonando então a vida errante, estabeleceu-se, como pintor em vidro e agrimensor, na cidadezinha de Saintes, hoje cabeça de districto no departamento do Charente-Inferior. Nasceram-lhe alli alguns filhos, e elle vio crescerem a um tempo a sua responsabilidade e as suas despezas, ao passo que, a despeito de todos os esforços, sua renda persistia em não augmentar na mesma proporção. E pois, tinha Pallissy grande necessidade de trabalho. Por outro lado, sentia-se provavelmente capaz de cousa melhor do que vegetar em um officio tão mesquinho como era então o de pintor em vidro, e foi sem duvida isto que o determinou a voltar a sua attenção para uma arte semelhante á que elle exer-

cia, a de pintar e esmaltar a louça de barro. Todavia, cumpre confessal-o, grande era a sua ignorancia neste particular. Pallissy, antes de começar as suas experiencias, nunca vira cozer louça. Tinha pois de aprender tudo, e de aprender sem mestre, sem auxilio, sósinho. Verdade seja que elle era dotado de uma perseverança sem limites, ávido de saber e sempre fortalecido pela esperança.

Á vista de uma linda taça de louça italiana, mui provavelmente obra de Luca della Robbia, foi o que suggerio a primeira idéa da nova arte que elle pretendia cultivar. Tão insignificante circumstancia não houvera sem duvida produzido effeito algum em um espirito ordinario, nem mesmo, em qualquer outra occasião, no proprio espirito de Pallissy; mas na disposição em que se achava o artista, que pensava justamente em mudar de profissão, a vista daquella taça foi como um raio de luz que lhe illuminou a intelligencia e inspirou-lhe o ardente e irresistivel desejo de imitar o objecto de sua entusiastica admiração. Operou-se para logo completa revolução em sua vida, e desde aquelle dia a resolução de descobrir o esmalte de que a linda taça estava revestida, dominou-o como uma paixão. Se fosse solteiro, Pallissy teria partido para a Italia, em busca do segredo ambicionado; preso pelos laços da familia, laços tão gratos quão fortes, conservou-se junto de sua mulher e de seus filhos, e resignou-se a buscar ás apalpadellas, no meio das trevas que o rodeiavam, o processo de cuja descoberta dependia a satisfação dos seus mais ardentes votos.

A principio, apenas poudo Pallissy conjecturar quaes fossem as materias que entravam na composição do esmalte, e teve de fazer uma infinidade de experiencias para se certificar do que ellas eram na realidade. Tendo

reunido em casa todas as substancias que julgava poder empregar para obter a mysteriosa composição, comprou algumas panellas de barro ordinario, quebrou-as, e depois de haver untado todos os fragmentos com os diversos emboços que preparára, submetteu-os ao calor de um fôrno, construido por elle mesmo para tal fim. Não foi bem succedido em sua tentativa, e o unico resultado que alcançou, consistio em uma grande quantidade de panellas quebradas, e de uma perda consideravel de lenha, de substancias chimicas, de tempo e de trabalho.

As mulheres, em geral, não se interessam muito por experiencias em que se consome inutilmente o dinheiro de que ellas carecem para o sustento e roupa de seus filhos; e a de Pallissy, por muito submissa que fosse, só a custo podia-se conformar com a idéa de vêr seu marido gastar dinheiro com a compra de panellas que pareciam unicamente destinadas a serem despedaçadas. Todavia, a pobre mulher teve de resignar-se; porquanto Pallissy achava-se sob o imperio de uma resolução de que embalde o tentariam demover — a de descobrir o segredo do esmalte. Durante mezes, durante annos inteiros, continuou as suas experiencias. Descontente do primeiro fôrno, construiu outro, fóra de casa. Nelle desperdiçou de novo lenha, de novo estragou drogas e panellas e perdeu tanto tempo e dinheiro, que afinal veio a achar-se, juntamente com a sua familia, a braços com a miseria. Nos intervallos das suas diversas experiencias, exercia elle, é certo, quando podia, sua primeira profissão : pintava vidros, desenhava retratos, media terras; mas todos estes trabalhos mui pouco lhe rendiam. Afinal vio-se reduzido a não poder continuar as experiencias no seu proprio fôrno, em razão do gravissimo sacrificio a que tinha de sujeitar-se para obter a lenha indispensa-

vel. Mas nem por isso cessou de comprar panellas velhas e de quebral-as, como d'antes, em trezentos ou quatrocentos pedaços, aos quaes applicava diversas composições chemicas. Não podendo, porém, cozel-os em casa, tomou a resolução de leval-os a uma fabrica situada a legua e meia de Saintes, afim de alli os cozer em um fôrno ordinario. Teve o cuidado de ir vigiar o resultado da operação, na qual, com grande afflicção sua, foi outra vez mal succedido. Contrariado, mas invencivel, decidio-se immediatamente a *recomeçar tudo*. Eis, na realidade, a indomita perseverança por que se distinguem os heróes!

Neste entrementes, alguns trabalhos de agrimensura vieram arrancar-o, durante parte da primavera, á prosecução das suas experiencias. Um edicto de reforma da gabella ordenara que se levantasse a planta das lagôas salgadas dos arredores de Saintes; e Pallissy foi incumbido desse trabalho. Essa tarefa, pela qual recebeu elle sem duvida bem boa paga, teve-o por algum tempo bastante occupado; mais apenas a concluiu, deu-se pressa em recommear, com mais ardor que nunca, as suas pesquisas para a descoberta da composição do esmalte. Principiou por quebrar tres duzias de panellas de barro novas, cobrio todos os fragmentos com diversas soluções chemicas e os foi cozer em uma fabrica de vidros da vizinhança. O resultado desta operação deu-lhe um vislumbre de esperança : o calor mais intenso do fôrno da fabrica derretera e incorporara ao barro alguns dos emboços. Mas em vão buscou Pallissy descobrir o menor indicio de esmalte branco; sua expectativa foi baldada.

Empregou elle mais dous annos em tentamens e pesquisas sem resultado visivel; e, tendo ao cabo deste tempo gastado tudo quanto ganhara com a planta das

lagôas salgadas, ficou de novo reduzido á pobreza. Decidiu-se então a fazer um ultimo e supremo esforço, e começou naturalmente por quebrar mais panellas que nunca. Tendo applicado as suas diversas preparações a uns trezentos pedaços de barro, mandou-os para a fabrica de vidros, onde logo depois elle proprio se apresentou, afim de certificar-se do resultado da cozedura. Levou alli quatro horas, sem cessar de vigiar a operação. Por fim abriu-se o fôrno. O emboço se derreteria sobre *um unico* dos trezentos pedaços de barro. Expuzera-o ao ar para esfriar. Depois de frio e endurecido, tornou-se branco... branco e polido! Aquelle caco de panella estava realmente coberto de um esmalte que Palissy descreve como « singularmente lindo »! E bem lindo lhe devia parecer, com effeito, depois de tão longa e penosa expectativa. Tornou para casa o heroico trabalhador, munido do caco esmaltado, afim de o mostrar á sua mulher, sentindo-se, como elle mesmo diz, « um novo homem ». Suas angustias, porém, ainda não haviam findado, porquanto o bom exito parcial do que se lhe afigurava ser um ultimo esforço só deu em resultado pelo menos logo em seguida determinál-o a emprender novas experiencias que foram todas mal succedidas.

Resolvido a applicar-se livre e secretamente ao aperfeiçoamento da sua invenção, Pallissy, que já julgava dever chegar mui breve a um resultado pratico, determinou-se a construir exclusivamente para si, perto de casa, um fôrno de cozer vidro; e, com as suas proprias mãos, deu logo principio á obra, ia em pessoa á olaria buscar os tijolos de que precisava, dispunha-os convenientemente na construcção; em summa, trabalhava a um tempo como pedreiro, como servente, e tudo mais.

Ao cabo de sete ou oito mezes passados desta maneira, achou-se o fôrno construído e prompto para receber a louça que Pallissy havia preparado; porquanto, ao passo que trabalhava como pedreiro, moldara elle um certo numero de vasos de pó de pedra, aos quaes só faltava o esmalte. Depois de um ligeira cozedura preparatoria, applicou-lhes a composição que havia inventado e os introduzio de novo no fôrno para submettel-os á grande e definitiva prova. N'aquelles ultimos tempos, não obstante acharem-se quasi completamente exhaustos os seus recursos, não se descuidara elle de amontoar em casa uma consideravel porção de lenha; e pois acreditava tel-a em quantidade sufficiente para o supremo esforço que ia tentar.

Acceso, portanto, o fogo, começou a operação. Pallissy vigiava attentamente o fôrno. Passou-se assim todo o dia, depois toda a noite : Pallissy continuava a vigiar a operação e a alimentar o fogo. Todavia o esmalte não se derretia. O sol veiu allumiar segunda vez o trabalho do porfioso artista; sua mulher trouxe-lhe a parte que lhe tocava do parco almoço da familia, — nada seria capaz de fazel-o arredar-se de junto do fôrno, no qual não cessava de metter lenha de espaço a espaço — mas passou-se o segundo dia sem se ter derretido o esmalte. Recolheu-se o sol; Pallissy, porém, nem pensou em se ir deitar. Pallido, atordado, com a barba crescida, desesperado, mas sem se dar por vencido, conservava-se junto do fôrno, esperando a todo o instante vêr derreter-se o esmalte. Passou-se o terceiro dia e a terceira noite, o quarto e quinto, e o sexto... sim, durante seis longos dias e seis mortaes noites o invencivel Pallissy, a despeito da perda de todas as suas esperanças, velou e trabalhou... mas o esmalte não se derreteu.

Occorreu-lhe então que o mallogro dos seus esforços talvez fosse devido á má qualidade das materias empregadas; que provavelmente a mistura não fôra completa; e eil-o de novo a triturar e a misturar materias frescas, no intuito de fazer outra experiencia. Passaram-se assim mais duas ou tres semanas; mas onde iria elle buscar o dinheiro preciso para a compra das panellas a que devia ser applicado o novo esmalte? Os vasos que Pallissy preparara e empregara na precedente experiencia tinham ficado tão completamente estragados com a longa cozedura, que já não serviam para nada. Eram precisos outros; e Pallissy não tinha dinheiro. Restava-lhe um meio: obter um emprestimo. Posto que sua mulher e os vizinhos o accusassem de desperdiçar loucamente os seus recursos em experiencias futeis, gozava elle de boa reputação. Achou pois facilmente quem lhe emprestasse a somma de que carecia para a compra de panellas e de lenha, e tudo ficou bem depressa prompto para uma nova tentativa. Revestidas préviamente do emboço, foram as panellas mettidas no fôrno com todo cuidado, e accendeu-se mais uma vez o fogo.

Esta tentativa era decididamente a ultima: era a tentativa do desespero. Pallissy atulhou pois de lenha o fôrno; mas, a despeito do intensissimo calor, o esmalte não se derreteu. A lenha já se ia acabando. Como havia de entreter-se até ao fim aquelle fogo infernal? Pallissy olha em redor de si, e seus olhos fitam-se na cerca da horta, lenha secca, e que arderia admiravelmente. O que era um tal sacrificio em comparação da grande experiencia, cujo exito dependia talvez d'aquella porção de taboas velhas? Eil-a, pois, arrancadas e mettidas no fogo. Baldado sacrificio! O esmalte não se derrete ainda. Talvez seja preciso conserval-o exposto ao mesmo gráo

de calor por mais dez minutos! Mas é forçoso que haja lenha, ainda mais lenha, lenha a todo custo! Pallissy se decide a queimar os seus trastes... sim, antes queimal-os do que vêr falhar aquella ultima experiencia! Ouve-se bulha horrivel dentro de casa, e ao som dos gritos da familia, a qual, desta vez, receia que o seu chefe haja effectivamente endoudecido, chega elle carregado de pedaços de cadeiras e de mesas, que mette dentro do fôrno. O esmalte, porém, ainda não se derrete. Só resta as taboas do assoalho. Pois vão tambem para o fogo! Ouve-se de novo dentro de casa bulha de martelladas, de taboas que se despedaçam e logo depois começam ellas a ser consumidas pelo fogo, como já o haviam sido os trastes. A mulher e os filhos saem então precipitadamente para a rua, e, desesperados, vão gritando por toda a cidade que o pobre Pallissy endoudeceu e está queimando a casa para cozer a sua louça.

Entretanto Pallissy, que havia um mez não mudára de roupa, estava absolutamente exausto de forças pela fadiga, pela anciedade, pelos jejuns e as vigalias. Endividado de mais a mais, não era natural acreditar-se que elle havia descido ao ultimo gráo de ruina? Pois bem, dava-se justamente o contrario : o segredo fôra descoberto ; a ultima exalação de calor fizera derreter o esmalte. As toscas panellas de pó de pedra, tiradas do fôrno e postas a esfriar, se mudaram em linda louça branca. D'alli em diante Pallissy podia soffrer pacientemente toda a sorte de exprobações, de insultos e desdêns. O homem de genio, graças á tenacidade da sua inspiração, ganhara a victoria; arrancara á natureza um de seus segredos, e afinal tornara-se-lhe licito esperar que dias melhores lhe proporcionassem a occasião de tirar proveito da descoberta.

A primeira coisa que Pallissy fez, depois do acontecimento que acabámos de referir, foi contractar um official louceiro, a quem deu os modelos dos trabalhos em que se devia empregar, ao passo que elle proprio fazia medalhões de barro para serem opportunamente vidrados. Mas como havia de viver, como viveria sua familia, emquanto a louça não se achasse em estado de ser vendida? Felizmente, havia ainda em Saintes um homem que cria na honradez, senão no bom senso de Pallissy.

Este homem, que era estalajadeiro, se obrigou a alojar e a dar comida a Pallissy durante os seis mezes necessarios para a conclusão dos trabalhos começados. Mas o official de ouleiro queria continuar a trabalhar!? pois Pallissy não levara muito a reconhecer a impossibilidade em que estava de lhe pagar o salario ajustado. Tendo já despido a casa, só restava a Pallissy despir-se por seu turno, e foi o que elle fez. Graças a alguma roupa, que deu ao official, continuou este a prestar-lhe de boamente os seus serviços.

Pallissy construiu então um fôrno aperfeiçoado; mas teve a infelidade de empregar em parte da construcção pedra siliciosa, a qual, quando o calor chegou a certo gráo de intensidade, estalou e partio-se toda, cobrindo de fragmentosinhos de silex a louça que estava a cozer dentro do fôrno. Todavia o esmalte formou-se perfeitamente; mas Pallissy nem por isso deixou de ficar com uma fornada totalmente estragada e com seis mezes de trabalho perdidos. É certo que não faltaria quem lhe comprasse a louça assim mesmo defeituosa como estava; mas elle não a quiz vender, porquanto teve o bom senso de reconhecer que, expondo á venda por preço modico productos imperfeitos, se « desacreditaria e comprometteria sua honra ». Quebrou pois em mil pedaços toda a

fornada. Com esta nova contrariedade, ficou elle muito desanimado e em risco de succumbir á melancolia e ao desespero. A familia exprobava-lhe sua negligencia, e os vizinhos censuravam acerbamente sua louca obstinação. Elle, porém, estafado, magro como um esqueleto, e coberto apenas de andrajos, ainda não havia perdido de todo a esperanza. Todavia teve de interromper por algum tempo as suas experiencias, e, para ganhar o pão de seus filhos, recommçou a exercer sua antiga profissão.

Depois de ter trabalhado assiduamente durante um anno, no intuito de melhorar o estado da familia e de restaurar o seu credito e a sua reputação entre os vizinhos, voltou á sua empreza predilecta. Havia elle na verdade triumphado das maiores contrariedades e exaurido o vaso das mais crueis mortificações; mas, não obstante ter já passado oito annos de sua vida a lutar com as difficuldades que de continuo se lhe suscitavam, só ao cabo de outros oito annos de porfioso trabalho conseguiu aperfeiçoar a sua invenção! Graças a repetidas e bem estudadas experiencias, Pallissy poude trabalhar afinal com destreza e confiança em si mesmo, e os seus conhecimentos praticos só foram devidos aos seus numerosos milagres. Com effeito, cada nova decepção lhe ensinava alguma cousa ácerca da natureza dos esmaltes, da maleabilidade das terras e da arte de aquecer os fôrnos. Emfim, ao cabo de quasi dezeseis annos, durante os quaes teve de adquirir successivamente todos os conhecimentos da sua nova arte á custa de seus proprios esforços, Pallissy achou-se sufficientemente habilitado para se declarar fabricante de louça; e, começando desde então a vendel-a sem escrupulo, viu finalmente sua familia viver na abastança. Pela sua parte, porém,

nunca quiz descançar, nunca pode crêr que já havia trabalhado bastante. Caminhou, passo a passo, de progresso em progresso, tendo sempre em vista a maior perfeição possível. Buscou os seus modelos na natureza, e os imitou com tanta perfeição, que Buffon, fallando a respeito d'elle, diz que *só a natureza podia produzir tão notavel artista.*

Sua louça de ornato merece hoje tanto apreço como as mais preciosas obras de arte e vende-se por preços fabulosos (1).

Notam-se na maior parte desses artefactos representações ao natural, e maravilhosamente exactas, de animaes agrestes, de lagartos e de plantas que o artista estadura nos campos em redor de Saintes, e empregara com extremo bom gosto, como enfeites, na feitura dos seus pratos e vasos. Quando Pallissy adquirio finalmente a certeza de haver attingido á perfeição em sua arte, intitulou-se *Fabricante de louça e inventor das rusticas figulinas.* Sua obra estava acabada; a invenção de esmalte nada mais deixava a desejar; o sublime *fabricante de louça*, depois de vinte annos de inspirado labor, enriquecera a industria franceza com uma arte tão preciosa, quão nova.

Aqui concluiríamos, se não nos restasse dizer algumas palavras a respeito dos novos martyrios que Pallissy teve de soffrer. Professando em materia de religião opiniões contrarias ás da maioria, e exprimindo-as sem rebuço, foi elle em breve considerado como inimigo da

(1) Em uma venda de objectos curiosos, que ha annos teve logar em Londres, um prato de Pallissy, de doze pollegadas de diametro, com um lagarto no centro, obteve 4,650 francos (ou 1 : 860 \$, calculando o franco a 400 réis, moeda brazileira).

religião, da familia e da propriedade. N'aquelle seculo de violencia e intolerancia, a liberdade de opiniões era desconhecida. Pallissy foi denunciado, e os agentes da justiça lhe invadiram a casa e entregaram sua familia á discreção da turba ignorante e fanatica, que despedaçou e roubou os seus preciosos productos, ao passo que o proprio artista era preso e levado para Bordeaux, onde foi lançado em uma prisão afim de esperar que chegasse a sua vez de subir á fogueira ou ao cadafalso.

Felizmente, um poderoso senhor, o condestavel de Montmorency, interveiu para lhe salvar a vida. Não foi, porém, por sympathisar com as opiniões de Pallissy, senão por ser admirador da louça que elle fabricava. Com effeito, Pallissy era o unico artista que podia preparar os tijolos vidrados com que o condestavel queria ladrilhar as salas do magnifico castello que então estava construindo em Écouen. Esta consideração foi na realidade a unica que o determinou a interessar-se pelo misero preso. Servindo-se efficaçmente da sua influencia, obteve elle um decreto, em virtude do qual Pallissy foi nomeado, na qualidade de *Inventor das rusticas figuras* empregado da casa real e da proprio condestavel. Este decreto teve por effeito immediato isentar o artista da jurisdicção do parlamento de Bordeaux. Foi elle por consequente posto em liberdade, e voltou a Saintes, onde só achou um lar deserto e devastado, sua officina destelhada e sua fabrica arruinada. Sacudindo então dos pés a poeira de Saintes, sahio para todo sempre dessa cidade. Tomou logo o caminho de Pariz, onde devia executar os trabalhos que a rainha mãe e o condestavel lhe haviam encommendado, e, durante todo o tempo que se consagrou a esses trabalhos, esteve alojado nas Tulherias.

Pallissy não se limitou a proseguir no fabrico da louça; ajudado por seus dous filhos, escreveu tambem e publicou, nos ultimos annos de sua vida, diversas obras sobre a arte de que fôra inventor, obras destinadas a instruir os seus compatriotas e a premunil-os contra os erros de que elle proprio não se pudera eximir. Escreveu egualmente sobre agricultura, sobre fortificações, sobre historia natural, e até fez algumas prelecções sobre este ultimo assumpto perante um escolhido auditorio. Mas a guerra sem treguas que elle declarara aos adeptos da astrologia, da alchimia, da feitiçaria e de outros embustes, suscitou-lhe numerosos inimigos, que de novo e denunciaram como herege. Foi o triste outra vez preso, e esteve cinco annos encarcerado na Bastilha, onde morreu, em 1589, aos oitenta annos de idade. Eis o fim e a recompensa que teve o misero *Fabricante de louça virada e inventor das rusticas figulinas*.

IV

A descoberta da porcellana forte, cuja importancia industrial, pelo valor dos productos e numero dos respectivos operarios, foi muito maior para a França do que a da louça vidrada commum, teve por autor um allemão, chamado Boettgher, cuja tragica historia parece um capitulo de novella. Nasceu elle em 1795, em Schleiz, no Voightland, e, aos doze annos de idade, entrou para um botica de Berlim, na qualidade de aprendiz. Parece que Boettgher, desde a infancia, mostrou extraordinario gosto pela chimica e que empregava grande parte das suas horas vagas em experiencias, as quaes, quasi todas, tendiam a um unico fim — a arte de

converter os metaes communs em ouro. Ao cabo de alguns annos, o joven aprendiz de boticario affirmou achar-se no caso de fazer ouro nas quantidades que bem quizesse, porquanto descobrira o fluido ou a tintura que os alchimistas, a despeito de tantos e tão perseverantes esforços, nunca haviam logrado inventar. Chegou até a exhibir, na presença de seu amo, o pharmaceutico Zorn, seu supposto poder, e, empregando uma habil fraude, conseguiu fazel-o crêr, juntamente com muitas outras testemunhas, que elle mudara realmente um pedaço de cobre em ouro.

Divulgou-se logo a noticia da descoberta do *grande segredo* pelo aprendiz de boticario, e bem depressa entraram a affluir ao laboratorio chusmas e chusmas de curiosos que queriam contemplar, ainda que fosse uma unica vez, o joven e prodigioso *cozinheiro de ouro!* O proprio Frederico I manifestou o desejo de vê-lo e de lhe fallar; e, tendo-lhe Boettgher offerecido um pedacinho de ouro que, segundo elle asseverava, fôra feito de cobre, o rei ficou tão encantado com a idéa de vêr os seus cofres cheios do precioso metal, de que a Prussia sentia então extraordinaria falta, que resolveu utilizar-se exclusivamente dos serviços de Boettgher, empregando-o na fabricação do ouro. Para maior segurança, teve o cuidado de o mandar trabalhar dentro da fortaleza de Spandau. O joven boticario, porém, fugio a toda a pressa e logrou transpôr a fronteira de Saxonia.

Em vão prometteu o rei uma recompensa de mil *thalers* a quem o capturasse. Boettgher chegou a Wittemberg e buscou logo a protecção do eleitor da Saxonia, Frederico Augusto I, rei da Polonia, cognominado o *Forte*. Frederico, que se achava n'aquella época tão necessitado de dinheiro como o rei da Prussia, ficou

encantado com a perspectiva de obtel-o á discreção, por intermedio do joven alchimista. Chamou-o, pois, secretamente a Dresda, o elle para alli seguiu no meio de uma escolta de soldados de seu régio protector.

Mal acabava Boettgher de sahir de Wittemberg, quando um batalhão prussiano se apresentou nas portas da cidade exigindo a sua extradição. Mas era tarde. Boettgher já estava em Dresda, hospedado na *Casa Dourada*, onde era tratado com as maiores atenções, bem que rigorosamente guardado e vigiado.

O eleitor, obrigado a partir para o seu reino da Polónia, que então se achava em estado de profunda perturbação, teve de deixar Boettgher trabalhar sósinho por algum tempo. Mas tamanha era a sua impaciencia de obter ouro, que escreveu a Boettgher, de Varsovia, instando com elle para que lhe revelasse o segredo, afim da sua real pessoa poder tambem applicar-se á arte da transmutação dos metaes. O joven *cozinheiro de ouro*, para se livrar da entalação, mandou o Frederico um frasquinho contendo certo liquido avermelhado que, dizia elle, derramado sobre qualquer metal em fusão mudava-o em ouro. O precioso frasquinho foi confiado ao principe Furst von Furstenburg, e este deu-se pressa em partir para Varsovia, escoltado por um regimento da guarda real. Assim que elle alli chegou, decidiu-se que a experiencia seria feita immediatamente. O rei e o principe encerraram-se em uma camara secreta do palacio, revestiram-se do avental de couro, e, como verdadeiros *cozinheiros de ouro*, puzeram-se a trabalhar. Fundiram o cobre em um cadinho e derramaram sobre o metal em ebolição o liquido Boettgher : máo foi o resultado da experiencia; por mais que elles fizessem, o cobre obstinava-se em ficar sendo o que era, Todavia,

relendo as instrucções do alchimista, vio o rei que era indispensavel condição de bom exito achar-se o experimentador em *estado de graça*, quando se servisse do liquido; e como sua magestade tinha consciencia de haver passado a tarde em pessima companhia, attribuiu a esta causa o máo resultado da operação. Mas a segunda tentativa foi tão mal succedida como a primeira, e o rei ficou então furiosissimo, porquanto confessara-se e recebera a absolvição antes de começar aquella segunda experiencia.

Frederico Augusto, não sabendo como livrar-se dos apuros pecuniarios que o urgiam por todos os lados, resolveu empregar a força, afim de arrancar a Boettgher o seu segredo. Informado das intenções do rei, o alchimista tratou logo de fugir, para se forrar ao perigo imminente. Tendo logrado frustrar a vigilancia dos seus guardas, sahio de Dresda, e, ao cabo de alguns dias de marcha, chegou a Ems, na Austria, onde lhe pareceu se acharia em segurança. Mas os agentes do eleitor da Saxonia o procuravam por toda a parte. Tendo descoberto que elle estava alojado na hospedaria do *Veado de Ouro*, em Ems, cercaram e invadiram de noite a casa, arrancaram Boettgher da cama, e, a despeito da sua resistencia e dos gritos com que invocava a protecção das autoridades austriacas, levaram-o á força para Dresda. Esteve alli algum tempo, vigiado com dobrado rigor, e depois foi transferido para a fortaleza de Koenigs-tein, onde lhe fizeram saber que os cofres do rei estavam vazios, que sua magestade contava com o ouro que elle devia fabricar, para pagar o soldo atrazado de dez regimentos de polacos, já dispostos a debandarem-se; e accrescentaram que Boettgher seria *enforcado*, se não puzesse immediatamente mãos á obra.

Passaram-se annos sem se ter conseguido produzir a menor parcella de ouro. Todavia, Boettgher não foi enforcado. Estava elle destinado a ser o inventor de uma arte muito mais importante do que a da transmutação do cobre em ouro : a da transformação da argila em porcellana. Algumas raras amostras deste producto industrial haviam sido trazidas da China pelos portuguezes, e erão vendidas por preços equivalentes, e até ás vezes superiores ao seu peso em ouro. A attenção de Boettgher foi chamada para este objecto por Walter von Tschirnhaus, fabricante de instrumentos de optica e alchimista como elle. Tschirnhaus era um homem bem educado e distincto, e gozava da estima do príncipe de Furstenburg e do eleitor. Disse elle com muita razão a Boettgher, que ainda não havia perdido o medo de ser enforcado : « Se não podeis fazer ouro, tentae fazer outra cousa, louça, por exemplo. »

O alchimista cedeu de bom grado a este conselho ; começou immediatamente a fazer experiencias, e com tal ardor, que nellas empregava noites e dias inteiros. Não obstante esta extraordinaria applicação ao trabalho, suas investigações, por muito tempo, só foram coroadas de mediocres resultados. Todavia, ao cabo de longos e porfiosos esforços, uma certa argila vermelha, que elle costumava empregar nos seus cadinhos, attrahio a sua attenção e lhe mostrou a verdadeira senda a trilhar. Notou Boettgher que aquelle argila, submettida a uma alta temperatura, vitrificava-se e conservava a fórma que se lhe havia dado, e que, á excepção da côr e da opacidade, a contextura dos seus granulos assemelhava-se á da porcellana. Com effeito, havia elle descoberto por acaso a porcellana vermelha, e logo começou a fabrical-a e a vendel-a como verdadeira porcellana.

Boettgher, porém, não ignorava que a côr branca era uma propriedade essencial da verdadeira porcellana, e continuou as suas experiencias, com a esperança de descobrir afinal o desejado segredo. Todavia, passados alguns annos, durante os quaes viu elle constantemente baldados os seus esforços, veiu o acaso de novo auxiliá-lo á medida dos seus desejos, fazendo-o descobrir o segredo da porcellana branca. Um dia, era em 1707, Boettgher, achando a sua cabelleira mais pesada que de ordinario, perguntou ao criado qual era a razão d'aquelle singular phenomeno, respondendo-lhe o criado que aquillo era devido ao pó com que fôra apolvilhada a cabelleira, e que não era outra cousa mais do que uma especie de terra que muitas pessoas empregavam então como polvilho. A viva imaginação de Boettgher excitou-se, logo que elle ouviu a explicação d'aquelle facto : « Quem sabe, disse comsigo mesmo, se essa terra tão fina e tão branca não é a mesma que busco? Em todo o caso, vale bem a pena averiguar o que devo pensar a este respeito »; e pôz mãos á obra. Sua vigilancia e seus trabalhos foram bem recompensados, porquanto, tendo elle feito as necessarias experiencias, descobriu que o principal ingrediente d'aquelle pó era o kaolim ou terra de porcellana, cuja ausencia em todos os anteriores tentamens fôra a causa insuperavel de tão repetidos mallogros.

Esta descoberta, nas mãos de um homem tão intelligente como Boettgher, não podia deixar de ir aperfeiçoando-se cada vez mais, e com o andar do tempo reconheceu-se ser ella infinitamente mais preciosa do que o houvera sido a da *pedra philosophal*. No mez de Outubro de 1707, apresentou o inventor a primeira amostra da sua porcellana ao soberano, e este aheou tão boa, que

logo se decidiu a proporcionar a Boettgher os meios de aperfeiçoar a sua invenção. Tendo mandado vir de Delft um perito louceiro, começou Boettgher a fabricar porcellana, e sempre com feliz exito. D'aquella época em diante, abandonou elle definitivamente a alchimia, e, para perpetuar a memoria de tão grato acontecimento, escreveu na sua porta o distico seguinte :

Deus todo poderoso, artifice sublime,
De um ruim fazedor de ouro, fez um louceiro optimo (1).

Todavia, Boettgher continuava a estar sob a vigilancia do eleitor, o qual receiava que elle fugisse e fosse divulgar nos outros paizes o seu segredo. As novas officinas e os fórnos de cozer porcellana que acabavam de ser construidos, eram noite e dia vigiados e guardados por um corpo de tropas, e seis officiaes superiores respondiam solidariamente pela segurança pessoal de Boettgher.

Tendo sido coroadas de bom exito as experiencias que se fizeram com os novos fórnos, e havendo a porcellana desde então fabricada obtido prompta sahida e preços bastante altos, resolveu-se que fosse estabelecida uma fabrica real de porcellana. Era sabido de todos que as fabricas de louça de Delft haviam enriquecido a Hollanda : por que razão a fabrica de porcellana não seria egualmente uma fonte de riquezas para o eleitor? Promulgou-se, pois, a 23 de Janeiro de 1710, um decreto, em virtude do qual *uma grande fabrica de porcellana* devia ser estabelecida no castello d'Albrechtzburg, em

(1) Es machte Gott, der grosse Schöpfer,
Aus ein Goldmacher einen Töpfer.

Meissen. Neste decreto, que foi traduzido em latim, francez e hollandez, e distribuido pelos embaixadores do eleitor e rei em todas as côrtes da Europa, Frederico Augusto declarava que para fomentar a prosperidade da Saxonia, ainda profundamente resentida da invasão sueca, havia « feito convergir a sua attenção para as riquezas subterraneas » do paiz e que, tendo confiado este estudo a pessoas mui competentes, conseguira-se fabricar « uma especie de louça vermelha muito superior á da India » e bem assim « pratos e outras peças de louça de côr que são lavrados, torneados e polidos, e eguaes a todos os respeitos aos que vêm da India (1) »; emfim « que já se conseguira fazer algumas peças de porcellana branca e que tudo induzia a esperar que brevemente se poderia empregar este fabrico em grande escala ». O decreto real concluia convidando « os artistas e operarios estrangeiros » a virem para a Saxonia e a prestarem á nova fabrica os seus valiosos serviços, mediante bons salarios e sob a protecção especial do rei. Nada pôde dar mais cabal idéa do estado em que se achava nessa época a invenção de Boettgher do que o decreto que acabámos de citar.

Tem-se affirmado, em certos escriptos allemães, que Boettgher, em recompensa dos relevantes serviços prestados ao eleitor e á Saxonia, fôra nomeado director da fabrica real e agraciado com o titulo de barão. Elle merecia incontestavelmente esta honra; mas não a obteve: pelo contrario, trataram-no de uma maneira sordida,

(1) O nome de *porcellana da India* era igualmente dado outro'ra á da China e á do Japão. Isto provinha sem duvida do facto de as primeiras amostras conhecidas na Europa terem sido trazidas da India pelos portuguezes, depois de haver Vasco de Gama descoberto a passagem pelo cabo da Boa-Esperança.

barbara, inhumana. Dous empregados superiores do governo, chamados Matheus e Nehmitz, foram nomeados *directores da fabrica*, ao passo que o proprio inventor teve de ficar na posição de méro contra-mestre dos porcellaneiros, sendo apenas considerado pelo governo como um « prisioneiro do rei. » Quando se estava construindo a fabrica, reconheceu-se serem indispensaveis a presença e os conselhos de Boettgher; mas era sempre escoltado por soldados que elle ia de Dresda a Meissen e voltava desta para aquella cidade; e, concluidas as obras, até levaram a precaução ao ponto de trancar-o de noite no seu quarto. Tudo isto fel-o cahir em uma negra melancolia, e elle recorreu reiteradas vezes ao rei supplicando-lhe algum lenitivio á sua sorte. Muitas das suas cartas são realmente tocantes. « Eu me votarei em corpo e alma, exclama o misero, á arte de fabricar porcellana, farei mais do que hajam feito até hoje todos os inventores; mas por quem sois, restitui-me minha liberdade! minha liberdade! »

O rei foi inexoravelmente surdo áquellas supplicas. Dinheiro e graças, se Boettgher os quizesse, sim; mas a liberdade, não. Elle considerava evidentemente Boettgher como seu escravo. Sob o imperio de tão intoleravel oppressão, o infeliz Boettgher ainda continuou a trabalhar por algum tempo, mas ao cabo de um ou dous annos tornou-se negligente. Desgostoso do mundo e de si mesmo, deu-se á embriaguez, e tamanha é a força do exemplo, que tão depressa se soube que Boettgher se entregava áquelle vicio, logo a maior parte dos operarios da fabrica de Meissen começaram tambem a embriagar-se. A consequencia disto foram incessantes desordens e espancamentos, que muitas vezes obrigaram a tropa de linha a intervir para manter

a paz entre os *porcellaneiros*, como então lhes chamavam. Ao cabo de algum tempo, as rixas e os tumultos assumiram proporções taes, que todos os operarios, em numero de mais de trezentos, foram encerrados na cidadella de Albrechtzburg e tratados como réos de estado.

Boettgher afinal adoeceu gravemente, e no mez de Maio de 1713 já ninguem esperava que elle pudesse escapar. Consternado com a idéa de perder tão precioso escravo, foi só então que o rei o deixou dar alguns passeios de carro, vigiado por uma escolta; e, tendo-se manifestado certas melhoras no seu estado, permittiram-lhe que fosse de quando em quando a Dresda. No mez de agosto, o proprio rei lhe escreveu e prometeu-lhe plena e inteira liberdade; mas era tarde. Quebrantados o corpo e a alma, ora trabalhando, ora embriagando-se, não tendo já senão raros vislumbres de intenções mais nobres, e soffrendo constantemente da doença contrahida durante a sua reclusão forçada, Boettgher arrastou ainda por alguns annos uma existencia miseravel, de que a morte o livrou a 13 de Março de 1719; tinha apenas trinta e cinco annos. Enterraram-o no cemiterio de S. João, em Meissen, mas *de noite*, como um cão morto que é lançado no esterquilinio. Tal foi a injustiça que soffreu, tal foi o lastimoso fim que teve um dos maiores bemfeitores da Saxonia.

O fabrico da porcellana tornou-se desde então uma fonte importante de renda, e enriqueceu de tal sorte o eleitor de Saxonia, que a maior parte dos soberanos da Europa se decidiram a seguir o seu exemplo. Posto que já se tivesse fabricado porcellana fraca em Saint-Cloud, quatorze annos antes da descoberta de Boettguer, a superioridade da porcellana forte foi bem depressa geralmente reconhecida. Começou-se a fabrical-a em Sèvres

em 1770 e desde então deixou-se de alli fabricar da outra. È este hoje um dos ramos mais importantes e florescentes da industria franceza, bem que se recommende antes pela qualidade do que pela quantidade dos seus productos.

V

A carreira de Josiah Wedgwood, a quem a Inglaterra deve o estabelecimento das fabricas de louça do Staffordshire, offerece um notavel exemplo da importancia que todo o paiz deve dar á posse de homens capazes de se applicarem com energia ao cultivo das artes. A Inglaterra, no meiado do seculo passado, ainda se achava menos adiantada de que as outras nações europeas de primeira ordem, em relação á habilidade industrial. Sua posição geographica a excluia, por assim dizer, de toda participação regular nos grandes movimentos que então se effectuavam na Italia, França e na Allemanha. Os dous primeiros fabricantes de louça que se estabelecerem em Inglaterra, foram dous exilados hollandezes que, fugindo á perseguição religiosa, da qual, durante o seculo xvi, resultaram tantas calamidades para os Paizes-Baixos, foram domiciliar-se em Norwich, onde entraram a fabricar tijolos de ladrillar e potes para unguento. Algum tempo depois, em 1788, dous irmãos, chamados Élers, vieram de Nuremberg e se estabeleceram no Staffordshire, onde se entregaram aos seus trabalhos com o maior segredo. Mudaram posteriormente o seu estabelecimento para Chelsen, perto de Londres, e se limitaram quasi exclusivamente ao fabrico de louça de ornato. Quanto ao da louça usual, quasi se pôde dizer que não existia então em Inglaterra. Fra ella importada em

grandes quantidades dos paizes estrangeiros, principalmente de Delft, na Hollanda. Mas quanto á porcellana, vinha ella principalmente da China e o seu preço era naturalmente altissimo. Nenhuma especie de porcellana forte fôra ainda feita em Inglaterra. A louça que se fabricava no Staffordshire era em extremo tosca. Os proprios fabricantes, suas mulheres e seus filhos a vendiam pelas ruas, e tambem fazia ella parte do commercio dos mercadores ambulantes que viajavam com sua casa de negocio ás costas.

Josiah Wedgwood reformou tudo isto, e, graças á sua applicação, á sua habilidade, e á abnegação de uma vida inteira consagrada a esta obra, conseguiu assentar sobre solidos alicerces a arte ceramica em Inglaterra. Wedgwood era um destes trabalhadores infatigaveis que de tempos em tempos sahem das infimas regiões da sociedade e, pela energia de seu character, não só conseguem infundir na classe operaria habitos industriosos, como tambem, com exemplos de assiduidade e de perseverança, exercem a todos os respeitos uma influencia consideravel na actividade publica, e contribuem poderosamente para dar ao character nacional o seu cunho distinctivo.

Era elle ultimo-genito de uma familia de treze filhos. Seu avô e seu tio-avô eram ambos louceiros, e tambem louceiro fôra seu pai, que morrera deixando Josiah em tenra idade. Aos onze annos começou elle a trabalhar em uma fabrica que era dirigida pelo seu irmão mais velho. Talvez houvesse Josiah exercido por toda a sua vida o officio de terneiro de louça, se não tivesse sido arrancado ao torno por um violento ataque de hexigas, de que escapou a muito custo. Tendo-se-lhe inflammado a perna direita, foi-lhe forçoso submetter-se á amputação.

Durante a doença entregou-se elle á leitura e á meditação, e cogitou incessantemente das differentes maneiras de ganhar a vida como louceiro, porquanto a falta de uma perna o impossibilitara de trabalhar ao torno. Recobrada a saude, poz-se Josiah a fabricar, com barro que era depois cozido, uma infinidade de objectos de capricho, cabos de faça, bocetas e outros curiosos objectosinhos de uso domestico. Associou-se successivamente com diversos operarios, mas não fez comparativamente notaveis progressos senão depois que se estabeleceu, por sua propria, conta em 1759 em uma cabanazinha, em Burslem. Alli fabricou seus cabos de faca, seus pratos de gomos ornados de folhas verdes e outros objectos miudos, tratando ao mesmo tempo, nas horas vagas, de adquirir alguns conhecimentos praticos de chimica, afim de poder melhorar os seus productos, em relação á côr, ao polido e á solidez.

O bom exito lhe coroou os esforços, e seus negocios prosperaram pouco a pouco. Investigador minucioso e observador exacto, notou Wedgwood que um certo barro que continha silica e era escuro antes de ser calcinado, tornava-se branco quando exposto ao calor do fôrno. Esta observação e as reflexões que se lhe seguiram, suggeriam a Josiah a idéa de misturar silica com barro vermelho empregado no fabrico de louça, e o levaram assim a descobrir que esta mistura se tornava branca depois de calcinada; de maneira que, cobrindo a sua louça com uma vitrificação de esmalte transparente, tornou-se-lhe facil obter um dos mais importantes productos da arte fictil, o mesmo que com o nome de faiança ingleza devia em breve adquirir o mais alto valor no commercio e vir a ser um objecto de uso universal.

Wedgwood se achou bem depressa em estado de alar-

gar as suas operações, de contractar obreiros habeis, e de alugar casas para montar officinas, onde entrou a fabricar em vasta escala, primeiro, louça branca, e depois certa louça côr de café com leite que adquirio grande celebridade. O aperfeiçoamento da arte ceramica tornou-se a sua paixão, e elle trabalhou sempre para tal fim com um zelo que nunca se arrefeceu. Demais, em tudo quanto comprehendia empenhava-se com todas as suas forças e com a firme resolução de attingir a excellencia. Augmentando-se os seus recursos, Wedgwood poude em breve mostrar-se tão pouco avaro do seu dinheiro, quanto o era do seu descanso, sempre que se tratava da prosecução dos aperfeiçoamentos por elle idéados. Obteve o obsequioso auxilio de pessoas altamente collocadas e influentes; e devia obtel-o, pois que o espirito verdadeiramente desinteressado com que elle se dava aos seus trabalhos, não podia deixar de conciliar-lhe à protecção de todos os amigos do progresso. Josiah fez para a rainha Carolina o primeiro apparelho de mesa real que haja sahido das fabricas inglezas, e tal é a origem do nome de *faiança da rainha* (*Queen's ware*) que depois foi dado a este genero de louça. Por essa occasião recebeu elle a patente de *Louceiro da casa real*, patente a que sempre deu mais apreço do que houvera dado ao titulo de barão. Preciosos apparelhos de porcellana lhe foram entregues em confiança para que os imitasse, e estes seus trabalhos tiveram admiravel bom exito. Sir William Hamilton emprestou-lhe alguns productos da arte antiga, tirados das ruinas de Herculanium, dos quaes os seus operarios fizeram copias tão lindas como os originaes. Tendo a duqueza de Portland, em um leilão, obtido por maior lanço (1,800 libras sterlinas) o celebre vaso de Barberini, que Wedwood tambem pretendia comprar, quando soube que elle o

quizera obter para copial-o, emprestou-lh'o generosamente. Josiah fez cincoenta copias, que lhe custaram 2,500 libras, e cuja venda não cobrio as despezas. Mas isto pouco lhe importava; conseguira elle o seu fim, que era provar que, por muito perfeitos que fossem os productos da industria estrangeira, a habilidade e a energia inglezas tinham o poder e a vontade de obter productos não menos excellentes.

Wedgwood teve de socorrer-se do cadinho do chimico, do saber do antiquario e do talento do artista. Foi elle quem descobriu Flaxman, o esculptor, então rapazinho, e quem, cultivando ao mesmo tempo livremente o seu proprio genio, obteve daquelle illustre artista um numero consideravel de desenhos magnificos, os quaes, convertidos em suas fabricas em obras de arte que se prestavam igualmente a todos os usos domesticos, o ajudaram a diffundir entre o povo o gosto do bello. Á força de estudos e experiencias delicadas, conseguiu Josiah descobrir de novo a arte de pintar sobre louça ou sobre porcellana, á maneira dos antigos etruscos, arte que havia desapparecido desde o tempo de Plinio. Cingindo-se sempre na pratica da sua industria aos principios mais elevados, não hesitou em declarar « que deixaria de fabricar todo e qualquer objecto de que não pudesse obter copias perfeitas. »

O autor allemão Novalis, nos seus *Fragmentos de esthetica e litteratura*, chega a comparar Wedgwood com Goethe. « Este, diz elle, mostra-se em suas obras o que é o inglez em seus productos, simples e ao mesmo tempo elegante, commodo e ao mesmo tempo duravel. Este, em uma palavra, fez no mundo da litteratura allemã o que Wedgwood fez no mundo da arte ingleza. »

Mas Wedgwood não era sómente manufactureiro; dis

tinguiu-se tambem por trabalhos scientificos, e seu nome está ainda hoje identificado com o do *pyrometro* que elle inventou. Era um fautor infatigavel de todas as medidas de utilidade publica; e a construcção do canal que une Trent ao Mersey, e que completou a via navegavel entre as costas oriental e occidental da Inglaterra, é devida tanto á energia dos seus esforços pelo bem publico, como á habilidade do engenheiro Brindley. Achando-se as vias de communicação do seu districto em pessimo estado, Wedgwood projectou e executou atravez das olarias uma grande estrada de dez milhas de extensão. Emfim, adquirio tamanha reputação que a sua fabrica de Burslem, e, posteriormente, a que estabelecera em Etruria, villa fundada por elle e cujas casas tambem por elle haviam sido construidas, se tornaram um centro de attracção para os viajantes distinctos de todas as partes da Europa.

Graças aos trabalhos de Wedgwood, o fabrico da louça, que até então se conservara em miserabilissima condição, veio a ser uma das mais importantes industrias da Inglaterra. Dessa época em diante, em vez de importar do estrangeiro a louça de que carecia para seu proprio uso, começou a Inglaterra a exportar-a em grandes quantidades, e isto a despeito dos direitos prohibitivos que pesavam sobre os productos das fabricas inglezas. Em 1785, isto é, passado apenas um periodo de trinta annos, contados da época em que começara os seus trabalhos, Wedgwood foi chamado a dar informações, perante uma commissão do parlamento, a respeito da importancia das suas fabricas; e, graças a essas informações, reconheceu-se que a fabricação da louça que, antes de Wedgwood, apenas garantia precario trabalho a um numero limitado de operarios inhabeis e mal retribuidos, fizera tamanhos progressos que já dava directa e regularmente occupação

a perto de vinte mil pessoas, além do numero sempre crescente das que ella trazia empregadas nas minas de carvão, nos transportes por mar e por terra, etc., e sem fallar utrosim no estímulo por ella offerecido, de diversas maneiras, á actividade geral em muitos pontos do paiz. Mas, comquanto fossem muito importantes os progressos feitos no seu tempo, Wedgwood asseverava que aquelle genero de industria estava ainda na infancia, e que os progressos effectuados bem pouco valiam comparados com os que a sua arte devia ainda effectuar, graças não só á influencia da tradição industrial e á intelligencia crescente dos manufactureiros, como tambem aos recursos naturaes e ás instituições politicas da Grã-Bretanha. É quasi escusado dizer que esta opinião foi completamente justificada pelos progressos que depois se realisaram em tão importante ramo da industria nacional. Em 1852, oitenta milhões pelo menos de objectos de louça, sem contar o que se fabricou para o mercado interior, sahiram de Inglaterra para paizes estrangeiros. Mas não se deve considerar sómente a quantidade e o valor dos productos; releva tambem apreciar o melhoramento das condições de existencia do immenso numero de pessoas que se empregavam nestes trabalhos.

Na época em que Wedgwood começou as suas operações, o districto de Staffordshire achava-se ainda muito atrasado em civilização. A população era em geral pobre, ignorante, pouco numerosa. Assim que a fabrica de Wedgwood se achou solidamente estabelecida, o numero dos seus operarios foi triplicado, recebendo todos elles salarios relativamente elevados; e os progressos moraes desde logo acompanharam passo a passo os progressos materiaes. Quando João Wesley visitou Burslem pela primeira vez, em 1760, foi muito mal recebido pelos lou-

ceiros, os quaes, quando elle lhes quiz dirigir a palavra, o escarneceram, deram-lhe vaias, e lhe lançaram pedras e lama. Vinte annos depois, Wesley foi visitar de novo aquelle districto, e eis o que elle diz a respeito do que viu: « Voltei a Burslem. A transformação que se operou nesta terra encheu-me de espanto! Os habitantes para aqui affluiram de toda a parte, e o deserto esteril se mudou em campo fertil. Casas, villas, cidades, surgiram do sólo, e os aperfeiçoamentos que se notam no aspecto geral do districto são tão admiraveis como os que se operaram nos costumes da população. »

Aquella transformação fôra devida a Wedgwood. Taes homens têm de certo incontestavel direito a um logar entre os heróes industriaes do mundo civilisado e os bemfeitores do genero humano.

CAPITULO TERCEIRO

INVENTORES E PRODUCTORES

Em geral, não é das universidades, mas sim das pocilgas da miseria, que sahem os inventores para revolucionarem a industria; não trajam elles de ordinario sedas, senão grosseiro burel, e apresentam-se no maior numero de casos sujos de poeira e de fumaça, e não ornados de condecorações esplendidas.

ISAAC TAYLOR.

Pois a invenção não é a poesia da sciencia?... Todas as grandes descobertas apresentam o vestigio indelevel de um pensamento poetico. Só ao poeta é dado crear.

E. M. BATAILLE.

I

Foram os inventores que deram impulso a todas as grandes industrias do mundo; a elles deve a sociedade não só o necessario, senão tambem o confortavel e o superfluo; graças aos seus trabalhos e ao seu genio, a vida de cada dia se nos torna de continuo e a todos os respeitos mais facil e agradavel. Nossa comida, nossa habitação, os trastes de nossas casas, o vidro que fecha nossos aposentos ao frio e os abre ao mesmo tempos á luz, o gaz que faz a noite rivalisar com o dia, os carros e os navios que percorrem a terra e as aguas, os relógios

com que medimos o tempo na sua rapida carreira, os diversos instrumentos empregados no fabrico de tantos objectos de luxo ou de primeira necessidade, tudo isto é o resultado do engenhoso e paciente labor da phalange de homens singulares que chamamos inventores; e a humanidade é tanto mais feliz, quanto as invenções de todos elles nas artes e nas sciencias se multiplicam cada vez mais, e os fructos do seu trabalho vêm em maior numero augmentar a somma do bem-estar individual e do contentamento publico.

A geração presente é a herdeira de tudo quanto produziram a industria e a habilidade das gerações passadas e a civilisação de que gozamos nada mais é em ultima analyse do que a somma dos effeitos uteis do trabalho accumulados por espaço de seculos. Philarète Chasles affirma, pois, com toda a razão, que « o verdadeiro inventor é o genero humano ». Dir-se-hia que a Intelligencia Suprema, no intuito de ligar umas ás outras todas as gerações e de mostrar que a força do homem só póde provir da associação, decretou que cada inventor apenas resolveria parte do problema submettido ao seu estudo, e que toda a grande idéa seria o resumo do passado, assim como é o germen do futuro. Por isso de raro acontece ser devida a uma unica pessoa qualquer invenção de alguma importancia. Vemos, pelo contrario, virem uns após outros os inventores, tomarem successivamente os fios da invenção, fazerem, muitas vezes sem resultado visivel, algum progresso na senda trilhada por seus predecessores, e as cousas continuarem assim—muitas vezes por espaço de seculos—até apparecer finalmente um homem, talvez de maior merecimento que os primeiros, o qual, buscando satisfazer as necessidades da sua época, reúne os fios que até então se tinham conservado espa-

lhados, fórma um thesouro com o acervo de noções parciaes devidas aos acertos e aos mallogros passados, e fortalecido com todos os resultados anteriormente adquiridos, logra afinal attingir o alvo glorioso de tantos esforços diversos. Assim descobriu Newton as leis da gravitação; assim inventou James Watt a machina de vapor; assim foi pouco a pouco adiada e aperfeiçoada a locomotiva, a respeito da qual disse Stephenson : « Isto não é invenção de um unico homem, senão de uma raça inteira de engenheiros mechanicos. » Outro inventor, José Bramah, no prefacio da descripção que acompanha a segunda patente por elle obtida para o fabrico exclusivo das suas fechaduras de segredo, pondera o seguinte : « Entre as invenções que têm obtido privilegio, poucas ha comparativamente que possam ser consideradas como verdadeiramente originaes : de maneira que em muitos casos é difficil dizer-se onde acaba uma e onde começa a outra ».

II

As artes, cumpre reconhecê-lo, só progridem lentamente, e lord Bacon com muita razão pondera que « ha em nós demasiada disposição para não levar em conta as altas que se tiveram de fazer, e para attribuir ao que chega por ultimo todo o merito da descoberta ». De facto, o que tantas e tantas vezes saudamos com o nome de invenção original, nada mais é que o resultado de uma longa e progressiva série de trabalhos e experiencias, nos quaes deveriamos antes reconhecer uma successão constante de altos feitos do espirito humano do que uma conquista realisada por um unico individuo. Nem isto pôde deixar de ser assim; porquanto ás vezes têm sido

gastos seculos em experiencias afim de se chegar ao conhecimento exacto do valor de um unico facto considerado sob os seus differentes pontos de vista. Em sua infancia, a experiencia é, como o proprio homem, fraca e vacillante, e só adquire força e madureza com a idade. Ainda mais, a experiencia não morre como nós : accumula-se pelo contrario e proporciona á nossa raça um inapreciavel thesouro de força e riqueza. Sobrevive ella ás gerações que passam e cresce de continuo, mostrando assim a um tempo a fraqueza e a força, a pequenez e a grandeza de nossa commum humanidade. E nós, que vivemos hoje, não só somos os legatarios de todos os resultados obtidos pelo trabalhos de nossos predecessores — obras scientificas e artisticas, invenções e descobertas, instrumentos e machinas, vias publicas, pontes, canaes, estradas de ferro ; — senão tambem os herdeiros das aptidões innatas que nos foram transmittidas com o nosso sangue e o nosso cerebro, desta *educabilidade*, em uma palavra, que, pouco a pouco conquistada e desenvolvida pelos labores de todas as gerações precedentes, constitue verdadeiramente hoje a melhor parte da nossa herança natural.

Jazem sepultados no olvido os nomes de uma infinidade de inventores de merito. Só se ha eternisado a memoria dos mais distinctos, dos que fizeram época na historia de alguma invenção, taes como os homens illustres, por exemplo, cuja gloria se prende ao desenvolvimento da força gigantesca que chamamos *machina a vapor*. Não obstante, centenas de obreiros sem nome, mas não sem genio, realisaram de tempos em tempos aperfeiçoamentos substanciaes na construcção desta machina maravilhosa, e contribuíram largamente para se lhe augmentar a força e multiplicar-lhe as applicações pra-

ticas. Ha tambem uma infinidade de invenções de segunda ordem, cada qual mais importante, o relógio que trazemos no bolso, por exemplo, cuja historia perdeu-se em grande parte para nós; de maneira que, comquanto nos achemos de posse dos thesouros que nos foram legados pelos nossos bemfeitores, vemo-nos condemnados a ignorar o nome da maior parte desses benemeritos da humanidade.

A origem do maior numero das invenções esconde-se na escuridão dos seculos. A primeira idéa, concebida a principio no cerebro de um desconhecido, passa bem depressa a aninhar-se em muitas outras cabeças, e são finalmente á luz robusta e válida, depois de uma gestação que ás vezes chega a durar centenas e centenas de annos. Um emittio a idéa, outro a desenvolveu, e assim successivamente; de sorte que afinal lá vem o dia em que ella se acha completamente elaborada e posta em pratica. Mas, se fosse possivel dar exactamente a cada um a parte que lhe compete, o primeiro não teria menos direito do que o ultimo a um quinhão na gloria do invento. Ás vezes um espirito portentoso e original descobre uma nova fonte de força occulta, e dá ás faculdades inventivas do homem um impulso cuja força é sentida por espaço de seculos. Mais frequentemente, porém, as invenções mui longe de serem inteiramente novas, consistem apenas em modificações de methodos já conhecidos de um limitado numero de pessoas, mas cujo uso não está ainda comprehendido nos habitos geraes. Se lançarmos uma vista de olhos retrospectiva pela historia de mechanica, veremos que ás vezes uma invenção, nascida com apparencias de vitalidade, desaparece de subito, e que por espaço de seculos ninguem torna a fallar nella. Depois, lá vem finalmente um dia em que é ella revocada por

algum inventor que, estimulado pelas necessidades da sua época, e seguindo as pégadas de seus predecessores, descobre os vestígios dos trabalhos de todos elles, continúa a obra começando do ponto em que a haviam deixado, e tem a felicidade de leval-a ao cabo.

Ha tambem o que se póde chamar invenções nascidas antes de tempo. Este phenomeno provém dos espiritos arrojados de uma geração formarem projectos que se tornam inexequíveis, por falta de meios adequados. Mas, com o andar do tempo, os recursos mechanicos chegam a emparelhar com a idéa que, afinal, vem a ser executada. Tal é a razão por que os inventores modernos logram levar ao cabo tantos projectos que os seus predecessores, em vão tentaram realisar. Conforme disse Luiz Napoleão : « As invenções que vêm a lume antes do tempo proprio, devem forçosamente conservar-se inuteis até que a intelligencia geral se torne apta para lhes dar o devido apreço. » E eis a razão por que aos inventores vindos antes do tempo cabe muitas vezes por sorte o infortunio, posto que a gloria e o proveito possam ornar a carreira de seus successores. Demais, o dom sublime da invenção redunda mui frequentemente em crueis tribulações. A maior parte dos grandes inventores só acharam nos seus contemporaneos desprezo e ingratição, e morreram antes de se ter podido reconhecer e apreciar o seu merito. Ainda quando sejam bem succedidos, não raro lhes acontece contarem tantos inimigos, quantas são as pessoas interessadas na conservação dos methodos que elles pretendem reformar. A inveja, a perversidade, a calumnia, sob todas as fórmãs, os perseguem encarniçadamente; importunam-os os ricos pouco escrupulosos que se mancommunamno intuito de ficarem-se com os lucros de suas descobertas; e, para que seja

completo o infortunio, muitos até vêm desprezados os seus títulos á originalidade, sendo-lhes assacada a pecha de copistas e plagiarios.

III

Posto que a invenção da machina de vapor — a rainha das machinas — pertença, comparativamente falando, á nossa época, sua idéa primordial foi concebida em tempos bem remotos. Como todas as outras descobertas, esta invenção effectuou-se lentamente; cada inventor transmittio o resultado de seus trabalhos, na apparencia inutil para o tempo em que elle vivia, a seus successores que, estudando-os por seu turno, communicaram-lhes novo impulso; e as sentinellas da grande idéa foram respondendo assim umas ás outras no decurso de muitas gerações successivas.

Heron, de Alexandria, parece ter bem comprehendido a força do vapor. É isto pelo menos o que se deve concluir á vista do seu curioso *Tratado de pneumatica*, cuja publicação, depois da invenção da imprensa, teve por effeito fazer que a attenção dos sabios convergisse de novo para este assumpto. O ardor das pesquisas reavivou-se primeiramente na Italia, onde em um só seculo appareceram não menos de oito traducções e edições diferentes do livro de Heron. Entre os primeiros investigadores se tornaram notaveis Giambattista della Porta Branca e Salomão de Caus. Caus nascera na Normandia mas estudara a sua profissão de engenheiro-architecto na Italia, onde, mui provavelmente, lhe foram reveladas as maravilhas do vapor, taes como se acham descriptas no livro de Heron. Depois de haver voltado para a

França, passou-se á Inglaterra, onde o principe de Galles o encarregou de desenhar grutas, chafarizes e outros ornatos hydraulicos destinados ao aformoseamento do jardim do palacio de Richmond. Foi tambem mestre de desenho da princeza Izabel, e, quando esta se casou com o eleitor palatino, seguiu em sua companhia para a Allemanha, onde o nomearam conservador do palacio e do jardim de Heidelberg. Alli escreveu elle a obra intitulada as *Razões das forças motrizes*, obra que foi publicada em Francfort em 1615. O systema proposto por Caus para levantar a agua por meio do fogo era em parte baseado nas idéas de Heron; mas differia dellas em um ponto, que era substituir como meio de usar do vapor a pressão sobre um liquido á reacção sobre um tubo.

A idéa de Heron, de Branca, de Salomão de Caus, não se perdeu. Outros espiritos a cultivaram, e ella fructificou. Um preso illustre, o marquez de Worcester, tendo sido encerrado na torre de Londres, sob pretexto de uma supposta traição, dedicou-se a pesquisas sobre a força do vapor, que elle estudou longa e pacientemente; e, quando foi restituído á liberdade, inventou e construiu uma machina de vapor de alta pressão, a qual serviu por algum tempo para com ella tirar-se agua do Tamisa. Essa machina foi abandonada, em razão de alguns defeitos que tinha; mas trinta annos depois Thomaz Savery revocou a idéa e inventou a primeira machina de condensação, machina cujo modelo foi submittido ao juizo da Sociedade Real de Londres, no anno de 1698. A *bomba de fogo*, como chamavam então esta machina, tinha sido desde alguns annos assumpto de discussão na Sociedade Real, e um illustre exilado protestante, francez, o dr. Diniz Papin, procurador da Sociedade, demonstrára perante essa corporação a força do

vapor, por meio de numerosos escriptos e de experiencias não menos numerosas.

IV

Diniz Papin nascera em Blois, no meiado do seculo XVII, e fôra educado para a profissão medica. Depois de haver exercido por algum tempo distinctamente a medicina em Pariz, dedicou-se ao estudo da physica e da mechanica, o qual lhe absorveu bem depressa toda a attenção, e, tendo por professor o celebre Huyghens, fez rapidos progressos. A incapacidade legal a que os protestantes de França se viam então condemnados, determinou-o, em 1681, a dizer adeus á sua patria, e a refugiar-se em Inglaterra, para onde tambem emigraram milhares de conterraneos seus. Foi elle admiravelmente recebido pelos sabios inglezes, especialmente por Boyle, sob cujo patrocínio veio a ser membro da Sociedade Real e nomeado seu procurador retribuido. Esta posição o obrigava a apresentar alguma experiencia nova em cada reunião da Sociedade, e foi nessas reuniões que elle explicou muitas de suas importantes invenções, entre outras o seu celebre *digestor*, que excitou o mais vivo interesse. Deu mesmo certa noite aos membros da Sociedade uma ceia preparada no seu *digestor*, ceia de que lord Evelyn fez no seu diario uma descripção mui divertida. Papin leu tambem, sobre a mechanica, a pneumatica e a hydrostatica, preciosas memorias que se conservam nos annaes de experiencias da Sociedade.

Divulgando-se na Allemanha a fama dos talentos de Papin, foi-lhe offerecida, em 1687, a cadeira de mathematicas da Universidade de Marbourg, e elle a aceitou.

Continuou alli as suas experiencias, publicando successivamente os resultados dellas nos jornaes inglezes e allemães d'aquella época. Em uma memoria sobre as diferentes applicações da polvora, que elle remetteu á Sociedade Real, em 1687, propôz formavelmente, para o esgoto da agua das minas e para outros fins, o emprego do vapor com força motriz. No seu *digestor*, applicava elle á machina de vapor o embolo da bomba aspirante ordinaria, e a fazia mover-se dentro de um cylindro servindo-se do vapor para levantá-lo. A enorme força exigida pelos seus *digestores* e os meios que elle teve de engenhar para lhes conservar bem seguras as tampas, sem duvida lhe revelaram bem cedo a força do agente de que se servia; e isto foi por certo o que determinou a continuar as suas investigações, tendo sempre em vista a applicação pratica d'aquelle agente como força motriz.

Durante a sua estada em Inglaterra fôra elle testemunha de uma experiencia bem satisfactoria feita no Tamisa com um barco construido segundo o risco do principe paltino Roberto, barco que corria sobre a agua por meio de rodas semelhantes ás dos moinhos hydraulicos e movidas por cavallos. Em uma viagem que fez a Londres, onze annos depois, isto é, em 1698, Papin tambem presenciou outra experiencia feita no Tamisa com o barco de rodas de Savery, rodas igualmente semelhantes ás dos moinhos de agua e movidas por homens. Emfim, nessa mesma época (1698), assistiu á sessão da Sociedade Real em que Savery, pela primeira vez, explicou o modelo da sua machina de vapor. Papin concebeu a idéa de combinar os dous systemas, empregando o vapor para virar as rodas, e dando por este meio aos navios um movimento independente dos ventos e das marés. Estabelecido em Marbourg como profess

mathematicas, cuidara elle activamente de dar um corpo ás suas idéas, isto é, de construir uma machina ; e uma longa correspondencia, preciosamente conservada até hoje na bibliotheca real de Hanover, travou-se sobre este assumpto entre o sabio francez e Leibnitz. Lendo-se essa correspondencia, vê-se que Papin, para resolver o problema em questão, entregou-se a laboriosos estudos, durante os quaes teve de lutar com innumeradas difficuldades e viu não poucas vezes baldados os seus esforços.

Ao cabo de quasi quinze annos de aturada applicação, Papin conseguiu finalmente construir e adaptar a um barco uma machina modelo (1) que funcionava satisfactoriamente e que elle desejava muito mandar para Londres, afim de ser alli experimentada. « É importante, diz elle escrevendo a Leibnitz (a 7 de Julho de 1707), é importante que a minha nova construcção de barco seja experimentada em um porto como o de Londres, onde sempre se achará fundo sufficiente para elle navegar carregado com a nova invenção, que, por meio do fogo, tornará um ou dous homens capazes do produzirem mais effeito do que muitas centenas de remeiros. » Papin achou alguma difficuldade em obter das autoridades licença para o seu barco passar do Fulda ao Weser em Munden ; mas, quando o barco chegou a Munden, os bateleiros o tomaram e destruíram. Todavia, o modelo da machina foi salvo e mandado para Cassel ; mas infelizmente não escapou á destruição durante a occupação d'aquella cidade pelos francezes, em 1806 (1). Diz-se,

(1) Ella é assim descripta : *Uma machinazinha de barco de rodas*. Provavelmente, era apenas um modelo ou molde em ponto pequeno, pelo qual se podiam construir outros navios.

(1) Só se salvou o cylindro da machina. Acha-se elle hoje em poder dos srs. Henschell, de Cassel.

porém, que os desenhos originaes ainda estão na bibliotheca real em Hanover ; mas até hoje ninguem os tem examinado.

Um anno depois da destruição do seu barco, em Munden, Papin escreveu aos seus bons amigos da Sociedade Real de Londres, pedindo-lhes emprestassem o dinheiro necessario para a construcção de outra machina, mas esta de força tal, que podia servir para « mover navios ». A Sociedade, porém, provavelmente em razão da importancia da somma precisa, deixou de prestar a Papin o auxilio que elle pedira. Dous annos depois, consumido de anciedade, o illustre exilado morreu, deixando a outros mais felizes do que elle o cuidado da realisação e da applicação das grandes idéas que havia concebido a respeito da locomoção a vapor. Todavia releva ponderar que Papin, não obstante ser tão fertil em concepções, teve de lutar com a séria desvantagem de não saber executar por si mesmo as obras de que carecia. Todo aquelle que, para realisar as suas invenções, se vê obrigado a servir-se dos olhos e das mãos de outrem, achase forçosamente condemnado a fazer mediocre progresso na pratica. É bem raro que operarios, que só trabalham para ganhar o seu salario, possam ser com bom exito encarregados da construcção de machinas de feitio novo e complicado. Os olhos e as mãos são quasi inuteis em taes casos, se os não inspira a intelligencia. As probabilidades do bom exito se tornam infinitamente maiores quando o espirito, os olhos e as mãos são empregados a um tempo por quem se interessa na consummação pela obra. Eis a razão por que, como era facil prever-se, a machina de vapor só teve grande valor na pratica quando sahiu do estado da theoria scientifica, e da sua execução se encarregaram artesanos de genio, homens

illustres como Newcomen, o ferreiro, Brindley o ensaiador, e muito principalmente Watt, o fabricante de instrumentos de mathematicas.

V

Watt era um dos homens mais industriosos que têm existido. Qualquer que fosse o assumpto de que elle viesse a ter conhecimento no decurso de seus trabalhos, fazia logo desse assumpto o objecto de um estudo particular; e a historia de sua vida prova — o que aliás a experiencia ha confirmado em todos os tempos — que não são os homens mais notaveis pelo vigor da intelligencia e pela extensão das aptidões naturaes os que obtêm maiores resultados, mas sim aquelles que, no emprego das suas faculdades, usam da mais constante assiduidade, e sobretudo dessa habilidade methodica que só se adquire á força de trabalho, de applicação e de experiencia. No tempo de Watt havia incontestavelmente pessoas que se lhe avantajavam em conhecimentos, mas nenhuma trabalhava tão assiduamente como elle em engenhar meios de accomodar a usos praticos o que sabia. Watt distinguia-se sobretudo pelo seu ardor perseverante em pesquisar e penetrar os factos; e ninguém cultivou mais do que elle este habito de intelligente attenção, do qual, como o reconhecem todos os homens sensatos, dependem as mais altas qualidades do espirito. Edgworth até sustenta que a maior parte das grandes differenças de intelligencia que existem entre os homens provêm antes do cuidado com que se cultivou na mocidade este *habito de attenção*, do que de uma

grande desigualdade natural entre as faculdades de um individuo e as de outro.

Watt, logo em criança, achou a sciencia associada aos seus brincos. Os quadrantes que via na officina de carpinteiro de seu pai suggeriram-lhe a idéa de estudar optica e astronomia; o estado precario de sua saude o induziu a investigar os segredos da physiologia; e os seus passeios solitarios no campo lhe inspiraram o desejo de aprender a botanica, a historia e a archeologia. Quando já era fabricante de instrumentos de mathematica, encommendaram-lhe um dia a construcção de um orgão; e posto que elle não tivesse bom ouvido para a musica, decidiu-se a estudar harmonia, e logrou construir o instrumento. Da mesma sorte quando lhe deram para concertar o modelo da machina de vapor de Newcomen, modelo que pertencia á Universidade de Glasgow, pôz-se elle logo a estudar tudo quanto então se sabia ácerca do calor, da evaporação e da condensação; e, tendo, á força de muito trabalho, se occupado a um tempo com este estudo e com o da mechanica e o da construcção, chegou finalmente a consummar o invento admiravel da machina de vapor de condensação.

Mas não basta inventar. Conforme bem o disse sir Marcos Brunel « inventar não é o mesmo que pôr em pratica a invenção ». E pois quando Watt, ao cabo de longos e pacientes estudos, completou a sua machina, viu-se em lucta com uma difficuldade que já baldara os esforços de muitos outros inventores, que não poucas vezes tornara momentaneamente impossivel a applicação das suas descobertas, e até em alguns casos os obrigara a adiar a introduccão dellas na pratica ou a desistir completamente deste intento. Consistia a difficuldade em a machina projectada exceder de tal modo os recursos

mechanicos d'aquella época, que só a muito custo podia ser soffrivelmente construida. Quantas vezes, quando trabalhava na sua invenção em Glasgow não se vio Watt embaraçado e, por assim dizer, desacoroçado, em razão do desazo e da impericia dos seus obreiros! « Perguntaes-me, escreve elle ao dr. Roebuck, qual é o principal obstaculo que encontra a construcção das machinas? — é a mão de obra. Unicamente a mão de obra. Seu primeiro cylindro foi feito por um ferreiro com laminas de ferro batido soldadas umas ás outras; mas tendo o ferreiro empregado azougue, para tornar o cylindro impermeavel ao ar, despregaram-se e cahiram no interior da peça fragmentos d'aquelle metal que — fizeram o diabo a quatro com a solda. » Todavia apezar de ser o seu ferreiro um desazado, Watt não podia passar sem elle; e eis a razão por que o vemos tomar um tom lamentavel quando escreve ao dr. Roebuck: « O meu ferreiro morreu! » Bem se reconhece que no espirito de Watt, aquella perda era quasi irreparavel. O cylindro que elle empregou depois foi um cylindro fundido e brocado em Carron, mais tão desigual sahira, que só com muito trabalho podia ser empregado. Em vão se guarnecia o embolo de papel, de cortiça, de mastique, de papelão, de feltro velho, nunca foi possivel tornal-o impermeavel ao vapor. Mesmo depois de Watt se achar residindo em Birmingham, onde podia contar com o auxilio dos melhores operarios de Boutton, Smeaton, ao vêr funcionar a machina, exprimiu a opinião de que aquelle invento, a despeito da sua exceilencia, jámais viria a ser de uso geral, em razão da difficuldade que sempre se acharia em adaptar as suas diversas partes com a necessaria justeza. Durante muito tempo, vemos Watt em suas cartas queixar-se aos socios, e dizer-lhes que se as machinas

não são boas, é por ser a mão de obra horrivelmente ruim. Houve até casos de os cylindros, depois de fundidos, ficarem em uma extremidade um oitavo de pollegada mais largos do que na outra. Como poderiam taes machinas funcionar satisfactoriamente? Era porém impossivel obter-se cousa melhor. Não havia então operarios mechanicos de primeira ordem: a sua educação mal principiava; ainda não estava completa. Forçoso era pois recorrer ao trabalho manual; e os instrumentos empregados eram, por cumulo de infelicidade, summamente inferiores. Alguns tornos mechanicos, muito mal assentados, algumas toscas machinas de furar e de brocar, constituiam as principaes peças de uma officina. Tendo Brunel inventado as suas *polerias*, só muito tempo depois appareceram operarios capazes de as construir, e quando ellas se acharam finalmente construidas, não menos difficil foi achar operarios capazes de dirigil-as.

Watt levou dez annos a fazer combinações e experiencias, comquanto tivesse poucos motivos para esperar ser bem succedido, poucos amigos que o animassem, e antes lutasse de continuo com mil diversas difficuldades, ganhando apenas o stricto necessario para a sua subsistencia, apezar de trabalhar muito. Mesmo depois que conseguiu ter uma machina capaz de funcionar regularmente, viu-se elle tão longe de attingir a meta dos seus desejos, como a principio; porquanto não pode achar capitalista que quizesse ser seu socio e adiantar-lhe as sommas necessarias para a realisação de tão importante empreza. Continuou, pois, para ganhar o pão de sua familia, a fazer quadrantes, a vender e a concertar rabecas, flautas e toda a sorte de instrumentos de musica, a medir obras de alvenaria, a inspeccionar estradas, a dirigir construcções de canaes, em sunima, a

fazer tudo em que lhe parecia haver probabilidade de colher-se honrosamente algum lucro. Todavia, ao cabo de muito tempo, Watt achou um associado digno de si em outro eminente chefe de industria, de quem tornaremos a fallar d'aqui a pouco. Matheus Boutton, de Birmingham, homem energico, habil, previdente, o qual, com a tenacidade que costumava empregar em tudo, apprehendeu introduzir na pratica geral o uso da machina de vapor de condensação. O bom exito dos dous associados é hoje do dominio da historia.

VI

Dessa época em diante appareceram successivamente muitos obeiros eminentes, os quaes, por seu turno, tantos aperfeiçoamentos realisaram na machina de vapor, que a accommodaram a toda a sorte de usos industriaes; foi assim que ella começou bem depressa a servir para mover outras machinas, para dar impulso aos navios, para moer grãos, imprimir livros, cunhar moedas, bater, aplainar e tornear ferro, em uma palavra, para executar todos os trabalhos mechanicos que exigem uma força consideravel. A mais util de todas essas modificações foi a imaginada por um operario, o mineiro de Cornwallis Trevithch; porquanto, aperfeiçoada posteriormente pelo mechanico Jorge Stephenson, veio a ser a machina admiravel — a locomotiva de estrada de ferro — graças á qual se effectuam actualmente mudanças sociaes de incalculavel importancia, mudanças que, por sua influencia nos progressos da civilisação, excedem de todo o ponto tudo quanto se podia esperar da machina de condensação de Watt.

Um dos maiores resultados da invenção de Watt foi o estabelecimento das manufacturas de algodão ; graças a esta nova applicação do portentoso invento, um manancial de força quasi illimitada ficou desde logo á disposição das classes que se dedicam á industria. O inventor, cujo nome se identifica mais intimamente com a fundação deste grande ramo de industria, é incontestavelmente sir Ricardo Arkwright, homem mais notavel talvez pela energia e sagacidade com que se houve na pratica dos negocios, do que pelas suas faculdades inventivas. Sua originalidade como inventor foi contestada, da mesma maneira que a de Watt e a de Stephenson. Arkwright se achou provavelmente, em relação á machina de fiar, na mesma posição em que se achara Watt em relação á machina de vapor e Stephenson em relação á locomotiva ; isto é, reuniu os fios esparsos da invenção e fez com elles um tecido que, em suas mãos e segundo os seus desenhos, se tornou em um modelo tão novo quão original. Posto que Paulo Lewis, filho de um protestante francez refugiado em Londres, houvesse obtido privilegio, trinta annos antes de Arkwright, para fição por meio de cylindros, as machinas que elle conseguira construir eram tão imperfeitas em suas diversas peças que não se podia empregar-as utilmente ; e pois a invenção naufragou de todo na pratica. Outro obreiro obscuro, um fabricante de pentes, estabelecido em Leigh, e chamado Thomaz Highs, inventou, segundo se diz, um tear hydraulico e uma *mull-jenny* ; mas o mesmo motivo impossibilitou o bom exito destas invenções.

O facto de uma mesma idéa surgir a um tempo em muitos espiritos tem principalmente logar quando a industria. para satisfazer as exigencias do publico, invoca o auxilio dos inventores ; isto plenamente se comprova

com a historia da machina de vapor, com a do candieiro de segurança, com a do telegrapho electrico e as de muitas outras descobertas. Demais, parece que as intelligencias engenhosas, de tão absorvidas que ficam na invenção, se tornam inhabeis para a dar á luz. Cerecem do auxilio de um espirito superior, de um homem não só dotado de sciencia, senão tambem de experiencia, o qual emfim se apresenta, toma sobre si a idéa que ellas andam ruminando, tira-as á luz, e dá-lhe realidade, vida e segurança de prospero desenvolvimento, Então, entre os inventores desbancados, levanta-se grande clamor, e é assim que vemos homens como Watt, Stephenson e Arkwright serem obrigados a defender a sua reputação e os seus direitos contra concurrentes que consideravam os seus triumphos como culpas imperdoaveis.

VII

Ricardo Arkwright, como a maior parte dos grandes mechanicos, sahira das infimas regiões da sociedade. Nascera elle em Preston, no Lancashire, em 1732. Seus pais, que viviam na miseria, tinham tido treze filhos, dos quaes era Ricardo o mais moço. Ricardo nunca frequentou escola alguma; a unica educação que teve foi a que poudé obter á custa de seus proprios esforços; e até ao ultimo dia de sua vida foi-lhe sempre impossivel escrever com desembaraço. Em rapazinho aprendeu o officio de barbeiro, e tendo-se estabelecido por sua conta, em 1760, em Bolton, em uma adega que dava para a rua, pôz este letreiro por cima da porta: *O barbeiro subterraneo barbêa por dous soldos*. Os outros barbeiros, para não perderem de todo os freguezes que logo come-

çaram a deixal-os, determinaram-se a abaixar tambem os seus preços, fazendo barbas por dous soldos; mas Arkwright não se quiz dar por vencido, e tomou uma resolução energica, que annunciou nestes termos; *Aqui barbêa-se com toda a perfeição, por um soldo.* Ao cabo de alguns annos deixou o officio de barbeiro para negociar em cabellos. Era no tempo em que se andava de cabelleira, e o fabrico dellas constituiam um ramo importante da arte de cabelleireiro. Arkwright começou, pois, a viajar para comprar cabellos e a visitar as feiras do Lancashire, onde se alugavam criados, afim de comprar as compridas traças da raparigas que alli se apresentassem; dizem que elle foi muito feliz neste genero de negocio. Vendia tambem uma tintura para o cabello, que elle mesmo applicava com extrema habilidade, de sorte que chegou a fazer um commercio bastante lucrativo. Como tinha inclinação para a mechanica, consagra a maior parte de suas horas vagas á construcção de modelos de machinas, e, como outros que deveram a sua educação aos seus proprios esforços e manifestaram as mesmas tendencias, buscou resolver o problema do moto-continuo. Todavia, deu-se ás suas experiencias com tal ardor que descuidou-se dos seus negocios, perdeu o pouco dinheiro que puzera de parte e cahiu na miseria. Sua mulher — pois era elle casado — não podendo tolerar por mais tempo o que lhe parecia um desperdicio de trabalho e de dinheiro, lançou-se, em um momento de furor, sobre os modelos e os despedaçou, esperando destruir assim a causa primaria das privações da familia. Mas Arkwright, que era tão pertinaz quão entusiasta, resentiu-se profundamente do comportamento da mulher, a quem nunca perdoou aquella violencia, e de quem se separou immediatamente.

Percorrendo as diversas cidades de seu paiz, travára elle conhecimento com um individuo chamado Kay, relojoeiro estabelecido em Warrington, que o ajudára a construir certas peças da sua machina de moto-contínuo. Julgam alguns que foi Kay quem suggeriu a Arkwright a idéa da fição por machina. Como quer que fosse, esta idéa se apoderou do seu espirito, e elle tratou activamente de descobrir meios de pô-la em execução, visto não poder contar para tal fim com auxilio algum da parte de Kay. Arkwright deixou desde então o commercio de cabellos e se dedicou exclusivamente ao aperfeiçoamento da sua machina da qual expôz um modelo construido por Kay, sob sua direcção, na sala da escola publica de Preston. Como era burguez da cidade votou, na eleição, vivamente disputada, do general Burgoyne; mas tamanha era a sua pobreza que achava-se coberto de andrajos, e alguns de seus concidadãos tiveram de fazer uma subscrição afim de elle poder apresentar-se decentemente vestido quando fosse lévar o seu voto á urna. A exposição d'aquella machina em uma cidade onde tantos operarios viviam do exercicio de uma profissão manual era um tentamen realmente perigoso. Ouviam-se de quando em quando surdos rumores de máo agouro e Arkwright, que se lembrava da sorte da machina de fiar de Hargreaves, a qual não havia muito fôra despedaçada pela plebe em Blackburn, tomou prudentemente a resolução de retirar-se, e de transportar os seus penates e o seu modelo para uma localidade menos perigosa. Foi para Nottingham, e alli pediu um auxilio pecuniario a alguns, banqueiros da cidade, que effectivamente lhe emprestaram uma certa somma de dinheiro com a condição de ser garantida a cada um delles uma certa parte dos lucros da invenção.

Todavia, não tendo a machina chegado tão depressa como elles esperavam ao grão de perfeição desejado, recommendaram a Arkwright que se dirigisse aos srs. Strutt e Need. O primeiro destes dous senhores era o inventor engenhoso e privilegiado do tear de meias. Reconheceu elle immediatamente todo o valor da invenção de Arkwright, e uma escriptura de sociedade foi firmada pelos dous; graças a essa associação, Arkwright viu emfim abrir-se diante de si a senda da fortuna. A patente, obida em 1769, trazia o nome de — Ricordo Arkwright, de Nottingham, relojoeiro — e é digno de notar-se que n'aquella mesma data (1769) obteve Watt privilegio para a sua machina de vapor. Uma fabrica de fiar algodão, cuja machina era movida por cavallos, foi estabelecida em Nottingham, e, pouco depois, estabeleceu-se outra, mas em maior escala, em Cromford, no Derbyshire. Nesta ultima, o movimento era communicado ás machinas por uma roda hydraulica, e d'aqui provém o nome de tear hydraulico, (*watter frame*) dado em inglez á machina de fiar.

Todavia, os trabalhos de Arkwright, para bem dizer, mal haviam começado. As diversas peças na sua machina ainda exigiam aperfeiçoamentos importantes; e, com effeito, tantas modificações, tantos melhoramentos successivos foram nella realisados pelo inventor, que afinal logrou este mudal-a em uma machina de uso tão facil quão proveitoso. O bom exito, porém, só se firmou mediante longos e patientes trabalhos. Houve até occasiões em que os especuladores bem poderiam ter-se mostrado desanimados e desgostosos, em razão do nenhum lucro de um negocio que absorvia um capital consideravel. A empreza veio, finalmente, a dar garantia de prospero desenvolvimento; mas então os manufactureiros do Lan-

cashire se mancommunaram para despojar Arkwright do seu privilegio, assim como os mineiros de Cornouailles se tinham conspirado contra Boulton e Watt para privar os das vantagens da sua machina de vapor. Chegaram até a assoalhar que Arkwright era inimigo dos operarios, e uma officina que elle mandára construir perto de Chorley foi destruida, a despeito da presença da tropa de linha e da pouca, por magotes de povo amotinado. Os negociantes de Lancashire rejeitaram primeiro os seus productos, bem que estes fossem geralmente reconhecidos como superiores a tudo quanto se havia feito até então. Depois não quizeram comprar-lhe o privilegio para se servirem das suas machinas, e se colligaram no intuito de esmagal-o perante os tribunaes. A despeito da opinião dos homens justos, a despeito do profundo desgosto que lhes inspirava aquelle ignobil procedimento, o privilegio de Arkwright foi annullado; mas, comquanto tivesse sido derrotado, não se deu elle por vencido. Pelo contrario, estabeleceu grandes fabricas de fiar em outros districtos de Lancashire, no Derbyshire, e em New Lamark, na Escossia. A fabrica de Cromford passou tambem a pertencer-lhe exclusivamente, quando expirou o prazo do seu contracto de sociedade com Strutt, e a quantidade e excellencia dos seus productos eram taes que, dentro em pouco, tornou-se elle o primaz desta industria, sendo os preços regulados pelos seus, e vendo-se todos os donos de fabricas obrigados a seguil-o e a imital-o nas suas operações principaes.

Arkwright era um trabalhador infatigavel; havia-se sempre nos seus negocios com uma energia, um ardor e uma applicação verdadeiramente maravilhosos. Em certa época de sua vida, os trabalhos arduos e continuos que reclamavam o estabelecimento e a direcção das suas

numerosas fabricas o traziam occupado desde as quatro horas da madrugada até ás nove da noite. Na idade de cincoenta annos começou a estudar grammatica, e a aperfeiçoar-se na escripta e na orthographia. Desde que os seus recursos lh'o permittiram, nunca mais viajou senão em carro puxado a quatro, com o unico fim de ir depressa e não perder tempo. Arkwright (deveremos felicitar-nos ou affligir-nos por isso?) foi o fundador em Inglaterra do systema das manufacturas modernas, e é incontestavel que, tanto para os individuos, como para a nação, este systema ha sido a origem de immensas riquezas.

Nem todos os inventores por mui habeis que sejam, podem pôr-se á testa da industria como Arkwright. Com effeito, não raros são os que, no tocante á administração, se mostram pouco aptos, porquanto a pratica dos negocios exige qualidades particulares: o talento de organizar o trabalho de um grande numero de homens, a promptidão em adoptar medidas efficazes nas circumstancias imprevistas, a perspicacia no manejo dos interesses praticos da vida. Watt, por exemplo, aborrecia o acotovellamento perpetuo e o contacto incessante com toda a qualidade de gente, aos quaes têm forçosamente de sujeitar-se os que dirigem grandes operações industriaes. Declarava a quem o queria ouvir que acharia mais gosto em tomar de assalto uma bateria do que em ajustar uma conta ou em concluir uma transacção; e tudo induz a crêr que elle não houvera colhido lucro algum da sua portentosa invenção, nem conseguido livral-a dos repetidos ataques dos salteadores industriaes que o perseguiram em Cornouailles, em Londres e no Lancashire, se não tivesse tido a fortuna de associar-se,

n'aquella grande crise da sua carreira, ao illustre Mathews Bulton, pae de *Birmingham*.

VIII

Boulton, com qualidades igualmente recommendaveis no seu genero, differia essencialmente de Watt. O principio da sua carreira fôra sobremodo humilde; havia elle sido primeiramente simples fabricante de botões em Birmingham. Com Boulton, como com muitos outros, deu-se o caso de não ser o homem elevado pela profissão elevada pelo homem. Recebera elle da natureza dotes preciosos, e cuidou sériamente de cultivá-los. Possuia no mais alto gráo o genio dos negocios, isto é, uma intelligencia aguda, um juizo solido e uma maravilhosa presteza em executar as medidas que o seu juizo approvava. Era tambem quasi sempre, se não sempre, bem succedido no que emprehendia; porquanto, por muito arrojadas que fossem as suas emprezas, eram ellas uniformemente dirigidas pela prudencia. Não seria Boulton, de certo, que tentaria metter uma cunha pela parte mais grossa. Tinha elle uma penetração admiravel, avivada pela experiencia, e graças á qual podia com segurança decidir quando e como lhe era util emprehender qualquer operação. Dirigia affoutamente os seus negocios, mas nunca se deixava arrastar por elles; e a rectidão e integridade pessoas de que usava nas suas occupações quotidianas eram taes, que, fosse em que posição fosse, lhe houveram grangeado uma reputação digna de inveja. Emfim, posto que prosperasse e se tornasse riquissimo, como merecia, pôde-se dizer delle,

com verdade, que em toda a sua immensa fortuna não havia uma unica moeda que *cheirasse mal*.

Boulton não era só homem de negocio : era tambem um adepto illustrado das sciencias, um fautor generoso das artes, um fervoroso admirador da litteratura. Mas o fim principal de sua vida, seu trabalho predilecto, foi fazer adoptar a machina de Watt, e conseguir, conforme a idéa que concebêra, que ella viesse a ser a grande força motriz da industria ingleza. Quão sublime não é o ingenuo e nobre orgulho com que elle dizia a Boswell : « Vendo aqui, senhor, o que todos desejam ter... *força, força!* » — Boulton, diz Boswell, trazia empregados uns setecentos operarios : contemplava eu nelle, por assim dizer, o chefe dos homens do ferro, mas elle parecia ser ao mesmo tempo o pae da sua tribu. » A sra. Schimmel Penninck descreve-o como um homem de maneiras nobres, francas e cordiaes, e cuja munificencia se assemelhava á de um rei. « Quando Boulton passava pelo meio dos seus operarios, diz ella, parecia um monarcha liberalisando graças. » E elle era um verdadeiro nobre, um capitão de industria. Cada um dos degrãos por onde subiu á sua eminente posição, foi o premio de um honroso labor, de um intrepido esforço. E pois, não ha inveja que prevaleça contra um tal homem ; antes colhe elle com segurança louvores, recompensas e bençãos. Quando Boulton morreu, todos os seus operarios o acompanharam á ultima morada, e talvez não houvesse um só entre todos elles que conservasse enxutos os olhos.

IX

A historia de Jacquard tambem mostra, com tanta evidencia como a que acabámos de referir, a influencia que os homens de genio podem exercer no desenvolvimento da producção social. Este admiravel artesano era filho de uma familia laboriosa de Lyão : seu pai exercia o officio de tecelão, e sua mãe levantava debuxos em uma fabrica de seda. Eram ambos muito pobres para poderem dar a seu filho uma educação completa, e pois apenas aprendeu elle a lêr. Quando chegou o tempo de lhe escolherem um officio, puzeram-o como aprendiz em casa de um encadernador. Um velho empregado do fisco, que ajudava o mestre de Jacquard a fazer a escripturação do seu negocio, deu-lhe algumas lições e patenteou-lhe assim novos horisontes. O menino mostrou bem depressa notavel inclinação para as mathematicas, e algumas de suas invenções maravillharam tanto o velho empregado que este deu ao pai de Jacquard o conselho de escolher para seu filho uma profissão em que os seus talentos naturaes pudessem desenvolver-se mais livremente. Puzeram-o, pois, como aprendiz na officina de cutileiro, mas como o mestre o tratava mal, Jacquard deixou-o, e foi empregar-se na officina de um fundidor de typos.

Por morte de seus pais, viu-se Jacquard obrigado a continuar os trabalhos de tecelaria do chefe de sua familia e logo tratou de aperfeiçoar os seus teares; mas as suas invenções lhe absorveram por tal modo todas as faculdades, que elle se esqueceu de trabalhar e achou-se bem depressa sem dinheiro algum. Vendeu então os seus teares para pagar o que devia, e isto justamente

no momento em que, tendo-se casado, contrahia a grave responsabilidade de chefe de sua familia. Ficou naturalmente ainda mais pobre, e, para contentar os seus credores, viu-se na dura necessidade de vender sua casa. Buscou por muito tempo emprego sem o achar, porque todos o consideravam como um vadio, que só servia para andar excogitando invenções impossiveis. / Todavia, passado muito tempo, sempre conseguiu ser admittido em uma fabrica de linhas de pescar, da Bresse, e para alli partiu, deixando sua mulher em Lyão, onde ella ganhava precariamente a sua vida fazendo chapéos de palha.

Passaram-se alguns annos, durante os quaes não se soube ao certo o que fôra feito de Jacquard; mas parece que elle poude consagrar as suas horas vagas aos aperfeiçoamentos que queria realizar no seu tear de estirar, afim de adaptal-o ao fabrico de brocados superiores aos que até então se faziam; porquanto, em 1790, apresentou o seu apparelho para separar os fios do cordume, e esse apparelho, tendo sido applicado ao tear, tornou desnecessario o serviço de puxador de laçadas.

A adopção desta machina foi lenta, sim, mas progressiva: de sorte que, dez annos depois da sua introducção, o numero dellas já subia a 4,000 sómente em Lyão.

Os trabalhos de Jacquard foram violentamente interrompidos pela revolução; e eis a razão por que, em 1793, vemol-o combatendo nas fileiras dos voluntarios lyonezes contra o exercito da Convenção, commandado por Dubois Crancé. Tomada a cidade, Jacquard fugiu e foi assentar praça no exercito do Rheno, no qual obteve o posto de sargento. Talvez houvesse sido sua intenção seguir a carreira das armas; mas, tendo visto seu filho unico morrer a seu lado em um combate, desertou e

voltou para Lyão, onde tratou de procurar sua mulher. Descobriu-a, com effeito, em umas aguas-furtadas, onde continuava a fazer chapéos de palha. Emquanto vivia escondido em companhia della, pôz-se naturalmente a meditar nas invenções com que tanto se occupara o seu espirito durante os annos anteriores á revolução. Jacquard bem vontade tinha de fazer experiencias; mas carecia de tudo, e até se viu dentro em pouco obrigado a sahir do seu esconderijo afim de procurar trabalho. Teve a felicidade de ser contractado por um intelligente manufactureiro, e, ao passo que trabalhava de dia, continuou a inventar de noite. Estava elle convencido de que se podiam fazer importantes melhoramentos nos teares de brocados, e fallou um dia, de passagem, a este respeito com seu patrão, a quem ao mesmo tempo confessou o pezar que tinha de lhe faltarem os meios para pôr em pratica as suas idéas. Felizmente para Jacquard, o manufactureiro reconheceu o valor dos seus projectos, e, com louvavel generosidade, pôz á sua disposição o dinheiro sufficiente para que elle pudesse, nas horas vagas, executar os aperfeiçoamentos que ideára.

D'alli a tres mezes, já Jacquard havia inventado um tear que tinha por fim fazer executar mechanicamente grande parte do trabalho mais fastidioso e cançativo do operario. Este tear, tendo figurado na exposição da industria nacional em Pariz, no anno de 1801, foi premiado com uma medalha de bronze. Jacquard teve além disto a honra de receber em Lyão a visita do ministro Carnot, que quiz dar-lhe em pessoa os parabens pelo bom exito da sua invenção. No anno seguinte, a Sociedade das Artes, de Londres, offereceu um premio para a invenção de uma machina de fazer rêdes de pes-

car e as trincheiras de navio. Jacquard ouviu fallar nisso, e um dia, passeando no campo como costumava, tanto meditou no assumpto que conseguiu elaborar o plano, segundo o qual podia ser construida a machina pedida. O manufactureiro, seu amigo, ministrou-lhe outra vez os meios de pôr em pratica as suas idéas, e ao cabo de tres mezes completava Jacquard a sua invencão.

Tendo-se espalhado o boato desta façanha, o prefeito do departamento mandou chamar Jacquard, e, á vista das minuciosas explicações que o inventor deu ácerca de sua machina, redigiu-se um relatorio especial, que foi por aquella autoridade remettido ao imperador. Jacquard, convidado a ir a Pariz com a sua machina, foi apresentado ao imperador, o qual recebeu o grande artesano com a consideração que sempre se dava pressa em testemunhar ao genio. A entrevista durou duas horas, durante as quaes Jacquard, perdendo o acanhamento á vista da affabilidade do imperador, explicou minuciosamente os aperfeiçoamentos que pretendia realisar nos teares de tecer; e o resultado de tudo isto foi a illustre mechanico obter, não só uma pensão que lhe garianta sufficientes meios de subsistencia, senão tambem agazalho nos aposentos do Conservatorio das Artes e Officios, cujas officinas e salas de modelos foram postos á sua disposição por todo o tempo que elle devia demorar-se em Pariz.

Assim que se achou hospedado no Conservatorio Jacquard pôz-se a trabalhar diligentemente nos aperfeiçoamentos que pretendia realisar no tear de tecer. Teve elle a vantagem de poder examinar minuciosamente as diversas obras de mechanica que se acham n'aquella grande collecção de thesouros do genio do homem. Entre as machinas que attrahiram sua attenção e lhe revelaram

a senda que elle devia definitivamente trilhar, distinguia-se o *moinho de organzinar* do cerebro Vaucanson, constructor de automatos.

Vaucanson era um homem que possuia no mais alto gráo o genio da construcção. A faculdade de inventar era nelle uma paixão irresistivel, contra a qual não havia obstaculos que prevalecessem. O adagio que diz que — só são poetas os que nascem fadados para sel-o, tambem se applica com igual fundamento aos inventores, os quaes, bem que possam, da mesma sorte que os poetas, dever muito á educação e ás circumstancias favoraveis, nem por isso deixam de ceder á necessidade de satisfazer o seu proprio instincto, levando de continuo a inventar e a combinar novas construcções mechanicas. Isto succedeu particularmente com Vaucanson, cujos trabalhos mais complicados são antes notaveis pelo seu curioso character de engenhosa imaginação, do que pela sua utilidade.

Em criança costumava elle ir, quasi todos os domingos, com sua mãe visitar um velho amigo de sua familia; e, durante a conversa, divertia-se observando por uma fresta do tabique o machinismo de um relógio que se achava no aposento contiguo. Envidou todos os seus esforços para comprehender como funcionavam aquellas diversas peças, e, tendo cogitado muito neste assumpto, chegou finalmente a descobrir o principio do escapamento. Desde então, dominou-o completamente a paixão das invenções mechanicas. Dispondo apenas de alguns toscos instrumentos de sua invenção, conseguiu fazer primeiro um relógio de páo que marcava horas com notavel exacção, e depois, para um oratorio, anjos que agitavam as azas, e padres que executavam certos movimentos proprios das cerimoniaes religiosas. Para poder

construir alguns outros automatós que havia imaginado, poz-se a estudar anatomia, musica e mechanica, e gastou alguns annos nestes estudos.

À vista da estatua do *flautista*, no jardim das Tulherias, lhe inspirou a resolução de inventar uma estatua semelhante, mas que tocasse; e ao cabo de alguns annos consagrados, a despeito de sua má saude, ao estudo e ao trabalho, conseguiu realisar o seu projecto. Depois disso, construiu um *tocador de flageolet*, e, passado algum tempo, um *ganso* — a mais engenhosa de suas invenções — o qual nadava, remechia a agua com o bico, bebia e grasnava como um verdadeiro ganso. Inventou depois um *aspide*, do qual se serviram na representação da tragedia *Cleopatra*, e que silvava e lançava-se ao seio da actriz, qual verdadeira serpente.

Entre as invenções deste genero, pertencentes àquella época, havia tambem o *pavão mechanico*, de Degennes, e o *magico*, de Maillardet. Estas singulares e engenhosas construcções, posto que tivessem principalmente por fim divertir e maravilhar os espectadores, foram não obstante mais uteis do que pareciam. Graças a ellas, os bons operarios se acostumaram a executar as partes mais delicadas das suas obras com uma justeza e perfeição até então desconhecidas. As combinações mechanicas, que a principio só haviam servido para fazer patinhar o ganso ou para armar o magico da sua varinha maravilhosa, não levaram muito a ser empregadas na construcção de obras infinitamente mais importantes; e viu-se bem depressa reaparecerem no mecanismo prodigioso dos tornos automotores, dos teares de tecer e das machinas de vapor, as mesmas rodas e os mesmos piões que nos automatós de Vaucanson não podiam ser percebidos em razão da sua extrema delicadeza e exiguidade.

Vaucanson, porém, não se limitou a construir automatos. O cardeal Fleury, vendo quão engenhoso elle era em suas invenções, nomeou-o inspector das manufacturas de seda; e tão depressa Vaucanson começou a exercer o seu emprego como logo cedeu ao seu irreprimivel instincto, e tratou de effectuar melhoramentos nas machinas empregadas no fabrico dos tecidos de seda. Uma das machinas de sua invenção foi o *moinho de organzinar*, o qual encheu de tamanho furor os operarios, receiosos de se verem privados de seu emprego por aquella nova machina, que apedrejaram Vaucanson e quasi o mataram. Isto, porém, não o impediu de continuar a inventar; e tanto assim que, pouco tempo depois, construiu um tear para tecer sedas lavradas, ao qual adaptara uma machina accessoria, destinada a preparar a seda de tal modo, que o fio de cada fuso ou negalho ficava exactamente com a mesma grossura em toda a sua extensão.

Quando Vaucanson morreu, em 1782, depois de longa enfermidade, legou á rainha a sua collecção de machinas. Mas ella não deu provavelmente grande importancia áquelle legado, porquanto a collecção bem depressa desapareceu. Felizmente, a machina de tecer estofos ornados de flôres foi preciosamente guardada no Conservatorio de Artes e Officios, onde Jacquard a achou entre o grande numero de objectos curiosos e interessantes que contém aquella collecção. Essa machina lhe foi sumamente util, porquanto suggeriu-lhe a idéa da modificação principal que elle devia effectuar no seu tear aperfeiçoado.

Uma das peças mais notaveis da machina de Vaucanson era um cylindro semeado de furos, o qual conforme os furos que apresentava gyrando, regulava o movi-

mento de certas agulhas e apartava os fios do ordume, formando desta maneira qualquer desenho que não fosse muito complicado. Jacquard aproveitou-se avidamente d'aquella idéa, e, como verdadeiro inventor de genio, tratou logo de aperfeiçoal-a. Ao cabo de um mez a sua machina de tecer estava concluida. Ao cylindro de Vaucanson, ajuntára elle uma interminavel tira de papelão, toda coberta de furos, atravez dos quaes os fios do ordume erão apresentados ao tecelão, ao passo que outra peça do machinismo indicava a côr da lançadeira que elle devia empregar. Assim ficavam a um tempo supprimidos a levantadora de debuxos e o puxador de laçadas. Logo que se achou prompto o seu tear, Jacquard teceu nelle alguns metros de rico estofa que apresentou à imperatriz Josephina, Napoleão, satisfeitissimo com aquelle resultado, mandou fazer, pelos mais habéis operarios, alguns teares segundo o modelo do de Jacquard, e lh'os deu de presente; depois disto Jacquard voltou para Lyão.

Alli experimentou a sorte que muitas vezes cabe aos inventores. Foi recebido como um inimigo pelos habitantes da sua cidade natal, e tratado por elles como Kay, Hargreaves e Arkwright o haviam sido no Lancashire. Os operarios acreditaram que o novo tear ia prejudical-os nos seus interesses, e até mesmo tirar-lhes o pão da bocca. Em uma reunião tumultuosa que teve logar na praça dos Terreaux, decidiu-se que fossem destruidas as machinas de Jacquard, e tel-o-hiam sido, com effeito, se não se houvesse intervindo a força armada. Jacquard foi denunciado como o inimigo do povo e enforcado em estatua. A junta dos peritos, que tentou, mas em vão, apaziguar os animos, foi tambem denunciada; e os peritos que, pela maior parte, haviam sido operarios sympa-

thisavam com elle, arrastados pelo movimento popular, toleraram que um dos teares de Jacquard fosse tomado e despedaçado em publico. Seguiram-se outros motins, e em um delles foi Jacquard a muito custo arrancado das mãos da multidão furiosa que o arrastava ao longo do cáes, decidida a afogal-o no rio.

Todavia, o immenso valor do tear por elle inventado não podia ser posto em duvida, e o seu triumpho só dependia do tempo. Neste entrementes, alguns fabricantes inglezes instaram com Jacquard para que fosse estabelecer-se em Inglaterra; mas, apezar de ter sido tratado pelos sens concidadãos tão indigna quão cruelmente, cedeu elle á voz do seu ardente patriotismo que o inhibia de aceitar um tal offerecimento. Os fabricantes inglezes, porém, adoptaram o seu tear, e foi então... sómente então, que os lyonezes, vendo-se em risco de serem desapossados da suá industria por meio da perda da invenção do homem de genio que elles perseguiam, a adoptaram por seu turno. Ao cabo de um periodo de tempo relativamente curtissimo, a machina de Jacquard já era empregada no fabrico de quasi toda a especie de tecidos, e os resultados provavam quão chimericos haviam sido os receios dos operarios. O tear de Jacquard, em vez de diminuir o trabalho, decuplou-o. O numero dos operarios empregados no fabrico das sedas lavradas, em Lião, subiu, segundo o Sr. Leão Faucher, a 60,000 em 1833, e desde então aquelle numero tem augmentado consideravelmente.

Quanto ao proprio Jacquard, d'aquella época em diante viveu elle mui tranquillo. Os operarios que no seu ignaro furor o haviam arrastado ao longo do cáes para afogal-o no rio, mostraram-se, no seu reconhecimento, enthusiasmicamente dispostos a carregal-o em triumpho ao longo

d'aquelle mesmo caminho, afim de celebrarem o seu natalicio; mas Jacquard, modesto como era, não podia consentir em taes demonstrações. Algum tempo depois, o conselho municipal de Lyão, afim de poder contar com os serviços de tão util cidadão, propôz-lhe que consagrasse a maior parte de seu tempo ao aperfeiçoamento da sua machina, para que a cidade pudesse auferir todas as vantagens que della devessem resultar; e Jacquard consentiu nisto de boamente, mediante uma modica pensão, cuja importancia foi por elle proprio fixada. Quando completou sessenta annos, retirou-se para Oulins, logar onde nascêra seu pai e onde elle queria acabar seus dias. Alli recebeu, em 1820, a condecoração da Legião de Honra, e alli morreu e foi sepultado em 1834. A cidade de Lyão pagou-lhe o devido tributo de gratidão erigindo-lhe uma estatua, mas seus parentes foram esquecidos e ficaram na pobreza! Vinte annos depois da sua morte, suas sobrinhas viram-se na necessidade de vender por algumas mesquinhas centenas de francos a medalha de ouro que lhe fôra conferida por Luiz XVIII.

X

Fôra facil alongar este martyrologio dos inventores, e mencionar aqui os nomes de um grande numero de homens eminentes que contribuíram afficazmente para o progresso industrial da nossa época. Limitar-nos-hemos a citar dous: Philippe de Girard, inventor da machina de fiar linho, e Josué Heilmann, que inventou a machina de cardar algodão. Arago, com admiravel energia de estylo, descreveu o primeiro como um « *marechal da industria morto na brecha* » Nasceu elle em 1775, em

Lourmarin, no departamento de Vaucluse. Sua familia, diz o seu biographo, o Sr. Triqueti, era « a providencia visivel da aldeia onde residia ». Seu pai, homem de excellente juizo, dirigia com o maior cuidado a educaçao de seus filhos, o mais moço dos quaes, Philippe, era dotado de admiravel intelligencia e de aptidões tão diversas, que podia consagrar-se alternativamente ao estudo da mechanica, da poesia, da pintura e de muitas outras sciencias e artes. É até bem possivel que esta extraordinaria variedade de aptidões fosse a causa da versatilidade que mais tarde o condemnou a ser tão mal succedido nas suas empresas. Seu maior prazer era inventar; e até se diz que quando elle esteve na escola de Montpellier, tanto reflectiu no movimento incessante das ondas, que, parecendo-lhe haver grande vantagem em provocal-o, inventou uma machina muito engenhosa para utilizar aquelle immenso reservatorio de força sem emprego : nessa época Girard tinha apenas quatorze annos de idade.

Durante a sua estada em Montpellier, começou o estudo de medicina, mas bem depressa o deixou para se dedicar ao desenho e á esculptura. Quando rebentou a revolução, Philippe, para não ser obrigado a assentar praça, emigrou, com seus dous irmãos, para Mahon, na ilha Minorca, onde se demoraram algum tempo, vivendo do seu trabalho. O joven Girard soube utilizar-se da sua habilidade como desenhista, e pintou com feliz exito alguns retratos e paesagens. Ao cabo de certo tempo, os irmãos Girard foram para Liorne, onde Philippe, recorrendo desta vez aos seus conhecimentos chimicos, se applicou com vantagem ao fabrico de sabonetes. Dessa época em diante, pôde-se dizer que elle se dedicou indefessamente á applicação das sciencias e á industria. Mas

a sua versatilidade o impedia de consagrar-se exclusivamente a um trabalho, fosse este qual fosse; tanto assim que ao passo que fabricava sabonetes, ainda achou tempo para inventar uma machina destinada a reduzir estatuas e outras para lavar pedras de cantaria.

Tendo-se moderado um pouco a effervescencia revolucionaria, Girard voltou para a França e se estabeleceu em Marselha, onde montou uma fabrica de productos chimicos. Tinha elle então 20 annos apenas. Todavia novas discordias civis o obrigaram a sahir de Marselha e a refugiar-se em Niza. Achando-se justamente vaga nesta cidade a cadeira de professor de chimica, Girard logo se apresentou como candidato com outros competidores; mas apezar de ter-se reconhecido a superioridade de suas habilitações, deixou elle de ser escolhido por não ter a idade legal. Sob o governo do consulado, achando-se a ordem social quasi restaurada, Philippe tornou a Marselha, e alli fez um curso de chimica que lhe grangeou muita fama. Seguiu depois para Pariz, que offerecia um campo mais vasto aos seus grandes talentos, e foi alli que realisou as importantes invenções com as quaes se acha identificado o seu nome. Apresentou algumas dessas invenções na exposição da industria franceza, em 1806, e, entre outras, um oculo de vêr ao longe em que o crystal (*fintglass*) era substituido por um liquido, latas envernizadas e ornadas de um modo inteiramente novo, e os candieiros hydrostaticos, que depois se tornaram de uso tão geral. Girard tambem consagrou a sua attenção aos melhoramentos de que era susceptivel a machina de vapor, e tão bem succedido foi neste particular, que, em 1809, a sociedade auxiliadora da industria nacional lhe conferia uma medalha de ouro por uma machina que elle construiu observando certas condições

préviamente determinadas. Mas posto que Girard tivesse obtido o premio e grangeado assim uma certa reputação, nem por isso se lhe mostrou a fortuna mais propicia do que até alli.

As invenções erão realmente suas, mas erão os outros que punham em pratica as suas invenções; e bem que o seu genio fosse reconhecido, conservava-se elle sempre comparativamente pobre.

Na primavera de 1810, depois de seis annos de incessante trabalho, os irmãos Girard voltaram á casa paterna, em Lourmarin, afim de se refocillarem um pouco. Uma manhã, na occasião em que se achavam á mesa almoçando, o pae de Girard, desdobrando o *Monitor* de 12 de Maio de 1810, leu o decreto imperial que promettia « um milhão ao inventor, nacional ou estrangeiro, de uma machina propria para fiar linho. » O ancião passou logo o jornal a seu filho, dizendo-lhe : « Philippe, isto se entende contigo. » O convite assim feito ao genio inventivo da França e do mundo foi para Philippe um estimulo a que elle cedeu, pondo-se immediatamente a estudar o problema que lhe era proposto. Ao cabo de um dia e de uma noite consagrados ao estudo, desceu do seu quarto, pela manhã, para almoçar, e, abraçando seu pae, disse-lhe tranquillamente : « Meu pae, o milhão é nosso. »

A invenção de uma tal machina era nessa época da maior importancia para a França. O linho constituia um dos seus principaes productos; e como então não se podia, por causa da guerra com a Inglaterra, importar algodão em quantidade sufficiente, Napoleão desejava com vivo ardor que se pudesse adaptar á fiação do linho machinas semelhantes ás que os inglezes empregavam tão vantajosamente na fiação do algodão. Philippe de

Girard foi o unico que acudiu á voz do imperador. Não careceu elle de muito tempo para construir e aperfeiçoar uma machina modelo que fosse a representação exacta das suas ideas; e no dia 18 de Julho de 1810 obteve a sua primeira patente. Os amigos de Girard hão sustentado que a sua machina preenchia todas as condições exigidas, que elle inventara e aperfeiçoara um methodo inteiramente novo de fiar linho, e que tinha por conseguinte todo o direito á recompensa promettida pelo imperador. Fosse como fosse, o que é certo é que não lhe foi concedida a recompensa.

Os irmãos Girard lembraram-se então de utilizar por sua propria conta a invenção, e em 1812 estabeleceram em Pariz, na rua Meslay, a primeira fabrica de fiar linho. Pouco tempo depois estabeleceram outra na rua de Charonne, e estas duas fabricas trabalhavam prosperamente quando os desastres de Napoleão, em 1814, vieram determinar de subito a quasi completa ruina dos interesses manufactureiros da França. Os credores de Philippe metteram-o na prisão; mas o seu invencivel instincto de inventor nada perdera da sua força, porquanto, no momento em que os exercitos estrangeiros marchavam sobre Pariz, ainda elle se occupava em inventar armas a vapor capazes de expellir sessenta balas por minuto. Todavia, sua invenção veio tarde; e até é duvidoso, á vista do tentamen feito subseqüentemente em Londres, por Perkins, que uma machina de tal genero pudesse ter a menor utilidade pratica.

Em 1815, Girard aperfeiçoou de novo a sua machina de fiar linho, e offereceu outra vez a sua invenção ao governo, mas este offerecimento foi rejeitado. Convidado pelo imperador d'Austria a ir fundar em Vienna uma fabrica de fiar (estabelecimento imperial), Philippe para

alli seguiu, levando assim para um paiz estrangeiro a invenção que o seu proprio paiz desdenhara. E o mais singular é que, justamente no momento em que o governo austriaco reconhecia o valioso prestimo das machinas de Girard, uma commissão franceza as condemnava e proscrescia-as, affirmando que ellas estragavam o linho e produziam um fio defeituoso, e chegando mesmo a declarar que os modelos dessas machinas não mereciam um logar no Conservatorio das Artes e Officios (1). Entretanto, Girard fundava o grande estabelecimento de Hirtemberg, na Austria; e, ao passo que dirigia os trabalhos d'aquella manufactura, continuava a occupar-se em diversas invenções, a mais importante das quaes é a caldeira tubular, que se applicou pela primeira vez a um barco de vapor, no Danubio, e que depois, sob diversas fórmas e com diversos aperfeiçoamentos, foi universalmente adoptada.

Da Austria, Girard foi para a Polonia, onde esteve dez

(1) Todavia, a machina de Girard acha-se hoje no museu do Conservatorio. O Sr. Triqueti, na interessante noticia que publicou a respeito de Girard nos *Obreiros segundo Deus e as suas obras* (Pariz 1864), accusa os manufactureiros inglezes de haverem roubado a Girard a sua invenção e de terem obtido, com o emprego della, fortunas consideraveis. Mas ha nisto um erro; pois que já antes de 1810, data de invenção de Girard, o linho era cardado e fiado mechanicamente em Inglaterra, e são os mesmos methodos de então, muitissimo aperfeiçoados, é certo, que ainda hoje estão em uso. A machina de cardar linho foi inventada em Leeds, em 1809, por Matheus Murray, a quem, por tal motivo, conferiu a Sociedade das Artes nesse mesmo anno uma medalha de ouro. Expondo estes factos, não temos em mente pôr sequer de leve em duvida o merecimento de Girard, cuja invenção parece ter sido completamente original; mas quem examinar o modelo depositado no museu do Conservatorio, logo reconhecerá que não ha a menor semelhança entre a invenção de Girard e a de Murray, que foi a primeira em data.

annos ao serviço da Russia, como engenheiro, em chefe das minas. Não contente com desempenhar os deveres de tão importante cargo, estabeleceu, a instancias do governo, manufacturas de linho em um sitio ao qual se deu, para perpetuar a sua memoria, o nome de *Girardow*. Esta honra, porém, foi uma honra esteril; porquanto, posto que Philippe não cessasse de trabalhar e de inventar, viveu sempre pobre. Onde quer que se achasse, tanto em França como no exilio, a fortuna lhe era pertinazmente adversa; e elle chegou ao fim da sua laboriosa carreira da mesma fórma que a havia começado, isto é, tendo por sua unica companheira a pobreza. Depois de vinte annos de ausencia, velho e cansado, Philippe de Girard voltou á França para alli morrer, e, em 1845, na idade de setenta annos, deixou tranquillamente esta vida, sem ter tido, por fim de contas, a consolação de receber de seu paiz a recompensa que elle constantemente sustentara caber-lhe de direito pela sua invenção da machina de fiar.

XI

Josué Heilmann, o inventor da machina de cardar, nasceu em 1796 em Mulhouse, centro principal das manufacturas de algodão da Alsacia. Seu pai era empregado nesta industria, e quando Josué completou quinze annos admittiu-o como extranumerario no seu proprio escriptorio, onde elle trabalhou dois annos, consagrando além disso ao desenho linear a maior parte do tempo de que podia dispôr. Heilmann foi depois passar outros dois annos em Pariz, na casa bancaria de um tio seu e alli aproveitou as tardes para estudar mathematicas. Tendo

alguns de seus parentes formado o projecto de estabelecer em Mulhouse uma manufactura de algodão em pequena escala, Heilmann foi para a casa Tissot e Rey, de Pariz, afim de se iniciar no modo por que aquella casa commercial manejava os seus negocios. Ao mesmo tempo matriculou-se como estudante no Conservatorio das Artes e Officios, assistiu ás aulas, estudou as machinas no museu, e aprendeu o officio de torneiro com um fabricante de brinquedos de crianças. Depois de ter assim adquirido vastos conhecimentos e grande habilidade como mechanico, voltou para a Alsacia, onde dirigiu a construcção das machinas para a manufactura do Velho Tann, cujas officinas foram abertas no anno de 1819. Todavia, os trabalhos da manufactura soffreram sérios transtornos em razão da crise commercial que se deu n'aquella época, e, tendo a manufactura passado a outro proprietario, Heilmann foi ter com sua familia em Mulhouse.

Josué, nas horas que os seus trabalhos lhe deixavam livres, occupava-se constantemente em invenções, cogitando mais particularmente das que tinham por fim a tecedura do algodão e o seu preparo para a fição. Achando-se de volta em Mulhouse, occorreu-lhe inventar uma machina de bordar, na qual vinte agulhas deviam ser empregadas ao mesmo tempo na execução do bordado; e ao cabo de seis mezes conseguiu realisar o seu intento. Esta invenção, que elle apresentou na exposição de 1834, obteve uma medalha de ouro, e o seu autor foi condecorado com a Legião de Honra. Assim animado, Heilmann recommçou a trabalhar com dobrado ardor e inventou successivamente um tear aperfeiçoado, uma machina de medir e dobrar estofos, um aperfeiçoamento do banco de fusos dos fiandeiros inglezes, uma machina

de enrolar a trança, e diversos outros aperfeiçoamentos das machinas que servem para preparar, fiar e tecer seda e algodão. Uma de suas mais engenhosas invenções foi o tear para tecer ao mesmo tempo duas peças de veludo ou de qualquer outro estoffo felpudo, unidas pela felpa commum a ambas, e que um apparelho mobil, guarnecido de uma lamina afiada, separa quando ellas se acham tecidas. Mas de todas as suas invenções, nenhuma é tão bella e engenhosa como a machina de cardar, da qual vamos dar uma breve noticia.

Heilmann excogitava, havia alguns annos, a construcção de uma machina de cardar algodão de *longa seda*. A que se achava então em uso prestava-se muito mal á fiação, e especialmente á preparação dos fios mais finos sem fallar no grande desperdicio de materia que ella causava. Reconhecendo estas imperfeições, os fiandeiros de algodão da Alsacia haviam offerecido a recompensa de 5.000 francos a quem inventasse uma machina de cardar aperfeiçoada, e Heilmann concorreu com outros mechanicos para obter aquelle premio. Não o estimulava o méro desejo de ganhar a somma promettida — pois que se achava relativamente rico, em razão de sua mulher lhe ter trazido uma fortuna consideravel; cedia elle, sim, ao irreprimivel instincto do inventor que tão depressa se lhe propõe um problema, como logo trata de resolvel-o, custe o que lhe custar. N'aquelle caso, porém, o problema era muito mais difficil do que o julgara a principio o inventor. Heilmann levou alguns annos a estudar attentamente o assumpto e fez tamanhas despezas que a fortuna de sua mulher se achou dentro em pouco dissipada; ficou elle assim reduzido á pobreza antes de haver levado ao cabo a sua invenção, e d'aquella época em diante viu-se na dura necessidade de esperar dos

seus amigos os soccorros de que carecia para continuar os seus trabalhos.

Assim luctava Heilmann com a pobreza e as difficuldades da invenção, quando sua mulher morreu, convencida de que elle se achava irrevogavelmente arruinado. Pouco tempo depois, foi Josué para Inglaterra, e se estabeleceu em Munchester, onde continuou a trabalhar na sua machina. Mandou fazer um modelo della, expressamente para si, pelos habeis fabricantes de machinas, Sharpe, Roberts e C. ; mas o modelo não correspondia á sua idéa, e isto muito o desgostou e affigio. Voltou elle á França para visitar sua familia, nunca cessando, estivesse onde estivesse, de cogitar na solução do problema que tinha sempre em mente como uma idéa fixa. Uma noite, achando-se assentado junto do fogão, meditava Heilmann no triste destino dos inventores e na miseria que muitas vezes acabrunha suas familias, quando de repente poz-se a observar, quasi sem consciencia do que fazia, mas com toda attenção, suas filhas que se penteavam, e como ellas, com rapidez e sem a menor difficuldade, faziam correr o pente ao longo do comprido cabello. « Se eu pudesse, disse elle consigo mesmo, imitar com exito em uma machina aquella maneira de puxar para diante o cabello comprido e de deitar para traz o curto pela acção inversa do pente, veria de certo coroados os meus esforços (1). »

Esta idéa, que Heilmann logo tratou de pôr em pratica, conduziu-o á invenção da machina de cardar, cujo tra-

(1) Este facto da vida de Heilmann serviu de assumpto ao Sr. Elmore, membro da Academia real de pintura de Inglaterra, para um bello quadro que figurou na exposição de pintura da Academia, em Londres, no anno de 1863.

balho é mui simples na apparencia, mas na realidade complicadissimo. Depois de longas e repetidas experiencias, conseguiu elle aperfeiçoar a sua machina tanto quanto era possivel. A belleza singular do methodo de Heilmann só pode ser bem apreciada por quem ha visto a machina funcionar, e admirado a pasmosa semelhança que ha entre o movimento por ella executado e a acção feminil que suggeriu a sua invenção. O Sr. Hagwshaw, presidente da sociedade dos engenheiros civis de Inglaterra, diz, descrevendo esta machina, que ella « funciona com uma delicadeza de tacto quasi comparavel á dos dedos humanos ». Carda ella o negalho de algodão em *ambas as extremidades*, dispõe as fibras de maneira que ficam todas exactamente parallelas, separa as curtas das compridas, reúne estas em uma só fita, e aquellas em outra fita egualmente distincta, emfim, funciona não só com a delicadeza do tacto dos dedos humanos, senão tambem, apparentemente, com a delicadeza da intelligencia do espirito humano.

O grande valor commercial desta invenção consistia em ella permittir o emprego do algodão de qualidade inferior no fabrico de fios finos. Os manufactureiros, graças ao novo methodo, puderam escolher as fibras mais bellas para os tecidos caros, e produzir fios finissimos em muito maior quantidade. Tornou-se possivel com essa machina fabricar-se fio tão fino, que se tiravam facilmente *quinhentos mil metros* de linha de *uma libra* de algodão devidamente preparado; e esta libra de algodão, que talvez houvesse custado primitivamente *um franco*, pode, assim fiada, e empregada no fabrico de rendas de primeira qualidade, adquirir, antes de ser entregue aos consumidores, um valor de 8,000 a 10,000 fr.

A belleza e importancia da invenção de Heilmann

foram para logo devidamente apreciadas pelos fiandeiros inglezes. Seis casas de Lancashire se associaram afim de comprarem-lhe a sua patente para a Inglaterra sómente, e por ella lhe deram 750,000 francos. Os fiandeiros de là deram-lhe egual somma pelo privilegio de servirem-se da sua machina na fiação de lã; e os Srs. Mashall, de Leeds, pagaram-lhe 500,000 francos pelo privilegio de applicarem á fiação de linho. Heilmann achou-se rico de repente; mas elle não devia gozar as suas riquezas. Apenas viu os seus longos trabalhos tão plenamente coroados de bom exito, partiu-se desta vida; e seu filho, que fôra seu socio no lidar e nas privações, bem pouco lhe sobreviveu.

É por meio do sacrificio de existencias tão preciosas que se realisam as maravilhas da civilisação.

CAPITULO QUARTO

EFFICACIA DA APPLICAÇÃO NAS SCIENCAS E NAS LETRAS

A occasião ainda tem algum cabello na parte anterior da cabeça ; por detraz é inteiramente calva. Se lhe deitardes a mão ao topete, talvez logreis agarral-a ; mas se a deixardes escapar, nem o proprio Jupiter a apanharia.

Traduzido do latim.

Ide avançando sempre e a fê vos virá
alentar ! D'ALEMBERT.

I

É pelos meios mais simples e pelo exercicio das qualidades mais vulgares que se obtêm no mundo os maiores resultados. A vida commum, com suas necessidades, seus deveres, seus cuidados de cada dia, offerece a todos numerosas occasiões de adquirirem a mais preciosa experiencia, e, ainda mesmo nas veredas mais frequentadas, o homem verdadeiramente laborioso acha sempre vasto campo para muitos esforços e progressos,

O augmento de que é susceptivel a prosperidade humana, só se pôde realisar seguindo-se a velha estrada da applicação e do bom comportamento ; e lançando-se a vista por este caminho, reconhecer-se-ha que os mais

esplendidos triumphos cabem sempre aos que dão prova de maior constancia e de mais sincero amor ao trabalho.

Até mesmo nos mais altos ramos da actividade humana, as qualidades mais vulgares, taes como o senso commum, a attenção, a applicação, a perseverança, são invariavelmente as mais uteis. Em rigor, póde-se passar sem genio ; mas o proprio genio, por maior que seja, não póde desdenhar a cooperação daquellas qualidades communs. Os grandes homens são justamente os que menos confiam no poder sobrenatural do genio, os que não crêm na possibilidade de dispensar-se aquella sabedoria vulgar e aquella connexão nas idéas, sem as quaes, ainda mesmo nas cousas insignificantes, não se consegue o bom exito. Alguns delles até definem assim o genio : « o bom senso elevado ao mais alto gráo de força ». Um preceptor distincto, reitor de um collegio, dizia que o genio nada mais era do que o poder de fazer esforços. João Foster o considera como a faculdade de cada qual elevar-se ao nivel do assumpto de que trata. Emfim Buffon disse que « o genio é a paciencia. »

Newton era, incontestavelmente, um espirito de primeira ordem, e não obstante perguntando-lhe alguém um dia como conseguira fazer as suas descobertas, respondeu modestamente : « Pensando sempre no que queria descobrir. » Em outra occasião, descreveu assim a sua maneira de trabalhar : « Não perco de vista o meu assumpto, e espero que os primeiros vislumbres augmentem pouco a pouco até se mudarem em luz intensa e esplendida. » Foi sómente, e sempre tem sido assim, á força de applicação e de perseverança que Newton se tornou tão afamado. Sua unica distracção consistia em variar os trabalhos a que se consagrava, isto é, em deixar momentaneamente um assumpto para estudar

outro. « Se tive a fortuna de prestar alguns serviços, disse elle um dia ao Dr. Bentley, devo attribuir o meu bom exito tão sómente á paciencia e á perseverança de que sempre usei nas minhas pesquisas. » Outro illustre philosopho, Kepler, tambem dizia, fallando dos seus estudos e dos seus progressos : « Eu poderia applicar a mim mesmo a descripção que Virgilio fez da fama — *Fama nobilitate viget, vires acquirit eundo* (1); porquanto, offerecendo-me cada reflexão ensejo para novas reflexões, venho afinal a me applicar ao meu assumpto com toda a energia de que é capaz o meu espirito. »

Os resultados extraordinarios, obtidos simplesmente á força de applicação e perseverança, hão sido tantos, que não poucos espiritos eminentes têm chegado a capacitar-se de que o genio bem longe está de ser um dom tão excepcional como geralmente se suppõe. Voltaire, entre outros, acreditava que apenas ha uma estreita separação entre o homem de genio e o homem de intelligencia ordinaria. Beccaria ia mais longe : era sua opinião que todos os homens poderiam ser poetas e oradores; e Reynolds, que todos poderiam ser pintores e esculptores. Se assim fosse na realidade, teriamos de reconhecer que não houve effectivamente grande disparate da parte do inglez simplorio que quando Canova morreu perguntou ao irmão do grande artista « se não tencionava pôr-se á testa da officina. » Locke, Helvecio e Diderot acreditavam que todos os homens podem vir a ser homens de genio, e que tudo quanto estes realisam, sob a influencia das leis fundamentaes que regem a marcha da intelligencia humana, seria egualmente realisado pelos outros,

(1) A Fama vigora com a mobilidade e ganha forças caminhando.

se, nas mesmas circumstancias, se applicassem da mesma maneira aos mesmos trabalhos. Todavia, com quanto reconhecamos plenamente a prodigiosa efficacia do trabalho, e o facto incontestavel de os maiores genios terem sido tambem os mais infatigaveis trabalhadores, nem por isso é menos evidente que sem as felizes disposições de que os dotara a natureza, nenhum labor, por mais bem dirigido que fosse, houvera produzido um Shakespeare, um Newton, um Beethoven ou um Miguel Angelo.

II

Se consultarmos de passagem a biographia dos grandes homens, logo nos convenceremos da verdade deste facto que, os mais distinctos entre os inventores, os artistas, os pintores, em uma palavra, entre os trabalhadores de toda a sorte deveram em grande parte os seus triumphos á sua infatigavel actividade. Nas mãos de taes homens tudo se muda em ouro... até mesmo o tempo. Disraeli Senior affirmava que todo o segredo do bom exito consiste em cada qual penetrar-se bem do seu assumpto, o que, em todo o caso, exige um estudo e applicação continuos. O certo é que vemos provirem os progressos do mundo, não de homens de genio, rigorosamente fallando, senão de homens dotados de vigorosas capacidades vulgares, de trabalhadores cuja perseverança e confiança em si mesmos resistem aos mais penosos trabalhos, ás mais desanimadoras contrariedades, de homens que talvez não sejam nimiamente distinctos por capacidades naturaes transcendentas, mas que se applicam á sua obra, seja ella qual fôr, com um ardor que nenhuma dif-

ficuldade pôde entibiar. Uma pobre viuva, fallando de seu espirituoso e voluvel filho, costumava dizer : « É pena que elle não tenha o dom da perseverança ». Com effeito, estas naturezas inconstantes, que não se dedicam a cousa algum com assiduidade e firmeza de proposito, são sempre desbancadas, não só pelos homens diligentes, mas até mesmo pelos lerdos. Tem muita razão o proverbio italiano : *Che va piano, va longano, e va sano*. Já é, pois, um principio da maior importancia conseguirmos disciplinar bem a nossa aptidão para o trabalho. Depois disto, a luta é comparativamente facil. Mas, não nos cançaremos de repetil-o, a facilidade só se adquire com o habito de trabalho; e, sem insistirmos neste facto, que a mais simples das artes não pôde ser cultivada sem trabalho, de quantas e quantas difficuldades não vem por fim a zombar quem a elle se soccore?! Graças a uma disciplina precoce e a exercicios constantemente repetidos, foi que o celebre Roberto Peel cultivou os talentos notaveis, bem que naturalmente mediocres, por meio dos quaes veiu a occupar tão eminente posição no parlamento inglez. Desde a mais tenra idade foi-lhe forçoso, para fazer a vontade a seu pai, habituar-se a fallar de pé, á mesa e perante as visitas, sem preparação alguma. Seu pai fel-o tambem adquirir bem cedo o habito de repetir, aos domingos, todos os topicos mais importantes do sermão que elle ouvira na igreja. A principio, como bem se pôde avaliar, foi mui pouco satisfactorio o resultado dos seus esforços; mas, graças á perseverança e ao habito, chegou o menino a adquirir uma tal força de attenção, de tal modo se lhe vigorou a memoria, que afinal já repetia os sermões por inteiro, sem omitir uma unica palavra. Quando posteriormente, no parlamento, viu-se Peel mostrar na arte de refutar

um por um os argumentos de cada um de seus adversarios uma habilidade que, parece-nos, nunca foi igualada, ninguém presumia, de certo, que extraordinaria força de attenção e de presença de espirito que elle ostentava em taes occasiões era devida ao cuidado com que outr'ora seu pai, na igreja parochial de Drayton, lhe cultivara e disciplinara aquellas preciosas faculdades.

O que a applicação aturada pôde effectuar, até mesmo nas cousas mais communs, parece na verdade maravilhoso. Estamos tão habituados a ouvir tocar rabeca, que naturalmente julgamos ser aquillo cousa mui simples; todavia, quão longos e laboriosos estudos não exige aquella arte! A um moço que lhe perguntava quanto tempo teria de gastar para aprender a tocar rabeca, Giardini respondeu: « Doze horas diariamente, no espaço de vinte annos ». Dizem que a pratica e a musica fazem dansar os proprios ursos. Pois a coitada da bailarina não tem de consagrar á sua tarefa ingrata annos e annos de aturado labor, antes de lhe ser dado brilhar na scena? Quando a Taglioni se preparava para representar de noite, a lição de duas horas que dava seu pai, prostrava-a de tal maneira, que elle perdia os sentidos e cahia qual estatua inerte, sendo preciso despil-a sem a menor consciencia da sua parte, fazer-lhe repetidas fricções e, por assim dizer, resuscital-a. Eis de que modo adquiria ella a pasmosa agilidade de saltos com que de noite arrancava aos espectadores tão estrepitosos applausos. Na enormidade dos estudos e dos exercicios preparatorios a que se submettem estes *artistas*, ha muito com que envergonhar aquelles que, seguindo mais nobres profissões, não se dão ao menor trabalho para se livrarem da indolencia e da preguiça. Metade de uma tal applicação, convenientemente dirigida, bastaria, fosse em

que carreira fosse, para garantir o bom exito e conduzir á distincção.

III

Todavia, o verdadeiro progresso só se prefaz lentamente; os grandes resultados não se obtêm de prestes; e devemos nos contentar com avançar na vida da mesma maneira que caminhamos, isto é, passo a passo. « *Saber esperar*, diz de Maistre, *é o grande segredo do bom exito.* » Com effeito, deve-se semear para um dia se poder colher, e muitas vezes é forçoso aguardar por muito tempo a colheita, e viver, emquanto ella não chega, de paciencia e esperanza: o fructo mais appetecivel é o que mais lentamente amadurece. Mas, conforme diz o proverbio oriental, — com tempo e paciencia, a folha da amoreira se muda em setim.

Consagrar toda a sua attenção ao objecto do seus esforços e não se queixar do trabalho que elle lhe custa, eis o que constitue o character distinctivo do trabalhador consciencioso. Os homens mais eminentes não são os que desdenham as miudezas, mas os que, pelo contrario, empregam maior cuidado e esmero em lhe dar a ultima demão. Miguel Angelo, na sua officina, explicava um dia a uma visita o que fizera em uma estatua que anteriormente lhe havia mostrado. — Retoquei esta parte, poli aquella, suavisei este contorno, dei mais saliencia áquelle musculo, avivei a expressão dos labios e realcei o vigor deste membro. — Isto são miudezas, ponderou a visita. — É verdade, replicou o escultor; mas não esqueças de que as miudezas constituem a perfeição, e que a perfeição bem longe está de ser uma miudeza. Dizem tambem que o pintor Nicoláo Poussin tinha como

regra que « quem se dá ao trabalho de fazer uma cousa, deve igualmente dar-se ao trabalho de se esmerar quando a fizer. » Conta-se que, nos ultimos annos de sua vida, perguntando-lhe Vigneul de Marville, seu amigo, como elle conseguira ganhar tamanha fama entre os pintores na Italia, o artista respondera carregando nas palavras : « Não desdenhando cousa alguma. »

Posto que certas descobertas sejam, segundo se diz, devidas ao acaso, quem se dêr ao trabalho de vêr como ellas se effectuaram, reconhecerá que na realidade o acaso mui pouco contribuiu para taes conquistas do engenho humano. Com effeito, os chamados acasos nada mais hão sido no maior numero de vezes do que occasiões de que o genio soube aproveitar-se. A quéda da maçã de Newton tem sido muito a miudo citada como argumento demonstrativo do character fortuito de certas descobertas; mas o que prova isso? Havia já alguns annos que Newton se applicava, com todo o esforço de que era capaz o seu espirito, ao paciente e laborioso estudo do problema da gravitação, e a quéda daquella maçã foi um facto em que elle viu o que só um homem de genio podia vêr : esse facto, aliás bem pouco extraordinario, não foi a causa, mas simplesmente a occasião da sublime descoberta que de subito se revelou aos olhos do sabio. O mesmo que se póde dizer a respeito das bolhas de sabão que suggeriram ao Dr. Young a sua bella theoria das *interferencias*. Aquellas nugas tão lindamente coloridas, que até então só eram consideradas como um divertimento de crianças, levaram-o á grande descoberta de *diffracção da luz*. Já se vê pois que, não obstante os grandes homens, segundo a opinião popular, só costumarem dar attenção ás grandes cousas, tambem sabem melhor que ninguem aproveitar-se das peque-

nas, como o prova superabundantemente o exemplo de Newton e de Young, os quaes descobriram o que nenhum outra havia ainda descoberto, a significação e o alcance de factos tão simples e familiares como a quêda de uma maçã e a colorisação das bolhas de sabão.

IV

A differença entre os homens consiste pois, em grande parte, na intelligencia das suas observações. Um proverbio dos russos diz que « o máo observador é capaz de atravessar uma floresta sem nella descobrir lenha para o fogo ». — O sabio, diz Salomão, tem os seus olhos na frente; mas o insano caminha nas trévas. — « Senhor, disse um dia Johnson a um pedante recém-chegado da Italia; ha pessoas que acharão mais occasiões de se instruirem indo de Londres a Hampstead (1), do que outras percorrendo toda a Europa. » Com effeito, o espirito vê, e não menos lucidamente do que os olhos, onde o observador desattento nada nota, o homem dotado de vista intelligente penetra de prestes os phenomenos que se lhe deparam; observa attentamente as suas diversidades, compara-os uns com os outros, e chega assim a descobrir a causa que os determina. Muita gente, antes de Gallileu, havia visto um peso suspenso oscillar compassadamente; mas Gallileu foi o primeiro que penetrou a causa deste facto. Tendo um dos maceiros da cathedral de Pisa, ao deitar azeite nas lampadas, deixado uma dellas a balançar-se, Gallileu, que então contava apenas dezoito annos de idade, pôz-se a observar aquelle facto

(1) Hampstead faz hoje parte de Londres.

attentamente e concebeu a idéa de servir-se delle para medir o tempo. Todavia, só ao cabo de cincoenta annos de trabalho e de estudo foi-lhe dado completar a invenção do seu pendulo, invenção cuja importancia, sob o ponto de vista da medida do tempo e dos calculos astronomicos, é realmente incalculavel. Ainda mais, tendo Gallileu sabido por acaso que um certo Lippershey, hollandez e fabricante de oculos, offerecera ao conde Mauricio de Nassau um instrumento por meio do qual os objectos distantes pareciam approximar-se do espectador, tratou logo de pesquisar a causa deste phenomeno, e veiu finalmente a inventar o telescopio, graças ao qual se tornaram possiveis uma infinidade de importantes descobertas astronomicas. Nenhum observador negligente, nenhum ouvinte simplesmente passivo lograria, por mais que o ajudasse o acaso, fazer tão transcendententes descobertas.

Na época em que o capitão Brown (chamado depois sir Samuel) se occupava em estudar construcções de pontes, afim de collocar-se economicamente uma sobre o Tweed, perto do qual ficava a sua habitação, viu elle no seu jardim, quando alli passeiava em uma manhã de outono, uma teia de aranha coberta de orvalho e estendida de um lado a outro por cima do caminho. Occorreu-lhe logo a idéa de que se poderia construir da mesma maneira uma ponte de arame ou de correntes de ferro, e o resultado daquella observação foi o seu invento das pontes pensis. A mesma cousa se deu com Jayme Watt, o qual, tendo sido consultado sobre o meio de conduzir-se a agua por baixo do Clyde, rio cujo leito é muito desigual, sentiu despertar-se a sua attenção á vista da casca de uma lagosta que lhe serviram á mesa, e immediatamente inventou, guiando-se por aquelle modelo,

um tubo de ferro que, convenientemente collocado, preencheu cabalmente o fim que se tivera em vista. Foi com o vermesinho que roe a madeira dos navios (*teredo navalis*) que sir Isambert Brune aprendeu a arte de rasgar *tunneis* : viu elle como aquella infima creatura, com a sua cabeça bem armada, perfurava a madeira, ora em uma direcção, ora em outra, ate concluir o passadiço, cobrindo depois a abobada e os lados com uma especie de verniz; e foi imitando este methodo em grande escala que Brunel conseguiu prefazer esse prodigio da arte do engenheiro, o *tunnel* do Tamisa.

O olho intelligente no observador attento da um valor incrivel aos phenomenos mais insignificantes na apparencia. A vista de uns fragmentos de vegetaes que boiavam perto de seu navio foi quanto bastou para Colombo conter a maruja disposta a sublevar-se, desesperada com aquella longa navegação que parecia interminavel; conteve-a, convencendo-a de que com effeito o novo mundo, objecto dos desejos de todos, não estava longe. Não ha cousa pequenina de que não valha a pena lembrarmos; não ha nenhuma, por mais indifferente que pareça, da qual não possamos colher alguma utilidade, uma vez que a interpretemos com cuidado. Quem ja mais imaginaria que os *famosos penhascos brancos* das costas de Albion foram construidos por insectos microscopicos da mesma ordem dos que semearam de ilhas de coral o oceano? E quem, depois de haver comparado estes resultados extraordinarios com as operações por assim dizer insensiveis que os produziram, ousaria por em duvida o poder dos infinitamente pequenos?

V

A observação attenta das pequenas cousas é verdadeiramente o segredo do bom exito nos negocios, nas artes, nas sciencias, em summa, em todas as carreiras. Os conhecimentos humanos nada mais são do que uma collecção de pequenos factos, de migalhas de saber e de experiencia penosamente recolhidas pelas gerações successivas, e que, amontoando-se e superpondo-se umas ás outras por espaço de seculos, chegaram com o andar do tempo a formar uma immensa pyramide. Posto que alguns desses factos e dessas observações a principio parecessem ser de mui pouca importancia, todos afinal vieram a ter emprego e casa apropriada no taboleiro dos conhecimentos humanos. Uma infinidade de pesquisas, apparentemente destituidas do menor interesse actual serviram de base a theorias ou a methodos que posteriormente deram resultados da mais evidente utilidade pratica. No caso das secções conicas, descobertas por Apollonio de Perga, vinte seculos se passaram primeiro que ellas servissem de base á sciencia da astronomia, que ajuda o navegante moderno a percorrer desassombrado mares desconhecidos, porquanto lhe traçara no céo o caminho seguro que o conduz ao porto. Se os mathematicos não houvessem trabalhado tanto — e, na opinião de observadores menos instruidos, com bem pouca utilidade, na apparencia — para descobrir as relações abstractas das linhas e das superficies, é mais que provavel que a maior parte das nossas invenções mechanicas nunca teria sahido á luz.

Quando Franklin descobrio a identidade do raio e da electricidade, escarneceram da sua descoberta, e per-

guntaram-lhe para que servia aquillo. Mas os escarnecedores se haviam com quem lhes podia rebater as pequinhas, e que de prestes lhes retorquiui : « Para que póde servir uma criança? — para vir a ser um homem, provavelmente ! » Da mesma sorte, quando Galvani descobriu que as pernas das rãs se contrahiam ao contacto de laminas de metaes differentes introduzidas entre um musculo e um nervo, quem teria presumido que de um facto tão insignificante na apparencia deveriam provir resultados importantissimos? Havia não obstante naquella descoberta o germen do telegrapho electrico, que hoje liga os continentes, estabelecendo entre elles communicações tão promptas quão certas e parecendo destinado a cingir, em bem proximo futuro, todo o globo com a sua rêde. Assim tambem alguns fragmentos de rochas e de fosseis extrahidos da terra e intelligentemente estudados foram a origem da geologia e da industria mineral, que emprega immensos capitaes e uma infinidade de braços.

VI

A arte de aproveitar as occasiões e de utilizar até mesmo os casos fortuitos é uma grande arte, é uma arte que de ordinario garante o bom exito. Os que têm a firme resolução de sahir-se bem do que empreendem, acham sempre occasiões azadas para a realisação dos seus projectos; e quando as occasiões não se apresentam, elles mesmos as suscitam. Mas os que mais hão feito pela sciencia e pela arte não são os que tiveram a vantagem de estudar nos collegios, nos museus e galerias publicas; e nem é das escolas de adultos que têm sahido

os artistas mais illustres e os mais afamados inventores : a necessidade, mais a muido do que a abastança, ha sido a mãi da invenção; e a escola pratica por excellencia é a do infortunio.

Alguns dos melhores operarios tiveram muitas vezes de trabalhar com instrumentos de qualidade muito inferior; mas não são os instrumentos que fazem o operario; elle nada será se lhe faltar habilidade e perseverança. É até proverbial que o máo obreiro nunca acha instrumento que lhe sirva. Perguntaram um dia a Opie de que meio maravilhoso se servia para misturar as côres : « Misturo-as com o meu cerebro », respondeu o pintor. Assim deve proceder todo o operario que quizer abalisar-se. Ferguson fez cousas maravilhosas — entre outras, um relógio de páo que marcava exactamente as horas — com um simples canivete, instrumento que todos têm á mão. Verdade seja que nem todos se podem comparar com Ferguson. Uma terrina cheia d'agua e dois thermometros foram os instrumentos de que o chímico Black se serviu para descobrir o calor latente; e um prisma, uma lente e uma folha de papelão bastaram para ajudar Newton a revelar ao mundo a composição da luz e a origem das côres. Um sabio estrangeiro, tendo ido visitar o Dr. Wollaston, pediu a este que lhe mostrasse o laboratorio onde a sciencia fôra enriquecida com tão preciosas descobertas. O doutor o conduziu a um quartinho, e mostrando-lhe sobre uma mesa uma velha bandeija, dentro da qual se achavam alguns vidros de relógio, papeis reactivos, uma balançasinha e um maçarico : « Eis aqui, disse, o meu laboratorio : nunca tive outro ».

Stothart aprendeu a arte de combinar as côres estudando minuciosamente as azas das borboletas, e costu-

mava dizer que só elle proprio podia saber quão uteis lhe haviam sido aquelles insectosinhos. O portão de uma granja e um pedaço de carvão serviram a Wilkie de tēla e de lapis. Bewick exercitou-se a principio na arte de desenho, cobrindo de esboços feitos a giz as paredes das cabanas da sua aldēa; e Benjamin West, para ter os seus primeiros pinceis, viu-se na necessidade de cortar a cauda a um gato. Por outra parte, foi deitando-se de noite nos campos, embrulhado em um cobertor, que Ferguson, por meio de um fio guarnecido de contas de rosario e convenientemente estendido entre seus olhos e as estrellas, conseguiu desenhar um mappa celeste. Franklin, quando roubou pela primeira vez o raio (1) ás nuvens pejudas de electricidade, serviu-se de um papagaio feito de um lenço estendido sobre duas varinhas dispostas em cruz. Watt fez o primeiro modelo da sua machina de vapor de condensação com uma velha seringa de anatomista, cujo uso ordinario era o de injectar as arterias dos cadaveres antes da dissecção. Gifford, quando aprendiz de sapateiro, fez os calculos do seu primeiro problema de mathematicas em pedacinhos de couro batidos a martello; e Rittenhouse, o astronomico, escreveu a principio os seus calculos de eclipses na rabiça do seu arado.

Assim, para quem quer aperfeiçoar-se, ha milhares de suggestões e de ensejos, até mesmo nas occupações mais ordinarias : importa, porém, saber aproveitá-las. O professor Lee, por exemplo, quando ainda era official de

(2) Turgot, em uma ode latina consagrada á memoria de Franklin e que foi traduzida por Philinto Elysio, diz : « *Eripuit cœlo fulmen, sceptrumque tyrannis*, arrebatou o raio ao céu e o sceptro aos tyrannos. » É bem sabido que Franklin foi um dos patriarchas da independencia anglo-americana. (*Nota do Traductor*).

carpinteiro, tomou a resolução de estudar o hebraico; ao vêr, em uma synagoga aonde fôra concertar uns bancos, uma Biblia impressa em lingua hebraica. Sentio elle o ardente desejo de lêr o livro no original, e tendo comprado uma grammatica já velha, poz-se a estudar com affinco e logrou aprender sósinho aquella lingua. Conforme dizia Edmundo Stone ao duque d'Argyle, que lhe perguntava um dia como elle, sendo um pobre ajudante de jardineiro, conseguira habilitar-se para lêr os *Principios* de Newton em latim — quem conhece as letras do alphabeto... e tem vontade, facilmente aprende tudo quanto quer. » Com effeito, nada ha que se não possa conseguir, uma vez que se empregue a devida attenção e perseverança, e se trate constantemente de aproveitar as occasiões.

VII

Walter Scott achava em toda a parte occasião para se instruir, e até sabia aproveitar-se dos desastres. Assim, por exemplo, foi no exercicio do seu emprego de amanuense que elle penetrou nas Highlands, e travou, com os heróes de 1745 que sobreviviam, relações que lhe foram de muito proveito para a composição de um grande numero de suas mais interessantes obras. Passados tempos, sendo elle quartel-mestre de cavallaria ligeira em Edimburgo, viu-se condemnado á inacção em consequencia de um couce que levou de um cavallo. Mas, como inimigo formal da preguiça, em vez de deixar-se ficar ociosamente no seu quarto, pôz-se logo a escrever e em tres dias compôz o primeiro canto do *Soláo do ultimo menestrel* : esta foi a primeira das suas grandes obras originaes.

A visinhança de uma fabrica de cerveja foi a circumstancia fortuita que determinou o sabio Priestley a estudar os gazes. Observador attento, notou elle, quando visitava a fabrica, os phenomenos particulares que, no gaz exhalado do liquido em fermentação, acompanham a extincção de um brandão acceso. Priestley tinha então quarenta annos e não possuia a menor noção de chimica. Tratou de comprar livros, mas elles lhe fôram de bem pouca utilidade, porque naquelle particular a sciencia ainda não se achava creada. Priestley começou pois a fazer experiencias, tendo para este fim construido, com as suas proprias mãos, um apparelho que não primava pela perfeição. Os curiosos resultados obtidos nas primeiras experiencias o determinaram a fazer outras que, graças á intelligencia do operador, fôram a base de uma nova sciencia, a chimica pneumatica. Quasi na mesma epoca, Scheele, que, no fundo de uma aldêa remota da Suecia, se dedicava a eguaes trabalhos, descobriu diversos gazes novos, tendo por unico apparelho alguns frascos de botica e bexigas de porco.

Humphry Davy, quando era rapazinho e méro praticante de pharmacia, fez as suas primeiras experiencias com instrumentos da mais elementar simplicidade. De ordinario, elle proprio os fabricava, servindo-se para isso de qualquer objecto de que podia apropriar-se. As panellas e frigideiras da cozinha, os frascos e os vasos de botica do patrão eram sem remorso usurpados. Tendo naufragado um barco francez no cabo Land's End, aconteceu escapar o cirurgião do navio, salvando ao mesmo tempo comsigo a sua caixa de instrumentos, entre os quaes havia uma velha machina de dar clysteres. O cirurgião travou conhecimento com Davy, e lhe offereceu o precioso instrumento, que o moço aceitou com grande

alegria, e logo empregou como peça principal de um aparelho pneumático que acabava de inventar : serviu-se d'elle posteriormente como de uma bomba de ar, para fazer experiencias sobre a natureza e origem do calor.

Ha neste particular uma grande semelhança entre a historia de Davy e a do seu successor Faraday, que fez as suas primeiras experiencias, quando estudava electricidade, servindo-se de uma garrafa velha. Faraday era official de encadernador, e é um facto curioso ter sido a sua vocação determinada por um curso em quatro lições feito ácerca daquelle assumpto por Humphry Davy, no Instituto Real de Londres. Um membro deste instituto, indo um dia á officina onde Faraday trabalhava, notou que elle lia á pressa o artigo *Electricidade* em uma encyclopedia que lhe fôra dada para encadernar. Tendo pedido informações a respeito de Faraday, soube que o moço tinha inclinação para aquelle genero de estudos, e então deu-lhe um bilhete de entrada no instituto, onde o joven official de encadernador assistiu ao curso de Humphry Davy. Como não se havia descuidado de tomar notas durante as lições, Faraday fez com ellas um resumo que mōstrou ao professor; este reconheceu a exactidão scientifica daquelle trabalho, e não pouco admirado ficou quando soube da humilde posição do autor. Faraday exprimiu então o desejo que tinha de se dedicar inteiramente ao estudo da chimica : sir Humphry tentou dissuadil-o daquelle projecto; mas como o moço persistia no seu proposito, foi por fim admittido no Instituto Real como ajudante, e lá veiu finalmente o dia em que o manto do talentoso aprendiz de pharmacia passou para os hombros, bem dignos de recebê-lo, do não menos talentoso aprendiz de encadernador.

A nota seguinte, que Davy consignou no seu diário, quando, na idade de vinte annos incompletos, trabalhava no laboratorio do Dr. Beddoes, em Bristol, o caracteriza perfeitamente : « Não tenho fortuna, nem extracção, nem influencia por que me recomende; todavia, se Deus me dér vida, conto ser tão util á humanidade e aos meus amigos como se houvesse nascido com todas estas vantagens ». Davy podia — e esta faculdade distingue tambem Faraday — empregar uma enorme concentração de espirito no estudo pratico e experimental de uma materia qualquer sob todos os seus pontos de vista; e, com uma tal faculdade, é raro que não se consigam, embora á força de trabalho e de paciente reflexão, resultados da mais subida importancia. Coleridge dizia de Davy : « Elle tem uma vivacidade e elasticidade de espirito que o tornam apto para discutir todas as questões, analysando-as e tirando dellas todas as consequencias legitimas. Todo o assumpto acha no seu espirito um principio de vitalidade. Os pensamentos, como a relva, brotam vivazes sob suas plantas ». Davy, pela sua parte, dizia de Coleridge, cujos talentos muito admirava : « Com um genio superior, vistas largas, espirito illustrado e coração sensivel, elle ha de ser sempre victima de uma certa falta de ordem, de exactidão e de regularidade. »

VIII

O grande Cuvier foi um observador exacto, attento e laborioso. Era elle ainda bem criança, quando um tomo das obras de Buffon, que por acaso veio parar em seu poder, determinou-lhe a inclinação para o estudo da historia natural. Poz-se logo o menino a copiar as gravuras

do livro e a coloril-as conforme as descripções que lia no texto. Passado algum tempo, na escola, um dos mestres o mimoseou com o *Systema da Natureza*, de Linneu; e esta obra, durante mais de dez annos, constituiu toda a sua livraria de historia natural. Aos dezoito annos de idade teve elle quem o indigitasse para mestre dos filhos de uma familia que residia em Fécamp, na Normandia. Alli, graças á visinhança do mar, foi-lhe dado admirar as maravilhas da vida marinha. Passeiando um dia na praia, achou uma siba sobre a areia. Aquellé curioso animal excitou logo a sua attenção. Levou-o para casa afim de disseccal-o, e começou assim o estudo dos molluscos, ao qual deveu depois parte da sua grande reputação. O unico livro que Cuvier tinha para consultar era o grande livro da natureza, que, na verdade, lhe estava de continuo patente; e o estudo directo dos objectos sempre novos, sempre diversos, sempre interessantes que nelle se contém foi-lhe infinitamente mais proveitoso do que o houvera sido o de milhares de descripções e de gravuras. Passaram-se tres annos, durante os quaes o joven naturalista comparou todas as especies vivas de animaes marinhos com os fosseis da visinhança, disseccou todos que se lhe depararam, e, com as suas bellas e numerosas observações, preparou as bases de uma reforma completa da classificação do reino animal. Naquelles tempos Cuvier achou um digno apreciador dos seus trabalhos no sabio abbade Tessier, o qual recommendou-o com tauntos elogios a Jussieu e a outros seus amigos de Paris, que o joven naturalista foi convidado a mandar alguns de seus escriptos á Sociedade de Historia Natural, e pouco tempo depois foi nomeado substituto da cadeira de anatomia comparada do Museu. Tessier, na carta que escreveu a Jussieu chamando a attenção deste para os

trabalhos de Cuvier, dizia : « Fui eu, não o tereis de certo esquecido, que dei Delambre á Academia : em outro genero, este será tambem um Delambre ». É desnecessario accrescentar que a predicção de Tessier foi plenamente confirmada.

Hugh Miller, canteiro e geologo de Cromarty, fôra de extracção incomparavelmente menos distincta, mas nem por isso deixou de consagrar-se aos estudos scientificos com tanto ardor e constancia como Cuvier. Elle proprio narrou a historia de sua vida em um livro intitulado *My Schools and Schoolmasters* (minhas escolas e meus mestres); esse livro é a historia do formação de um character verdadeiramente nobre e independente em um homem que pelo nascimento pertencia á mais humilde das condições; é um dos melhores exemplos de *acoroçoamento a si proprio* e de respeito de si mesmo que se possa citar. Havendo seu pai morrido em um naufragio, Miller, que era ainda bem criança, ficou tendo por unico arrimo a misera viuva. Parece que elle sempre chegou a frequentar uma especie de escola, mas os seus melhores mestres fôram os meninos com quem brincou, os homens em cuja companhia trabalhou, e os parentes e os amigos com quem conviveu. Leu muito, leu tudo quanto lhe foi possivel lêr; e, no trato continuo com cultivadores, carpinteiros, pescadores, marujos, velhos, e até mesmo observando os seixos da praia, respigou as mais estranhas migalhas de saber. Armado de um enorme martello, que pertencera a seu avô, antigo salgador de carnes, levava dias inteiros a bater nos rochedos e a despedaçar seixos, formando, desde os mais tenros annos, uma collecção de amostras de mica, de porfiro, de granada e de outras rochas. A's vezes encaminhava-se tambem para os bosques, e alli, como nas praias do mar, estudava

attentamente as curiosidades geologicas que se lhe depa-
ravam nos seus passeios. Vendo-o tão absorto entre as
pedras e os rochedos da praia, os trabalhadores da la-
voura, que alli iam encher de limo as suas carroças, lhe
perguntavam ás vezes, gracejando, se elle achava di-
nheiro entre as pedras; e Miller nunca teve a fortuna de
lhes responder affirmativamente. Seus tios desejavam
que elle fosse padre : o sonho de não poucos ambiciosos
pobres na Escossia é vêr algum membro de sua familia
estrear-se um dia no pulpito. Os bons dos tios, que aliás
só possuíam o pouco que lhes rendia o seu trabalho de
cada dia, até estavam dispostos a contribuir com o que
fosse preciso para a educação de Miller. Mas este não
sentia a menor vocação para o sacerdocio, e seus tios
tiveram de desistir da idéa de vel-o um dia subir ao pul-
pito. Quando foi tempo de escolher um officio, Hugh,
seguinto sua inclinação, quiz ser canteiro, e começou a
trabalhar em uma pedreira que dá para a foz do Cro-
marty. Essa pedreira foi para elle uma excellente escola.
As notaveis formações geologicas que alli se revelam
excitaram a curiosidade de Miller, e este que achava
materia de estudo e reflexão em objectos que apparente-
mente nenhuma importancia tinham, bem depressa no-
tou na pedreira uma camada inferior de rocha de um
vermelho escuro e uma camada superior de argila de
vermelho claro. Onde os outros homens nada viam, elle
descobria semelhanças, differenças, particularidades,
analogias, que lhe davam muito em que pensar. Emquanto
ao mais, Miller apenas teve o trabalho de trazer sempre
abertos os olhos e o espirito, continuando ao mesmo
tempo a ser sobrio, diligente e constante : nisto consis-
tiu todo o segredo do seu desenvolvimento intellectual.

Sua curiosidade foi excitada e entretida por singulares

restos organicos de peixes, de fetos e de *ammonita*, pertencentes principalmente a especies desaparecidas, os quaes eram desenterrados pelo bater das ondas na costa, ou arrancados por elle mesmo dos rochedos a martelladas. Todavia, assim trabalhando, Miller tinha sempre em vista a sua idéa capital; levava de continuo a accumular observações e a comparar diversas formações, umas com as outras : de maneira que, muitos annos depois, quando deixou o officio de canteiro, achou-se de posse de todos os materiaes necessarios para compôr a obra que publicou com o titulo de *The Old red Sandstone* (O grès vermelho antigo), obra que bastou para lhe grangear a reputação de geologo illustrado. Mas este livro foi o fructo de longos annos de pesquisas e de observação paciente, e Hugh diz modestamente na sua autobiographia : « A unica gloria a que aspiro é que se reconheça a paciencia e a perseverança de que dei provas nas minhas pesquisas; e quem o quizer, pôde neste particular rivalisar commigo, e até mesmo exceder-me : na verdade, a humilde virtude da paciencia, sendo convenientemente exercida, pôde-nos levar a desenvolvimentos de idéas extraordinarias, até mais extraordinarias do que as que são devidas ao genio ».

IX

O acaso, pois, bem longe está de ser tão util neste mundo como a vontade e actividade perseverante. Estas qualidades são as que dão ao homem a vivacidade de espirito necessaria para reconhecer as occasiões favoraveis e aproveitá-las assim que ellas se lhe deparam. As occasiões mais propicias são completamente inuteis para

todo aquelle que não tem um fim, nem actividade, nem engenho; embora se lhe mettam pelos olhos, o estulto nem siquer notará a sua existencia. Mas quando um homem sabe achar de prestes meios de aproveitar os seus momentos de folga, ainda que sejam mui curtos, os resultados que elle logra assim obter são tantos e de tal importancia, que na realidade maravillham. Watt, ao tomar a resolução de estudar chimica e mechanica, nem por isso deixou o seu officio de fabricante de instrumentos de mathematica: limitou-se a empregar utilmente as suas horas vagas e as aproveitava todas as occasiões que se lhe offerciam de applicar-se ao estudo das linguas, da litteratura e dos principios das sciencias que pretendia aprender. Foi durante os curtos intervallos de descanso que lhe concedia o seu serviço nocturno, que Stephenson, então operario mechanico, aprendeu arithmetica e o geometria; e as horas vagas que podia passar em casa, applicou-as elle constantemente ao estudo da mechanica, preparando-se assim de continuo para a grande obra de que devia ser autor — a locomotiva. Dalton, durante toda a sua vida distinguio-se pela assiduidade com que se havia no trabalho. Começou elle bem cedo, pois aos *doze annos de idade* já se achava á testa de uma escolasinha de aldêa, onde passava o inverno; no verão, ia trabalhar na herdade de seu pai. Posto que pertencesse á seita dos *quakers*, empregava ás vezes, como meio de emulação no estudo, as apostas, nas quaes tomava parte com os seus companheiros; e foi assim que um dia, tendo resolvido satisfactoriamente um problema, ganhou uma somma de dinheiro sufficiente para comprar as velas que devia gastar durante todo o inverno. Dotado de indefectivel ardor, só interrompeu as suas observações meteorologicas um ou dois dias antes

de morrer; durante sua vida, havia elle registrado mais de duzentas mil.

X

Quando ha alguma perseverança, até mesmo os mais curtos instantes podem ser empregados de maneira que venham a produzir resultados do mais subido valor. Uma hora por dia, arrancada ás nossas occupações frivolas e bem empregada seria tempo sobejo para uma pessoa de capacidade ordinaria aprender qualquer sciencia : em dez annos faria ella de um ignorante um homem instruido. Ora, nós não devemos soffrer que o tempo passe completamente desaproveitado, sem nos ter servido, quer para aprendermos alguma cousa util ou bella, quer para cultivarmos algum bom principio, quer para fortalecermos algum bom habito. O dr. Darwin Good traduziu Lucrecio dentro do seu carro, quando percorria as ruas estrepitosas de Londres, sahindo da casa de um doente e seguindo para a de outro. O dr. Darwin compôz quasi todas as suas obras da mesma maneira. Levava sempre dentro da carruagem uma porção de pedaços de papel, nos quaes ia escrevendo os seus pensamentos, emquanto o vehiculo rodava de uma para outra casa no campo. Haler escreveu as suas *Contemplações* durante as correcções que fazia como juiz. O sabio Burney aprendeu o francez e o italiano quando sahia a cavallo para ir dar lições de musica. Kirke Withe consagrou ao estudo do grego o tempo que gastava todos os dias para ir ao escriptório de um advogado e tornar para casa; e conhecemos pessoalmente um homem que se acha hoje em avantajada posição em uma das cidades manufactu-

reiras do Norte, o qual aprendeu o latim e o francez percorrendo as ruas de Manchester, na qualidade de caixeiro.

D'Aguesseau, um dos mais illustres entre os illustres chancelleres da França, sabia aproveitar tão bem os seus momentos de ocio, que chegou a compôr um volumoso e apreciavel livro, empregando quotidianamente em escrevel-o os poucos minutos que decorriam desde que o chamavam para jantar até ir toda a familia para a mesa. A sra. de Genlis escreveu algumas de suas lindas obras enquanto levava á espera da princeza, a quem dava todos os dias lição. Jeremias Bentham regulava bem as suas horas de trabalho e as destinadas á refeição, de maneira que não pudesse haver perda de um só instante; e foi sempre sua maxima constante que a menor perda de tempo é uma calamidade. Bentham, tanto em sua vida, como em suas obras, mostrou-se incessantemente inspirado pela convicção de que os nossos dias estão contados e imminente a noite em cuja escuridão tornar-se-ha impossivel todo e qualquer trabalho.

Poderá haver mais admiravel e solemne admoestação á mocidade, do que a que está escripta no mostrador do relógio do collegio *All Souls*, em Oxford, — *Pereunt et imputantur* — *As horas passam, e tereis de dar conta dellas!* O tempo é como a vida, não podemos recuperal-o. E pois, Mélancton tomava nota do tempo que perdia, afim de ter um estímulo para trabalhar cada vez mais sem desperdicio de um só instante. Um sabio italiano tinha por cima de sua porta uma inscripção declarando que só podiam entrar e demorar-se as pessoas que viessem dispostas a ajudal-o nos seus trabalhos. « Receiamos roubar-vos o tempo » diziam um dia a Baxter umas visitas. « — E com effeito m'o estaes roubando », redarguiu

o theologo importunado. O tempo é effectivamente o terreno em que, graças a estes grandes trabalhadores do mundo, se accumula de continuo para a posteridade uma opulenta herança de factos e de idéas.

XI

O labor e as fadigas a que certos homens tiveram de sujeitar-se para levarem ao cabo as suas empresas, são verdadeiramente pasmosos; elles, porém, bem sabiam que aquelle labor e aquellas fadigas eram a condição *sine quâ non* do bom exito. Addison accumulou nada menos de tres volumes *in folio* de manuscriptos antes de começar a redigir o seu *Espectador*. Newton escreveu quinze vezes a sua *Chronologia* primeiro que ella o satisfizesse, e Gibbon escreveu nove vezes as suas *Memorias*. Durante muitos annos, Hale consagrou ao estudo dezes seis horas por dia. Quando se cançava no estudo das leis, recreava-se estudando philosophia ou mathematicas. Hume, na época em que escrevia *Historia de Inglaterra*, trabalhava treze horas por dia. Montesquieu, fallando de um de seus escriptos, disse a um amigo : « Lereis esta obra em algumas horas : mas asseguro-vos que á força de trabalhar nella fiquei com o cabello todo branco como vêdes ».

O habito de lançar em papel os pensamentos e as observações, afim de achal-os facilmente quando fôr preciso e de impedir que elles desappareçam nas escuras regiões do olvido, ha sido de summa utilidade para muitos homens reflectidos e estudiosos. Lord Bacon, quando morreu, deixou diversos manuscriptos intitulos : « Idéas repentinas que lancei aqui afim de empre-

gal-as opportunamente ». Erskine fez copiosos extractos de Burke; e Eldon copiou duas vezes os commentarios de Coke sobre Littleton, de maneira que esse livro veiu, por assim dizer, a fazer parte do seu proprio espirito. O finado dr. Pye Smith, quando trabalhava como seu pai aprendendo o officio de encadernador, costumava tomar apontamentos de tudo quanto lia. Distinguiu-se Smith durante toda a sua vida pelo constante ardor que empregava em reunir materiaes, e o seu biographo diz que elle « estava sempre a trabalhar, sempre na frente, sempre accumulando. » Esses cadernos de apontamentos foram posteriormente, como as *pedreiras* de Richtei, a arca de abundancia de que elle tirou os seus exemplos e citações.

XII

Este mesmo habito caracterisava o portentoso João Hunter, quo o adoptou para ajudar a sua memoria nimiamente fraca. Costumava Hunter explicar da maneira seguinte o proveito que resulta de cada um tomar nota dos seus proprios pensamentos : « Este habito, dizia elle, é tão util, quão util é ao mercador trazer sempre em dia o inventario da sua loja, afim de saber o que ha e o que não ha dentro della. » João Hunter, cujo espirito de observação era tão perspicaz, que Abernethy costumava chama-lhe o *Argos*, nos offerece um mui notavel exemplo da efficacia do amor ao trabalho. Até a idade de vinte annos, recebeu elle pouca ou nenhuma educação, e a muito custo aprendeu a lêr e a escrever. Trabalhou alguns annos como official de carpinteiro em Glasgow, e depois foi residir em Londres, na companhia de seu irmão Guilherme, que era professor de anatomia.

João entrou para o amphitheatro de dissecção na qualidade de ajudante, mas, graças aos seus talentos naturaes, e ainda mais á sua infatigavel actividade e applicação ao trabalho, bem depressa se avantajou em tudo a seu irmão. Foi João Hunter um dos primeiros que, em Inglaterra, se dedicaram ao estudo da anatomia comparada, e houve-se neste estudo com tal ardor que o eminente professor Owen levou nada menos de dez annos a classificar todos os individuos por elle reunidos e dissecados. Essa collecção contem perto de vinte mil esqueletos de diversos animaes e fórma o mais precioso thesouro deste genero que tenha sido até ao presente accumulado pela industria de um unico homem. Hunter se levantava ao nascer do sol, trabalhava até ás oito horas no seu museu, dava numerosas consultas durante o dia em seu proprio gabinete ou nas casas das pessoas que o mandavam chamar, exercia as funcções laboriosas de cirurgião do hospital de S. Jorge e de ajudante do cirurgião-mór do exercito, leccionava nos cursos publicos, dirigia em sua casa uma escola de anatomia pratica, e não obstante todos estes trabalhos, ainda lhe sobrava tempo para fazer experiencias complicadas sobre a economia animal e para escrever diversas obras de grande importancia scientifica. No intuito de poder dedicar-se a tão numerosas quão arduas occupações, adoptára elle o systema de só dormir quatro horas de noite, e uma hora de dia, depois do jantar; e tendo-lhe alguém perguntado como conseguia ser sempre bem succedido nas suas emprezas: « É regra minha invariavel, respondeu Hunter, não emprehender cousa alguma sem primeiro examinar maduramente se ella é factivel. Se o não é, não a emprehendo. Se o é, sei que posso executal-a mediante o trabalho para isso indispensavel; e tendo-a começado, só

paro depois de a haver concluido. Eis a regra a que devo todos os meus triumphos. »

Hunter occupava não pequena parte de seu tempo em colher esclarecimentos exactos sobre assumptos a que ninguem dera, até então, a menor importancia. Foi assim, por exemplo, que muitos dos seus contemporaneos julgaram que elle perdia tempo e trabalho estudando o crescimento dos chifres dos veados. Mas Hunter tinha a intima convicção de que o conhecimento exacto de todo e qualquer facto scientifico é sempre proveitoso. E o certo é que o estudo do crescimento dos chifres dos veados revelou-lhe como as arterias se accommodam ás circumstancias e engrossam quando a occasião o requer : graças ao conhecimento deste facto, foi que elle se abalançou, em um caso de aneurisma de uma ramificação arterial, a laquear a arteria principal em um ponto onde nenhum cirurgião antes d'elle se animara a fazel-o; e por meio desta operação teve a felicidade de salvar a vida ao doente. Como muitos outros homens notaveis pela originalidade do espirito, levava Hunter tempo immenso a cavar, por assim dizer, e a lançar os seus alicerces. Genio solitario e cheio de confiança em suas proprias forças, podia elle passar sem a consolação que achamos na sympathia e na approvação de outrem; e nisto foi bem feliz : pois mui poucos dos seus contemporaneos estavam no caso de entrevêr siquer o fim a que tendiam as suas pesquisas. Mas elle obteve, ao cabo de tantas e tão longas fadigas, a melhor das recompensas que um trabalhador sincero póde appetecer, a que depende não tanto dos outros como de nós mesmos, — a approvação da consciencia que, no homem justo, acompanha sempre o rigoroso cumprimento do dever.

XIII

Harvey, na mesma carreira scientifica que Hunter, foi tambem notavel pela sua grande perseverança no trabalho. Levou oito longos annos a fazer pesquisas e experiencias primeiro que se decidisse a dar á luz as suas idéas a respeito da circulação do sangue. Repetiu mil vezes e mil vezes verificou as seus tentamens, prevendo sem duvida a opposição que teria de soffrer da parte dos membros da sua profissão, quando publicasse aquella descoberta. O opusculo em que elle expôz as suas idéas era muito modesto, mas simples, lucido e concludente. Nem por isso, porém, deixou de ser ridicularizado e estigmatizado como producção de um embusteiro, de um louco. Passou-se um tempo consideravel sem ser dado a Harvey operar uma unica conversão; em premio dos seus esforços, colhia sómente insultos e desprezo. Diziam que elle punha em duvida a autoridade sempre venerada dos antigos: e até affirmavam que os seus principios tendiam irresistivelmente á subversão da doutrina da sagrada Escriptura e ao total aniquilamento da moral e da religião. Perdeu Harvey a limitada clinica que tinha, e viu-se por assim dizer sem um amigo. Isto durou muitos annos, mas a grande verdade a que elle no meio de todos os seus infortunios se conservava fiel, tendo sido acolhida por um certo numero de espiritos rectos, amadureceu pouco a pouco ao sol da observação, e ao cabo de um quarto de seculo, foi geralmente admittida como verdade scientifica inconcussa.

XIV

A biographia universal offerece poucos exemplos da efficacia do esforço individual tão portentosos como os de Ambrosio Paré, o pai da cirurgia moderna. Nasceu elle em 1509 em Laval, no Maine, onde seu pai exercia o officio de barbeiro. Como sua familia era muito numerosa e não lhe sobravam meios nem mesmo para mandar dar a Paré a mais elementar educação, foi elle posto em casa de um ecclesiastico da visinhança afim de vêr se alli conseguiria respigar algumas migalhas de instrucção. O ecclesiastico, porém, trouxe Paré tão constantemente occupado em cuidar da sua mula e de outros serviços domesticos, que o moço achou-se sempre na impossibilidade de estudar. Neste entrementes, o celebre lithotomista Cotot foi chamado a Laval para operar um collega do ecclesiastico. Paré presenciou a operação que lhe excitou o mais vivo interesse, e esta circumstancia, segundo se diz, foi que o determinou a consagrar-se ao estudo da cirurgia. Deixou elle o serviço do padre e entrou como aprendiz para a casa de um cirurgião barbeiro, chamado Vialot, que o ensinou a arrancar dentes, a sangrar e a fazer operações pouco complicadas. Depois de ter trabalhado quatro annos sob a direcção deste mestre, Paré foi para Pariz, onde, graças á sua applicação, aproveitou-se admiravelmente dos ensejos que aquella cidade offerece para o estudo de anatomia e de medicina. Havendo obtido o emprego de ajudante de cirurgião no *Hôtel-Dieu*, alli tornou-se tão notavel pelo seu exemplar comportamento e constantes progressos, que não hesitaram em incumbil-o dos doentes do professor Goupil, emquanto este leccionava cirurgia no collegio de França.

Depois de haver estudado todas as materias do curso, Paré obteve o diploma de *mestre barbeiro-cirurgião*, e passado pouco tempo seguiu para o Piemonte, acompanhando o exercito commandado por Montmorency. Alli viu alargar-se consideravelmente o campo das suas experiencias, e aproveitando-se cuidadosa e assiduamente da sua posição, empregou na pratica quotidiana os recursos arrojados de um espirito ardente e original. Não era elle homem que seguisse servilmente a trilha traçada por seus predecessores, e buscava com todo o cuidado possivel averiguar por si mesmo as causas das doenças e dos remedios que lhes applicava. O fim pratico dos seus estudos consistia em descobrir o melhor meio de alliviar efficazmente a dôr e de ajudar a acção reparativa da natureza. N'este particular, conseguiu elle introduzir muitos melhoramentos importantes não só na pratica da cirurgia senão tambem na da medicina : e o seu tratamento das feridas feitas por armas de fogo, tratamento em que deu a um tempo provas de illustração e de humanidade, foi entre outros coroadado do mais esplendido exito.

Até ao tempo em que Paré passou a servir no exercito, os soldados sempre haviam soffrido mais da ignorancia dos cirurgiões, do que da pericia do inimigo. Para atalhar a hemorragia, nos casos de feridas feitas por armas de fogo, os cirurgiões recorriam ao meio barbaro de curar as feridas com azeite a ferver, de cauterisal-as com ferro em brasa, e quando praticavam amputações, serviam-se tambem de instrumentos aquecidos ao fogo. Paré viu-se a principio obrigado a curar as feridas segundo esse processo ; mas tendo-lhe faltado um dia, por grande felicidade, o azeite quente, fez elle um curativo mais suave e emoliente. Toda a noite attribulou-o o receio de haver errado, e imagine-se qual não devera ter sido a sua satis-

fação ao notar, no dia seguinte, que os feridos por elle pensados se achavam comparativamente bem dispostos depois de um somno reparador, ao passo que os que tinham sido curados com azeite a ferver, curtiam, como de ordinario, dôres atrozes ! Tal foi a origem casual de um dos maiores melhoramentos introduzidos por Paré no tratamento das feridas. Mas um melhoramento mais importante, e para o qual não contribuiu de modo algum o acaso, foi o emprego da agulha e da laqueação ; graças a este methodo de laquear as arterias e de impedir a hemorragia, proscreveu-se para sempre o ferro em braza, que fôra até então empregado.

Os novos methodos de Paré fôram naturalmente considerados, a principio, como innovações perigosas, e os velhos cirurgiões se colligaram para impedir que elles viessem a ser adoptados. Exprobraram a Paré a sua falta de educação e mais particularmente a sua ignorancia do grego e do latim, e o perseguiram com citações extrahidas dos autores antigos, citações que elle não podia averiguar nem refutar. Mas a sua melhor resposta aos ataques daquelles encarniçados adversarios consistia na humanidade e pericia com que se havia nos seus curativos, sempre coroados de bom exito. Os soldados feridos bradavam por toda a parte pedindo para serem tratados por Paré ; e este, que não só lhes prodigalisava os soccorros da arte, como nunca deixava de mostrar-se cheio de bondade para com elles, costumava dizer-lhes ao retirar-se : « *Eu te pensei, Deus te cure !* »

Ao cabo de tres annos de serviço como cirurgião do exercito, Paré voltou a Paris, precedido de tal fama, que foi immediatamente nomeado cirurgião de Henrique II. Mas depois de breve intervallo de descanso, seguiu de novo para o acampamento. Todos os annos, pela prima-

vera, partia elle com o exercito e só voltava a Paris no fim da campanha. Quando Metz foi cercada por Carlos V, a guarnição soffreu perdas crueis, e o numero dos feridos subiu a um ponto extraordinario. Os cirurgiões, pouco numerosos e incapazes, parece que matavam mais soldados que os hespanhoes. O certo é que o duque de Guise, cõmandante da guarnição, escreveu ao rei supplicando-lhe mandasse quanto antes Paré em socorro da sua gente. O illustre cirurgião partiu a toda a pressa, e, arrostando intrepidamente os maiores perigos, entre outros, como elle mesmo diz « o de ser enforcado, esganado ou espostejado, » logrou atravessar as linhas inimigas e entrar em Metz.

O duque, os generaes e os capitães o receberam com a maior cordialidade, dizendo-lhe « que já não receiam morrer em consequencia dos ferimentos que recibessem nos combates », e os soldados, quando souberam da sua vinda, puzeram-se a gritar : « Agora não receiamos morrer das nossas feridas; temos cá o nosso amigo que nos valerá ». No anno seguinte, achando-se Paré entre os sitiados na cidade d'Hesdin, que foi tomada pelo duque de Saboya, cahiu nas mãos do vencedor. Mas, tendo conseguido curar de um ferimento grave um dos principaes officiaes do inimigo, foi posto em liberdade em resgate e voltou são e salvo para Paris.

Paré consagrou o resto de sua vida ao estudo, a exercicios religiosos e obras de caridade. Instado por alguns seus contemporaneos mais illustrados, consignou os resultados da sua experencia cirurgica em diversas obras publicadas por elle mesmo em differentes épocas e que formam vinte e oito livros. As mais importantes são as iutituladas : *Maneira de tratar as feridas feitas por arcabuzes e Tentativas para se conseguir a laqueação imme-*

diata das arterias. Seusescriptos são sobretudo preciosos pela abundancia de factos e de casos diversos que contêm, e pelo cuidado que põe o autor em não formular prescripções beseadas unicamente em theorias, com desprezo da observação.

Bem que fosse protestante, Paré continuou a exercer o emprego de cirurgião ordinario do rei, e por occasião do morticinio de S. Bartholomeu, só deveu a vida á amizade pessoal de Carlos IX, a quem, como elle mesmo refere, prestára o importante serviço de cural-o de uma ferida do nervo mediano desastradamente lesado em uma sangria. Brantôme, narrando em sua memoria como o rei salvou por seu turno a vida a Paré, diz o seguinte: « Mandou chamal-o a palacio e, tendo-o feito entrar para a sua camara particular, ordenou-lhe que d'alli não sahisse, dizendo não ser justo que um homem que podia salvar a vida a milhares de pessoas tivesse tão triste fim naquella mortandade. » Eis como Paré se livrou dos horrores daquella horivel noite, e poudo viver ainda longos annos e morrer, em Paris, em idade já bem avançada e coberto de honras, no anno de 1590.

XV

As difficuldades que o dr. Jenner teve de superar para propagar e fazer triumphar a sua descoberta da *vaccina*, fôram muito maiores do que as que Harvey tivera de vencer. Muitas pessoas antes de Jenner haviam examinado a doença particular a que a vacca deu a seu nomé, e sabiam da voz já corrente entre as leiteiras do Gloucestershire, que todo aquelle que tinha a *vaccina* ficava pre-

munido contra as bexigas. Era isto, na verdade, um rumor vago, ao qual não se dava a menor importancia, e que ninguem, antes de Jenner, julgara digno de exame. Foi pois por acaso que esse rumor chegou aos seus ouvidos. Um dia, tendo ido uma rapariga do campo consultar em Sodbury o profissional sob cuja direcção Jenner, então bem moço, estava estudando, perguntou-lhe o medico se ella já tivera bexigas, e a moça logo exclamou: « Eu não posso tel-as, porque já tive a vaccina. » Esta resposta excitou vivamente a attenção de Jenner, e elle entrou logo a fazer pesquisas e observações sobre o assumpto. Os collegas com quem tinha relações de amizade e aos quaes communicou as suas idéas a respeito das virtudes prophylacticas da vaccina, zombaram d'elle e até o ameaçaram de expulsal-o da sua sociedade, se continuasse a atordoar-lhes os ouvidos com aquella loucura. Mas em Londres, teve Jenner a felicidade de ser discipulo de João Huuter, a quem expoz as suas idéas. O conselho do grande anatomista foi profundamente caracteristico: « Não penseis, *experimentae*: sobretudo sêde paciente e escrupuloso ». Este conselho, resumo succinto de todo o methodo de observação, reanimou Jenner. Voltou elle para o campo, e, exercendo a sua profissão, continuou a fazer observações e experiencias por espaço de vinte annos. Tinha tamanha fé na sua descoberta, que não hesitou em vaccinar tres vezes seu proprio filho. Emfim, expendeu as suas idéas em um livrinho de perto de setenta paginas, e no final narrou minuciosamente vinte casos em que a vaccina sortira tão completo effeito que fôra impossivel communicar as bexigas, quer por contagio, quer por inoculação, aos individuos que haviam sido vaccinados. Este tratado só foi publicado em 1778, posto que Jenner houvesse começado

a trabalhar para a propagação das suas idéas desde 1775, época da sua descoberta.

Mas como foi ella recebida? A principio com indifferença, depois com hostilidade. Tendo voltado a Londres afim de explicar aos medicos o methodo da vaccinação e os seus excellentes resultados, Jenner não poude decidir um unico doutor a experimental-o, e, tendo levado tres mezes em vã expectativa, viu-se obrigado a tornar para sua casa. Os adversarios, que logo lhe suscitaram, fizeram caricaturas sobre a sua descoberta e começaram a prégar que elle pertendia *bestialisar* os seus semelhantes introduzindo-lhes no corpo materias putridas tiradas das têtas das vaccas doentes. A vaccina foi denunciada do alto do pulpito como cousa *diabolica*. Até houve quem affirmasse que as crianças vaccinadas apresentavam, á proporção que cresciam, *feições de boi*, que lhes nasciam tumores na cabeça *indicando o logar dos chifres*, e que *toda a physionoma se mudava pouco a pouco em physionomia de vacca*, e *a voz em mugido de touro*. A vaccina, porém, era uma verdade, e, pouco a pouco, a despeito da violenta opposição suscitada pela publicação da sua descoberta, começou-se a crêr nella. Em uma aldêa onde um adepto de Jenner tentou introduzila na pratica, as primeiras pessoas que se submeteram á operação foram corridas a pedradas, e viram-se por algum tempo obrigadas a não sahir de casa. Duas damas nobres, lady Ducie e a condessa de Berkelei, não hesitaram (honra lhes seja feita) em mandar vaccinar seus proprio filhos, e o preconceitos da época foram por seu turno calcados aos pés. Os medicos entraram pouco a pouco a retractar-se, e o que mais é, quando a importancia da vaccina foi finalmente reconhecida, alguns delles até tentaram usurpar a Jenner o merito da sua

descoberta. Todavia a causa de Jenner triumphou com o andar do tempo, e chegou enfim o dia em que lhe fôram concedidas recompensas e honras publicas. Mostrou-se elle tão modesto na prosperidade, quanto o havia sido nos dias difficeis : convidado a ir estabelecer-se em Londres, onde podia, segundo lhe diziam, obter em pouco tempo uma magnifica clinica e ganhar 10,000 libras sterlingas por anno, respondeu : « Não ! Na manhã da vida escolhi os caminhos obscuros e pouco frequentados, o valle e não a montanha ; agora que chegou a tarde, não me convem dar-me em espectaculo imitando as maneiras de um cortezão da fama e da fortuna ». Mesmo em vida de Jenner, a vaccina foi adoptada em todos os paizes civilisados, e quando elle morreu os seus direitos ao titulo de bemfeitor da humanidade já eram universalmente reconhecidos. « Ainda que a vaccina houvesse sido a unica descoberta daquella época, diz Cuvier, tão transcendente é essa descoberta, que ella por si só bastaria para torna eternamente illustre qualquer época. »

XVI

Sir Carlos Bell mostrou não menor paciencia, resolução e perseverança na aquisição das sublimes descobertas que fez sobre o systema nervoso. Haviam até então prevalecido as mais confusas noções ácerca de tudo quanto diz respeito aos nervos, e rigorosamente fallando, este ramo da sciencia achava-se tão atrazado como no tempo de Democrito e Anaxagoras, isto é, ha tres mil annos. Carlos Bell, na preciosa serie de escriptos que começou a publicar em 1821, encarou a questão sob um ponto de vista inteiramente novo e originalissimo, que lhe foi sug-

gerido por longas e repetidas experiencias, tão notaveis pelo seu numero como pelo cuidado e exactidão com que fôram feitas. Esboçando minuciosamente o desenvolvimento do systema nervoso, desde os entes informes que formigam no infimo degráo da escala animal até ao rei da criação, o homem, fez de todo o systema, para nos servirmos das suas proprias expressões, « uma exposição tão clara como se fosse escripta na nossa lingua materna ». Sua grande descoberta consistia na observação deste facto, que os nervos espinhaes são duplos em sua funcção, e que, nascendo por duplas raizes na medulla espinhal, os nervos sahidos de uma raiz transmittem as volições, ao passo que os que saem de outra transmittem as sensações. Carlos Bell gastou no estudo deste assumpto nada menos de quaranta annos, e foi só em 1840 que apresentou a sua ultima memoria á Sociedade Real. Como Harvey e Jenner, teve Bell a felicidade de viver bastante para vêr as suas idéas triumpharem do ridiculo e da opposição que a principio se lhes tinham suscitado; mas, bem como elles, quando a exacção das suas vistas foi finalmente reconhecida, viu numerosos rivaes disputarem-lhe a prioridade da descoberta, tanto em Inglaterra como nos paizes estrangeiros. Emfim, para completar a semelhança dos seus destinos, a publicação de suas memorias custou-lhe, bem como a elles, a perda de parte da sua clinica, e elle mesmo notou cuidadosamente este facto, que, á proporção que realisava novos progressos, tinha de empregar dobrado trabalho para conservar a sua reputação como pratico. Todavia, com o andar do tempo o grande merecimento de Carlos Bell foi plenamente reconhecido; e entre outras homenagens que lhe tributaram os seus contemporaneos, podemos citar este facto singular, que

Cuvier, no seu leito de morte, sentindo os musculos de sua propriã face voltados e repuxados obliquamente para um lado, ponderou às pessoas que o rodeiavam quanto aquelle facto confirmava a exactidão da theoria de Carlos Bell.

XVII

A vida de Guilherme Herschel nos offerece outro exemplo mui notavel da efficacia da paciencia e da perseverança; mas trata-se agora de outro ramo da sciencia, a astronomia. O pai de Herschel, pobre musico allemão, tinha quatro filhos, musicos como elle. Guilherme, tendo ido buscar fortuna em Inglaterra, engajou-se como *oboé* na musica da milicia de Durham; e, achando-se o seu regimento de guarnição em Doncaster, o dr. Miller desejou travar conhecimento com Herschel, por tel-o ouvido um dia executar um sólo de rabeça. O doutor conversou pois com o moço, e ficou sympathisando tanto com elle, que o decidiu a deixar o regimento e a ir passar algum tempo em sua casa. Herschel aceitou este offerecimento e aproveitou a sua estada em Doncaster, não só para tocar rabeça em concertos, senão tambem para estudar na livraria do dr. Miller, durante as suas horas de recreio. Tendo-se construido um novo orgão para a igreja parochial de Halifax, publicaram os jornaes um annuncio que a igreja precisava de um organista; Herschel se apresentou como pretendente a este emprego e o obteve, Ao passo que exercia a profissão de organista e de mestre de musica em Halifax, poz-se a estudar mathematicas, sem o auxilio de mestre algum. Pouco depois, a vida errante que elle levava como musico o conduzio a Bath, onde tocou na orchestra do estabelecimento das

aguas, trabalhando ao mesmo tempo como organista na capella Octogona. Algumas descobertas astronomicas feitas recentemente lhe attrahiram a attenção e excitaram-lhe tão vivamente a curiosidade, que elle não descançou enquanto não obteve, por emprestimo de um amigo, um telescopio de Gregory, de dois pés. Herschel ficara a tal ponto fascinado pela sciencia, que, não obstante a sua pobreza, tentou comprar um telescopio; mas o vendedor de instrumentos a quem se dirigiu pediu-lhe um preço tão elevado, que elle tomou a resolução de fazer com as suas proprias mãos o almejado telescopio. Quem sabe o que é um telescopio de reflexão, e a habilitade com que deve ser preparado o espelho metallico concavo que fórma a peça principal do aparelho, poderá fazer idea da difficuldade de uma tal empreza. Como quer que seja, depois de longo e penoso trabalho, Herschel conseguiu completar um reflector de cinco pés, com o qual teve a satisfação de observar o anel e os satellites de Saturno. Não contente com este triumpho, fabricou successivamente instrumentos de sete, de dez, e até mesmo de vinte pés. Quando fez o seu reflector de sete pés, teve de preparar nada menos de duzentos espelhos, primeiro que obtivesse um com que pudesse servir-se de lentes da maior força possível; á vista disto, pôde-se fazer idéa da perseverança com que elle se dedicava ao trabalho. Ao passo que se entregava á occupação sublime de explorar o céo, Herschel continuava a ganhar modestamente a vida tocando nos concertos do estabelecimento das aguas, em Bath; mas a sua paixão pelas observações astronomicas era tamanha, que o não deixava ficar na orchestra até ao fim dos concertos; nos entreactos, ia elle a toda a pressa dar nma vista d'olhos ao seu telescopio, e então, satisfeito, voltava ao oboé. Correndo assim

duas lebres a um tempo, descobriu Herschel, a despeito do proverbio, o planeta Urano. Calculou-lhe cuidadosamente a orbita e a velocidade do movimento e, tendo submettido o resultado dos seus calculos á apreciação da Sociedade Real, vio de repente o seu nome, até então obscuro, resplandecer circumdado de gloria. Pouco tempo depois foi elevado á posição de astrónomo real, e de então em diante, graças á bondade de Jorge III, achou-se sempre isento das mesquinhas necessidades da vida. Herschel mostrou nesta brilhante phase da sua carreira a mesma humildade e brandura que mostrara na obscuridade, e póde-se dizer que, de entre todos os adeptos da sciencia, cujos nomes se acham mencionados na biographia universal, talvez nenhum haja que tivesse dado ao mesmo tempo provas de tanta brandura e paciencia, de tanta felicidade e genio.

CAPITULO V

EFFICACIA DA APPLICAÇÃO NAS BELLAS-ARTES

Todo aquelle que afirma ser possível
conseguir-se qualquer cousa sem trabalho
nem fadiga, é um envenenador.

BENJAMIN FRANKLIN.

Torna-te eminente, e viverás.

JOUBERT.

I

Nas bellas-artes, como em qualquer outro ramo da actividade humana, só se consegue a perfeição empregando-se laborioso ardor. Não ha nada que dependa menos do acaso do que a pintura de um bello quadro ou a esculptura de uma nobre estatua. Ainda mesmo que o genio guie o artista, nem por isso cada pincelada ou golpe de cinzel deixará jámais de ser o producto de um estudo constante. Póde dar-se de tempos em tempos o que se chama *uma feliz inspiração* ; mas o caminho da applicação e do trabalho, comquanto pareça velho e vulgar, é o unico que o artista póde seguir com certeza de se não transviar.

Diz-se que o pintor de paizagens Wilson pintava primeiro os seus quadros em estylo frouxo, mas correcto, e

que, quando terminava assim algum, recuava meia dúzia de passos, e, armado de um pincel atado na ponta de uma vara, ficava alguns instantes absorto na contemplação da sua obra, até que afinal de repente, com mão rápida e rasgos afoutos, dava-lhe em alguns traços uma perfeição admirável. Isto, porém, bem longe está de provar que, para se produzir um bello effeito, basta arrojar o pincel contra a t'ela e esperar que d'ahi resulte uma obra prima. Primeiro que chegue ao gráo de habilidade precisa para, por meio de alguns retoques, espargir luz e vida em um quadro, tem o artista de consumir annos e annos em aturado labor; mas é infinitamente improvavel que aquelle que não se exercitou de ante-mão por meio de longos e pacientes estudos possa, de um rasgo, produzir outra cousa que não seja um horrivel defeito.

Sir Joshua Reynolds tinha tamanha fé na efficacia do trabalho, que acreditava que a perfeição na arte, a que damos o nome de genio, de gosto ou de dom do céo, póde ser adquirida. Um dia, escrevendo a Barry, disse: « Todo aquelle que se quizer tornar eminente na pintura, ou em qualquer outra arte, não deve pensar em outra cousa desde pela manhã até á noite. » Em outra occasião dizia: « Só se attinge á perfeição trabalhando-se constantemente, de manhã, ao meio-dia, de noite, sempre, esteja-se ou não se esteja bem disposto: quem assim procede, cedo reconhece que a arte não é um divertimento, senão um trabalho, e dos mais arduos ». Todavia, bem que a aturada applicação seja incontestavelmente de absoluta necessidade para se obter a proeminencia nas artes, nem por isso é menos certo que, sem as faculdades innatas, todos os esforços do mundo, por mais bem dirigidos que fossem, não formariam um

artista. O dom provem da natureza, mas é aperfeiçoado pela educação que o artista dá a si mesmo; educação incomparavelmente mais importante do que a que se recebe nas escolas.

II

Alguns dos mais illustres artistas, para se tornarem proeminentes, tiveram de lutar com a miseria e de superar milhares de difficuldades que se lhes suscitaram em sua marcha. A citação que fazemos deste facto provavelmente avivará logo na memoria do leitor a lembrança de uma infinidade de exemplos notaveis. Claudio Lorreno, o pasteleiro; Tintoret, cujo nome está mesmo indicando a profissão por elle exercida a principio, e que foi a de tintureiro; os dois Carrachios, dos quaes um foi preparador de tintas e o outro servente de pedreiro no Vaticano; Inigo Jones, o tecelão; Salvador Rosa, que viveu algum tempo na companhia dos salteadores; Giotto, o pastor; Zingarelli, o cigano; Cavedone, votado por seu pai á mendicidade; Canova, o canteiro; Jackson, o alfaiate; Turner, o aprendiz de cabelleireiro; todos estes artistas e muitos outros que não são menos celebres, só lograram distinguir-se á força de estudo e de trabalho, e a despeito das mais desfavoraveis circumstancias. Alguns enriqueceram; mas não consta que um só de entre elles tivesse tido especialmente em vistas a obtenção da riqueza. Os primeiros passos na carreira artistica exigem realmente tantos sacrificios e applicação que o exclusivo amor do lucro nunca seria capaz de determinar taes esforços. Os gozos que a arte proporciona ao artista não são sempre para este a mais preciosa das recom-

pensa; a fortuna vem depois, e é apenas uma cousa secundaria. Não poucos artistas até hão nobremente preferido seguir a inclinação do seu genio, só para não se sujeitarem aos mesquinhos regateamentos do publico. Spagnoletto realisou em sua vida a bella ficção de Xenophonte : depois de haver adquirido meios de viver no seio do luxo, julgou preferivel subtrahir-se á influencia da riqueza e voltou voluntariamente á pobreza e ao trabalho. Tendo alguém pedido a Miguel Angelo o seu parecer ácerca de um quadro que o autor expuzera com a esperança de o vender por bom preço, o grande artista respondeu : « O que penso é que este homem nunca passará de um pobre coitado, emquanto se mostrar tão avido de riquezas ».

Bem como sir Joshua Reynolds, Miguel Angelo cria firmemente na efficacia do trabalho, e sustentava que tudo aquillo que a imaginação concebe pôde ser executado em marmore, uma vez que a mão se haja vigorosamente exercitado em obedecer ao espirito. Era elle proprio um trabalhador infatigavel, e attribuia á frugalidade com que vivia o poder que tinha de consagrar ao estudo muito mais tempo do que a maior parte de seus contemporaneos. Quando trabalhava, passava quasi todo o dia sem comer outra cousa mais do que um bocado de pão, acompanhado de alguns goles de vinho, e não poucas vezes se levantava alta noite para se entregar ao trabalho. Em taes occasiões, costumava prender na parte anterior do barrete de papel que trazia na cabeça a vela a cuja luz esculpia. Ás vezes, quando se sentia muito cansado, deitava-se sem se despir, afim de estar prompto para voltar ao trabalho, assim que o somno lhe houvesse restaurado um pouco as forças. Tinha elle um emblema predilecto que representava um velho dentro de um

carro, com uma ampulheta collocada diante de si e esta epigraphé : *Ancora imparo. — Aprendo ainda.*

III

Ticiano foi tambem um infatigavel trabalhador. Gastou oito annos na execução do seu celebre *Martyrio de S. Pedro* e sete na do painel *Ceia*. Na sua carta a Carlos V dizia o artista : « Remetto a *Ceia* a V. M. ; nella trabalhei quasi continuamente por espaço de sete annos — *dopo sette anni lavorandovi quasi continuamente* ». Bem poucas pessoas sabem avaliar a paciencia, o trabalho e as preparações longas e custosas que exigem as grandes obras de arte. Parecem estas ser facil e rapidamente executadas pelo artista ; mas a quantas fadigas não teve elle de sujeitar-se para adquirir a facilidade que admiramos ? « Pedis-me cincoenta sequins, disse uma vez a um esculptor um nobre veneziano, por um busto em que apenas trabalhastes dez dias ? — E' verdade ! respondeu o artista ; mas lembrae-vos de que tive de gastar trinta annos para aprender a fazer este busto em dez dias ». Tendo alguém censurado o Dominiquino pela lentidão com que trabalhava em um quadro que lhe fôra encommendado : « Bofé ! exclamou o artista ; eu não cesso de trabalhar nelle interiormente ». O character laborioso do finado sir Augusto Calcott revela-se plenamente no facto de haver este artista feito não menos de quarenta esboços differentes do seu afamado *Rochester*. Este constante ensaio, tanto na arte como na propria vida, é uma das condições essenciaes do bom excito.

Claudio, o maior dos pintores de paizagens, só deveu

a sua celebridade ao infatigavel ardor que o animava. As circumstancias no meio das quaes o fez nascer a sorte eram bem pouco favoraveis ao desenvolvimento do genio artistico. Nascido em Château de Chamagne, na Lorena, de pais pauperrimos, diz-se que fôra, ainda bem criança, posto como aprendiz em casa de um pasteleiro. Pouco tempo depois, tendo tido a infelicidade de perder seus pais, foi viver com seu irmão que era esculptor de madeira. Seu gosto artistico logo começou a revelar-se, e um negociante que andava viajando instou com seu irmão, para que deixasse o adolescente acompanhá-lo até Roma. Claudio partiu, e, depois de muitas vicissitudes, vemol-o exercendo as humildes funcções de aprendiz-servente na officina de Agostino Tassi, celebre pintor de paizagens. Foi alli que elle começou a adquirir conhecimentos artisticos sérios. Tendo grangeado alguma reputação, percorreu a Italia, a França e a Allemanha, parando em diversos logares para pintar quadros e ganhar algum dinheiro. Voltando a Roma, viu que as suas obras eram dobradamente apreciadas, e, dessa época em diante, consagrou-se exclusivamente e para sempre á pintura de paizagens. Estudando constantemente a natureza sob todos os seus aspectos, Claudio passava a maior parte do tempo a copiar minuciosamente edificios, prados, arvores, folhas e outros objectos deste genero, os quaes, depois de retocados com a mais rigorosa exacção, eram por elle guardados para serem empregados quando tivesse de pintar grandes paizagens. Claudio dava tambem muita attenção ao estado do céo, notando cuidadosamente as diversas mudanças que nelle gradualmente opera a luz do sol desde o romper da aurora até ao anoitecer. Graças a esta assiduidade no estudo, veiu elle a adquirir, lentamente é verdade,

segundo affirma a tradição, mas com toda a segurança, a grande habilidade nos rasgos e a justeza de observação a que posteriormente deveu o primeiro logar entre os pintores de paizagens.

Turner, que foi cognominado o *Cladio Inglez*, teve tambem uma existencia bastante laboriosa. Destinado a principio ao officio de barbeiro, que era o de seu pai, trabalhou na loja deste, em Londres, até ao dia em que o esboço de um escudo de armas por elle feito em uma salva de prata attrahiu a attenção de um freguez que seu pai costumava barbear. O freguez aconselhou ao pai que deixasse o moço seguir a sua vocação, e o velho Turner, depois de muito rogado, afinal permittiu que seu filho largasse a navalha pelo pincel.

Como todas as pessoas da sua idade que se dedicam ás bellas-artes, Turner teve de superar difficuldades tanto maiores, quanto achava-se em uma posição nimiamente precaria. Felizmente era elle homem de boa feição, não se queixava das suas fadigas, nem desdenhava trabalho algum, por mais modesto que fosse. Aceitou, sem muita difficuldade, a proposta que lhe fizeram para, mediante uma modica retribuição por noite, retocar nuvens em quadros, e considerou-se bem feliz por lhe darem ao mesmo tempo ceia. Ajuntou desta maneira algum dinheiro, e foi assim exercitando-se e adquirindo gradualmente notavel habilidade. Poz-se depois a fazer desenhos para guias, folhinhas, e mil outros livros de modico preço. « Eu não tinha outro recurso, dizia elle muito tempo depois; e demais era um excellente exercicio. » Em todo e qualquer trabalho de que se encarregava, havia-se escrupulosa e conscienciosamente, executando sempre as suas obras com toda a perfeição, apezar da mesquinha paga que por ellas recebia. Tinha

tanta vontade de aprender como de ganhar a vida, esforçava-se de continuo por se aperfeiçoar, e nunca concluia um desenho sem haver ajuntado alguma coisa aos progressos realizados na composição precedente. Um homem que assim trabalhava devia necessariamente ser bem succedido; e o crescimento do seu genio em força e em extensão foi, para nos servirmos da expressão de Ruskin, « tão constante e regular como o da luz do sol ao nascer. »

IV

A arte, ainda mesmo que se haja recebido da natureza faculdades artisticas, não é um divertimento. Em muitos casos esta verdade se ha cedo manifestado, e não faltam exemplos de precocidade apparente na vida de uma infinidade de artistas. É de todos sabida esta particularidade anecdotica da vida de West: achando-se elle um dia, na idade de sete annos, a velar junto do filho de sua irmã mais velha, ficou tão encantado da belleza da criança adormecida, que tomando immediatamente uma folha de papel, poz-se a fazer, com tinta preta e encarnada, o retrato do menino no berço. Revelando elle em tão tenros annos tamanha inclinação para a arte, seus pais se abstiveram de contrarial-o. Se os triumphos sobremaneira precoces não o houvessem perdido, West viria a ser um pintor de muito maior merecimento do que foi; mas infelizmente não deveu elle a sua reputação ao estudo, ás contrariedades e difficuldades vencidas, e se grande foi a sua fama, em compensação, não durou muito.

Ricardon Wilson, quando criança, divertia-se traçando com um tição figuras de homens e de animaes nas

paredes da casa de seu pai. A principio foi retratista; mas achando-se em Italia, e indo um dia visitar Zucarelli, aconteceu-lhe ter de levar muito tempo á espera do seu amigo, que havia sahido. Wilson, para se distrahir, poz-se a pintar a vista que se gozava da janella da sala do pintor; e Zucarelli, entrando quando elle se achava no meio do seu trabalho, ficou tão encantado do quadro que perguntou a Wilson se havia estudado paizagem; o joven artista respondeu que não. « Pois bem! disse o pintor; aconselho-vos a estudal-a: tornar-vos-heis infallivelmente afamado pelos vossos trabalhos. » Wilson seguiu este conselho, e, tendo estudado e trabalhado o mais que póde, veiu a ser o primeiro paizagista da escola ingleza.

Sir Joshua Reynolds, em criança, deixava de estudar as suas lições para se entregar ao desenho, e por este motivo era a miudo reprehendido por seu pai. Desejava este que o filho seguisse a profissão medica; mas o instincto que attrahia o menino para as bellas-artes era tão forte que não podia ser reprimido, e elle veiu a ser pintor.

Gainsborough, quando andava na escola, ia fazer esboços nos bosques de Sodbury, e aos doze annos era já um artista consummado, e tão perito observador e acerrimo no trabalho, que nenhuma vista pittoresca escapava á actividade do seu lapis, ainda que elle lhe houvesse só uma vez admirado o effeito.

William Blake, filho de um vendedor de meias, levava todo o dia a cobrir de desenhos as costas das facturas e o balcão da loja paterna.

Eduardo Bird, tendo apenas tres ou quatro annos de idade, trepava sobre as cadeiras para desenhar nas paredes figuras que elle dizia serem soldados francezes

e inglezes. Compraram-lhe uma caixinha de côres, e seu pai, afim de dar uma direcção proficua ao amor que elle tinha á arte, pol-o como aprendiz em casa de um fabricante de bandejas. Tal foi o ponto de partida de onde Bird, á força de estudo e de trabalho, subiu á categoria de membro da Academia real de Pintura.

Hogarth, que aliás fazia bem triste figura na escola, divertia-se ornando de desenho as letras do alphabeto, e os seus cadernos são muito mais notaveis pelos esboços com que os enfeitava o futuro artista, do que pela maneira por que haviam sido feitos os exercicios nelles contidos. Sob este ponto de vista, Hogarth ficava sempre muito áquem de todos os rapazes da sua aula, mas quanto ao desenho nenhum o igualava. O pai o pôz como aprendiz na loja de um ourives, onde elle aprendeu a desenhar e a gravar em baixelas de prata armas e iniciaes. Da gravura em prata passou á gravura em cobre, que aprendeu sem mestre. Gravava de preferencia gryphos e outros monstros heraldicos, e foi applicando-se a este estudo que lhe veiu o desejo de representar as variedades do character humano. A perfeição singular que Hogarth adquiriu nesta arte foi o resultado de pacientes estudos, de attentas observações. Tinha elle o dom, que conservou com o maior cuidado, de guardar tão fielmente na memoria os traços principaes de qualquer physionomia notavel, que podia, passado algum tempo, represental-os no papel; mas se alguma fórma particularmente fantastica ou exagerada se offerencia a seus olhos, esboçava-a logo na unha do dedo pollegar e a levava assim para casa afim de desenhá-la com as proporções convenientes. Tudo quanto era original e fantastico tinha para elle um encanto irresistivel, e viam-o de ordinario vagar pelos logares menos frequentados,

no intuito de descobrir typos originaes. Enriqueceu assim Hogarth o seu espirito com um thesouro immenso, graças ao qual poude posteriormente concentrar em suas obras uma força incrível de pensamento e de observação. Eis a razão por que os quadros deste artista são uma representação tão fiel dos caracteres, dos costumes e até mesmo das idéas do seu tempo. A pintura, segundo elle dizia, só se aprendia realmente em uma escola, que era a da natureza. Todavia Hogarth, excepção feita da sua propria especialidade artistica, não era homem de grande cultura intellectual. Na escola só aprendêra calligraphia e orthographia : os conhecimentos que adquiriu posteriormente deveu-os aos seus proprios esforços. Vegetou elle por muito tempo em uma situação nimiamente precaria, mas nem por isso deixou de trabalhar sempre com a melhor vontade. Comquanto fosse pobre, punha muito cuidado em equilibrar as suas despezas com o pouco que ganhava, e gabava-se, com legitima soberba, de ser pagador pontual. Passados muitos annos, tendo já superado todos os obstáculos e adquirido fortuna e fama, ainda se comprazia em recordar os trabalhos e privações de sua mocidade, em commemorar as phases da grande batalha que ganhára tão honrosamente como artista. « Nunca me esquecerei, dizia elle em certa occasião, do tempo em que ia passeiar melancolicamente pela cidade, tendo apenas um *shelling* na algibeira ; mas assim que recebia dez guinéos por alguma gravura, ia para casa, cingia a espada, e sahia de novo, mais soberbo do que um homem que tivesse milhares de libras á sua disposição. »

V

Visitar Roma, capital das bellas-artes, tal ha sido sempre a ambição dos jovens artistas. Mas a viagem e dispendiosa, e os artistas ás mais das vezes são pobres. Todavia, com uma grande força de vontade e a firme resolução de vencer todos os obstaculos, póde-se muito bem ir a Roma. Isto se prova exuberantemente com o exemplo de Francisco Perrier, um dos mais antigos pintores da escola franceza, o qual, para satisfazer o ardente desejo que tinha de visitar a cidade eterna, se prestou a servir de guia a um mendigo cego. Ao cabo de longa peregrinação, Perrier chegou enfim ao Vaticano, estudou e tornou-se celebre.

VI

Thiagot Callot deu provas de igual ardor na sua resolução de visitar Roma. Posto que seu pai se oppuzesse ao desejo bem oedo por Thiago manifestado de ser pintor de profissão, não se deixou o moço desviar do seu proposito.

Cedendo á sua invencivel inclinação, fugiu da casa paterna sem saber como iria a Roma, mas determinado a alli ir. Sahira elle de casa por assim dizer sem dinheiro; e pois, viu-se bem depressa condemnado a curtir fome. Neste entrementes, encontrou-se com um bando de ciganos que, tendo-o soccorrido em tão apertada conjunctura, admittiram-o em sua companhia. Viajou Callot alegremente de feira em feira com os camaradas, adoptando diversos trajos e representando uma infinidade de pa-

peis. Fo provavelmente durante essa memoravel viagem que elle adquiriu o conhecimento extraordinario dos rostos, das physionomias e dos caracteres, os quaes representou posteriormente, e ás vezes com tamanha exaggeração, nas suas admiraveis gravuras.

Tendo emfim chegado a Florença, Callot travou conhecimento com um fidalgo que, encantado do seu engenhoso ardor, recommendou-o a um artista, em cuja officina foi elle admittido como discipulo; mas só a propria Roma podia satisfazer o mancebo, que bem depressa sahiu de Florença e seguiu para a cidade eterna. Alli, travou conhecimento com Porigi e Tomassino, os quaes, ao verem os seus esboços a lapis, lhe predisseram uma esplendida carreira. Achava-se o nosso fujão muito a seu gosto em Roma, quando um amigo de sua familia o encontrou, e poud obrigar-o a tornar para a casa paterna. Callot, porém, apaixonara-se por tal maneira pela vida livre e vagabunda, que a inacção se lhe tornara insupportavel : fugiu elle de novo e sahiu de França, mas teve de voltar para casa, conduzido por seu irmão mais velho, que o havia descoberto em Turim. Emfim, o pai, vendo que em vão tentava reprimil-o, concedeu-lhe licença, com bastante pezar, para elle ir estudar em Roma. Callot, desta vez, passou alguns annos na cidade eterna, aperfeiçoando-se na gravura e no desenho sob a direcção de bons mestres. De volta para a França, passou por Florença, onde, a convite de Cosme II, demorou-se mais alguns annos, trabalhando constantemente. Tendo morrido o seu protector, Callot foi reunir-se á sua familia em Nancy, e alli, graças ao seu buril e ao seu ponção, ganhou em pouco tempo fama e fortuna. Por occasião das guerras civis, tendo sido a cidade de Nancy cercada e levada de assalto, o duque de Richelieu encommendou

a Callot uma gravura que devia representar aquelle acontecimento; Callot, porém, não estava disposto a comemorar o revez soffrido por sua cidade natal, e respondeu ao duque com uma recusa peremptoria. Richelieu, depois de baldados esforços para dissuadir o artista da sua resolução, mandou prendel-o. Por uma singular coincidência, Callot achou na prisão alguns ciganos, seus antigos camaradas, que o haviam soccorrido quando elle fôra pela primeira vez a Roma. Luiz XIII, ao saber que Callot estava preso, não se limitou a mandar pôl-o em liberdade; prometteu ao mesmo tempo conceder-lhe o que elle requeresse. Callot deu-se pressa em pedir a soltura dos ciganos, seus antigos camaradas, e outrosim que se lhes concedesse licença para mendigarem livremente em Paris. Este singular pedido foi satisfeito; mas o rei, por seu turno, exigiu que o artista desenhasse e gravasse os retratos dos seus amigos; e foi a tão raro complexo de circumstancias que devemos o curioso *Caderno dos Mendigos*. Diz-se que Luiz XIII offerecera a Callot uma pensão de 3,000 libras, com a condição delle ficar residindo em Paris; o artista, porém, achava-se já tão afeito á vida errante, prezava tanto a liberdade de movimento, que uma tal proposta não lhe podia de maneira alguma convir. Voltou pois para Nancy, onde trabalhou até morrer. Póde-se fazer idéa da sua actividade pelo numero de suas gravuras a buril e á agua-forte, as quaes sobem a nada menos de mil e seiscentas. Callot tinha muita predilecção pelos assumptos grotescos, e os representava com admiravel habilidade. Suas gravuras á agua-forte, que elle traçava primeiro com a mão affouta e livre e depois retocava a buril, são executadas com uma delicadeza e perfeição verdadeiramente maravilhosas.

VII

Muito mais romantica e aventureosa foi a vida de Bemvenuto Cellini, o portentoso ourives, pintor, esculptor, gravador, engenheiro e litterato. Sua vida, escripta por elle mesmo, é uma das mais extraordinarias de que haja noticia em todo o dominio da auto-biographia. Giovanni Cellini, seu pai, era um dos musicos da côrte de Lourenço de Medicis, em Florença; e o que elle mais ardentemente ambicionava para seu filho Bemvenuto era vê-lo vir a ser um dia habil flautista. Mas, tendo perdido o seu emprego, Giovanni teve de mandar ensinar um officio ao filho, e o fez entrar para a loja de um ourives, na qualidade de aprendiz. O menino, que sempre mostrara notavel gosto pelo desenho, applicou-se diligentemente á sua nova occupação, e bem depressa se tornou um habil operario. Tendo-se elle achado envolvido em uma rixa, viu-se banido por seis mezes, e foi passar algum tempo em casa de outro patrão, em Sienna, onde ainda mais se aperfeiçoou no trabalho da ourivesaria e no fabrico de joias.

Todavia, como o pai persistia em querer fazer delle um flautista consummado, Bemvenuto continuou a exercitar-se na flauta, instrumento a que aliás tinha a maior aversão. Preferia a arte do desembo, e a cultivava com enthusiasmo. Tendo voltado para Florença, estudou cuidadosamente as obras de Leonardo de Vinci e de Miguel Angelo, e, para se aperfeiçoar na arte de ourives, seguiu para Roma a pé; durante esta viagem, aconteceram-lhe uma infinidade de aventuras. Demorou-se elle pouco tempo fóra de Florença, e quando para alli tornou, já a fama o proclamava como o homem mais habil do mundo

em afeiçoar os metaes preciosos : suas obras eram buscadas com extraordinario empenho. Bemvenuto, porém, em razão do seu temperamento irascivel, andava de continuo envolvido em deploraveis pendencias, e muitas vezes via-se obrigado a buscar a salvação na fuga : foi assim que elle sahiu furtivamente de Florença vestido de frade e se refugiou de novo em Sienna, de onde, passado algum tempo, seguiu para Roma.

Em Roma achou Cellini poderosos protectores e entrou para o serviço do papa na dupla qualidade de ourives e de musico. Estudava indefessamente e aperfeiçoava-se familiarisando-se com as obras dos mais illustres mestres. Fazia joias, retocava esmaltes, gravava sellos, desenhava e executava toda a qualidade de obras em ouro, em prata, em bronze, e imprimia em todas as suas obras um geito, que nenhum outro artista podia igualar. Se ouvia fallar em algum ourives que se tornara afamado em qualquer dos ramos da sua arte, Bemvenuto não socegava enquanto o não excedia. Foi assim que elle conseguiu rivalisar no fabrico de joias, de medalhas e de esmaltes, com todos os artistas da sua época, de maneira que parecia julgar-se obrigado a conquistar o primeiro logar em todos os ramos da sua profissão.

Animado de um tal espirito, Cellini devia naturalmente realisar grandes cousas. Era elle um homen prodigiosamente activo. Viajava de continuo. Ora o vemos em Florença, ora em Roma, ora em Mantua, depois achamol-o de novo em Roma, em Napoles, e outra vez em Florença, de onde segue para Veneza, e d'alli para França. Fazendo todas estas longas viagens a cavallo, não podia Cellini levar consigo grande bagagem; e pois, assim que che-gava a qualquer logar, tratava de fabricar a sua propria ferramenta. Desenhava os seus modelos e os executava,

forjando-os, esculpturando-os, vasando-os em moldes e afeiçoando-os com as suas proprias mãos. Na verdade, suas obras acham-se tão visivelmente marcadas com o cunho do genio, que logo se reconhece a impossibilidade de terem sido desenhadas por uma pessoa e executadas por outra. O menor objecto, — uma fivella de cinturão, um sinete, uma medalha para chapéo, um simples anel, um botão — tornava-se em suas mãos um admiravel artefacto.

Deu elle um singular exemplo da sua habilidade como operario. Tendo vindo um dia um cirurgião á casa do ourives Raphael del Moro para fazer uma operação, Cellini, que estava presente, olhando por acaso para os instrumentos do operador, achou-os pesados e toscos, como eram de ordinario naquella época. Pediu o grande artista ao cirurgião que suspendesse a operação por um quarto de hora, correu á sua officina, e, tomando uma lamina de aço purissimo, fabricou em um instante, com todo o primor, uma excellente faca, com a qual fez-se facil e felizmente a operação.

Entre as estatuas executadas por Cellini, as mais importantes fôram a de *Jupiter*, de prata, que elle fez em Paris para Francisco I, e a de *Perseu*, de bronze, feita para o duque Cosme de Medicis, em Florença. Cellini executou tambem, em marmore, estatuas de *Apollo*, de *Hyacintho*, de *Narciso* e de *Neptuno*. Os incidentes extraordinarios que tiverem logar durante a fundição da estatua de *Perseu* dão cabal idéa do character singular do artista.

Tendo o grão-duque sustentado que seria impossivel executar-se em bronze o modelo em cêra que lhe fôra mostrado por Cellini, este, vivamente estimulado com a duvida expressa pelo principe, resolveu logo não só tentar

a operação, senão também leval-a ao cabo satisfactoriamente. Tendo feito primeiro um modelo de barro, mandou cozel-o e cobril-o depois de cêra que afeiçãoou, dando-lhe rigorosamente as fôrmas de uma estatua perfeita. Cobrindo por seu turno a cêra com uma camada de terra argilosa, mandou cozer de novo tudo, e a cêra, derretendo-se ao calor do fôrno, escorreu, deixando entre as duas camadas de argila um largo espaço livre para a recepção do metal. Afim de evitar os transtornos que poderiam ocorrer, a operação da vasadura se fez em uma cova aberta bem junto do alto fôrno de onde o metal em fusão devia ser introduzido no molde, por meio de tubos e de aberturas.

Cellini, para não se achar desprovido na operação que ia começar, tivera o cuidado de ajuntar uma grande quantidade de lenha de pinheiro; e cheio o fôrno de pedaços de cobre e de bronze, acendeu-se o fogo. Mas a lenha resinosa que fôra empregada ardeu com immensa furia, occasionando o incendio da officina, cujo telhado ficou em parte destruido, ao passo que, por outro lado, o vento impetuoso que soprava e a chuva que cahia em torrente sobre o fôrno não deixava desenvolver-se o calor e impedia a fusão dos metaes.

Durante longas horas Cellini mettendo continuamente lenha no fogo, buscou entreter o calor necessario. Todavia, sentio-se afinal tão exausto e doente, que teve sério receio de morrer sem haver concluido a operação. Obrigado a ir para a cama, deixou os seus ajudantes incumbidos de vasarem o metal no molde; mas, no momento em que as pessoas que o rodeiavam buscavam consolal-o na sua afflicção, entrou precipitadamente no quarto um operario, e, com voz lamentosa, annunciou « que tudo estava perdido, irremediavelmente perdido »! Ouvindo

isto, Cellini levantou-se precipitadamente da cama, correu á officina, e achou com effeito o fogo tão fraco, que o metal já começava a solidificar-se.

Tendo obtido de um visinho uma porção de lenha de carvalho, que estava a seccar havia um anno, Bemvenuto viu bem depressa o fogo flammejar de novo, e o metal reluzir e faiscar dentro do fôrno. Continuando, porém, o vento a soprar furiosamente e a chuva a cair em torrente, mandou elle fazer, com mesas, pedaços de tapetes e roupa velha, uma especie de guarita dentro da qual se abrigou, sem cessar de metter lenha no fôrno. Tendo feito ajuntar estanho aos outros metaes, e mechendo tudo, ora com barras de ferro, ora com compridas varas, obteve por fim a fusão completa dos metaes. Neste entretimentos, e quando já se approximava o momento critico, ouviu-se um estrondo semelhante ao de trovão, e um relampago horrivel encandeou os olhos de Cellini : era a parte superior do fôrno que acabava de arrebentar; o metal corria sim, mas mui lentamente. Cellini foi a toda a pressa á cozinha, tomou todas as vasilhas de cobre que alli se achavam e que eram umas duzentas, entre tachos, caldeirões e cassarolas, de diversas especies, e lançou tudo sobre o metal em fusão. Graças a este sacrificio, o metal correu emfim com sufficiente abundencia, e o artista poude fundir a sua magnifica estatua de Perseu.

O divino furor do genio que, nesta circumstancia, se apoderou do Cellini e o determinou a despir a sua cozinha de todas as vasilhas que ella continha para mettel-as no fôrno, lembrará ao leitor o acto analogo de Palissy, quando despedaçou os trastes e o assoalho de sua propria casa para com elles alimentar o fogo destinado a cozer a sua louça. Todavia, estes dois homens só se pareciam um com o outro quanto ao enthusiasmo; em relação ao

caracter, é impossivel haver duas pessoas mais differentes uma da outra do que o fôram Palissy e Cellini. Este, como elle proprio confessa, era um Ismael contra o qual todos levantavam a mão. Mas, quanto á sua extraordinaria habilidade como operario e á grandeza do seu genio artistico, o juizo da posteridade tem até hoje confirmado o dos contemporaneos.

VIII

Incomparavelmente mais placida foi a carreira de Nicoláo Poussin, que deu provas de pureza e elevação, tanto em suas idéas como em seu procedimento, e se distinguio constantemente pelo vigor da intelligencia, pela integridade do caracter e nobre simplicidade dos costumes. Nasceu elle em humilissima posição social, nos Andelys, perto de Rouen, onde seu pai regia uma escolasinha. O menino teve assim ensejo de receber a tal ou qual instrucção que seu pai lhe podia dar; mas refere-se que neste particular o futuro artista se mostrou um tanto negligente, e que passava a maior parte do tempo a cobrir os seus cadernos et a sua lousa de desenhos, os quaes, bem que incorrectos, demonstravam, não obstante, a sua vocação artistica. Um pintor de provincia, chamado Varin, tendo visto e admirado os esboços do joven Poussin, pediu aos pais deste que não o contrariassem nos seus gostos, e então ajustou-se que o proprio Varin lhe daria lições de pintura. O rapazinho sacrificou tudo mais a esse estudo, e tal foi o seu progresso, que bem depressa o mestre nada mais teve que lhe ensinar. Então tornou-se elle inquieto, preocupado, e, não podendo resistir ao desejo de aprender, resolveu,

aos dezoito annos de idade, ir para Paris. Partiu com effeito, e, segundo se suppõe, sem sciencia nem consentimento de seus pais.

Chegado á meta dos seus desejos, Poussin viu abrir-se diante de si um novo mundo artistico cheio de maravilhas que excitavam o seu pasmo e lhe estimulavam a emulação. Trabalhou assiduamente em diversas officinas, copiando e pintado quadros, provavelmente para ganhar a vida, posto que nessa época houvesse achado, diz-se, um protector que, ao menos em parte, cuidava da sua subsistencia. Esse protector, joven fidalgo de Poitou, tendo de voltar para o seio de sua familia, convidou Poussin a acompanhal-o; artista aceitou o convite. Chegado á casa de campo do seu amigo, Poussin foi empregado em executar trabalhos de ornato muito ordinarios, e que não tinham a menor relação com as bellas-artes. Demais, tratado quasi como um criado, sentiu-se elle tão profundamente offendido, que afinal revoltou-se, e, comquanto se achasse quasi sem recursos, resolveu voltar para Paris. Fez o trajecto a pé, parando a miudo para trabalhar, afim de ganhar algum dinheiro com que occorresse aos gastos da viagem; até dizem que lhe aconteceu mui frequentemente obter cama e comida pintando taboletas para tavernas de aldêa. Viajando desta maneira, gastou elle mezes para voltar a Paris, e quando finalmente alli chegou, achava-se de tal modo exausto, que adoeceu, e teve de ir passar algum tempo em casa de seus pais, nos Andelys, afim de se restabelecer. Alli esteve um anno, e voltou a Paris, decidido a seguir para Roma. Mas só poudo ir até Florença, e forçoso lhe foi tornar para Paris. Em outra tentativa que fez foi ainda mais mal succedido, porquanto desta vez chegou sómente até Lyão. Não perdia elle, porém, a menor occasião de se

aperfeiçoar na sua arte, e continuava a trabalhar e a estudar com constante assiduidade.

Passaram-se assim doze annos, annos de obscuridade e de labor, annos de contrariedades e de malogros, e provavelmente tambem de privações. Afinal, porém, Poussin sempre logrou ir a Roma e forçar a entrada da carreira gloriosa que lhe estava reservada. Estudou com cuidado os velhos mestres e particularmente as antigas estatuas, cuja perfeição admiravel o impressionou vivamente. Viveu algum tempo em companhia do escultor Duquesnoi que não era mais rico do que elle, e a quem ajudou a modelar figuras á antiga. Mediu com Duquesnoi algumas das estatuas mais celebres que se acham em Roma, sendo uma dellas a de *Antipo*; e suppõe-se que este habito exerceu ulteriormente grande influencia no seu estylo. Poussin estudava ao mesmo tempo anatomia, desenhava ao natural, fazia uma grande collecção de esboços representando em posições e attitudes diversas as pessoas que via, e, ao passo que se consagrava a todos estes trabalhos, lia com cuidado, sempre que os podia obter, os livros que são autoridade em assumptos de arte.

Durante este periodo de sua existencia, continuou Poussin a ser pobrissimo, « contentando-se, diz Fabiano, com pouca cousa para sua subsistencia. » Era então bem feliz quando podia ceder os seus quadros por qualquer preço que se lembrassem de lhe offerecer. Deu elle um, representando um *Propheta*, por oito libras, e vendeu outro, a *Peste dos Philisteus*, por sessenta escudos; este ultimo custou depois mil ao cardeal Richelieu. Para cumulo de infortunio, Poussin foi atacado de uma crue] enfermidade. Em uma carta escripta ao cavalleiro del Poquozzo, que o soccorreu logo no principio da sua es

cada em Roma, o artista dizia : « Atrevo-me a escrever-vos porque não posso ir em pessoa cumprimentar-vos em razão de uma doença de que fui accommettido. Esta carta tem pois por fim rogar-vos humildemente que vos digneis de auxiliar-me com alguma cousa. A doença me impede de trabalhar, e eu só vivo do que me rende o trabalho de minhas mãos. » Foi para del Poquozzo que elle concluiu o seu *Descanço no deserto*, formoso quadro com que pagou, e de sobra, os empréstimos que lhe haviam sido feitos durante a quadra dos seus maios apuros.

Apezar da enfermidade que soffria, Poussin continuou indefessamente a trabalhar e a instruir-se. Pondo a mira em mais esplendidos triumphos, foi a Florença e a Veneza, a fim de fortificar e aprimorar o seu gosto por meio de estudos mais consideraveis e variados; os fructos deste longo e consciencioso trabalho se mostraram emfim na série de grandes quadros que elle começou então a produzir, e entre os quaes citaremos a *Morte de Germanico*, a *Extrema-Unção*, o *Testamento d'Eudamidas*, o *Manná* e o *Rapto das Sabinas*. Foi contemplando este ultimo quadro que Marini disse ao cardeal Barbarini : « *Vedete un giovane che ha una furia di diavolo.* » (Eis um rapaz arrojado como o diabo.) Todavia, a reputação de Poussin cresceu lentamente. Era elle de character reservado e fugia de sociedade. Consideravam-o geralmente com um pensador, e não como um pintor. Quando não pintava, ia dar longos passeios solitarios pelo campo, meditando na composição dos quadros que pretendia executar. Um dos seus raros amigos, em Roma, foi Claudio Lourenço, com quem passou longas horas, no Terraço do Monte, a discorrer sobre a arte e antiguidades. A vida monotona e tranquilla de Roma convinha perfeitamente aos seus gostos, e, contanto que os seus pinceis lhe proporcionas-

sem meios de modesta subsistencia, nunca lhe lembrava retirar-se daquella capital.

Mas a sua fama viera a estender-se muito além de de Roma, e fôram-lhe feitos reiteirados convites afim de elle ir para Paris.

Offereceram-lhe o emprego de primeiro pintor do rei. Poussin hesitou a principio, citou o proverbio italiano *chi sta bene non si muove*, disse que passara quinze annos em Roma, que alli se casara e vivera com o proposito de não findar os seus dias em outra parte. Instado de novo, cedeu e voltou a Paris; mas, com sua presença, estimulou-se a inveja dos pintores da capital, e elle bem depressa se arrependeu de ter sahido de Roma. Em Paris executou Poussin algumas das suas obras primas, um *S. Francisco Xavier*, o *Baptismo* e a *Ceia*. Sobrecarregavam-o de trabalho. A principio fez tudo quanto lhe encommendavam, frontespicio para os livros do rei (sendo os mais notaveis o de uma Biblia e o das obras de Virgilio), desenhos para serem executados no Louvre e para tapeçaria; mas por fim forçoso lhe foi queixar-se.

« E'-me impossivel, escrevia elle ao sr. de Chantelou, fazer ao mesmo tempo frontespicios de livros, uma Virgem, o quadro da congregação de S. Luiz, todos os desenhos da galeria, e emfim paineis para as tapeçarias. Tenho só uma mão e uma fraca cabeça; todo o trabalho pesa sobre mim, porque não posso ser ajudado por ninguem. »

Perseguido pelos inimigos que os seus triumphos lhe haviam suscitado e com os quaes lhe era impossivel reconciliar-se, decidio-se elle, ao cabo de dois annos, a retirar-se de Paris afim de voltar para Roma. Antes de partir, pintou o ultimo quadro que fez em França — *O tempo levando consigo a verdade para livral-a da inveja*

e da calumnia. Estabelecido de novo em Roma, na sua humilde habitação do monte Pincio, Poussin alli viveu absorto de todo na pratica de sua arte, e sem que cousa alguma, até á hora da morte, lhe viesse perturbar a vida solitaria e de rigorosa simplicidade que havia adoptado. « Asseguro-vos, senhor, escrevia elle ao seu amigo Chantelou, que no meio dos commodos da minha casinha e da paz que aprouve a Deus conceder-me, não pude evitar uma certa saudade que pungiu-me profundamente o coração, de maneira que fiquei dias e noites sem um momento de socego, mas emfim, aconteça o que acontecer, estou resolvido a aceitar o bem e a supportar o mal. As miserias e as desgraças são uma cousa tão commum na nossa vida, que me admiro de vêr homens sensatos atormentarem-se por causa de taes infortunios, em vez de rirem-se e de se conformarem com elles. Não possuímos cousa alguma neste mundo; tudo quanto temos é emprestado. » Eis a placidez e a paciência com que Poussin supportou as privações e os desgostos que lhe couberam em sorte. Curtindo dôres crueis, só buscava allivio no trabalho, e aspirava sempre a uma mais alta excellencia. « A' proporção que envelheço, dizia elle, sinto-me cada vez mais dominado do desejo de exceder-me a mim mesmo e de attingir a mais alta perfeição. » Todavia, tendo constantemente em mira a valentia e a nobreza que lhe importava imprimir nos seus quadros, Poussin consagrava ao mesmo tempo séria attenção aos accessorios por mais insignificantes que fossem. « Muitas vezes admirei, diz Boaventura d'Argone, o cuidado que elle consagrava á perfeição da sua arte. Velho como estava encontrava-o entre os destroços da antiga Roma, e ás vezes no campo e nas margens do Tibre, desenhando o que achava mais do seu gosto. Vi-

tambem colligir seixos, musgo, flôres e outros objectos semelhantes, que queria pintar exactamente ao natural. « Foi no meio desses trabalhos, dessas lutas, desses soffrimentos nobremente supportados que se passaram os ultimos annos de Poussin. Não tinha filhos; sua mulher morrera antes d'elle, e todos os seus amigos tambem o haviam precedido no tumulo; de maneira que o grande artista em sua velhice achou-se absolutamente só, no meio daquella Roma tão cheia de sepulturas. Alli morreu elle em 1665, legando a seus pais, nos Andelys, as suas economias, que importavam em uns dez mil escudos, e deixando após si, como um legado precioso feito ao genere humano, as obras primas do seu genio.

IX

Ary Scheffer, entre os pintores modernos, nos dá igualmente um exemplo de magnanima dedicação á arte. Nascido em Dordrecht, na Hollanda, e filho de um artista allemão, manifestou elle bem cedo para o desenho e a pintura uma aptidão que seus pais tiveram o cuidado de acoroçoar. Ainda era Ary bem novo quando perdeu seu pai, e sua mãe, comquanto dispuzesse de mui modestos recursos, resolveu ir estabelecer-se em Paris, afim de o joven Scheffer poder aproveitar-se, para a sua intrucção artistica, das vantagens que offerece aquella cidade. Mas, como carecia de algum tempo para vender os poucos bens que possuia, poz provisoriamente Ary em uma escola em Lille. Durante a estada de seu filho nessa cidade escreveu-lhe ella uma infinidade de cartas, nas quaes os conselhos mais sérios e judiciosos se associavam ás mais vivas e toeantes expressões de ternura

maternal. « Se me pudesses vêr, diz ella em uma dessas cartas; beijando o teu retrato, largando-o para logo depois tomal-o de novo, e com as lagrimas nos olhos chamar-te meu querido, meu idolatrado filho! reconhecerás então quanto me custa empregar ás vezes um tom severo e causar-te alguns instantes de afflicção. Continúo a nutrir a esperança de que virás a ser um dos primeiros pintores da nossa época, e até mesmo de todos os seculos... Trabalha assiduamente, sê modesto, sobretudo, e, quando puderes dizer que excedes aos outros, compara então as tuas obras com a natureza e com o ideal que concebeste, e esta comparação te premunirá contra a presumpção e a soberba ». As esperanças da mãe a respeito da grandeza futura de seu filho não foram mallogradas; mas isto foi sem duvida devido, em grande parte, á propria mãe e ao nobre exemplo de energia, de affecto e de pureza de character que ella lhe deu. O que é certo é que esse exemplo foi para Ary a inspiração de toda a sua vida.

Em Paris, Scheffer aprendeu a arte com Guérin; mas, como os recursos de sua mãe eram sobremodo precarios, não poude elle consagrar-se inteiramente ao estudo, e, tendo apenas dezoito annos de idade, foi-lhe forçoso trabalhar para os vendedores de quadros.

Sua mãe, tendo já vendido algumas joias que possuia, sujeitava-se a mil privações, afim de poder educar os outros filhos. Em taes circumstancias, era bem natural que Ary buscasse ajudal-a; e eis o motivo por que elle entrou a pintar uma infinidade de quadrosinhos, representando quasi todos assumptos agradaveis; esses quadros, em razão da modicidade do seu preço, eram facilmente vendidos. Scheffer trabalhou tambem como retratista, e adquiriu assim experiencia, ao passo que ga-

nhava honradamente a vida. Fez grandes progressos em desenho, em colorido e em composição. O *Baptismo* marcou uma nova época na sua carreira, e foi o ponto de partida de onde elle se elevou á alta posição em que o collocaram os seus quadros de *Fausto e Margarida*, de *Francisca de Rimini*, do *Christo Consolador*, das *Santas Mulheres*, e muitas outras obras grandiosas.

« A força de pensamento, de trabalho, de attenção, diz mistress Grote, que Scheffer empregou na producção da sua *Francisca de Rimini* foi por certo enorme. Sua educação artistica achava-se ainda tão imperfeita, que elle, na ardua senda por onde seguia, só poude contar com o esforço do seu proprio talento, e tanto o seu espirito como a sua mão estavam constantemente a trabalhar. Teve Scheffer de fazer ensaios sobre as diversas maneiras de tratar os seus assumptos, sobre o emprego das côres, de pintar e repintar com incessante e afadigosa assiduidade. Mas, felizmente, dotara-o a natureza de qualidades que compensavam de algum modo os defeitos da sua educação profissional. A nobreza de seu character e sua profunda sensibilidade o habilitaram a exercer, por meio da pintura, grande imperio sobre os sentimentos de seus semelhantes. Conforme elle proprio diz, só é artista aquelle que tem um sentimento elevado, ou uma convicção entranhavel, dignos de serem expressos em uma lingua que pôde ser indifferentemente a prosa, a poesia, a musica, a esculptura ou a pintura. »

Um dos artistas que Scheffer mais admirava, era Flaxmann, e tanto que um dia chegou a dizer a um amigo : « Se por inadvertencia fiz alguma imitação no meu quadro de *Francisca de Rimini*, foi por certo de alguma cousa que vi entre os desenhos de Flaxmann ».

X

Flaxmann era filho de um humilde vendedor de figuras de gesso estabelecido em Londres. Foi tão valetudinario em sua infancia, que por muito tempo teve de levar dias inteiros assentado em almofadas atraz do balcão de seu pai, onde se entretinha lendo e desenhando. Entrando um dia na loja um bom ecclesiastico, chamado Matheus, encontrou o menino a fazer vãos esforços para decifrar um livro que tinha na mão, e, tratando de vêr que obra era aquella, reconheceu ser um *Cornelio Nepote*, que o vendedor de figuras comprara por alguns *pence* a um alfarrabista. O ecclesiastico, depois de ter conversado com o menino, disse que aquelle livro não era apropriado á sua idade, mas que no dia seguinte lhe traria o que lhe convinha; e o digno homem cumpriu a palavra: trouxe alguns livros para o menino, e entre outros *Homero* e *D. Quixote* (traduzidos), cuja leitura muito divertiu o joven Flaxmann; estas duas obras sempre figuraram depois no numero dos seus livros predilectos. Seu espirito penetrou-se bem depressa do heroismo que respirava nas paginas do primeiro daquelles dois livros; e, no meio dos Ajax e Achilles de gesso que o contemplavam de cima das prateleiras da loja, sentiu-se o menino bem cedo dominado pela nobre ambição de desenhar por seu turno aquelles magestosos heróes, revestindo-os de fôrmas poeticas. Tomou elle enthusiasnado o seu lapis, e, acceso em furor divino, emprehendeu representar os altos feitos dos gregos e troyanos.

Como tudo quanto emana dos esforços da adolescencia, seus primeiros desenhos fôram incorrectos. O pai que, não obstante esses defeitos, se ensoberbecia com as

produções do joven artista, mostrou-as um dia ao esculptor Robillac, que lh'as devolveu soltando um desdenhoso *ora!* Mas havia no menino verdadeira inclinação para a arte; e, industrioso e paciente, continuou elle a trabalhar indefessamente nos seus desenhos. Exercitou-se depois em fazer figuras de gesso, de cêra e de barro. Conservam-se ainda hoje algumas dessas obras precoces, não tanto por causa do seu merecimento intrinseco, senão por serem de consideravel interesse como amostras dos primeiros esforços de um genio paciente e robusto. O menino, este muito tempo sem poder dar um passo, começou a arrastar-se firmado em muletas, e só as largou quando a sua saude, com o andar do tempo, se achou sufficientemente restabelecida. O excellent e ecclesiastico Matheus e sua mulher o convidaram para a sua casa; a digna senhora explicou-lhe Homero e Milton, e, ajudada por seu marido, não só lhe aperfeiçoou a educação, como tambem lhe deu lições de grego e de latim. A' força de perseverança e de trabalho, Flaxmann fez tamanhos progressos na sua arte que uma dama lhe encommendou seis desenhos originaes, cujos assumptos deviam ser tirados de Homero. A primeira encommenda!... Que acontecimento na vida de um artista! A primeira consulta de um medico, a primeira causa de um advogado, o primeiro discurso de um deputado, o primeiro livro de um escriptor, a estréa de um cantor, não têm para nenhum delles mais importancia do que a primeira encommenda para um artista. O moço executou os seus desenhos com todo o esmero que delle se esperava, e, em recompensa do seu trabalho, recebeu generosa paga, sendo ao mesmo tempo calorosamente elogiado.

Aos quinze annos matriculou-se Flaxmann na Aca-

demia real, onde, não obstante o seu character reservado, foi bem depressa conhecido entre os demais alumnos como um moço a quem estavam destinados esplendidos triumphos. Estas previsões não se desmentiram : no fim do anno ganhou elle a medalha de prata, e no anno seguinte propoz-se a obter a de ouro. Todos acreditavam que o premio caberia a Flaxmann, porquanto ninguem o excedia em habilidade nem em perseverança; todavia não obteve elle a medalha de ouro, a qual foi concedida a um alumno de quem depois nunca mais se ouviu fallar. Este mallogro foi antes um bem para Flamann, porquanto as derrotas, longe de desanimarem por muito tempo aquelles que inflamma o fogo sagrado, só servem para os excitar a mostrarem ao mundo de quão grandes cousas são capazes. « Deixemos passar algum tempo, disse elle a seu pai, e asseguro-vos que as obras por mim produzidas serão approvadas com orgulho pela Academia. » Rodobrou de esforços, trabalhou resolutamente, desenhou e modelou noite e dia, e se seus progressos não fôram rapidos, fôram pelo menos regulares e incessantes. Mas, entrentes, batia a pobreza á porta da casa paterna; a venda das figuras de gesso mal dava para a subsistencia dos Flaxmann; e o moço, resolute e cheio de nobre abnegação, encurtou o tempo que consagrava ao estudo, afim de ajudar o pai nos humildes labores do seu negocio. Poz de parte Homero para tomar a trolha, e mostrou-se prompto a exercer as mais modestas funcções na officina paterna, tanto quanto fosse preciso para fazer a familia viver decentemente sem receio da miseria. Teve elle de trabalhar muito tempo primeiro que se afizesse áquellas grosseiras producções da arte; mas disto lhe proveiu não só o habito do trabalho regular, senão tambem o desenvolvimento de uma

virtude apreciavel, isto é, da paciencia. Foi um arduo tirocinio, mas salutar por fim de contas.

Felizmente para o joven Flaxmann, Wedgwood, tendo ouvido fallar na sua habilidade como desenhista, tirou informações a respeito d'elle, e lhe encommendou desenhos de um genero inteiramente novo, que queria applicar na sua fabrica, ao ornato da louça commum e da porcellana. Este genero de trabalho talvez pareça mui pouco condigno da arte; mas na realidade enganam-se completamente os que assim pensam. Com effeito, um artista pôde conservar-se fiel á sua vocação desenhando bules, jarros e outros vasos de uso domestico dignos de ser vistos a todo o instante por quantos se utilisam delles: são eminentemente proprios para servir de vehiculo ás noções elementares da arte e para desenvolver nos homens um gosto puro e elevado. O artista mais ambicioso pôde, por este meio, prestar aos seus concidadãos maior e mais effectivo serviço do que se executasse alguma obra de elevadissimo merecimento que lhe renderia sem duvida milhares de libras, mas que iria esconder-se na galeria de quadros de algum Creso, onde ficaria de todo e para sempre occulta aos olhos do publico. Até ao tempo de Wedgwood, os ornatos de louça commum e da porcellana ingleza fôram, tanto no desenho, como na execução, verdadeiramente horriveis; Wedgwood resolveu reformar tudo isso. Foi ter com Flaxmann e disse-lhe: « Eis-aqui o que me traz á vossa casa: consta-me que sois bom desenhista e eximio na composição de modelos. Eu sou fabricante de louça. Chamo-me Wedgwood. Ora, desejava que desenhasseis para mim alguns modelos... nada de fantasias; peço-vos cousa simples, correcta e de bom gosto. Pagar-vos-hei bem. Não achaes indigno de vós

este trabalho? » — « Não, de certo, senhor, respondeu Flaxmann, convem-me perfeitamente, pelo contrario. Concedei-me alguns dias para apromptar a vossa encomenda; quando vierdes busca-la, reconhecereis de quanto sou capaz. »

Flaxmann empregou o maior esmero na promptificação dos desenhos; e, quando Wedgwood voltou, já elle tinha uma numerosa série de modelos destinados ao ornato de diversas peças de louça. Esses modelos consistiam principalmente em gruposinhos de mui baixo relevo, cujos assumptos eram tirados da poesia e da historia antiga. Ainda existem muitos delles, e alguns são eguaes em simplicidade e belleza aos desenhos para marmore que elle fez posteriormente. Os celebres vasos etruscos, dos quaes havia admiraveis collecções nos museus publicos e nos gabinetes de alguns archeologos, lhe ministraram irreprehensiveis modelos, de fórma que elle ainda logrou embellecer com as suas elegantes composições. Na valiosa obra intitulada *Antiguidades de Athenas*, que Stuart acabava de publicar, achou Flaxmann amostras de utensilios gregos, notaveis pela extrema pureza da fórma. Tendo escolhido os mais lindos, de tal sorte os modificou, que delles fez novos modelos de elegancia e belleza. Flaxmann mui bem comprehendeu que trabalhava para uma grande obra — desenvolvimento da educação artistica do povo — e era sempre com orgulho que, posteriormente, costumava elle alludir a esses primeiros trabalhos, por meio dos quaes pudera a um tempo cultivar o seu genio artistico, infundir no povo o gosto do bello e restaurar as suas modestas finanças, ao passo que contribuia para a consolidação da prosperidade do seu bemfeitor e amigo.

Em 1782, Flaxmann, que então já tinha vinte e sete

annos de idade, deixou o tecto paterno, alugou, em Wardour-Street, uma casinha com officina, e, não contente com isto, casou-se. Sua joven esposa chamava-se Anna Denman, e fôra difficil imaginar-se um character mais nobre, puro e angelico do que o dessa moça. Flaxmann pensara que depois de casado poderia trabalhar com dobrada energia e maior enthusiasmo, porquanto Anna Denman tambem tinha gosto para as bellas-artes, e era além disso fervorosa admiradora do genio de seu marido. Todavia algum tempo depois do seu casamento, encontrou-se Flaxmann com sir Joshua Reynolds, e este, que nunca pensara em casar-se, disse-lhe : « — Consta-me que vos casastes; se assim é, estaes perdido para a arte, meu caro Flaxmann ». Flaxmann voltou logo para casa, assentou-se ao lado de sua mulher, pegou-lhe na mão, e disse-lhe : « — Anna, estou perdido para a arte ». — Perdido? Mas como foi que isso aconteceu, João? qual foi a causa?... » — « Isto aconteceu na igreja, respondeu Flaxmann; e a causa é Anna Deman. » Referiu então Flaxmann o que lhe dissera sir Joshua, cuja opinião era bem conhecida, porquanto muitas vezes o tinham ouvido declarar que só conseguiria attingir a excellencia quem applicasse decididamente á sua arte todas as faculdades do espirito e todos os instantes da vida, e que ninguem podia ser grande artista sem ter ido estudar em Roma e em Florença as obras primas de Raphael, de Miguel Angelo e dos outros grandes mestres. — « E eu quizera ser um grande artista, disse Flaxmann, que era baixinho, empertigando-se todo ». — « Pois serás um grande artista, replicou Anna; e irás a Roma, se fôr absolutamente indispensavel... » — « Mas como? » — « *Trabalha e economisa*, respondeu a generosa moça; não quero se

diga que Anna Denman foi a causa da perda de John Flaxmann ». El ficou logo assentado entre os dois esposos que iriam a Roma assim que o seu estado pecuniario o permittisse. « Sim; exclamou Flaxmann; irei a Roma, e mostrarei ao presidente (1) que o casamento, mesmo para um artista, é uma boa cousa; tu me acompanharás, Anna. »

Por espaço de 5 annos trabalhou o amoroso par activa, alegre e pacientemente na sua humilde casinha de Wardour-Street. Flaxmann e sua mulher tinham constantemente em mira a viagem a Roma: pensavam de continuo nella, e, para economisarem a somma necessaria, abstinham-se de fazer a minima despeza inutil. Nunca mais conversaram ácerca do seu projecto; não pediram auxilio algum á Academia; esperavam ambos levar ao cabo aquella empreza, ajudados unicamente pelo seu indefesso trabalho e mutuo amor. Flaxmann, durante esses cinco annos, expoz mui poucas obras. Como o marmore era caro, não se animava a empregal-o nos seus ensaios de desenhos originaes; mas fôram-lhe feitas frequentes encommendas para monumentos, as quaes lhe proporcionaram meios de viver decentemente. Continuou o artista a trabalhar para a fabrica de louça de Wedgwood, sendo sempre pago com a maior generosidade. Em summa, tudo lhe corria bem, sorria-lhe a esperanza, e elle se considerava feliz. Os vizinhos votavam-lhe o maior respeito, e as pessoas que o conheciam, apreciavam em subido gráo a sua sinceridade, a sua honradez, e a sua piedade sem ostentação.

O conceito que toda a vizinhança formava da sua pro-

(1) Sir Reynolds era presidente da Academia real das Bellas-Artes.

bilidade era tal, que a elle deveu Flaxmann empregos e honras sem os quaes houvera muito bem passado. Foi assim, por exemplo, que, em certa occasião, o encarregaram da cobrança da taxa para a policia municipal na parochia de Sant'Anna; e então viram-o andar de casa em casa recebendo o dinheiro dos contribuintes.

Emfim, tendo Flaxmann e sua mulher ajuntado, á força de economia, a somma necessaria para a viagem, partiram para Roma. Alli, Flaxmann applicou-se assiduamente ao estudo, ganhando ao mesmo tempo a vida, com muitos outros artistas pobres, a fazer copias de obras antigas. Os viajantes inglezes acudiam á sua officina e lhe faziam encomendas, e foi alli que elle executou as suas bellas estampas sobre assumptos de Homero, Eschylo e Dante. O preço que por ellas obteve foi mais que moderado, quinze schellings por desenho; mas Flaxmann não trabalhava sómente para ganhar dinheiro, animava-o tambem o amor da arte; e a belleza dos seus desenhos lhe conciliou novos amigos e protectores. Executou elle *Cupido e a Aurora* para o generoso Thomaz Hope, e os *Furores d'Athenas* para o conde de Bristol. Depois de ter assim fortalecido e aperfeiçoado o seu talento por meio dos mais sérios estudos, tratou de voltar para Inglaterra; mas antes d'elle partir, as academias de Florença e de Carrara deram-lhe inequivoca demonstração de apreço, inscrevendo-o no numero dos seus socios.

A fama o havia precedido em Inglaterra, onde os seus trabalhos logo começaram a ser buscados com empenho. Quando elle se achava em Roma, fôra-lhe feita a encomenda do bello monumento que se queria consagrar á memoria de lord Mansfield, e que foi com effeito erigido, pouco tempo depois da chegada de Flaxmann, na galeria

septentrional da abbadia de Westminster, onde ostenta a sua magestosa grandeza : esse monumento é ao mesmo tempo o do genio do proprio artista placido, simples e austero. E, pois, não admira que Banks, então no apogêo da gloria, exclamasse ao contemplal-o : « Na verdade, este homunculo desbanca a todos nós !

Quando os membros da Academia real das Bellas-Artes souberam da volta de Flaxmann, e sobretudo quando viram e admiraram a sua estatua de Mansfield, logo manifestaram o desejo de tel-o por consocio. A Academia sempre se ha distinguido pelo seu empenho em soccorrer os fortes ; e todas as vezes que um artista logra tornar-se afamado sem auxilio della, é justamente quando a vemos mostrar maior solicitude em *protegel-o*. Flaxmann permittio que se inscrevesse seu nome na lista dos candidatos, e foi immediatamente eleito. Desde então tornaram-se rapidos os progressos de sua fortuna, as encommendas eram tantas que elle mal lhes podia dar vasão, e a série dos seus triumphos crescia de continuo ; mas esses triumphos eram devidos unicamente á perseverança e ao estudo, graças aos quaes amadurecera Flaxmann o seu genio e lograra tornar-se um grande artista. Estava-lhe, porém, reservado representar novo papel : o menino que vimos começar os seus estudos atraz do balcão, o vendedor de figuras de gesso em New Street, Covent-Garden, tendo-se tornado um homem de alta intelligencia e de incontestavel superioridade artistica, ia, por seu turno, instruir a mocidade, como professor de esculptura na Academia real ; e ninguem mais do que elle merecia exercer tão eminente cargo, porquanto é natural haver maior aptidão para ensinar aos outros aquelle que sósinho, e sem auxilio, por assim

dizer, aprendeu a lutar com difficuldades de toda a sorte e a supperal-as.

Depois de longa, placida e ditosa existencia, Flaxmann afinal reconheceu que ia envelhecendo. Soffreu elle um golpe bem cruel com a morte de sua mulher. Todavia sobreviveu-lhe alguns annos, durante os quaes executou duas obras, talvez as mais bellas de quantas fez : o *Escudo de Achilles* e *S. Miguel Arhanjo prostrando Satanaz*.

XI

Chantrey era um homem robusto, de maneiras um tanto rudes mas cordiaes, altivo, em razão dos triumphos obtidos na luta que, desde a mais tenra infancia tivera de sustentar com todas as difficuldades que se lhe oppunham, e, sobretudo, cioso da sua independencia. Nascera elle em Norton, perto de Sheffield ; sua familia era pobre. Chantrey ainda se achava no berço, quando teve a infelicidade de perder seu pai ; sua mãe casou-se de novo. A primeira occupação do menino consistiu em conduzir á cidade visinha um jumento carregado de vasilhas cheias de leite, afim de o vender aos freguezas de sua mãe. Eis o humilde principio da sua carreira industrial ; e foi por meio dos seus proprios esforços que elle conseguiu sahir desta situação e attingir a mais alta eminencia como artista. Como o menino mostrasse antipathisar com seu padrasto, trataram de lhe dar um officio, e o puzeram a principio em casa de um tendeiro de Sheffield. Chantrey, porém, não sentia a menor inclinação para a vida de tendeiro. Passando elle um dia pela frente da loja de um vendedor de objectos esculpidos, parou para admirar as lindas cousas que alli

estavam á mostra, e ficou logo com tamanho desejo de ser esculptor, que desde então não cessou de supplicar á sua familia que deixasse sahir de casa do tendeiro afim de aprender aquelle officio. A familia afinal consentiu, e o poz como aprendiz na officina de um esculptor e dourador de madeira, mediante a obrigação de elle alli ficar por espaço de sete annos. O dono da officina não era só esculptor e dourador; tambem vendia gravuras e modelos de gesso; e Chantrey entrou immediatamente a copiar tanto os modelos como as gravuras, trabalhando com indefessa energia e applicação. Empregava as suas noras vagas em desenhar, em modelar, em instruir-se tanto quanto lhe era possivel, e estes seus trabalhos se prolongavam muitas vezes até alta noite. Aos vinte e um annos, determinado a ser artista, mas não tendo ainda preenchido o tempo de aprendizagem, pagou ao mestre a somma de 50 libras esterlinas (era todo o dinheiro que elle possuia), afim de obter a rescisão do seu contracto. Depois disso não socegou enquanto não se achou em Londres, onde, com um bom senso perfeitamente caracteristico, começou por buscar trabalho como official de esculptor, e só consagrou as horas vagas ao estudo da pintura e da esculptura. Uma das obras de empreitada por elle executada nessa época foi a decoração da sala de jantar do poeta Rogers, sala onde, admittido posteriormente a miudo como convidado, Chantrey se comprazia habitualmente em mostrar aos demais convivas do seu amigo as partes da decoração em que havia trabalhado no tempo da sua mocidade.

Tendo voltado a Sheffield. afim de alli passar algum tempo, o nosso artista fez-se annunciar nos jornaes da cidade como retratista a lapis, a oleo e em miniatura. O primeiro retrato que fez — o de um cutileiro — rendeu-

lhe 1 guinéu, que na realidade foi bem ganho. Fez depois, a oleo, o retrato de um confeitiro, pelo qual lhe deu este 5 libras esterlinas e um par de botas de canhão. Chantrey voltou em breve para Londres, afim de estudar na Academia real; e, tendo ido segunda vez a Sheffield, poz annuncios nos jornaes offerecendo aos seus concidadãos o seu prestimo como fabricante de bustos de gesso e retratista a oleo. Escolhido nesta época para desenhar um monumento que se queria erigir a um ministro do culto, recentemente fallecido, Chantrey executou essa encommenda com geral applauso. Em Londres tinha elle a sua officina em uma espaçosa sala situada por cima de uma cavallariça, e foi nessa sala que fez a sua primeira obra original destinada á exposição — uma gigantesca cabeça de Satanaz. Nos ultimos dias da vida de Chantrey, um amigo, atravessando a sua officina, ficou muito admirado á vista daquelle modelo que jazia em um canto. « Esta cabeça, disse o esculptor, é a primeira das que fiz quando cheguei a Londres; trabalhava eu então em um celleiro. Trazia habitualmente um barrete de papel, e como, por economia, não me animava a accender mais de uma vela de uma vez, prendia-a no meu barrete, afim della se mover commigo, allumiando por onde quer que eu andasse. » Flaxmann viu e admirou aquella cabeça na Academia, e suggerio a idéa de ser Chantrey incumbido da execução dos bustos de quatro almirantes, que deviam ser collocados no hospicio dos Invalidos da marinha em Greenwich. A esta encommenda seguiram-se-lhe outras, e Chantrey renunciou á pintura; mas, durante os oito annos precedentes, nem chegara elle a ganhar 5 libras esterlinas com os seus trabalhos de esculptura. Seu famoso busto de Horne Took foi tão enthusiasmicamente admirado,

que, segundo o proprio artista confessa, deu essa obra causa a numerosas encommendas, cujo importe subiu a 12,000 libras esterlinas.

Chantrey conseguira enfim tornar-se conhecido ; mas trabalhara com inexcedivel energia, e merecia a sua boa fortuna. Foi elle escolhido, de entre dezeseis competidores, afim de executar, para a cidade de Londres, a estatua de Jorge III. Alguns annos depois, fez o lindissimo monumento dos *Meninos adormecidos*, que se acha hoje na cathedral de Lichfield, onde se recommenda á admiração por uma grande suavidade de sentimento e ineffavel belleza poetica. Desde então em diante, a carreira de Chantrey foi augmentando cada vez mais em honras, em fama, em prosperidade. A natureza dera-lhe o genio, e o seu bom senso o fizera reconhecer de quão inapreciavel vantagem lhe viria a ser aquelle dom sublime se soubesse aproveitá-lo devidamente. Chantrey era prudente e sagaz com os homens de Yorkshire, seus compatriotas : na carteira, que elle trazia durante a sua viagem pela Italia, viam-se, escriptos indiscriminadamente, rões das suas despezas diarias, notas a respeito da arte e preços correntes das diversas qualidades de marmore. Seus gostos eram simples, e as suas obras tornavam-se magestosas á força de simplicidade. Sua estatua de Watt, erecta na Igreja de Handsworth, parece-nos realmente resumir o ultimo esforço da arte, e, não obstante, é ella perfeitamente simples e... sem arte. A generosidade de Chantrey para com seus collegas infortunosos era esplendida, mas sem estrepito, sem ostentação. Ao morrer, legou elle á Academia tudo quanto possuia ; assim a fortuna accumulada pelo grande artista durante a vida, á força de insano labor, ficou servindo

depois da sua morte para o fomento das Bellas-Artes em Inglaterra.

XII

David Wilkie tambem é digno de figurar entre os artistas que se distinguiram pela sua honestidade e perseverante applicação. Filho de um pobre padre escossez, deu elle cedo indicios de sua inclinação artistica ; pois que, comquanto fosse negligente e inhabil nos outros estudos, mostrou-se na escola desenhista infatigavel. Sempre silencioso em menino, já Wilkie dava provas da energia tranquilla e concentrada que foi uma das feições characteristics da sua natureza. Era o desenho a sua constante preocupação, e as paredes do presbyterio, a superficie lisa da areia á beira da agua pareciam-lhe unicamente feitas para serem cobertas de figuras. Pouco escrupuloso na escolha dos instrumentos, servia-se, como Giotto, de qualquer tição em vez de lapis, de qualquer superficie sufficientemente lisa em vez de téla, e o primeiro mendigo andrajoso que encontrava lhe servia de assumpto para um quadro. Quando ia visitar alguém, só por excepção se retirava sem deixar nas paredes algum indicio da sua presença, habito este que não podia de modo algum quadrar com as idéas de ordem e de asseio das boas donas de casa. Emfim, não obstante a aversão que seu pai tinha á carreira artistica, a qual, dizia o bom ministro, *era inçada de peccados*, Wilkie, determinado a seguir a sua vocação, fez-se artista, e foi resolutamente por diante, superando todas as difficuldades que se oppunham ao bom exito das suas aspirações. Tendo Wilkie requerido para ser admittido como alumno na Academia de Edimburgo, deixou de ser attendido, em

razão de certas incorrecções que se notavam nos desenhos por elle apresentados; mas o joven artista trabalhou com tal afinco em aperfeiçoar-se, que afinal obteve o desejado deferimento. Seus progressos foram lentos. Excitava-se elle em desenhar figuras humanas, não só com ardor, senão tambem com a tenacidade de um homem que está determinado a ser bem succedido e tem plena confiança no resultado dos seus esforços. Não dava signal algum daquella singularidade de maneiras nem da desordenada applicação, de que são apaixonados tantos mancebos que se julgam genios: pelo contrario, Wilkie avançava com todo o vagar; mas a sua applicação era tão constante, que elle mesmo posteriormente costumava attribuir os seus triumphos, não a uma faculdade superior de que o tivesse dotado a natureza, senão á inquebrantavel tenacidade que empregara nos seus estudos. « Todos os meus progressos na pintura, dizia elle, são devidos exclusivamente á minha perseverante applicação. » Ganhou Wilkie diversos premios em Edimburgo, e então lembrou-se de se consagrar á pintura de retratos, por ser a remuneração, neste ramo da arte, mais elevada e segura; mas não hesitou muito, e, entrando afoutamente na senda onde devia attingir em breve a celebridade, pintou a sua *Feira de Pitlessie*. Levando mais longe a afouteza, decidiu-se Wilkie a ir para Londres, onde esperava achar campo mais vasto para os seus trabalhos e estudos. O pobre moço escossez partiu com effeito para a grande cidade, e alli, em um humilde aposento de 18 schellings por semana, pintou uma de suas obras primas, os *Políticos de Aldéa*.

A despeito dos applausos que grangeou este quadro, a despeito das encommendas por elle occasionadas, Wilkie conservou-se por muito tempo pobre. Os preços das

suas obras fôram durante muitos annos, menos vantajosos para o nosso artista, do que o houveram sido para qualquer outro; porquanto o extremo vagar e porfioso trabalho que elle empregava nas suas composições faziam diminuir consideravelmente os seus lucros. Cada um dos quadros que Wilkie pintava era préviamente estudado e elaborado com todo o esmero; nelle trabalhava annos inteiros, nunca se fiava na inspiração de momento, mas levava, pelo contrario, a retocar constantemente, e, enquanto qualquer quadro se achava em seu poder, não cessava de corrigil-o. Bem como Reynolds, dizia de continuo: « Trabalhae! trabalhae! trabalhae! » e tambem como Reynolds, não gostava dos artistas palradores. Os tagarellas semeam, mas os silenciosos colhem. « Façamos alguma cousa » dizia elle: tal era a sua maneira indirecta de censurar os amigos de divertimentos e de admoestar os preguiçosos. Um dia, referiu Wilkie ao seu amigo constable que, quando estudava na Academia de Edimburgo, Grahame, seu mestre, costumava dizer aos discipulos, imitando Reynolds: « Se tiverdes genio, a applicação o desenvolverá; se não o tiverdes, a applicação o supprirá. » — « E pois, continuou Wilkie, tomei a resolução de ser muito applicado, porque bem sabia que não tinha genio. » Referiu tambem ao constable que quando Linnell e Burnet, seus camaradas de officina, em Londres, conversavam sobre assumptos artisticos, tratava sempre de se approximar delles tanto quanto era possivel, afim de ouvir a sua conversação: porque, accrescenta Wilkie, elles sabiam muito, e eu muito pouco. » E isto era dito com toda a sinceridade, porquanto a modestia constituia a principal feição do character do bom Wilkie.

A primeira cousa que elle fez com as 30 libras sterlingas recebidas de lord Mansfield, em paga dos seus *Politicos de Aldêa*, foi comprar vestidos, chale e chapéos, e mandal-os de presente a sua mãe e sua irmã ; todavia Wilkie ainda não se achava em estado de mostrar-se tão generoso. Sua antiga pobreza fizera-o contrahir habitos de religiosa economia, aos quaes, não obstante, soube elle sempre alliar uma nobre liberalidade, conforme o demostram certos factos referidos na *Auto-biographia* de Abrahão Raimbech, o gravador.

XIII

Mencionaremos tambem aqui um artista cuja vida offerece igualmente um notavel exemplo de laboriosa energia e indomavel perseverança; fallamos de Guilherme Etty. Seu pai era fabricante de bolos em York, e sua mãe — mulher de grande força e de character sumamente original — era filha de um cordoeiro. O menino manifestou muito cedo vivissimo gosto pelo desenho. Cobria as paredes, o soalho, as mesas, de amostras do seu talento. Tendo-se-lhe acabado o lapis, aliás de preço insignificantissimo, viu-se elle obrigado a trabalhar com pedaços de carvão. Sua mãe, que não tinha a idéa a respeito de arte, quiz fazel-o aprender um officio, e o poz em uma typographia. Mas, nas horas vagas; Etty continuou a desenhar; e, concluido o tempo de aprendizagem, mostrou-se energicamente resolvido a seguir a sua inclinação, isto é, a ser pintor ou cousa nenhuma. Felizmente, seu tio e seu irmão mais velho podiam e estavam dispostos a auxiliá-lo na sua nova carreira, e acharam meio de fazel-o matricular-se na Academia Real. Vemos na *Auto-*

biographia de Leslie que Etty era considerado pelos seus condiscipulos como um digno rapaz, aferradissimo ao trabalho, mas de curtos alcances, e que nunca se distinguiria. Comtudo tinha elle por si esta faculdade divina — o amor ao trabalho — e, á força de paciencia e de assiduidade, logrou elevar-se a uma posição eminente nas mais altas regiões da arte.

XIV

Muitos artistas, antes de se tornarem celebres, soffreram privações que lhes provaram bem cruelmente a paciencia e o esforço; quanto aos que hão naufragado neste mar procelloso, nunca se saberá ao certo o seu numero. Martin, na sua carreira, teve de lutar com difficuldades taes que mui poucas pessoas haverá capazes de comprehendel-as. Na época em que este artista trabalhava no seu primeiro quadro, viu-se não poucas vezes em risco de morrer de fome. Conta-se que um dia achou-se elle reduzido ao seu ultimo *schelling*, um *schelling* novo, bem limpo, e que o artista por tal motivo guardara; mas afinal viu-se obrigado a comprar com essa moeda um bocado de pão. Martin entrou em una padaria, comprou um pão, e já se ia retirando com elle, quando o padeiro, tomando-lh'o arrebatadamente, devolveu o dinheiro ao misero artista esfomeado: o lindo *schelling* trahira-o na hora da necessidade... era uma moeda falsa. Assim que chegou á çasa, Martin tanto procurou e tornou a procurar, que logrou descobrir um pedaço de pão duro com o qual poudes, não saciar, mas enganar a fome. Fortalecido no meio de todas estas miserias pelo vivificante influxo do enthusiasmo, perseverou nos seus projectos com

indomavel energia. Deliberou-se esforçadamente a esperar, e, enquanto esperava, trabalhava; alguns dias depois, tendo achado oportunidade de expôr o seu quadro, viu-se de repente no numero dos homens afamados. A vida de Martin, bem como a de milhares de outros grandes artistas, prova que, a despeito das circumstancias exteriores, o genio, ajudado pelo trabalho, pôde esperar tudo de si mesmo, e que a fama, comquanto ás vezes se demore muito, sempre afinal concede os seus favores ao merito real.

XV

A applicação laboriosa que reconhecemos ser indispensavel para se attingir a excellencia na pintura e na esculptura, é tão necessaria aos que cultivam a poesia dos sons, como aos que cultivam a poesia da fórma e da côr. Handel era um trabalhador perseverante e infatigavel; nunca o desanimava o máo exito, e sua energia parecia crescer na proporção dos golpes da adversidade. Teve elle a infelicidade de ser preso como devedor insolvel; mas a despeito do desgosto que por este motivo soffreu, não desacoroçoou um só instante, e no espaço de um anno compoz *Saül, Israel*, a musica da *Ode de Dryden*, seus *Doze grandes concertos* e a opera *Jupiter em Argos*, que são contados no numero das suas mais bellas obras. Segundo diz o seu biographo, « dotado de incomparavel actividade, fazia Handel por si só o trabalho de doze homens. »

Hayden, fallando da sua arte, dizia : « A musica consiste em escolher um assumpto e em desenvolvê-lo cabalmente. » — O trabalho, dizia Mozart, é o meu maior prazer. » — Não ha barreiras que possam dizer ao genio

que desfere o vôo — *não irás mais longe*, tal era a maxima de Beethoven. Quando Moschelás submetteu a seu juizo a partitura de *Fidelio* para piano, Beethoven leu na ultima pagina estas palavras « *Finis*, com a ajuda de Deus. » Tomou elle immediatamente a penna e escreveu por baixo « Oh ! homem, ajuda-te a ti mesmo ! » Tal era a divisa de Beethoven, o afamado artista. Sebastião Bach, fallando de si mesmo, dizia « Fui laborioso ; quem o fôr tanto como eu, póde ter a certeza de ser igualmente bem succedido. » Mas não ha a menor duvida que Bach nascera com uma paixão pela musica, que foi a origem da sua energia e o segredo dos seus triumphos. Era elle ainda bem moço quando seu irmão mais velho, que queria dar outra direcção aos seus talentos naturaes, destruiu uma collecção de estudos que o joven Sebastião, a quem não davam luz, escrevera ao luar, provando assim quão invencivel era a inclinação do seu genio. Bayle, escrevendo de Milão, em 1820, dizia a respeito de Meyerbeer : « É homem de algum talento, mas sem genio, vive como um solitario, e consagra á musica quinze horas por dia. » Passaram-se annos, e as *quinze horas por dia* vieram afinal mostrar se o autor de *Roberto do Diabo*, dos *Huguenotes*, de *Propheta*, e de outras obras geralmente contadas no numero das mais bellas operas, que hão sido compostas nos tempos modernos, era ou não um genio.

CAPITULO SEXTO

ENERGIA E CONSTENCIA

O mundo pertence aos intrepidos.
PROVERBIO ALLEMÃO

Para os corações alentados não ha impossiveis.

Divisa de JACQUES COEUR.

I

E a um antigo guerreiro do Norte que a fama attri-
bue estas palavras judiciosissimas, nas quaes se revela
tão profundamente o character da raça teutonica : « Não
creio em idolos nem em demonios, é unicamente na força
do meu proprio corpo e na energia de minha propria alma
que deposito toda a minha confiança. » O antigo elmo
ornado de uma picareta com este mote « Se não achar
caminho, abrirei um » offerece-nos uma expressão, não
menos eloquente do que aquella outra, da vigorosa inde-
pendencia por que se hão até hoje distinguido os des-
cendentes dos homens do Norte. Na verdade, bem caracte-
rístico é o facto de haver a mythologia scandinava
armado o seu deus de um martello. Não é mister grande
esforço para se reconhecer o character de um homem, e
póde-se até certo ponto, por mui insignificante que pareça

esta prova, julgar da sua energia pela maneira por que elle bate na bigorna. Foi justamente isto que serviu de argumento a um distincto francez para resumir, em poucas palavras, a feição característica dos habitantes de certa provincia, onde um de seus amigos manifestava a intenção de estabelecer-se e comprar terras. « Não façaes tal, disse-lhe; eu conheço a gente desse departamento : os moços que de lá vêm para a escola veterinaria de Pariz, *batem frouxamente na bigorna*; não têm a menor energia; e o capital que empregasseis nessa terra não vos daria lucro satisfatorio. » Bella e justa apreciação de character, que só podia emanar de um observador exacto e profundo, e da qual se evidencia admiravelmente que a energia dos individuos constitúe a força do estado e dá todo o valor ao proprio sólo que elles cultivam. Conforme diz o proverbio francez « *Onde o homem nada vale, nada vale a terra* ».

A cultura desta qualidade é da maior importancia; porquanto a firmeza de proposito, quando concorre com uma nobre ambição, é o fundamento de toda a verdadeira grandeza de character. Uma boa dóse de energia torna o homem capaz de occupar-se com as mais aridas minuciosidades, de se applicar aos mais improbos trabalhos, e afinal o eleva a uma posição eminente, seja qual fôr a condição social em que elle haja nascido. De resto, a energia faz mais cousas do que o genio, e quem a possui acha-se menos exposto a perigos e decepções. É na firmeza de proposito, e não na eminencia dos talentos, na vontade de trabalhar com energia e perseverança, que não no poder de triumphar das difficuldades, que teremos em todos os casos seguras garantias de bom exito; de onde se segue que no character humano a energia é verdadeiramente a força principal, em uma

palavra, o proprio homem. Só ella dá impulso aos seus actos e lhe vivifica os esforços. Offerece um ponto de apoio a toda esperanza legitima; e é a esperanza que por seu turno, dá á vida o seu verdadeiro perfume. Entre as reliquias de Battle Abbey (1) acha-se um capacete despedaçado, no qual se lê esta divisa: *A esperanza é a minha força*, divisa que podia ser verdadeiramente a de nós todos. *Ai do fraco!* diz o filho de Sirach; e não ha com effeito bem algum que se equipare á posse de um coração esforçado. Ainda que o homem tenha a infelicidade de vêr mallograrem-se os seus esforços, restar-lhe ha a grande satisfação de poder dizer que fez da sua parte tudo quanto lhe era possivel. Na vida de cada dia, é bem acoroçador e bello um homem oppôr a paciencia á dôr, triumphar unicamente pela força do seu character, e, quando lhe sangram os pés e lhe fraqueam as pernas continuar a caminhar, amparado pela sua constancia.

II

Os vagos desejos e as aspirações sem alvo determinado engendram de ordinario uma especie de chlorose no espirito dos mancebos; importa, pois, que esses desejos se traduzam em factos e actos. Não basta *esperar*, como faz tanta gente, *que Blucher chegue*; deve-se, entremantes, combater e perseverar como fez Wellington. Formada uma resolução, releva que a executemos com ardor e sem nos desviarmos da nossa méta. Em muitos ramos da actividade social, deve cada qual supportar

(1) *Abbadia da Batalha*, edificada por Guilherme-o Conquistador no sitio onde ganhára a batalha chamada de Hastings.

alegremente o trabalho e a fadiga e consideral-os como uma disciplina necessaria. « Na vida, diz Ary Scheffer, só é fructuoso o que nos custa uma tribulação, ou o que obtemos com o trabalho de nossa mãos... Lutar e sempre lutar — eis no que consiste a vida e, neste particular, a minha ha sido completa; mas atrevo-me a dizer com justo orgulho que nunca por motivo algum se me quebrantou a constancia... Todo aquelle que tiver animo esforçado e uma nobre intenção, fará tudo quanto quizer moralmente. »

Carlos IX, rei da Suecia, cria firmemente na efficacia da vontade, ainda mesmo que as pessoas estivessem no verdor dos annos. Pondo um dia a mão sobre a cabeça do mais moço de seus filhos, que se achava incumbido de um trabalho difficil. « Elle o fará! exclamou; elle o fará! » Como qualquer outro habito, o de nos applicarmos ao trabalho com zelo e continuidade, torna-se afinal comparativamente facil. É assim que até mesmo as pessoas dotadas de intelligencia ordinaria e de mui mediocres talentos conseguem fazer muito quando se applicam inteira e infatigavelmente a uma unica cousa de cada vez. As pessoas em quem Fowell Buston confiava eram, dizia elle, as que ajuntavam a meios ordinarios uma extraordinaria applicação, e punham em pratica esta prescripção das Sagradas Escripturas: « Quando fizeres qualquer cousa, faze-a com todo o esmero ». Attribuia elle proprio o feliz exito das suas empresas ao habito que contrahira de *sempre trabalhar com todo o esmero em uma unica cousa de cada vez.*

Nunca lograremos fazer cousa realmente meritoria se não trabalharmos com gosto. O homem deve principalmente o vigor da sua intelligencia a esta energia da vontade, a esta luta com as difficuldades — que chama-

mos esforço ; e causa pasmo vêr quão a miudo se obtêm assim resultados que a principio pareciam impossiveis. Basta ás vezes uma intensa aspiração para mudar a possibilidade em realidade, pois os nossos desejos nada mais são, em muitos casos, do que os precusores dos designios que temos a capacidade de executar. Pelo contrario, os espiritos timidos e vacillantes acham tudo impossivel, principalmente porque tudo lhes parecia selo na realidade. Conta-se que um joven official francez costumava passeiar a miudo no seu quarto exclamando « Hei de ser um grande general e chegarei ao posto de marechal de França ! » Este ardente desejo foi o presentimento da realisação dos seus votos ; porquanto esse official veiu a ser com effeito um distincto general, e morreu no posto de marechal de França.

Walker, autor do *Original* (1), tinha tamanha fé na efficacia da vontade que um dia resolveu, diz elle, passar bem de saude, e effectivamente passou bem. Isto pôde-se dar uma vez ; mas posto que este genero de tratamento offereça menos perigos do que a maior parte das receitas dos medicos, não seria prudente confiar muito nelle. Grande é sem duvida o poder do espirito sobre o corpo, mas tambem da sua excessiva contensão pôde resultar o completo aniquilamento das forças phisicas. Conta-se que Muley Moluc, chefe marroquino, achava-se atacado de doença incuravel, quando se travou uma batalha entre as suas tropas e os portuguezes. Ao saber, no momento decisivo da peleja, que os seus soldados recuavam, lançou-se elle fóra da liteira, reuniu-os, guiou-os á victoria, e, logo depois, cahiu exausto e soltou o ultimo suspiro.

(1) Série de Ensaios, publicada em Londres.

É a força de resolução, a *vontade*, que dá ao homem o poder de fazer ou de ser tudo quanto elle proprio tencionou fazer ou vir a ser. Um homem notavel pela sua piedade costumava dizer que « tudo em nossa vida depende de nós mesmos; e que a força da nossa vontade, auxiliada pela graça divina, é tamanha, que tudo quanto firme e sériamente queremos ser, com effeito, logramos vir a sel-o, pois aquelle que deseja com ardor tornar-se humilde, paciente, modesto ou liberal, acaba necessariamente por adquirir todas essas virtudes ». Conta-se de um marceneiro uma historia que vale a pena referir. Notaram um dia que elle empregava particular esmero no concerto de uma cadeira de magistrado, concerto de que o haviam incumbido; e tendo-lhe alguém perguntado a razão d'aquelle zelo extraordinario, « É para achar esta cadeira mais commoda quando nella me vier a assentar », respondeu o artesão. Ora, o que é bem singular é que o mestre marceneiro de tal maneira prosperou, que afinal se assentou com effeito naquella cadeira, como magistrado.

III

Sejam quaes forem as conclusões theoricas a que cheguem os logicos relativamente á questão do livre arbitrio, todos nós reconhecemos praticamente que temos a liberdade de escolher entre o bem e o mal; que não somos como o pedaço de páo, o qual, lançado na torrente, apenas pôde indicar, seguindo-a, a correnteza da agua; reconhecemos, digo, que possuímos os recursos do nadador, e podemos escolher a direcção que nos convem, lutar com as ondas, e, a despeito da corrente, ir

ter pouco mais ou menos ao ponto que quizermos. Não pesa sobre a nossa vontade constrangimento algum absoluto, e sentimos e sabemos que no que diz respeito ás nossas acções, não estamos sujeitos a qualidade alguma de magia. Todas as nossas aspirações para o bello e o bom ficariam paralyzadas se pensassemos de outra maneira. Todos os negocios e toda a direcção da vida, os nossos regimens domesticos, as nossas disposições sociaes, as nossas instituições publicas, baseam-se na noção pratica do livre arbitrio. Sem elle, como haveria responsabilidade? e de que serviria ensinar, aconselhar, pregar, censurar e punir? Far-se-hiam por ventura leis, se não fosse a crenca tão universal, quão universal é o facto, de que depende dos homens e da sua determinação individual o conformarem-se ou deixarem de se conformar com ellas? Em todos os instantes de nossa vida, a consciencia nos brada que a nossa vontade é livre. É a unica cousa de que temos o pleno dominio, e a direcção, boa ou má, que lhe damos, só depende effectivamente de nós mesmos. Não somos escravos dos nossos habitos e tentações, mas sim senhores delles. Ainda mesmo que nos aconteça ceder á sua influencia, diz-nos a consciencia que poderíamos ter resistido, e que, para vencermos em taes conflictos, não é mister uma resolução mais energica do que a de que sabemos perfeitamente ser capazes, quando fazemos traduzir-se em actos a nossa vontade.

« Estaes na idade em que todo o homem deve tomar uma decisão, dizia o abbade de Lammenais a uma alma enervada; se não aproveitardes o ensejo, tereis de vos submeter ao destino resultante da vossa propria fraqueza, gemereis na sepultura que houverdes cavado para vós mesmo, sem poder levantar-lhe a lousa... O

que mais rapidamente se gasta em nós é a vontade. Sabei, pois, querer uma vez, mas querer afincadamente; torna fixa a vossa vida vacillante, e não a deixeis d'aqui em diante ser arrastada por todos os ventos, qual folhinha secca. »

Buston estava convencido de que qualquer mancebo podia vir a ser pouco mais ou menos tudo quanto quizesse, se, depois de tomada uma resolução, nella perseverasse com todo o esforço. Escrevendo a um de seus filhos, dizia-lhe : « Chegastes á idade em que importa ao homem escolher uma carreira. Se não mostrardes agora que tendes principios, resolução, força de espirito, cahireis em breve na ociosidade, e contrahireis os habitos e o character de um rapaz inutil e dissoluto; e, chegado a tal extremo, crêde que não vos será muito facil emendar a mão. Tenho para mim que um rapaz póde vir a ser, pouco mais ou menos, tudo quanto quizer. Pelo que me diz respeito, foi assim que procedi. A maior parte da minha felicidade e todos os meus triumphos fôram o resultado da resolução que tomei na idade em que estaes. Se vos determinardes sériamente a proceder como homem energico e industrioso, podeis ter a certeza de que durante toda a vossa vida não vos faltarão motivos de vos alegrardes pela cordura com que formastes uma tal resolução e nella perseverastes. » Como a vontade, se a considerarmos sem attender á maneira por que ella se exerce, nada mais é do que a constancia, firmeza, perseverança, tudo evidentemente depende da direcção que se lhe dá. Quando uma robusta vontade vota-se unicamente aos gozos sensuaes, é um demonio, ao qual serve como ignobil escrava a intelligencia; mas, empregada na pratica do bem, é essa mesma vontade uma rainha que tem por ministros as nossas faculdades intelle-

ctuaes, e preside, á testa dellas, ao mais elevado desenvolvimento de que é susceptivel a natureza humana.

IV

Á *força de vontade tudo se consegue* é uma maxima antiga, sim, mas nem por isso menos verdadeira. Todo aquelle que se determina a fazer uma cousa, com o simples facto de se ter assim determinado, minoralhe as difficuldades e assegura a sua effectuação. Julgar-se um homem com aptidão para qualquer empreza é quasi tel-a com effeito ; formar a resolução de realizar um progresso qualquer, equivale frequentemente a tel-o já realisado. E eis a razão por que a resolução e a energia se assemelham de alguma sorte á omnipotencia.

A força de character de Souwarow residia no vigor da sua vontade, e, como a maior parte dos homens resolutos, erigia elle em systema a firmeza de proposito : « Não empregastes de certo todo o esforço da vossa vontade », dizia aos que eram mal succedidos em suas emprezas. Como Richelieu e Napoleão, Souwarow houvera de boamente riscado do dictionario a palavra *impossivel*. « Não sei — Não posso — Impossivel », eram expressões que elle detestava no mais alto gráo. « Aprendei ! Fazei ! Tentae ! » bradava o afamado guerreiro. E pois, com razão disse o seu biographo, que elle offereceu um notavel exemplo do que podem produzir o desenvolvimento energico e o exercicio continuo de faculdades cujo germen, pelo menos, se acha no coração de todo o homem.

Uma das maximas predilectas de Napoleão era que « a mais alta sabedoria consiste em uma firme resolu-

ção. » Sua vida, melhor talvez do que a de qualquer outro, nos mostra, com vivissimas côres, de quanto é capaz uma vontade inconstratavel e isenta de todo o escrupulo. Lançou elle na balança em que se pesavam os seus destinos toda a força e intelligencia de que era dotado; e os soberanos ignavos e as nações por elle governadas prosternaram-se uns após outros a seus pés. Os Alpes, diziam-lhe, tolhiam o passo aos seus exercitos. « Pois já não ha Alpes », respondeu elle; e a estrada de Simplon atravessa um districto outr'ora quasi inaccessible. « *Impossível*, dizia o grande homem; é uma palavra que só se acha no dictionario dos tolos. » A sua applicação ao trabalho era incomparavel; chegava elle ás vezes a occupar ao mesmo tempo quatro secretarios em escrever o que lhes dictava. Nunca attendia ao estado de fadiga de pessoa alguma, principiando por si mesmo. Era elle o centro da intelligencia, do genio e da força do seu seculo. Engenheiros, sabios, homens de estado, todos vinham submetter-lhe os seus projectos; Napoleão escolhia os melhores, e os marcava com o cunho de seu genio. Os outros homens — salvas poucas excepções — se curvavam perante o heróe como diante de uma das forças da natureza. Sua influencia inspirava os outros e lhes infundia nova vida; e elle arrastava tudo pela força, pela concentração e segura direcção da sua actividade. « A lição que por elle nos é dada, diz Emerson, e que tambem nos dá uniformemente o exercicio da força physica e intellectual, é que ha sempre logar para ella no mundo. Quantos e quantos milhares de ignavas hesitações não são refutadas pela vida de Napoleão ! »

É pela decisão e diligencia que se assignala a energia. « Quando vos achareis prompto para partir para a Africa? perguntaram um dia ao viajante Ledyard, da

parte da Associação africana. « Amanha de manhã », respondeu elle immediatamente. Blucher, em razão da sua actividade, era conhecido no exercito prussiano pelo cognome de *Marechal Avante*. Tendo alguém perguntado a João Jervis, que depois foi conde de S. Vicente, quando se acharia prompto para reassumir o commando do seu navio : « Neste instante », respondeu elle. A sir Colin Campbell, que acabava de ser nomeado commandante em chefe do exercito da India, perguntaram tambem quando se acharia prompto para partir, e a sua resposta — penhor dos seus triumphos ultteriores — foi : « Amanhã. » É com effeito esta rapidez de resolução e a presteza em executar o que se ha deliberado que ajudam um general a aproveitar-se instantaneamente dos erros do inimigo, e decidem muitas vezes a sorte das batalhas. Napoleão dizia que uma das razões por que elle batera os austriacos fôra por estes não conhecerem o valor do tempo ; o grande guerreiro sempre os atacava nas occasiões em que elles julgavam não haver a menor necessidade de se apressarem.

V

Sir Carlos Napier, general do exercito da India, tambem era homem de grande energia, como bem o prova este dito : « Pois nada mais farão do que determinarem-me a me enraizar aqui mais e mais profundamente, » com que elle, em uma das suas campanhas, exprimia a inabalavel resolução de superar todas as difficuldades que o rodeiavam. A batalha de Meance, por elle commandada, é um dos feitos mais extraordinarios que menciona a historia. Com uma força de 2,000 ho-

mens, dos quaes sómente 400 eram europeus, Napier apresentou batalha a um exercito de 35,000 beloutchis, robustos e bem armados. Era, na apparencia, o cumulo da temeridade; mas o general confiava em si mesmo e nos seus soldados. Carregou elle o centro dos beloutchis, ao longo de uma encosta escarpada que formava o entrincheiramento do inimigo, e durante tres mortaes horas pelejou-se com indescriptivel furor. Sob a inspiração do chefe, cada soldado d'aquelle exercitosinho tornou-se, por momentos, um heróe. Os beloutchis, não obstante serem vinte contra um, foram rechassados; mas retiraram-se fazendo frente ao inimigo. Eis a especie de intrepidez, de tenacidade, de perseverança resoluta, que garante a victoria, não só na guerra, senão tambem em todas as lutas: assim é que o parrelheiro, na carreira, em chegando a ficar com a cabeça adiante das dos outros, ganha o premio e mostra ao mesmo tempo a pureza da sua raça; assim é que por meio de uma marcha forçada se consegue terminar a campanha, e que se ganha uma batalha perseverando-se intrepidamente na luta por mais cinco minutos. Vossas forças são talvez inferiores ás do adversario, mas afinal lograreis levar a melhor, se as concentrardes ainda e mais continuardes a combater por mais algum tempo. Esta resposta de um espartano ao filho que se queixava de estar com uma espada demasiadamente curta. — Pois alonga-a dando um passo para diante — se applica a tudo na vida.

Napier seguia o bom methodo para infundir na alma dos soldados o seu espirito heroico: trabalhava tanto como qualquer delles. « A grande arte de commandar, dizia o general, consiste em o chefe encarregar-se de uma parte razoavel do trabalho commum. O homem que se acha á testa de um exercito só poderá ser bem succe-

dido consagrando-se exclusivamente á sua tarefa. Ás difficuldades renascentes, deve elle oppôr uma perseverança infatigavel, aos perigos crescentes uma coragem invencivel, até que enfim se achem superados todos os obstaculos. » Um joven official que fazia parte do exercitosinho em operações nas montanhas do Belouchistan, dizia : « Vendo aquelle velho constantemente a cavallo, como me poderei entregar á preguiça, eu que sou moço e robusto ? pelo contrario, se elle m'o ordenasse, lançar-me-hia sem hesitar á bocca de uma peça carregada com metralha. » E Napier, a quem refiriram estas palavras, affirmou que o simples dito do joven official era para elle ampla recompensa das suas fadigas.

VI

A India, durante o seculo passado, foi um vasto campo onde a energia britannica poude desenvolver-se livremente. De Clive a Havelock e a Clyde, estende-se uma longa e honrosa lista de nomes distinctos nas guerras ou na legislação da India. Taes são Wellesley, Wellington, Metcalfe, Outram, Edwards e os Lawrences. Outro nome, grande mas infamado, é o de Warren Hastings, homem de vontade intrepida e de infatigavel perseverança. Sua familia era antiga e illustre ; mas as vicissitudes da fortuna e uma deploravel devoção á causa dos Stuarts, produziram a ruina dos Hastings. As terras da familia, situadas em Daylesford, e bem assim o castello onde ella residira por espaço de seculos, passaram afinal a outro proprietario. Todavia, o ultimo dos Hastings de Daylesford déra anteriormente a seu segundo filho a parochia situada naquellas terras ; e foi na casa de resi-

dencia do parócho que, muitos annos depois, nasceu seu neto, Warren Hastings. O menino aprendeu a lêr na escola da aldêa, juntamente com filhos de humildes camponezes. Brincou com elles nos campos que haviam pertencido a seus avós, evocando na infantil imaginação a *passada grandeza* dos bravos e leaes Hastings de Daylesford. Accendeu-se-lhe a tenra ambição, e (se dermos credito ao que se refere a seu respeito) aos sete annos de idade, tendo elle ido, em uma linha manhã de estio, descansar á margem do rio que atravessa o antigo dominio, formou a resolução de reassumir um dia a posse das terras de sua familia. Isto não passava então de um devaneio de espirito infantil, mas Warren viveu bastante para fazer d'aquelle devaneio uma realidade. O sonho se converteu em paixão, enraizou-se-lhe na alma, e, desde a infancia até á adolescencia, desde a adolescencia até á virilidade, Warren persistiu da sua determinação com a placida e inquebrantavel força de vontade que formava a feição mais saliente do seu character. O pobre orphão, tornando-se um dos homens mais poderosos do seu tempo, restaurou a fortuna da sua casa, remiu o antigo patrimonio e reedificou o solar dos Daylesfords. « Quando, diz Macaulay, sob um sol tropical, Warren governava cincoenta milhões de asiaticos, suas esperanças, no meio das preoccupações da guerra, das finanças, da legislação, lhe representavam de continuo Daylesford; e quando elle viu sua longa carreira publica, tão singularmente mesclada de bem e de mal, de gloria e de opprobrio, chegar enfim ao termo, recolheu-se de preferencia a Daylesford afim de alli findar os seus dias. »

VII

Esta mesma energia e audaciosa não são desenvolvidas em muitas carreras que, comquanto pareçam menos brilhantes do que a das armas, nem por isso são menos uteis; todos os ramos da sciencia, da arte e da industria nos offercem notaveis exemplos desta verdade. Um dos mais interessantes talvez é o que versa sobre a descoberta dos marmores de Ninive, e das inscripções em caracteres cuneiformes ou com ponta de setta, especie de escripta que se havia perdido desde a época da conquista da Persia pelos macedonios.

Um intelligente cadete da companhia das Indias Orientaes, chamado Rawlinson, achando-se de guarnição em Kermanshah, na Persia, notara as curiosas inscripções cuneiformes que cobrem os monumentos da vizinhança (monumentos tão antigos, que havia muito não se tinha a menor noção historica ácerca da sua origem), e entre as inscripções que elle copiou achava-se a do celebre rochedo de Behistun, o qual se eleva perpendicularmente á altura de 1,700 pés acima da planicie, e cuja parte inferior apresenta, em uma extensão de quasi 300 pés, inscripções em tres figuras — persica, scythia e assyria. Comparando attentamente a lingua que sobreviveu com a que se perdeu, o cadete chegou a adquirir um certo conhecimento das combinações dos caracteres cuneiformes, e até conseguiu formar um alphabeto. Rawlinson (posteriormente sir Henri) mandou as suas cópias de inscripções para a Inglaterra, afim de serem alli examinadas. Não havia então um unico collegio cujos professores tivessem a menor idéa dos caracteres cuneiformes; mas descobriu-se um ex-escripturario da companhia das

Índias, modesto desconhecido chamado Morris, que fizera um estudo particular d'aquelle abstruso assumpto, e a quem fôram submettidas as copias de Rawlinson. Ora, tal era o saber de Morris, que, comquanto nunca elle houvesse visto o rochedo de Behistun, declarou que Rawlinson não copiara bem exactamente a difficil inscripção. Rawlinson, que ainda se achava na vizinhança de Behistun, comparou a sua copia com o original, e reconheceu que Morris tinha razão : foi assim que, á força de comparações e de attentos estudos, chegou ao conhecimento da escripta cuneiforme ao ponto de poder realisar importantes progressos.

Mas para se aproveitar a sciencia adquirida por aquelles dois filhos de suas obras, era preciso que um terceiro companheiro lhes viesse ministrar os meios de exercerem a sua habilidade. Achou-se este collaborador na pessoa de Agostinho Layard, que fôra outro'ra escrevente de advogado em Londres. Quem havia de pensar que um cadete, um empregado da companhia das Índias e um escrevente de advogado viriam a descobrir uma lingua esquecida e a restaurar a historia de Babylonia? E, não obstante, foi justamente isto o que aconteceu. Layard, tinha apenas vinte e dous annos, quando, viajando no Oriente, sentiu-se dominado do desejo de penetrar nas regiões situadas além do Euphrates. Seguido de um unico companheiro, contando sómente, para sua segurança pessoal, com as suas armas, e (o que era muito melhor) com o seu character jovial, com a sua polidez e maneiras cavalheirosas, passou elle são e salvo pelo meio de tribus que se achavam em guerra encarniçada umas com outras; e, despeito da escassez relativa dos seus recursos, á força de trabalho, de perseverança, de resolução, de firmeza, de proposito, e graças sobretudo á sua paixão

enthusiastica pelas pesquisas e descobertas, e a uma paciencia quasi sublime, conseguiu, ao cabo de alguns annos, achar e tirar á luz thesouros historicos de importancia tal, como provavelmente nunca fôra dado até então a um unico homem reunir eguaes. Mais de tres kilometros de baixos-relevos foram descobertos por Layard; e, o que é do mais alto interesse, essas anti-gualhas preciosas, cuja collecção se acha hoje no museu britannico, corroboraram de uma maneira tão curiosa o que a Escriptura Sagrada nos refere a respeito de casos succedidos ha tres mil annos, que o mundo, maravilhado, quasi as considerou como uma nova revelação. Além disso, a historia das pesquisas a que devemos a descoberta de tão notaveis monumentos, tal qual o proprio Layard a referiu nos seus *Monumentos de Ninive*, será sempre um dos mais singelos e attractivos relatorios em que a industria, o commettimento e a energia individuaes hão narrado os seus esforços e triumphos.

VIII

Entre os fundadores de pariatos inglezes podemos citar, em particular, os das familias Foley e Normanby como exemplos notaveis das qualidades moraes de que fallamos. O fundador da primeira destas familias foi Ricardo Foley, cujo pae, modesto proprietario, vivia, no reinado de Carlos I, na vizinhança de Stourbridge. Alli se achavam as principaes fabricas de ferro dos districtos do centro, e Ricardo, tendo préviamente aprendido o officio, trabalhava como operario em um dos ramos d'aquella industria — o do fabrico de prégos. O que sobretudo o impressionou foi a enorme perda de

tempo e de trabalho que resultava do modo grosseiro por que era cortado o ferro destinado áquelle fabrico. Parece que os fabricantes de prégos de Stourbridge se achavam então quasi na impossibilidade de lutar com a Suecia, que trabalhava mais em conta do que elles, e mandava para a Inglaterra os seus productos em consideravel quantidade. Chegou-se a saber que a razão por que os suecos vendiam os seus prégos tão barato consistia no uso de machinas de cortar o ferro, graças ás quaes tinham elles completamente renunciado ao methodo grosseiro e trabalhoso que ainda se seguia em Inglaterra na preparação do metal destinado áquelle genero de manufactura.

Tendo-se certificado de que tal era com effeito o caso, Ricardo Foley formou a resolução de aprender o novo methodo adoptado pelos suecos. Desappareceu de repente dos arredores de Stourbridge, e, durante alguns annos, não se ouviu fallar nelle. Ninguem, nem mesmo sua familia, sabia o que fôra feito de Foley; porquanto este, com receio de ser mal succedido, não revelara a pessoa alguma os seus projectos. Partira quasi sem dinheiro, mas não obstante, sempre conseguiu chegar a Hull, onde achou meio de se engajar a bordo de um navio que devia sahir brevemente para um porto sueco. O unico objecto de valor que Foley levava era a sua rabeca. Tendo chegado á Suecia, internou-se elle pelo paiz, e, tocando rabeca e pedindo esmola, foi dar comsigo nas minas de Dannemora, situadas perto de Upsal. Como era excellente musico e jovial companheiro, Ricardo conciliou bem depressa as sympathias dos ferreiros. Recebido em toda a parte, podendo presenciar livremente todos os trabalhos, teve numerosas occasiões de observar tudo bem a seu gosto, e de adquirir cabal sciencia (pelo

menos assim o cria) do novo methodo de cortar o ferro. Depois de se haver demorado muito tempo nas minas, Foley, julgando-se finalmente de posse do almejado segredo, desapareceu um bello dia de Dannemora, assim como desaparecera precedentemente de Stourbridge, sem que se soubesse para onde elle tinha ido.

Assim que chegou á Inglaterra, Ricardo communicou o resultado da sua viagem a algumas pessoas de Stourbridge, as quaes, em razão da grande confiança que elle lhes merecia, adiantaram-lhe os fundos necessarios para a construcção de uma fabrica e das novas machinas de cortar ferro. Mas, quando tudo ficou prompto e chegou o momento de se experimentarem as machinas, viu-se, com grande desgosto e mallogro de todos, e particularmente de Foley, que ellas não funcionavam, ou que pelo menos não cortavam o ferro. Ricardo desapareceu de novo. Suppôz-se que a vergonha e a mortificação, por elle sem duvida sentidas ao vêr abortarem os seus projectos, o tinham determinado a retirar-se para sempre do paiz. Mas enganavam-se os que assim pensavam. Foley, que havia simplesmente formado a resolução de se apoderar do segredo da preparação do ferro para o fabrico dos prégos, e estava mais do que nunca determinado a não desistir da empreza, partira de novo para a Suecia, munido, como da primeira vez, da sua rabeça, e seguira para as forjas de Dannemora, onde havia sido recebido com grandes demonstrações de alegria pelos mineiros que, para terem mais seguro o seu rabequista, o alojaram na propria fabrica onde funcionavam as novas machinas. De resto, Ricardo, excellente tocador de rabeça, parecia tão destituido de intelligencia para tudo o mais, que os terreiros nem por sombras suspeitavam dos projectos do seu menestrel, a quem elles mesmos proporçio-

navam assim os meios de attingir o que constituiria o alvo e a esperança de toda a sua vida. Foley, desta vez, examinou com cuidado e minuciosidade as machinas que via funcionar, e bem depressa descobriu a causa do máo exito da sua tentativa. Como não tinha noção alguma de desenho, fez, com a maior exactidão que poude, riscos ou esboços de todas aquellas machinas, e, depois de haver levado largo tempo a verificar minuciosamente as suas observações e a formar uma idéa lucida e completa da disposição dos diversos machinismos da fabrica, abandonou os ferreiros, e, tendo chegado a um porto sueco, embarcou para Inglaterra. Um homem que levava a tal ponto a força de resolução não podia ser mal succedido. Quanto Ricardo se achou de novo no meio dos seus amigos, que ficaram muito admirados de o tornarem a vêr, completou os machinismos da sua fabrica, e desta vez coroou-lhe o bom exito os esforços. Graças á energia e habilidade com que se houvera, Foley lançou em breve os alicerces de uma grande fortuna, e teve ao mesmo tempo a dita de reanimar a industria de um districto extensissimo.

IX

Guilherme Phipps, fundador da familia Mulgrave ou Nermanby, foi, no seu genero, um homem tão notavel como Ricardo Foley. Seu pae era arameiro em Woolwich, no estado do Maine, que fazia então parte das colonias inglezas da America. Guilherme nascera em 1651. A familia Phipps contava vinte e seis filhos, dos quaes vinte e um eram varões, e a fortuna de todos elles consistia apenas na robustez dos seus braços e no esforço dos seus corações. Guilherme, que parecia

ter nas veias uma boa dóse de sangue dos piratas dinamarquezes, não gostava da vida tranquilla dos pastores, á qual lhe fôra não obstante forçoso sujeitar-se na sua mocidade. Intrepido e ousado por natureza, desejava elle ardentemente fazer-se marinheiro e correr o mundo. Buscou engajar-se a bordo de diversos navios; mas, não o tendo conseguido, entrou como aprendiz para um estaleiro particular, e alli, ao passo que se ia tornando cada vez mais perito no seu officio, aproveitava as horas vagas aprendendo a lêr e a escrever. Concluido o tempo de aprendizagem, Guilherme foi residir em Boston, onde pediu e obteve a mão de uma viuva que tinha alguma fortuna. Depois disto, montou por sua propria conta um estaleirosinho, construiu um navio, equipou-o e dedicou-se ao trafico de madeiras, do qual, por espaço de dez annos, e não obstante o seu muito trabalho, apenas colheu mesquinhos resultados.

Um dia, passando elle por uma das ruas tortuosas da antiga Boston, ouviu casualmente uns marinheiros a conversarem ácerca de um navio hespanhol naufragado, havia pouco tempo na altura das ilhas Bahamás; suppunha-se que esse navio trazia a bordo grande quantidade de dinheiro. O espirito emprehendedor de Phipps inflammou-se áquella idéa, e tendo elle reunido a toda a pressa uma tripolação propria para a expedição que ia tentar, deu á vela. Como o navio tinha sido lançado á costa, Guilherme facilmente o descobriu, e conseguiu recolher grande parte do carregamento, mas, quanto a dinheiro mui pouco achou; de maneira que, feitas as contas, apenas poude elle salvar as despezas da expedição. Todavia o bom exito de que acabavam de ser coroados os seus esforços estimulara-lhe o animo aventureoso, e, tendo elle ouvido fallar em um navio muito ricamente

carregado, que havia cincoenta e tantos annos naufragara perto do Porto da Prata, formou immediatamente a resolução de tirar do fundo do mar, senão todas as reliquias do naufragio, pelo menos o thesouro.

Como era demasiadamente pobre para commetter, sem auxilio estranho, uma empreza tão difficil, partiu para a Inglaterra, no intuito de alli buscar a assistencia de que carecia. Procedera-o a fama de habilidade com que elle lograra salvar os restos do navio naufragado perto das ilhas Bahamás. Entendeu-se Phipps directamente com o governo, e tantas instancias empregou, taes mostras de enthusiasmo deu, que afinal conseguiu vencer a inercia que em toda a parte domina nas regiões officiaes, obtendo de Carlos II a *Rosa Algier*, navio de dezoito peças e tripolado por noventa e cinco homens, cujo commando em chefe lhe foi confiado.

Phipps partiu em busca do navio e dos thesouros que elle continha. Chegou sem novidade á costa do Haiti; mas a maior difficuldade consistia em saber onde se achava o navio perdido. Havia mais de cincoenta annos que se dera o naufragio, e Phipps só tinha por guia os vagos rumores da tradição. Via diante de si uma longa costa para explorar e a immensidade do Oceano onde não se notava o menor vestigio da galera sepultada nos abysmos. Mas elle tinha por si a sua energia e a esperanza. Pôz os marinheiros a dragar a costa, e passaram-se semanas inteiras durante as quaes só se tiraram do fundo do mar destroços de toda a sorte, seixos e fragmentos de rocha. Esta occupação é summamente tediosa para marinheiros; e, pois, os de Phipps começaram a murmurar e a dizer que o commandante os amofinava fazendo-os trabalhar em uma empreza extravagante.

Romperam por fim as queixas, e os marinheiros se

revoltaram abertamente. Um dia, alguns delles até chegaram a avançar tumultuariamente para o castello de ré, exigindo que o commandante desistisse da empresa. Mas Phipps não era homem que se deixasse intimidar : prendeu os cabeças, e reduziu os outros ao dever. Como o navio carecia de concerto, o commandante foi ancoral-o junto de uma ilhota, para onde passou parte dos viveres e das munições, afim de aligeirar a embarcação. O descontentamento da maruja augmentava cada vez mais, e nova trama foi urdida entre a gente que se achava em terra : devia ella apoderar-se do navio, lançar Phipps ao mar, e ir corsear contra os hespanhóes nos mares do Sul. Mas, para que a trama sortisse effeito, era indispensavel a cooperação do mestre carpinteiro, a quem, por consequente, foi revelado todo o plano da conspiração. Ora, o mestre carpinteiro, que era homem de bem, deu-se pressa em avisar o commandante do perigo imminente. Phipps, tendo reunido todos os homens com que podia contar, mandou carregar as peças da bateria que dominava a praia, fez remover a ponte que servia de comunicação entre a terra e o navio, e, quando os rebeldes appareceram, bradou-lhes que faria fogo sobre elles se, por seu mal, se approximassem das munições que ainda se achavam na ilha. Retiraram-se os homens ; e então Phipps, sempre de morrões accessos, mandou trazer para bordo todo o material que tinha em terra. Os rebeldes, com receio de serem abandonados em uma praia deserta, depuzeram as armas e imploraram a permissão de voltar ao exercicio dos seus deveres, permissão que o commandante lhes concedeu, adoptando ao mesmo tempo contra elles as precauções que o seu comportamento anterior justificava. Phipps aproveitou a occasião que se lhe offereceu

para despedir os turbulentos, e engajou em logar delles homens mais seguros; no momento, porém, em que se via em estado de proseguir nos seus trabalhos com dobrada actividade, reconheceu ser absolutamente necessario voltar á Inglaterra, afim de mandar concertar o seu navio. Todavia, conseguira elle colher informações mais completas ácerca da paragem onde se perdera a galera hespanhola, e, comquanto houvesse até alli visto o seu intento constantemente mallogrado, confiava mais que nunca no bom exito ulterior da empresa.

Quando chegou a Londres, Phipps apresentou um relatorio da sua viagem ao almirantado, que fingiu-se satisfeito com os seus esforços; mas, por fim de contas, elle voltava sem haver realisado o que projectara e o almirantado não se sentia disposto a lhe confiar outro navio da armada real. Reinava então Jacques II e o governo lutava com milhares de difficuldades: em vão, pois, buscou Phipps chamar a attenção do rei para o seu magnifico projecto. Tentou elle então reunir os capitaes necessarios, por meio de uma subscrição publica. A principio, as pessoas a quem se dirigiu o escarneceram siem piedade; mas, á força de reiteradas instancias, Phipps conseguiu triumphar de todas as prevenções, e durante quatro annos, que passou, de resto, na maior pobreza, tanto e tão infatigavelmente fallou aos grandes na sua empresa, que afinal foi attendido. Formou-se uma companhia sob os auspicios do duque d'Albemarle, filho do general Monk, que tomou a maior parte das acções da sociedade, e ministrou assim a Phipps os meios de proseguir nas suas pesquisas.

Bem como Foley, Phipps foi mais feliz da segunda vez do que da primeira. Chegou elle sem novidade ao Porto da Prata, em cuja visinhança demoravam os recifes que

se suppunha terem sido o theatro do naufragio. Seu primeiro cuidado foi fabricar um solido escaler, de oito ou dez remos, em cuja construcção não se dedignou de ajudar os operarios. Dizem tambem que elle construiu, para explorar o fundo do mar, uma machina semelhante á que é hoje conhecida sob o nome de sino de mergulhar. Nos livros desse tempo já vinha mencionada uma machina desta especie ; mas Phipps nunca lia, e tudo induz a crêr que elle mesmo imaginou o aparelho de que carecia. Engajou tambem alguns mergulhadores indios, cuja pericia na pesca das perolas e na execução de todos os trabalhos submarinos era de ha muito reconhecida. Terminados estes preparativos, seguiu Phipps para os recifes com o seu navio e o escaler, e deu principio aos trabalhos. Empregando o sino de mergulhar e todos os meios então usados para explorar o fundo do mar, levou elle, durante muitas semanas, a perlustrar toda a linha de recifes, mas sem a menor apparencia de bom exito. Todavia, Phipps perseverava, alentado cada vez mais pela esperanza, não obstante os successivos mallogros que até alli soffrera. Um dia, achando-se um marinheiro debruçado na amurada do navio, a olhar para o fundo do mar, nesse momento claro e sereno, notou uma curiosa planta marinha em um logar que lhe pareceu ser uma fenda de rochedo; chamou um mergulhador indio e mandou buscar aquella planta. O mergulhador, quando lh'a trouxe, disse que havia peças de artilharia n'aquelle mesmo sitio. A principio, ninguem á bordo acreditou na asserção do indio ; mas, procedendo-se a novas investigações, reconheceu-se que elle tinha razão. Recomeçaram immediatamente as pesquisas, e bem depressa sahiu um mergulhador do fundo do mar trazendo nos braços uma barra de prata massiça. « Demos graças a Deus ! exclam-

mou Phipps, está finalmente feita a fortuna de nós todos! » Sino e mergulhadores á porfia entraram a trabalhar, e ao cabo de alguns dias tirou-se do fundo das aguas um thesouro que se elevava a perto de 7,500,000 francos (1), e com o qual Phipps fez-se á vela para Inglaterra. Quando alli chegou, buscaram persuadir o rei a sequestrar o navio e o carregamento, allegando que Phipps, quando solicitara a licença de sua magestade, não dera informações exactas ácerca do negocio. Mas o rei respondeu que estava convencido da probidade de Phipps, e que o thesouro, fosse qual fosse o seu valor, seria dividido por inteiro entre elle e os seus homens. O quinhão de Phipps subiu a 500,000 francos; e o rei, para demonstrar quanto apreciava a energia e honradez com que elle se houvera n aquella empreza, fel-o cavalleiro. Phipps foi tambem nomeado grão-preboste da Nova-Inglaterra, e, durante o tempo que exerceu o cargo, prestou assignalados serviços á mãe patria e aos colonos, com a intrepidez de que deu mostra contra os francezes, nas suas expedições de Porto-Real e de Quebec. Serviu tambem como governador do Massachussetts; depois disso voltou para Inglaterra e morreu em Londres, no anno de 1695.

Phipps nunca se envergonhou da humildade da sua origem. Na segunda metade da sua carreira, comprazia-se em recordar com justo orgulho como, de simples carpinteiro da ribeira, subira ás honras da cavallaria e ao governo de uma provincia; e quando, por acaso, algum negocio publico o embaraçava: « Ah! exclamava elle; quão infinitamente mais facil não me seria manejar, como outr'ora, um bom machado! » Phipps deixou, ao morrer,

(1) 3.000.000\$000, sendo o franco á razão de 400 rs.

uma reputação de probidade, de honradez, de esforço e de patriotismo, que não é de certo a menos nobre herança dos Normanbys.

X

Bem differentes quanto á vida e ao caracter, posto que animados de zelo não menos ardente, se hão mostrado os grandes apóstolos e missionarios que, levando aos ultimos limites o espirito do sacrificio, têm percorrido o mundo em busca de seus irmãos miseraveis para salvá-los. Dotados de inquebrantavel energia, sem se temerem das privações, nem dos perigos, nem da peste, soffreram elles todas as especies de trabalhos e fadigas, exultando com os proprios soffrimentos, e fazendo consistir toda a sua gloria em tornarem-se dignos da corôa do martyrio. Taes foram, entre mil, Ignacio de Loyola e Francisco Xavier.

Loyola, que pertencia pelo nascimento á fidalguia hespanhola, ajuntava á bravura do soldado todas as graças e todo o desregramento do cortezão. No cerco de Pampeluna, uma bala de artilharia fracturou-lhe uma perna. Não tendo sido bem tratado o ferimento, esteve elle por muito tempo ás portas da morte. Durante a convalescença, que foi longa, Loyola, depois de haver lido e relido todos os livros de cavallaria andante que poude obter, tomou por acaso uma *Vida dos Santos*, na qual achou narrativas de victorias alcançadas, não por meio da luta de um homem com outros homens, senão pelo esforço empregado por individuos contra si mesmos; viu tambem alli exemplos dâ recompensas muito mais nobres do que todas quantas eram preconisadas nos livros de cavalla-

ria. Esta leitura exerceu immediatamente irresistivel influencia sobre as idéas de Loyola, o qual, tendo dito adeus á sua espada de cavalleiro, dependurou-a em um pilar da igreja de Nossa Senhora de Montserrate, e tomou a resolução de seguir o exemplo dos santos, dos quaes acabava de lêr a vida.

A sua propria vida foi tão bem escripta pelo padre Bonhours, que achamos inutil narral-a aqui de novo; limitar-nos-hemos, por conseguinte, a citar alguns factos, para mostrar de quão extraordinaria energia era dotado Loyola: com effeito, talvez não haja exemplo de haver alguém possuido esta qualidade em tão subido gráo. Tinha Ignacio uma tal força de vontade, uma tal resolução, e ao mesmo tempo tamanha paciencia, que todos que se achavam habitualmente em contacto com elle cediam, mais tarde ou mais cedo, ao seu predominio. Posto que fosse naturalmente arrebatado e irascivel, Loyola exercia sobre si mesmo tamanha vigilancia, tornara-se-lhe tão facil dominar os impetos de sua alma, que os proprios medicos acreditaram e declararam ser elle de temperamento fleugmatico. Mas se grande era a influencia derivada da sua força de vontade, muito maior foi sempre a que procedia do amor e da veneração que a todos inspirava. Francisco Xavier, o grande apostolo das Indias, quando escrevia a Ignacio, dos confins do Oriente, nunca deixava de prosternar-se. E não eram sómente os amigos e os companheiros que assim o amavam e veneravam: na manhã em que elle deu a alma aos céos, todos paravam nas ruas, nas praças publicas, nas ante-camaras, nos hospitaes, e até nos lazaretos, para communicar uns aos outros esta fatal noticia: « O santo morreu! »

XI

Entre os que se sentiram attrahidos, tanto pelo caracter, como pelos exemplos de Loyola, Francisco Xavier foi um dos mais puros e dedicados. Bem como Ignacio, pertencia elle a uma antiga e illustre familia. Suas maneiras, seus sentimentos eram os de um perfeito fidalgo: bravo, circumspecto, generoso, tão accessivel ao enthusiasmo, quão apto para enthusiasmar os outros; tão facil de persuadir, quão extremamente persuasivo; de resto, cheio de energia, de paciencia, de resolução. Aos vinte e dois annos de idade exercia Francisco o honroso cargo de professor de philosophia na universidade de Pariz. Foi alli que elle conheceu Loyola. Tornou-se bem depressa seu intimo amigo e companheiro; e, pouco tempo depois, partiu para Roma, á frente da primeira turma de proselytos que Ignacio mandou em peregrinação á capital do orbe catholico.

Quando D. João III, rei de Portugal, resolveu plantar o estandarte da fé christã nas Indias portuguezas, Bobadella foi posto á testa d'essa cruzada pacifica; mas, tendo aquelle missionario adoecido, procedeu-se a outra eleição, e Francisco Xavier foi escolhido para o substituir. Trajando uma sotaina toda remendada e tendo por unica bagagem o seu breviario, o fervoroso apostolo partiu para Lisboa, de onde seguiu para o Oriente. O navio em que elle embarcou, ia para Gôa, e levava o governador e mil e tantos soldados destinados a reforçar a guarnição da praça. No instante da partida, quando a embarcação desfraldou as velas e começou a descer o Tejo, viu-se transluzir no semblante de Xavier uma ineffavel alegria, ao passo que não poucos dos seus companheiros se debu-

lhavam em lagrimas. Elle ia converter nações, cujos nomes e lingua, na verdade, ignorava; mas não sentia a menor hesitação, nem temor. Posto que lhe houvessem preparado um camarote, preferiu dormir na tolda, fazendo de um rôlo de cabos travesseiro, comendo com os simples marinheiros, curando das necessidades delles, inventando jogos innocentes para distrahil-os, e, quando os via doentes, tratando-os com tanta bondade e paciencia, que tornou-se para todos objecto de fervorosa veneração, para não dizer de idolatria.

Quando chegou a Gôa, Francisco Xavier ficou horrorizado da depravação dos habitantes, quer colonos, quer indigenas. Aquelles, com effeito, haviam importado todos os vicios da civilisação, sem a menor das sujeições que soem della resultar, e estes se tinham mostrado em extremo dispostos a seguir o máo exemplo. Xavier pôz-se a percorrer as ruas, tocando uma campainha para attrahir o povo, e pediu como uma graça que lhe mandassem as crianças, afim de lhes dar alguma instrucção. Uma multidão de meninos foi logo confiada aos seus cuidados, e elle os instruiu diligentemente, fazendo-os voltar todos os dias para suas casas fortificados com as lições de sabedoria e piedade que lhes dava. Ao mesmo tempo visitava os enfermos, os leprosos, os miseraveis de toda a especie, vivendo nos hospitaes e abalançando-se muitas vezes a penetrar nos proprios antros da prostituição. Não havia soffrimento humano que elle não buscasse, com toda a solitudine, curar ou suavisar. Tendo ouvido fallar na abjecção e miseria dos pescadores de perolas de Monbar, foi visital-os, e a sua campainha começou immediatamente a soar para elles como um signal da misericordia divina. Xavier baptisava e ensinava; mas, como elle só podia fallar aos cathecumenos por inter-

medio de interpretes, bem se pôde dizer que o seu ensino mais eloquente consistia na dedicação com que todos o viam a acudir aos miseraveis nas suas necessidades, nas suas afflicções, ou quando enfermos.

Continuando sua missão, percorreu elle toda a costa de Camorim, tocando a campainha nas cidades e nas aldêas, no limiar dos templos e dos bazares, e convidando os indigenas a virem ouvir as suas lições. Mandara fazer traducções do *Cathecismo*, do *Credo*, dos *Mandamentos*, do *Padre Nosso* e de alguns exercicios de devoção, segundo o formulario da igreja. Tendo-os aprendido de côr, recitava-os aos meninos até estes ficarem com elles bem gravados na memoria; e conseguido isto, mandava os rapazinhos ensinar por seu turno a seus pais e aos visinhos o que haviam aprendido. Estabeleceu, perto do cabo Camorim, trinta prégadores que, sob sua vigilancia, vieram a ser os pastores de trinta igrejas christãs. A igreja, na verdade consistia de ordinario em uma choupana, no alto da qual se via uma cruz; mas isso era o mesmo! Xavier seguiu d'alli para Travancora, onde continuou a tocar a sua campainha de aldêa em aldêa, a baptisar até se lhe entorpecerem os braços de cançados, e a repetir as suas fórmulas devotas até ficar em estado de não poder fallar. Elle mesmo affirmou que o bom exito da sua missão havia excedido ás suas esperanças. Sua pura e bella vida, seu enthusiasmo, a irresistivel eloquencia de suas boas acções, operavam conversões em todos os districtos que elle visitava; e, pela simples força da sympathia, as pessoas que o escutavam não levavam muito tempo a imital-o no piedoso fervor.

Convencido de que o « numero dos ceifeiros é mui diminuto para a immensidade do campo que se tem de ceifar », Xavier foi depois a Malaca e ao Japão, onde viu novas

raças e ouviu novas linguas. Alli, porém, apenas lhe foi possível chorar e orar, velar junto dos enfermos e suavisar-lhes as dôres : ás vezes, faltando-lhe tudo, chegava a torcer a manga do sobrepeliz, afim de extrahir alguma gottas d'agua com que pudesse baptisar os agonisantes. Alentado pela esperanza, inacessivel ao temor, o intrepido soldado da fé ia sempre em marcha, impellido por sua inflexivel resolução. « Sejam quaes forem os tormentos e a morte que me estejam destinados, dizia elle, soffrel-os-hei de bom grado mil vezes pela salvação de uma unica alma. » Xavier curtiu fome e sêde, viu-se muitas vezes em estado de completa nudez, foi victima de violencias atrozes ; mas nem por isso deixou de continuar a sua missão de caridade, sem a menor interrupção, sem succumbir ás fadigas. Em summa, ao cabo de doze annos de trabalhos incriveis, e no momento em que se esforçava por penetrar na China, o grande e excellent homem foi accommettido de febres, na ilha de Sanchian, e recebeu a corôa de gloria que tanto ambitionara. Nunca provavelmente se viu neste mundo perecer herôe algum mais puro, mais nobre, mais desinteressado, mais intrepido.

XII

Immenso é o numero dos que seguiram as pégadas de Francisco Xavier. Na India tornam-se notaveis Schwartz, Carey, Marsham ; na China, Gutzlaff, Morisou e muitos outros. Carey, foi um dos mais intrepidos e infatigaveis. Muitas vezes, na India, viram-o estafar, em um só dia, quatro *pundits* (1) que lhe serviam de secretarios, ao

(1) Doutores brahmanes que se dedicam ao ensino.

passo que elle mesmo só descansava depois de haver completamente terminado todos os seus trabalhos. Carey, que era filho de um sapateiro, tinha por companheiros nas suas lides Ward, filho de um carpinteiro, e Marsham, filho de um tecelão. Graças aos seus cuidados, construiu-se um magnifico collegio em Serampura, dezeseis missões florescentes fôram estabelecidas, fez-se a traducção da Biblia em dezeseis linguas, e o germen da mais benefica das revoluções foi lançado no sólo indiatico. Carey nunca se envergonhou da humildade da sua origem. Achando-se um dia á mesa do governador geral, ouviu um official, que estava assentado opposto, perguntar a outro se elle, Carey, não tinha sido sapateiro. « Não, senhor, exclamou immediatamente o missionario ; nunca passei de remendão. » Para que bem se veja de quanta perseverança se mostrou Carey capaz desde os mais verdes annos, citaremos a seguinte anecdota eminentemente caracteristica. Trepando elle um dia a uma arvore, escorregou, veio ao chão e quebrou uma perna : foi-lhe forçoso ficar de cama muitas semanas ; mas assim que se restabeleceu e pôde andar desembaraçadamente, a primeira cousa que fez foi trepar áquella mesma arvore. Eis o genero de esforço de que carecia Carey para desempenhar nobre e resolutamente, como desempenhou, os grandes trabalhos da sua vida de missionario.

João Williams, o martyr de Erromanga. mostrou a mesma energia e dedicação. Posto que passasse por estúpido, Williams era habil no seu officio, e possuia uma excellente compleição. Recebido como aprendiz em casa de um quincalheiro de Londres, pareceu elle, por algum tempo, mais disposto a vadiar na companhia dos garotos da sua idade, do que a occupar-se com pensamentos sérios. Todavia, cultivou a sua habilidade

manual, e o mestre, que o encontrava a miúdo nas horas de recreio, a trabalhar na forja, decidiu-se por fim a encarregar-o de todas as obras que exigiam um geito ou delicadeza particular. Williams gostava também muito de todas as occupações que o obrigavam a ausentar-se da loja. Um sermão que elle ouviu por acaso, deu mais séria direcção ao seu espirito, e bem depressa o viram regendo uma escola dominical. Em uma das sessões da sociedade de que era membro captivou-lhe a attenção o assumpto das missões; Williams logo resolveu dedicar-se de todo áquella obra, e tendo a sociedade das Missões de Londres aceitado os seus serviços, o mestre quincalheiro permittiu que elle deixasse a officina antes de concluido o prazo convencionado. As ilhas do Oceano Pacifico, e mais particularmente Huahina e Raiatea entre as da Sociedade, e Rarontonga entre as de Harvey, foram o theatro de suas primeiras lidas. Como os apóstolos, Williams trabalhava com suas mãos, forjava, plantava e semeava, construia embarcações, e esforçava-se por ensinar aos insulanos todas as artes da vida civilisada, instruindo-se ao mesmo tempo nas verdades da religião. Foi no meio destes incessantes trabalhos que os selvagens o assassinaram barbaramente, nas costas de Erromanga. Ninguem mais do que elle mereceu cingir a corôa do martyrio.

XIII

Não menos interessante é a carreira do Dr. Livingstone, o qual, em nossos dias, explorou a Africa como viajante e missionario. Escreveu elle mesmo a historia de sua vida em um estylo modesto e sem pretensões, que

é perfeitamente característico do proprio autor. Seus antepassados eram pobres e honrados montanhezes; e conta-se que um delles, considerado por toda a visinhança como homem de grande cordura e prudencia, achando-se em termos de expirar, fez reunir seus filhos em redor de si e deu-lhes este conselho, unica herança que lhes podia legar : « Informei-me com muito cuidado, durante minha vida, das tradições de nossa familia, e nunca pude descobrir um unico homem indigno entre os nossos antepassados. Portanto, se algum de vós ou dos vossos vier a commetter indignidades, não será por vos ter sido transmittida com o sangue a improbidade, pelo contrario... Eis o preceito que recommendo ás vossas meditações: *sêde honrados* » Aos dez annos de idade, Livingstone foi trabalhar em uma fabrica de fiar algodão, perto de Glasgow. Do salario da primeira semana, tirou elle o dinheiro necessario para comprar uma grammatica latina, e começou a aprender esta lingua, a cujo estudo se applicou, durante muitos annos, frequentando uma escola nocturna. Se Livingstone deixava de estudar até a meia noite, e mesmo além desta hora, não era porque lhe faltasse a vontade, senão porque a mãe o mandava deitar-se; e ella tanto mais pontual se mostrava neste particular, quanto seu filho era obrigado a levantar-se cedo para se achar na fabrica ás seis horas em ponto. Desta maneira conseguiu o joven operario, não sem difficuldade, traduzir Virgilio e Horacio; mas elle não se contentava com isto, e, á excepção das novellas, lia todos os livros que podia obter, e mais particularmente obras scientificas e narrações de viagens. Applicava-se tambem á botanica, e passava os raros momentos de folga de que podia dispôr a percorrer os campos da visinhança para fazer collecções de plantas. Livingstone

achara meio de estudar, mesmo na officina, a despeito da bulha das machinas, pondo o livro sobre a *mull-jenny* em que trabalhava, e lendo as phrases uma após outra á medida que ellas lhe passavam por diante dos olhos. Assim, á força de perseverança, o joven operario adquiriu uma infinidade de conhecimentos uteis, e chegado á idade viril, sentiu-se cada vez mais dominado do desejo de ir evangelisar entre os pagãos. No intuito de se preparar para esta empreza, tomou a resolução de estudar medicina. Poz-se a economisar parte do seu salario, e conseguiu assim ajuntar dinheiro sufficiente para ir passar alguns invernos em Glasgow, estudando grego, medicina e theologia. Durante os outros mezes do anno trabalhava como operario em uma fabrica de fiar algodão ; e foi por este modo que, sem ter nunca recebido um *penny* de pessoa alguma, tirou Livingstone do seu modico salario as sommas que despendeu com a sua instrucção. « Quando me recordo da vida laboriosa que então levei, diz o excellente homem, não posso deixar de render graças ao céo por me haver dado uma tal existencia ; e, se fosse possivel, de bom grado recommençaria eu a vida nas mesmas circumstancias, e me sujeitaria de novo ás differentes provações d'aquella austera e fortalecedora educação. » Tendo, finalmente, concluido os estudo medicos, Livingstone escreveu a sua these em latim, foi examinado, e obteve o gráo de licenciado da faculdade de medicina e cirurgia. Projectou seguir logo para a China ; mas a guerra que nessa época devastava aquelle paiz o demoveu de tal proposito. Offereceu então Livingstone os seus serviços á sociedade das Missões em Londres, e foi por ella mandado á Africa, onde chegou em 1840. Quando elle projectara ir á China, era sua intenção fazer a viagem á sua custa ; e o unico sentimento

que o acompanhava ao partir para a Africa subvencionado pela sociedade das Missões « provinha » dizia o digno missionario, de não ser agradavel a um homem que se habituara a contar em tudo e para tudo com os seus proprios recursos, vêr-se obrigado a estar na dependencia de outrem, fosse para o que fosse ». Assim que chegou á Africa, Livingstone metteu diligentemente mãos á obra. Repugnando-lhe a idéa de tomar simplesmente parte nas lides dos outros, resolveu constituir-se como missionario em uma esphera independente, para a qual se preparou, comprehendendo, além dos seus trabalhos de prédica, toda a sorte de obras manuaes. « Esta multiplicidade de emprezas, diz elle, estafava-me e me tornava mais incapaz de estudar de noite do que na época em que eu trabalhava como operario fiador. » Durante a sua estada nas terras dos Bechuanas, Livingstone abriu canaes, edificou casas, cultivou campos, arrebanhou gado de toda a qualidade e instruiu os indigenas, trabalhando ao mesmo tempo com elles. Logo no principio, tendo deprehender, com um certo numero de indigenas, uma longa viagem a pé, o infatigavel missionario ouviu por acaso, no momento da partida, as observações que elles faziam a respeito da sua fraqueza physica. « Elle não tem força, diziam os indigenas; é magrinho, e se parece robusto é porque anda mettido n'aquelles *saccos* (era assim que elles designavam as calças do missionario); não irá longe. » Estas palavras fizeram ferver nas veias de Livingstone o seu sangue de montanhez e lhe deram forças para vencer a fadiga e para obrigar os seus companheiros a caminhar com tal velocidade, durante dias inteiros, que afinal viram-se todos obrigados a reconhecer de quanto elle era capaz como caminheiro. Quem quizer saber o

que Livingstone fez na Africa, e como se houve em todas as emprezas que intentou, leia as suas *Viagens de um missionario*, uma das mais interessantes obras desta especie que têm sido publicadas até o presente. Entre as ultimas acções referidas nessa obra, nota-se uma, que aqui citamos, por ser altamente caracteristica. Ao partir para a Africa, Livingstone levara comsigo uma chalupa a vapor chamada *Birkenhead*; mas, não tendo essa embarcação correspondido ás suas esperanças, escreveu elle para Inglaterra encommendando a construcção de outra, que, segundo o seu calculo, devia importar em duas mil libras, pouco mais ou menos. Para pagar esta despeza, Livingstone não hesitou em dispôr do dinheiro que lhe haviam rendido as suas *Viagens*, e que puzera de parte para os seus filhos. « Tratem agora elles de ganhar este dinheiro », taes fôram os proprios termos de que se serviu o excellente missionario quando mandou as suas ordens para Londres.

XIV

Entre os homens notaveis que consagraram sua vida a grandes obras de philantropia, e que, mesmo em sua patria, desempenharam o papel de missionarios, S. Vicente de Paulo (nascido em 1576, fallecido em 1660) tem direito a um dos primeiros logares. Filho de um modesto rendeiro de Rauquines, perto de Pouy, no departamento das Landes, viu-se elle obrigado, durante sua infancia, a consagrar-se aos trabalhos da herdade; porquanto os recursos insufficientes de sua familia pareciam destinal-o a uma laboriosa obscuridade. Todavia, os notaveis indicios da vivacidade de sua intel-

ligencia e da sensibilidade de seu character induziram seus paes a envidar todos os esforços afim de se lhe mandar dar uma educação liberal; e, com effeito, conseguiram pôl-o como discipulo no convento dos franciscanos em Dax. Vicente de Paulo alli estudou com tão bom exito, que aos dezeseis annos de idade o julgaram habilitado a educar os filhos do magistrado da aldêa. Continuou elle a estudar preparando-se para o sacerdocio, foi tonsurado, e, algum tempo depois, seguiu para Tolosa, em cuja universidade devia concluir o estudo da theologia. Alli, ao tempo que frequentava as aulas da universidade, ganhava a sua vida dando lições. Aos vinte e quatro annos tomou ordens, e quatro annos depois obteve o gráo de bacharel em lettras, sendo-lhe ao mesmo tempo concedido abrir um curso.

Tendo fallecido um seu amigo residente em Marselha, deixando-lhe um legado de 1,500 libras, Vicente de Paulo fez uma viagem áquella cidade; mas na volta, como viesse por mar, o navio em que elle embarcara foi atacado por piratas tunesinos. No meio do combate que se travou nessa occasião, Vicente ficou ferido, e, levado primeiro para Tunis, foi posteriormente mandado para Argel. Durante seu captiveiro teve elle successivamente tres senhores; o ultimo era um renegado italiano. Vicente, tendo conseguido reduzil-o á primeira fé, determinou-o a fugir em sua companhia para a Italia, onde ambos felizmente desembarcaram. Depois de ter ido visitar o papa, em Roma, Vicente de Paulo seguiu para Pariz. Durante seu captiveiro em Africa, o piedoso varão se commiserara dos soffrimentos dos pobres, dos enfermos e afflictos, e resolvera consagrar ao serviço delles o resto da vida. Foi pois morar perto do hospital da Caridade, afim de poder visital-o todos os dias. Nessa

época, teve elle o dissabor de ser accusado de roubo por um dos locatarios da casa onde morava. Confiado na innocencia, que aliás lhe era impossivel provar, Vicente soffreu com paciencia e resignação aquella grande injustiça por espaço de seis annos ; mas afinal foi descoberto o verdadeiro autor do crime, e a probidade do insigne varão ficou mais que nunca bem firmada.

Foi em Folleville, na diocese de Amiens, que Vicente deu principio ao seu celebre systema de missões domesticas. Estas missões fôram tão bem aceitas e produziram resultados tão salutaes, que elle posteriormente acostumou-se a celebrar o anniversario do seu estabelecimento com piedosa gratidão. Tendo ido residir em Chatillon, como vigario da freguezia, Vicente ampliou o seu plano e organisou uma associação para soccorrer os pobres e os enfermos nas suas necessidades, quer temporaes, quer espirituaes. Desta associação, que elle denominou *Confraria de Caridade*, serviu em breve de modelo a uma infinidade de congregações identicas, tanto em França, como em muitos outros paizes. Vicente empregou uma perseverança infatigavel em ampliar a esphera de acção da confraria, e seus esforços produziram os mais satisfactorios resultados, particularmente nos districtos onde elle proprio exercia grande influencia, como, por exemplo, nas dioceses de Beauvais, de Soissons e de Sens.

Em uma viagem que Vicente de Paulo fez a Marsella, em companhia do conde de Joigny, commandante das galés reaes, offereceu-se-lhe inesperadamente occasião de vêr em que extrema miseria jaziam os desgraçados que expiavam os seus crimes na calceta. Achou-os em um estado indescrictivel de abandono, de aviltamento, vivendo como brutos, e resolveu, se fosse possivel,

suavisar a sorte d'aquelles infelizes. Vicente se apresentou como amigo e bemfeitor de todos elles; mas os forçados, a principio, receberam-o com insolentes sarcasmos e o desattenderam. O piedoso varão não desanimou: perseverando pacientemente no seu intento, taes meios de brandura empregou, que afinal conseguiu reduzir á razão primeiro um, depois dous, depois um maior numero d'aquelles desgraçados, e por fim todos elles. Tendo-lhes captado a confiança, determinou-os a ajudal-o nos esforços que envidava pelo seu bem-estar; e resultados de tão subida importancia quão inesperados vieram coroar as reformas por elle realisadas. O conde de Joigny participou ao rei o melhoramento extraordinario que o excellente padre effectuara no character dos criminosos, até mesmo nos dos mais temiveis, e Luiz XIII, dando aos seus serviços o apreço que elles mereciam, nomeou-o esmoler-mór das galés de França.

Assim que acabava de fundar uma associação para socorrer e melhorar qualquer classe de desgraçados. Vicente tratava logo de organizar outra. A vida é curta, e ha tanto que fazer! Associação para instruir e auxiliar os cultivadores pobres, associação para dar ás provincias professores habéis, associação para socorrer e auxiliar as mulheres pobres, taes foram as instituições fundadas successivamente por elle. Algumas destas instituições mereceram ser universalmente adoptadas. A ordem dos Lazaristas, por exemplo, estendeu bem depressa sua caritativa influencia por toda a Europa. Mas a instituição, pela qual S. Vicente de Paulo se tornou muito mais conhecido, foi a ordem das *Irmãs de Caridade*, fundada por elle em 1634. Uma das ramificações desta ordem, conhecida sobro nome de *Damas da Cruz*, foi especialmente destinada ao Hôtel-Dieu, em Pariz. Ainda hoje,

é ao zelo puro e extremoso de S. Vicente de Paulo que Pariz deve alguns de seus mais nobres estabelecimentos. Entre os que a sua activa caridade contribuiu principalmente para fundar, contam-se a Piedade, Bicêtre, a Salpêtrière e os Expostos. Antes da fundação deste ultimo estabelecimento, um grande numero de crianças eram expostas nas ruas, onde achavam quasi sempre a morte. Commiserando-se das innocentes creaturas, o piedoso padre imaginou uma associação destinada a recolhê-las e a prodigalisar-lhes todos os soccorros. Attraheu elle á sua causa diversas senhoras distinctas, e tendo-as reunido, expôz-lhes com tanta energia o motivo e o fim da associação, que as determinou a tomar sob sua protecção immediata todos os engeitados que fossem descobertos. Mas o numero dos desgraçadinhos foi bem depressa tão consideravel, que os recursos pecuniarios da associação, não obstante a contribuição annual de 12,000 libras, devida á caridade da rainha Anna d'Austria, se tornaram insufficientes, e muitas damas caritativas que haviam abraçado aquella causa desanimaram e mostraram-se dispostas a abandonal-a. Para evitar tão deploravel dissolução, Vicente convocou segunda reunião mais numerosa do que a primeira, perante a qual advogou os interesses dos miseros engeitados com tão irresistivel eloquencia (1), que o movimento recebeu novo impulso, e os fundos affluiram, habilitando a associação, algum tempo depois, a converter dois grandes edificios em recolhimentos de expostos.

(1) J. S Maury, no seu *Ensaio sobre a eloquencia sagrada*, diz que a peroração desse discurso é um dos mais bellos trechos de eloquencia que existem na lingua franceza.

S. Vicente de Paulo levava constantemente a engenhar meios de melhorar a sorte de seus semelhantes. Entre as numerosas obras de beneficencia devidas aos seus infatigaveis esforços, podemos mencionar o hospital de Jesus, fundado por elle em Pariz, para asylo de quarenta pobres que, pela sua avançada idade, se achassem impossibilitados de trabalhar, e o hospital de S. Renato, em Autun, destinado aos pobres e aos enfermos que fossem em romaria visitar as reliquias d'aquelle martyr. Na época em que os lorenezes soffreram o triplice flagello da guerra, da peste e da fome, Vicente colligiu avultadas sommas de dinheiro em Pariz, e, por este meio, conseguiu salvar um grande numero d'aquelles infelizes. Póde-se dizer que toda a sua vida foi consagrada a obras de misericordia e caridade; e quando elle morreu, seus restos fôram acompanhados ao cemiterio por uma infinidade de pobres e desditosos que derramaram sobre sua sepultura lagrimas de reconhecimento e de saudade. « Bemaventurados os que usam de misericordia, porque elles alcançarão misericordia; bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deus. »

XV

O abbade de Saint-Pierre foi um philanthropo de espirito menos pratico que S. Vicente de Paulo; mas egualou incontestavelmente a este na pureza e no enthusiasmo com que levava de continuo a engenhar meios de fazer bem aos seus semelhantes. O cardeal Dubois, quando se fallava no abbade de Saint-Pierre, costumava dizer que os seus projectos eram sonhos de um homem de bem. Todavia, devemos accrescentar que depois se reconheceu

a perfeita exequibilidade de alguns desses projectos. Saint-Pierre, desde os mais tenros annos, já se havia tornado notavel pela lisura de seu coração e pelo seu ardente amor á verdade e á justica. Os sonhos em que se lhe enlevava o espirito eram sonhos sublimes, sonhos de progresso e de melhoramento geral. Em Pariz, onde elle vivia com o seu amigo Varignon, a quem dava uma pensão annual de 300 libras, deduzida de uma renda de 1,300, votou-se ao estudo da condição moral e politica do homem e imaginou numerosos planos de reforma. Entre os seus mais importantes projectos, havia um para se abolir a guerra, estabelecendo no mundo o reinado da paz e da fraternidade. Buscava Saint-Pierre a sociedade dos que se achavam á testa dos negocios, afim de induzil-os a adoptar os seus planos; mas todos elles, de ordinario, mui pouca ou nenhuma importancia davam ás theorias do philosopho, e o consideravam como um visionario, imbuido em illusões e chimeras. E entretanto de que melhor fôrma poderia elle mostrar a sua fidelidade ao espirito do Mestre a quem servia e que viera ao mundo para nos dar um Evangelho de paz? Tendo acompanhado o abbade de Polignac, quando este foi ao congresso de Utrecht, Saint-Pierre ainda mais convencido ficou de que um dos maiores beneficios que podiam ser feitos á humanidade consistia na abolição da guerra, e, dominado por esta idéa, formulou-a na obra que publicou em 1713, com o titulo de *Projecto de paz perpetua*. Propunha elle a instituição de uma dieta ou senado europeu, em cuja formação tomariam parte todas as nações da Europa, e á qual deveriam os principes submeter as suas queixas e pedir reparação dos seus aggravos.

Saint-Pierre concebeu outro projecto, em que tambem se mostrou de todo ponto superior ao espirito de seu

tempo; consistia esse projecto na fundação de escolas industriaes, onde os rapazes pobres pudessem aprender algum officio ou profissão util. Não se contentando com ser beneficente em theoria, elle mesmo punha em pratica as suas idéas, e mandava ensinar á sua custa a um certo numero de orphãos diversos officios, afim de elles se acharem em estado de ganhar honradamente a vida viril. O que Saint-Pierre mais temia era que a Inglaterra antecipasse a França na adopção dos seus planos, e roubasse assim á sua patria a gloria de os realisar. Precedendo os modernos fazedores de projectos, promulgou elle um systema phonetico, por meio do qual pretendia introduzir na escripta as mudanças que de tempos em tempos se dão na pronuncia, de maneira que a orthographia ficasse sendo a representação exacta da palavra. Adoptou este systema em suas proprias obras, e tal foi talvez a razão de não terem ellas sido geralmente lidas. Saint-Pierre não se cançava de engenhar projectos, cada qual mais differente um do outro; em summa, nesse particular, bem se póde dizer que elle foi um homem universal: propôz um methodo para diminuir o numero das demandas; outro para a repartição, mais justa e equitativa, dos impostos; formulou um plano para a extincção da mendicidade, e mostrou como, por tal meio, se conseguiria desenvolver o commercio interior; evidenciou a necessidade de se revêr todo o codigo das leis, idéa que foi adoptada posteriormente pelas assembléas oriundas da revolução franceza, e á qual Napoleão quiz ligar o seu nome; esboçou um plano de educação nacional que a França depois adoptou; escreveu contra o luxo, contra o duello, contra o jogo; concebera uma infinidade de projectos para a elevação moral e social do povo, e ninguem póde lêr os seus

livros sem notar com admiração quantos melhoramentos que hão sido realizados nos tempos modernos, fôram previstos por elle, e quantos outros elle tambem previra, cuja effectuação ainda não pudemos alcançar. Saint-Pierre não era só philanthropo em theoria, era-o tambem na pratica; gastava todo o seu dinheiro em obfás de caridade, e não só fazia numerosas esmolas, como ensinava os pobres a ajudarem-se a si mesmos. Tinha sempre em vista tornar permanentes os beneficios que prodigalisava. Mandava ensinar officios aos pobres, obtinha empregos para elles, e os punha em estado de se sustentarem com o producto do seu proprio trabalho. Foi elle o primeiro que tornou popular a palavra *beneficencia*, e lhe deu, pelas applicações que della fez, uma significação pratica que aquelle sublime vocabulo nunca tivera até então. Saint-Pierre esperava ardentemente no futuro da humanidade, o qual, tal era a sua intima convicção, estava prenhe das mais magnificas promessas. « Toda a sua vida foi glorificada pelo espirito deste principio, que elle nunca deixou de prégar, isto é, que a essencia de toda a religião, a base de toda a moralidade, o coroamento de toda virtude, consistem *em dar e em perdoar*. Tal era o principio que elle costumava apresentar sob uma fórma mais pratica, affirmando, tanto na conversação, como nos seus essriptos, que *o paraizo é só dos caritativos e dos misericordiosos*. (1). »

Sua intelligencia conservou-se lucida e intacta até ao ultimo momento, e os annos derradeiros de sua vida fôram singularmente isentos dos achaques da velhice. Um ou dois dias antes delle fallecer, como lhe pedissem que dirigisse algumas palavras ás pessoas reunidas em

(1) Hartwell, no *Gentleman's Magazine*. Dezembro de 1850.

redor do seu leito, « um moribundo, respondeu Saint-Pierre, tem pouco que dizer, quando não falla por fraqueza ou por vaidade ».

Voltaire refere que tendo perguntado a Saint-Pierre, no seu leito de morte, o que sentia relativamente ao seu fim proximo, elle respondera : « O que se sente nas vespas de uma viagem ao campo ». Saint-Pierre morreu em Paris, no anno de 1763, e gravou-se na sua lousa este epitaphio tão verdadeiro, tão eloquente « *Amou muito* ».

XV

Dotados de character tão elevado como o do varão da que acabámos de fallar, mas com um espirito mais pratico e maior habilitação para os negocios, taes fôram os chefes do grande movimento inglez para a abolição da escravidão e do trafico dos negros; e é a uma breve noticia dos seus trabalhos que vamos consagrar o resto deste capitulo. O primeiro e o mais eminente, senão o maior quanto á energia, intrepidez e perseverança, foi Granville Sharp. Estreou-se Sharp na vida como caixeiro de uma loja de modas, em Tower-Hill, mas deixou o commercio, assim que findou o tempo do seu contracto, para ir empregar-se na repartição da artilharia, e foi no exercicio desse modesto cargo que elle se votou, nas horas vagas, á obra da emancipação dos negros. Granville, mesmo quando fôra caixeiro, sempre se mostrara disposto aprehender resolutamente todo e qualquer trabalho de cuja utilidade se convencesse. Assim, por exemplo, aconteceu-lhe travar a miúdo, com um seu companheiro, que tambem morava na loja de modas e era unitario, renhidas discussões sobre assumptos reli-

giosos. O joven unitario sustentava que a unica razão por que Sharp interpretava trinitariamente a Escriptura provinha de não saber elle o grego; tanto bastou para que Granville tomasse immediatamente a resolução de aprender aquella lingua, na qual dentro em pouco tempo se achou habilitado. Nova controversia do mesmo genero, que se suscitou, ácerca das prophecias, entre elle e outro caixeiro pertencente á communhão israelita, determinou-o a emprehender o estudo do hebraico, cujas difficuldades tambem conseguiu vencer, á força de tenaz applicação.

Mas a circumstancia que deu á sua vida e aos seus trabalhos um impulso de direcção definitiva teve origem na generosidade de seu coração. Seu irmão Guilherme, que estava estabelecido como cirurgião em Mincing Lane, em Londres, dava aos pobres consultas gratuitas, e entre os numerosos infelizes que iam de quando em quando implorar os seus soccorros, notava-se um misero africano, chamado Jonathas Strong. Parece que o infortunado negro fôra tratado com a maior deshumanidade por seu senhor, legista da Barbada, o qual o trouxera para Londres, onde em consequencia das repetidas sevicias que soffrera, viera elle a ficar aleijado de uma perna, quasi cego, e, por fim de contas, incapaz de trabalhar; o senhor, considerando-o então como uma alimaria inutil e sem valor, lançara-o cruelmente fóra de casa. O misero africano, acervo vivo de males, andou muito tempo a mendigar o pão da caridade publica, até ir bater por acaso á porta de Guilherme Sharp; este lhe deu alguns remedios e o pôz no hospital de S. Bartholomeu, onde elle recuperou a saude. Tendo Jonathas sahido do hospital, os dois irmãos cuidaram de arrancal-o a mendicidade; mas nem por sombra suspeitavam

então que quem quer que fosse tivesse direitos sobre a pessoa do seu protegido. Conseguiram pô-lo em casa de um boticario, onde elle trabalhou por espaço de dois annos. Um dia, porém, indo o negro na trazeira de um carro de aluguel que conduzia sua ama, o legista da Barbada, seu senhor, o reconheceu, e resolveu reassumir a posse do escravo, que com o restabelecimento da saude recobrará todo o valor. O legista mandou captural-o por dois officiaes do *lord mayor* (1) e o fez encerrar no *Balcão* (2), até poder remettel-o para as Antilhas. O negro, lembrando-se, na sua prisão, dos beneficios que Granville Sharp tão generosamente lhe fizera na miserrima situação em que elle se achara alguns annos antes, escreveu-lhe implorando o seu soccorro. Sharp já se não recordava do nome de Strong; mandou portanto, uma pessoa de confiança colher informações, e essa pessoa lhe veio dizer que os guardas da cadêa tinham-lhe affirmado não se achar alli preso algum daquelle nome. Esta resposta excitou as suspeitas de Sharp, que foi immediatamente á cadêa e, á força de instancias, conseguia que o deixassem fallar a Jonathas Strong. Reconheceu elle então o desgraçado que alli estava preso como escravo fugido. Sharp declarou ao carcereiro que se entregasse Strong a quem quer que fosse antes do africano ter ido á presença do *lord mayor*, incorreria em grave responsabilidade; depois foi fallar ao magistrado, e conseguiu que este mandasse intimar para virem á sua presença as pessoas que haviam capturado e encarcerado Strong sem ordem de prisão. As partes compareceram ante o *lord mayor*; e então se evidenciou que o senhor de Strong

(1) O chefe da municipalidade de Londres.

(2) Era uma prisão.

já o tinha vendido a um individuo que apresentou o titulo de venda e reclamou o negro como propriedade sua. Não sendo Strong accusado de delicto algum, e reconhecendo-se o *lord mayor* incompetente para julgar a questão legal da condição civil do preso, foi este posto em liberdade e sahiu do tribunal em companhia do seu bemfeitor, sem que pessoa alguma se animasse a violental-o. O ex-senhor de Strong mandou logo intimar Sharp para a acção que ia intentar contra elle afim de reassumir o dominio do escravo que, segundo dizia, lhe fôra roubado.

Nessa época (1767) a liberdade individual, posto que cara aos inglezes, em theoria, estava sujeita a graves attentados, e era quasi todos os dias violada. Praticava-se regularmente o recrutamento para o serviço marítimo, e, além da gente encarregada desse recrutamento, havia em Londres e nas principaes cidades do reino bandos de *agarradores*, cujo emprego consistia em ministrar homens para o serviço da companhia das Indias orientaes; quando a companhia não carecia desses homens mandavam-os como escravos aos plantadores das colonias americanas. Quanto ás vendas de escravos negros eram ellas abertamente annunciadas nos jornaes de Londres e de Liverpool, nos quaes tambem se liam as recompensas promettidas a quem descobrisse e capturasse escravos fugidos, e os entregasse a bordo de certos navios, cujo ancoradouro no rio era designado.

Legalmente, a posição do homem reputado escravo em Inglaterra era incerta e duvidosa. As sentenças dos tribunaes divergiam e contradiziam-se, porquanto não se baseavam em principios geralmente reconhecidos. Bem que a crença popular reputasse livre todo o escravo desembarcado em Inglaterra, não poucos jurisconsultos eminentes eram de opinião absolutamente contraria. Os

legistas que Sharp consultou, tratando da sua defeza na acção que lhe fôra intentada por causa de Jonathas Strong, professavam quasi todos aquella opinião; e pois, o ex-senhor do africano andava muito ancho a apregoar que o *lord chief justice* (1) Mansfield e todos os advogados de nomeada declaravam terminantemente que o escravo desembarcado em Inglaterra não ficava livre, e podia ser legalmente coagido a voltar para as colonias. Estes pareceres houveram desanimado um espirito menos intrepido e resolutu que o de Granville Sharp; mas, justamente por achar-se a sua causa de ante-mão condemnada, confirmou-se elle ainda mais na determinação de lutar pela liberdade dos negros, ao menos em Inglaterra. « Abandonado, diz Sharp, dos meus defensores profissionaes, vi-me obrigado, na falta de auxilio legal regular, a fazer uma tentativa desesperada para me defender a mim mesmo, posto que as leis e a jurisprudencia me fossem completamente estranhas, e eu nunca houvesse aberto livro algum de direito (á excepção da Biblia), até ao momento em que, com bastante repugnancia, tive de procural-o no catalogo de uma livraria que o meu livreiro acabava de comprar. »

Como Sharp trabalhava todo o dia na repartição da artilharia, onde exercia um cargo summamente laborioso, via-se obrigado a applicar-se aos seus novos estudos até alta noite, ou pela manhã muito cedo; de maneira que — conforme elle proprio reconhecia — ia por seu turno constituindo-se em uma especie de escravidão. Escrevendo a um ecclesiastico seu amigo, Sharp dizia, para desculpar-se da demora em responder-lhe: « Acho-me de todo impossibilitado de entreter correspondencias

Lord primeiro juiz.

litterarias. O pouco tempo que posso roubar ao somno, de noite ou de manhã, tenho forçosamente de empregal-o no exame de diversas questões de direito; porquanto taes exames não admittem delongas e exigem da minha parte as mais escrupulosas e diligentes investigações ». Todos os instantes de vagar de que elle poude dispôr durante os dois annos que se seguiram, consagrou-os ao estudo attento das leis que regem em Inglaterra a liberdade individual, abrindo, para conseguir o seu fim, penoso caminho atravez das ondas nauseativas da mais árida e tediosa das litteraturas, e fazendo, á medida que progredia, extractos das resoluções mais importantes do parlamento, das sentenças dos tribunaes e dos pareceres dos mais distinctos advogados. Nesta longa e insipida investigação, Granville viu-se constantemente sem guia, sem auxilio, sem conselhos, e não achou siquer um unico homem cuja opinião fosse favoravel á sua empreza. Todavia, á força de aturadas pesquisas, obteve Sharp um resultado tão satisfactorio para elle mesmo, quão sorprendente para a gente do fôro. « Louvado seja Deus! poude elle enfim escrever, não ha um unico decreto, uma unica lei ingleza — tal é pelo menos a convicção resultante dos meus estudos — com os quaes se possa justificar a escravidão ». Sentindo-se desde então com dobrado alento para a luta e tendo por infallivel o triumpho, resumiu as suas investigações em uma memoria lucida, succinta e formal, intitulada *Da injustiça que ha em tolerar-se a escravidão em Inglaterra*; e numerosas cópias desta memoria, feitas pelo seu proprio punho, fôram por elle offerecidas aos mais abalisados jurisconsultos dessa época. O ex-senhor de Strong, vendo com que qualidade de homem se havia mettido, inventou diversos pretextos para adiar a acção que intentara

contra Sharp, e, por fim, fez-lhe propostas de composição, que fôram rejeitadas. Entretanto, Granville, á força de submittter a sua memoria á attenção dos le-gistas, determinou-os a abandonar a causa da parte ad-versa, convencidos emfim do seu nenhum fundamento; e o autor, por ultimo, foi condemnado a pagar custas em tresdobro por não ter dado andamento ao processo. Foi então (1769) que Sharp mandou imprimir a sua memoria.

Entrementes tinham-se dado outros casos de captura de negros nas ruas de Londres e de embarque forçado dos ditos negros para as Antilhas, onde deviam ser ven-didos. Todas as vezes que algum desses casos chegava ao conhecimento de Sharp, acudia elle logo pelos mi-seros opprimidos. Assim tendo sido presa e mandada para a Barbada a mulher de um africano, chamado Hylas, Sharp, em nome de Hylas, intentou uma acção ao aggressor, obteve contra elle uma sentença que o su-jeitava a pagar perdas e damnos, e a mulher de Hylas, que a parte vencida teve de mandar vir para Inglaterra, foi posta em liberdade. Em 1770, tendo sido outro negro capturado á viva força e tratado com summa crueldade, Granville tomou immediatamente a peito descobrir os aggressores, afim de lhes arrancar a presa. O africano, chamado Luiz, agarrado, no meio de uma noite tene-brosa, por dois barqueiros assalariados pela pessoa que reclamava o negro como propriedade sua, fôra arrastado até á margem do rio, e alli, depois de lhe haverem posto uma mordaga e arrojado com cordas os pés e as mãos, o tinham lançado dentro de um bote; descendo então o Tamisa, haviam-o levado para bordo de um navio que estava a sahir para a Jamaica, onde elle devia ser ven-dido como escravo, assim que desembarcasse. Todavia, os gritos do misero tinham attrahido a attenção de al-

guns visinhos e um delles foi logo procurar Granville, que já era conhecido como amigo dos negros, para o informar do desacato que acabava de ser commettido. Sharp obteve immediatamente um mandado para Luiz ser conduzido á presença da autoridade, e partiu logo para Gravesend, onde passou pelo desgosto de saber que o navio sahira para as Dunas Granville, porém, requereu e obteve uma ordem de *habeas-corpus*, e mandou-a para Spithead, onde ella foi posta em execução, antes do navio ter podido afastar-se das costas de Inglaterra. Acharam o escravo atado ao mastro grande banhado em lagrimas a lançar olhares de desespero para a terra de onde ia ser arrancado. Posto immediatamente em liberdade, reconduziram-o para Londres, e o autor do attentado foi logo intimado a comparecer em juizo. A rapidez de resolução, o esforço e a actividade com que Sharp se houve neste negocio difficilmente seriam excedidos; e, não obstante, elle mesmo se accusava de lentidão. A causa devia ser julgada por lord Mansfield, cuja opinião, conforme já dissemos, era decididamente contraria á de Granville Sharp. Mas o juiz, abstendo-se de emittir o seu parecer sobre o ponto em litigio, pondo mesmo de parte a questão do direito dos escravos á liberdade individual, mandou simplesmente soltar o negro, fundando-se em não ter o réo apresentado prova alguma de ser Luiz, siquer nominalmente, propriedade sua.

Como se vê, a questão da liberdade individual dos negros ainda não se achava decidida; mas Sharp proseguia assiduamente na sua generosa cruzada, e, graças aos seus infatigaveis esforços e á extraordinaria actividade que desenvolvia, accrescentava uma multidão de nomes á lista dos infelizes que já havia salvado. Emfim apresentou-se a causa importante de Jayme Somerset, a

qual, segundo se diz, foi escolhida por mutuo consentimento de Granville Sharp e de lord Mansfield para servir de base á decisão legal e definitiva da transcendente questão que se discutia desde tanto tempo. O senhor de Somerset trouxera-o para Inglaterra e o abandonara. Passado algum tempo, quiz mandar captural-o e remettel-o para a Jamaica, afim de ser alli vendido. Tendo Sharp, segundo o seu costume, acudido pelo negro e escolhido advogados para o defenderem, lord Mansfield declarou considerar a questão de interesse tão geral, que deliberava submettel-a á decisão de todos os juizes reunidos. Sharp comprehendeu então que ia entrar em lucta com as forças combinadas de todos os seus adversarios; mas nem por isso se lhe intibiou o ardor. Felizmente para elle, seus esforços naquella difficil empreza já ia produzindo fructos; o publico se interessava cada vez mais pela questão, e não poucos jurisconsultos eminentes haviam finalmente adoptado a opinião do generoso lidador.

A causa da liberdade individual, então em litigio, foi completa e imparcialmente discutida perante lord Mansfield e mais tres juizes, e decidida conforme o amplo principio do direito á liberdade, direito essencial e constitucional que todo o homem possui em Inglaterra, quando d'elle não é privado por lei. Achamos inutil referir aqui os pormenores desse importante processo, cujos debates se prolongaram desmedidamente, soffrendo a sua decisão successivos adiamentos, até ser emfim pronunciada a sentença por lord Mansfield, em cujo vigoroso espirito, graças aos argumentos da defeza, tirados principalmente da memoria de Granville Sharp, se operara pouco a pouco tal mudança, que elle declarou não haver a menor necessidade de submetter a causa aos

doze juizes, porquanto a opinião do tribunal a respeito della era tão categorica quão unanime. Declarou mais que as pretensões dos senhores de escravos não tinham fundamento algum; que o poder por elles reclamado nunca existira em Inglaterra, e nem fôra nunca reconhecido pela lei; e que, por conseguinte, Jayme Somerset devia ser posto em liberdade. Obtendo esta sentença, Granville Sharp aboliu na realidade o trafico de escravos, que até então fôra abertamente praticado nas ruas de Liverpool e de Londres. Mas elle alcançou ao mesmo tempo outra victoria; assentou sobre a base inabalavel o axioma de direito segundo o qual todo o escravo, pelo simples facto de pisar o sólo da Inglaterra, fica sendo livre : e não ha a menor duvida que esta importantissima decisão de lord Mansfield foi principalmente devida á firmeza, á resolução e ao esforço com que Sharp, desde o principio até ao fim, se houvera na reivindicacão da liberdade dos negros.

É inutil seguirmos por mais tempo Granville Sharp na sua carreira : diremos apenas que elle continuou a trabalhar com zelo infatigavel em uma infinidade de obras meritorias; que contribuiu para a fundacão da colonia da Serra-Leóa, e para que esse sitio da costa d'Africa servisse de asylo aos negros libertos; que se esforçou por melhorar a condiçào dos aborigenes nas colonias americanas; que tomou parte no movimento a favor da reforma e da ampliacão dos direitos politicos em Inglaterra, e se empenhou por effectuar a abolição da leva maritima. Granville sustentava que os marinheiros inglezes, bem como o negro africano, tinham direito á protecção das leis, e que o facto delles haverem escollido a vida do mar não annullava os seus direitos e privilegios de inglezes, o primeiro dos quaes consistia

na liberdade individual. Sharp envidou tambem esforços, que infelizmente fôram inuteis, para restaurar a amizade entre a Inglaterra e as suas colonias da America; e quando rebentou a guerra fratricida da revolução americana, mostrou-se possuido de um tão escrupuloso sentimento de justiça, que resolveu abster-se da minima participação naquella lucta contraria á natureza e demittiu-se do emprego que tinha na repartição da artilharia. Muitas pessoas consideraram este seu acto como uma fanfarrice, quando na realidade nada mais era do que a consequencia forçosa dos seus principios.

O principal objecto da constante preocupação de Sharp, desde o principio até ao fim da sua carreira, resumiu-se na abolição da escravidão. Para se levar ao cabo esta empreza, e organisarem-se os esforços dos partidistas cada vez mais numerosos da abolição, fundou-se a sociedade abolicionista da escravidão, e novos homens, inspirados pelo generoso exemplo de Sharp, vieram logo auxiliá-lo. Communicou-lhes elle a sua energia; e o zelo desinteressado com que o tinham visto lutar sósinho por tanto tempo calou afinal no animo da propria nação. Seu manto cahiu sobre os hombros de Clarkson, de Wilberforce, de Brougham, de Buxton, os quaes perseveraram na empreza com tal energia e firmeza de proposito, que a escravidão foi por fim abolida em todas as possessões britannicas. Mas, comquanto costumem ligar quasi exclusivamente os nomes que acabámos de citar ao bom exito de tão transcendente causa, o merito principal da victoria cabe sem a menor duvida a Granville Sharp. Quando elle deu principio aos seus trabalhos, nenhum applauso publico o veiu acoroçoar; achou-se por muito tempo só, tendo contra si a opinião dos mais habéis jurisconsultos e os inveterados preconceitos da-

quella época; e sósinho travou e ganhou, por meio de inquebrantaveis esforços e de sacrificios pecuniarios, a batalha mais memoravel de entre todas que nos tempos modernos hão contribuido para a victoria das liberdades inglezas. O que se seguiu foi sobretudo o fructo de sua infatigavel constancia; elle acendeu a tocha que illuminou outros espiritos e foi passando de mão em mão até achar-se a luz espargida por toda a parte.

XVII

Clarkson, ainda em vida de Granville Sharp, já consagrava particular attenção á causa da liberdade dos negros: até a escolhera, quando estava no collegio, para assumpto de um escripto em latim, e de tal fórma se assenhoreara ella do espirito do joven estudante, que este nunca mais poude subtrahir-se ao seu imperio. Ainda mostram, perto de Wadesmill, no Hertfordshire, o lugar onde Clarkson, apeando-se um dia do seu cavallo, se assentou, afflicto, sobre a relva, á beira da estrada, e, depois de muito reflectir, decidiu dedicar-se inteiramente á reivindicção da liberdade dos negros. Traduziu elle do latim para o inglez o seu *Ensaio*, accrescentou-lhes novos factos, e publicou-o. Diversos companheiros de trabalho se lhe associaram. A sociedade abolicionista do trafico de escravos, sociedade de cuja existencia elle não tinha noticia, já estava fundada: assim que Clarkson ouviu fallar nella, inscreveu-se no numero dos seus membros, e sacrificou todas as ridentes esperanças com que lhe acenava a vida para se consagrar inteiramente áquella causa. Wilberforce foi escolhido para activar o negocio no parlamento; mas coube particularmente a

Clarkson a tarefa de reunir e coordenar os numerosos testemunhos que deviam ser apresentados a favor da abolição. Podemos mencionar um curioso exemplo da especie de perseverança de sabujo por que se distinguia Clarkson. Os fautores da escravidão, defendendo este systema, sustentavam que só eram vendidos como escravos os negros prisioneiros de guerra, e que, quando o vencedor não os vendia, tinham elles, no seu proprio paiz, uma sorte infinitamente mais cruel. Clarkson bem sabia das incursões organisadas e dirigidas pelos negreiros em busca de escravos; mas não podia apresentar testemunha alguma que depuzesse sobre este facto. Onde acharia uma? Pelo mais feliz dos acasos, um individuo, com quem elle se encontrou em uma de suas viagens, fallou-lhe em certo moço marinheiro, em cuja companhia se achara havia um anno, e que tinha tomado parte em uma dessas expedições. O tal individuo ignorava o nome do joven marinheiro, apenas podia descrever mui imperfeitamente as suas feições, e quanto ao logar onde elle seria encontrado nada sabia absolutamente; declarou, porém, que esse moço servia a bordo de um navio de guerra costeiro. Clarkson não pode colher do seu informante indicação alguma ácerca do porto onde se achava o tal navio costeiro; mas, a despeito da insufficiencia das informações que acabava de obter, tomou logo a resolução de descobrir o joven marinheiro, afim de apresental-o como testemunha. Visitou em pessoa todos os portos maritimos onde se achavam navios costeiros, foi a bordo de cada um delles, e proseguiu nestas pesquisas, mas sempre debalde, até chegar ao ultimo porto, onde finalmente descobriu o individuo que procurava no ultimo navio que visitou. O testemunho do joven marinheiro foi em extremo precioso e concludente. Durante

alguns annos, Clarkson entreteve correspondencia epistolar com quatrocentas e tantas pessoas, e percorreu mais de cincoenta e seis mil kilometros em busca de provas e de attestações. Com o andar do tempo viu-se elle condemnado á inacção, em consequencia de uma doença proveniente do excesso de trabalho; mas só deixou o campo de batalha depois de haver o seu zelo despertado de todo a opinião publica e captada em favor dos escravos as sympathias dos homens de bem.

XVIII

Ao cabo de longos annos de luta o trafico de escravos foi finalmente abolido.

Mas ainda havia outro grande resultado que importava ser obtido — era a abolição da propria escravidão nas colonias inglezas; e tambem nesta empreza foi á energia e á resolução que coube a victoria.

Entre os chefes deste movimento, nenhum foi mais notavel do que Fowell Buxton, que tomou a posição precedentemente occupada por Wilberforce na camara dos communs. Buxton, em sua infancia, não se distinguira por nenhuma qualidade excellente. A feição predominante de seu character consistia em uma vontade tenaz, que se manifestou a principio por uma obstinação violenta, imperiosa e invencivel. Achava-se ainda Buxton em bem tenra idade quando morreu seu pai; mas, felizmente para elle, sua mãe, tão discreta quão extremosa, dirigiu-lhe a vontade com o maior cuidado, e lhe ensinou a obedecer, fazendo-o ao mesmo tempo contrahir o habito de se determinar e de contar unicamente com seus proprios meios em todos os negocios cuja decisão podia

sem perigo ser deixada ao seu arbitrio. Acreditava ella que uma vontade tenaz, discretamente dirigida e empregada segundo os intuitos de uma nobre ambição, era uma das mais preciosas qualidades humanas; e quando alguém na sua presença estranhava a obstinação de seu filho: « Não façaes caso, respondia a digna senhora; elle agora é teimoso, mas vereis que este defeito se lhe ha de ainda um dia mudar em virtude inestimavel. » Fowell muito pouco aprendeu na escola, onde se mostrou nimiamente preguiçoso e estúpido. Incumbia os seus camaradas de escreverem os seus exercicios, porque todo o seu tempo era pouco para brincadeiras e garotices. Quando voltou para o seio da familia, aos quinze annos de idade, era Buxton um rapazote sem prestimo para cousa alguma, e notavel pela sua extrema paixão por cavallos, por botes, pela caça e por todos os exercicios violentos. Nenhuma companhia lhe quadrava tanto como a do coureiro, o qual, felizmente para elle, tinha excellentes costumes, e era um intelligente observador da vida e da natureza; comquanto não soubesse lêr, nem escrever, Fowell possuia, na verdade, as melhores disposições; mas tinha ao mesmo tempo a urgente necessidade de cultivo, de educação, de desenvolvimento. Nestas circumstancias, e justamente no momento em que iam formar-se os habitos, dos quaes devia depender a felicidade ou a infelicidade de sua vida, teve elle a ventura de se relacionar com a familia Gurney, familia distincta, entre as mais distinctas, por suas excellentes virtudes sociaes, por sua esmerada cultura intellectual e generosa philantropia. As relações de Buxton com os Gurneys tiveram grande influencia em sua vida e elle mesmo asseverou que quando frequentava as aulas da universidade de Dublin, envidando todos os esforços

para se distinguir nos estudos, só tivera em vista satisfazer a sua paixão dominante, que era então tornar-se capaz de apresentar aos Gurneys os premios que elles o tinham decidido a obter : ao ardente desejo de ser agradável aos seus amigos devera elle os seus triumphos escolasticós. Tendo-se casado com uma das filhas da familia Gurney, Buxton se empregou como caixeiro na casa de seus tios Hamburys, fabricantes de cerveja, em Londres. A vontade tenaz, que, durante a infancia, o fizera passar por incorrigivel e incapaz da menor sujeição, tornou-se a qualidade predominante do seu caracter e contribuiu para que elle viesse a ser um dos homens mais energicos e infatigaveis que têm existido. Lançou-se Fowel com todo o seu peso na luta da vida, e o grande gigante, o *elephante Buxton*, como o chamavam (a sua corpulencia era de 1 metro e 93 centimetros), tornou-se um dos homens mais activos e entendidos em negocios. « Eu podia, são suas proprias expressões, levar uma hora a fazer cerveja, outra hora a estudar mathematicas, e entregar-me ao exercicio da caça na hora seguinte, applicando-me successivamente de todo a cada uma destas occupaões. » Empregando em tudo quanto fazia uma energia e determinação invenciveis, Buxton, quando passou a socio de seus tios, tornou-se o centro de vida e de actividade da empreza, a sua influencia ben depressa se manifestou nas menores particularidades daquellas vastas transacções que, graças á sua administração, chegaram a um gráo de prosperidade sem exemplo. Por outro lado, não se descuidava elle de cultivar o seu espirito ; estudava diligentemente, de noite, Blakstone, Montesquieu, e os melhores commentadores que hão escripto a respeito das leis inglezas. As maximas que Fowell seguiu nos seus estudos eram : « Nunca co-

meçar a leitura de um livro sem concluir-a, nunca consideral-o lido senão depois de o ter comprehendido bem; e empregar em cada estudo todo o esforço de espirito de que era capaz. »

Buxton tinha apenas trinta e dois annos quando entrou para o parlamento, onde em breve occupou a posição influente a que nunca deixa de chegar todo o homem probo, instruido e resolutos que se estréa n'aquella assembléa dos primeiros cavalheiros do mundo. A principal questão em que elle se empenhou foi a da emancipação completa dos escravos nas colonias inglezas. O proprio Fowell attribuia o vivo interesse que tomara desde a juventude por aquella questão á influencia de Priscilla Gurney, senhora que a uma bella intelligencia e a um coração terno ajuntava a pratica das mais singulares virtudes. Achando-se ella doente e já desengañada dos medicos, mandou mais de uma vez chamar Buxton e lhe supplicou « que fizesse da causa dos escravos o alvo principal de sua vida. » Seu ultimo acto foi um esforço para renovar aquella recommendação solemne, esforço no meio do qual exhalou o espirito. Mas Buxton nunca esqueceu a recommendação que ella lhe fizera : deu o nome da sua finada amiga a uma de suas filhas, e no dia em que esta se casou, 1 de Agosto de 1834, dia da proclamação da emancipação dos negros, depois de haver abençoado a sua Priscilla e de tela visto, livre de autoridade paterna, transpôr o limiar da casa de braço com o esposo, foi-se assentar, tomou a penna e escreveu a um de seus amigos :

« A noiva acaba de partir; tudo se passou admiravelmente : e... *já não ha escravos nas colonias inglezas!* »

Buxton não era um genio, nem um chefe distincto pela vastidão da intelligencia, nem um inventor; era sim-

plesmente um homem resolutivo, sério e energico. Para darmos cabal idéa do character deste generoso lidador, citaremos o seguinte trecho dos seus proprios escriptos, trecho que todo o mancebo deveria trazer gravado na alma : « Quanto mais vivo, tanto mais adquiro a certeza de que a grande differença entre os homens, fracos ou poderosos, humildes ou de elevada posição, consiste na energia... isto é, em uma resolução bem definida, em uma determinação invencível, e depois disto... a morte ou a victoria. Com esta qualidade, não ha quem não realice tudo quanto póde ser realisado neste mundo ; mas, sem ella, não ha talento, nem posição, nem occasiões favoraveis que possam fazer um *homem* da creatura bipede que todos nós somos. »

CAPÍTULO SETIMO

HOMENS NOTAVEIS NO MENEIO DOS NEGOCIOS

Viste algum homem habil no seu trabalho? elle será chamado para o serviço dos reis.

PROVERBIOS DE SALOMÃO.

Pertence verdadeiramente a um mundo inferior aquelle que não foi educado no trato dos homens e no meneio dos negocios.

OWEN FELTHAM.

I

Hazlitt, em um dos seus espirituosos ensaios, descreve o homem que se dedica aos negocios como uma especie de individuo sordido, atado ao carro de um officio ou de uma profissão, para quem, diz elle, todo o trabalho consiste em ir sempre pelo caminho trilhado, deixando as cousas seguirem o seu curso. « A principal condição exigida para o meneio prospero dos negocios ordinarios, accrescenta elle, consiste na ausencia de imaginação ou de qualquer idéa que não sejam as do uso e do interesse considerados sob o mais acanhado ponto de vista. « Mas esta definição pecca por injusta, e, se bem considerarmos, reconheceremos que nem sequer se basêa ella na

verdade. Entre os **homens** que se dedicam aos negocios, ha incontestavelmente alguns de curtos alcances, assim como ha sabios, litteratos e legisladores de curtos alcances ; mas, entre os que se dedicam aos negocios, ha tambem muitos que são capazes de conceber e de effectuar os mais importantes projectos. Burke comprehendia perfeitamente isto quando dizia, no seu discurso sobre a lei do governo da India, que conhecia homens de estudos apoucados como tendeiros, e tendeiros que mostravam no meneio dos seus negocios o genio por que deveriam distinguir-se os homens de Estado.

Se attendermos ás qualidades que todo o homem deve possuir para ser bem succedido em qualquer empreza importante — especialidade de aptidão, presteza de acção nos casos imprevistos, talento de organizar os trabalhos de um grande numero de homens, tacto delicadissimo, conhecimento profundo da natureza humana, vigilancia constante sobre si mesmo, experiencia da vida — tornar-se-ha evidente, julgamos nós, que a escola dos negocios bem longe está de ser tão acanhada como alguns escriptores a descrevem. Helps, de certo, se approximava muito mais da verdade, quando dizia que os homens peritos no meneio dos negocios, eram tão raros como os grandes poetas, mais raros talvez que os santos e os martyres. (O que é facto é que não ha rãmo algum da actividade humana em que se possa dizer com tanto fundamento como neste que — os negocios formam o homem.

Commette um duplo erro, erro que ha sempre sido caro aos estultos, quem affirma que os homens de genio são improprios para os negocios, e que estes inhabilitam os homens para os trabalhos que exigem sublimidade de engenho. O infeliz adolescente que, ha alguns

annos, pôz termo aos seus dias amaldiçoando a sorte por *tel-o feito nascer homem, para depois condemnal-o a morrer tendeiro*, provou, com esse seu acto, que era incapaz de comprehender quanta dignidade se pôde alliar a uma vida laboriosa, até mesmo no commercio de retalho. Não é a profissão que honra ou deshonra o homem; pelo contrario, é o homem que honra ou deshonra a profissão.

Muitos varões illustres não se dedignaram de ganhar a vida por meio de um trabalho honesto e util, sem deixarem por isso de proseguir na realisação de mais nobres designios. *Thales*, o primeiro dессete sabios, *Solon*, o segundo edificador de Athenas, e *Hyperates*, o mathematico, fôram negociantes. *Platão*, que, pela sua incomparavel sabedoria, mereceu ser cognominado o *divino*, pagou as despezas da viagem ao Egypto vendendo oleo nos paizes por onde passou. *Spinosi*, comquanto se applicasse com extremo ardor ás suas investigações philosophicas, ganhava a vida polindo espelhos. *Linneu*, o grande botanico, dedicava-se ao estudo das plantas, trabalhando ao mesmo tempo como sapateiro. *Shakespeare* foi um habil administrador de theatro, e talvez se gloriaisse mais das suas qualidades de organisador do que do genio que demonstrou na composição dos seus dramas e poemas. Pelo menos Pope era de opinião que *Shakespeare*, cultivando a litteratura, tivera principalmente em vista constituir-se em modesta independencia. O que é factó é que a reputação litteraria parece ter-lhe sido de todo indifferente: não ha uma unica prova d'elle ter em tempo algum dirigido a publicação de qualquer das suas peças, e nem mesmo consta que houvesse autorizado alguém a imprimil-as; a chronologia dos seus escriptos é ainda hoje um mysterio. Todavia, é certo que

Shakespeare prosperou nos seus negocios e ganhou uma somma sufficiente para ir viver das suas rendas em Strafford-sobre-o-Avon, sua cidade natal.

Chaucer foi soldado na sua mocidade, depois commissario da alfandega e inspector das terras e florestas da corôa. *Spencer* foi secretario do vice-rei da Irlanda, depois *sheriff* de Cork e dizem que elle era mui habil e diligente nos negocios. *Ben Johnson*, filho de um pedreiro, tambem exerceu este officio; *Milton*, tendo começado como mestre de meninos, foi elevado, no tempo da republica, ao cargo de secretario do conselho de Estado; e o livro das actas do conselho, que ainda existe, bem como uma infinidade de cartas do grande poeta, que fôram conservadas, dão sobejas provas da sua actividade e utilidade naquelle emprego. *Isaac Newton* mostrou muita capacidade como director da casa da Moeda; e as novas peças que sahiram daquelle estabelecimento em 1694, fôram cunhadas sob a sua direcção immediata e pessoal. *Cowper* prezava-se de ser pontual nos seus negocios, posto que confessasse *nunca ter conhecido um unico poeta, á excepção delle mesmo, que se mostrasse pontual fosse no que fosse*. Mas podemos oppôr a esta opinião o exemplo de *Scott* e de *Wordsworth* que fôram, aquelle, escrivão do tribunal das sessões, e este, cobrador do imposto do sello, e que não obstante terem sido grandes poetas, se mostraram sempre tão habéis quão pontuaes nos seus negocios. *David Ricardo*, a despeito da multiplicidade das transacções que effectuava quotidianamente como corrector de fundos na praça de Londres, onde ganhou avultada fortuna, ainda achava tempo para concentrar todas as forças do espirito no seu estudo predilecto, o da economia politica, sobre os principios da qual conseguiu derramar viva luz, porquanto a saga-

cidade do negociante andava nelle unida á penetração do philosopho. *Baily*, o eminente astronomo, foi tambem corrector de fundos; e *Allen*, o chimico, fabricante de seda. Temos, em nossos dias, abundantes provas de não serem as mais altas capacidades intellectuaes incompativeis com o perfeito cumprimento dos deveres de qualquer profissão. *Grot*, o celebre historiador, foi banqueiro em Londres, e ainda não ha muito que *Stuart Mill* se retirou do conselho dos auditores da companhia das Indias orientaes, depois de haver captado a admiração e a estima de seus collegas, não tanto pela elevação das suas vistas philosophicas, como pela perfeita ordem que soubera estabelecer na sua repartição, e pelo zelo inexcedivel que sempre empregava no meio dos negocios a seu cargo.

II_j

O caminho do bom exito é habitualmente o do senso commum. Comquanto se ouçam muito a miúdo queixas contra a cegueira da fortuna, o que é facto é que os proprios homens são ainda mais cegos do que ella. Quem dér-se ao trabalho de observar como as cousas se passam realmente nesta vida, reconhecerá que a fortuna ajuda mui frequentemente os industriosos, assim como os ventos e as ondas ajudam de ordinario os navegantes peritos. O bom exito corôa infallivelmente, cedo ou tarde, os esforços bem empregados; e, comquanto costumem muitos homens exagerar-lhe a importancia e cheguem quasi a deifical-o, nem por isso devemos deixar de lhe reconhecer o merito, sempre que elle fôr a recompensa de uma nobre ambição.

A actividade nos negocios, quando é discreta e ener-

gicamente empregada, produz sempre o seu effeito. Ella nos impelle em nossa marcha, patentêa o nosso character individual e estimula a actividade dos outros. Nem todos são egualmente bem succedidos; mas cada qual, feitas as contas, consegue os seus fins, mais ou menos cabalmente, segundo os meios efficazes que soube empregar. « Nem todos, diz o proverbio toscano, podem ter casa na praça principal; mas é licito a cada um ir alli aquecer-se ao sol. »

A vida nimiamente facil não é bora para o homem; antes tenha elle mil vezes de trabalhar muito e de viver pobrememente, do que veja sempre as suas necessidades de ante-mão satisfeitas e possua colxões de froxel para descansar de fadigas que não supportou. Na verdade, estrear na vida com recursos relativamente mediocres parece ser um estímulo tão necessario ao homem, que quasi se poderia considerar esta circumstancia como uma das condições essenciaes do bom exito. Eis a razão por que um juiz eminente, a quem perguntaram quaes eram os meios mais faceis de se chegar a uma elevada posição no fôro, respondeu com muita discreção : « Uns devem os seus argumentos á grande intelligencia de que são dotados, outros á efficacia dos empenhos dos seus amigos, e alguns a verdadeiros milagres; mas a grande maioria é bem succedida, porque começa sem dinheiro algum de seu. »

Assim considerada, a necessidade de trabalhar não é um castigo, é uma benção : é a propria raiz e a fonte de tudo quanto chamamos civilisação e progresso. E pois, não hesitamos em crêr que não deve haver para o homem mais horrivel infortunio do que poder elle obter sem esforço a satisfação de todos os seus desejos, nada tendo que esperar, que appetecer, que conquistar. A certeza

de não ter na vida motivo algum, necessidade alguma de empregar a propria actividade, deve ser a mais cruel, a mais insupportavel de todas as miserias que podem affligir uma creatura racional. Perguntando um dia o Marquez de Spinola a sir Horacio Vere de que morrera seu irmão — « De ociosidade, respondeu elle. — Ah! exclamou Spinola; essa doença raras vezes deixa de ser mortal! »

III

Os que naufragam nos seus projectos tomam de boamente o tom da innocencia perseguida, e nem se dão geralmente ao trabalho de proceder á menor averiguação para concluir que todos, excepção feita delles mesmos, são culpados dos seus infortunios; ou senão crêm-se fatalmente desditosos, e pensam que todos os seus semelhantes, sem elles lhes terem nunca irrogado o menor agravo, se acham conspirados para perseguil-os. Um dos mais notaveis exemplos desta especie de que temos noticia é o do individuo que chegava a dizer, com toda a seriedade e intima convicção, que se elle fosse chapeleiro, os homens lhe pagariam a peça de nascerem sem cabeça.

Por outra parte, a darmos credito a certo proverbio russo, *A casa do infortunio fica contigua á da estupidez*, e observa-se geralmente que as pessoas que levam de continuo a queixar-se da sua sorte nada mais fazem no maior numero dos casos, do que colher os fructos da sua propria negligencia, do seu desregramento, da sua imprevidencia e falta de applicação. O Dr. Johnson, que chegou a Londres com *um* guinéu na algibeira, e deu exacta idéa dos apuros de sua propria situação na assignatura de

uma carta que escreveu a um illustre fidalgo, sob o nome de — *Impransus* — o que não jantou — exprimiu francamente a sua opinião a este respeito. « Todas as queixas que se fazem do mundo, diz elle, são injustas : nunca vi um unico homem de merito desdenhado ; é geralmente de si mesmos que se devem queixar os que não são bem succedidos. »

O autor americano Washington Irving tambem era desta opinião. « Quanto ao que se diz, escreve elle, a respeito do merito modesto desprezado, entendo que taes queixas, ás mais das vezes, não passam de um pretexto de que se servem os indolentes e irresolutos para imputar ao publico o malogro de suas pretensões. Releva dizer tambem que o merito modesto é de ordinario extremamente propenso á negligencia, á preguiça, e até mesmo baldado de instrucção. Mas o talento amadurecido pelo estudo e bem disciplinado sempre tem certeza de achar um theatro, comtanto, bem entendido, que se dê ao trabalho de procural-o ; pois é manifesto que não deve elle deixar-se ficar assentado, muito a seu commodo, junto do fogão, esperando que o venham buscar. Ha, na realidade, muita hypocrisia na maneira por que a sociedade é de continuo accusada de pôr no esquecimento o merito que se esconde, e de perdoar tudo aos audazes que só cuidam em captar a attenção publica e em ostentar os seus triumphos. O certo é que esses homens audazes são dotados de qualidades preciosissimas, taes como a actividade e a solitudine, sem as quaes o merito nada mais é do que uma terra de pousio. Tudo bem considerado, mais util é o cão que ladra do que o leão que dorme. »

A attenção, a applicação, a presteza, a pontualidade, o methodo, são as principaes qualidades que contribuem para o bom exito dos negocios de toda a especie. Estas

qualidades, á primeira vista, podem parecer bem indifferentes, mas são na realidade de summa importancia para garantir ao homem a consecução dos seus projectos, o bem-estar e a felicidade. São cousas minimas, se considerarmos cada uma dellas de per si; todavia, releva não esquecermos que a propria vida humana tambem é um complexo de cousas comparativamente pequeninas : a constante repetição de uma infinidade de pequeninas acções é que constitue o character individual e determinado dos povos; e sempre que homens ou nações se acham degenerados, é pelo desprezo das cousas pequeninas que se consumma a sua ruina. Todo o ente humano tem deveres a cumprir, e, quer seja educando uma familia, quer exercendo um officio ou uma profissão, quer governando um Estado, é-lhe mister cultivar as faculdades que lhe fôram dadas para o desempenho de taes encargos.

IV

Os exemplos que já citámos da efficacia do trabalho nos diversos ramos da industria, da arte e da sciencia, dispensam-nos de insistir de novo na importancia da applicação perseverante em todas as occupações da vida. A experiencia de cada dia nos mostra que a séria attenção prestada aos diversos cuidados exigidos pelos negocios é a condição essencial de todo o progresso humano, e que a vigilancia assegura a boa fortuna. A exacção é tambem de summa importancia : por meio della, demonstramos constantemente a nossa boa educação. Com effeito, importa que haja exacção nas observações, nos discursos, nos negocios. Se não podeis consagrar a uma empreza todo cuidado que ella exige, é melhor não tental-a;

assim tambem, mais vale fazer pouco, mas com perfeição, do que muito, mas imperfeitamente. E pois mui judiciosamente procedia o homem que costumava dizer ás pessoas com quem tinha negocios : « Demorae-vos um pouco, afim de acabarmos com isto de uma vez. »

Em geral, não se aprecia devidamente esta importante qualidade—a exacção. Um homem eminente na applicação das sciencias á industria dizia-nos ha bem pouco tempo : Não podeis imaginar quão limitado numero de pessoas tenho visto, no decurso da minha longa experiencia, que fossem capazes de *definir um facto* exactamente. » E não obstante, nos negocios, é a maneira por que os tratamos que determina muitas vezes os homens a serem pró ou contra nós. Por mui apreciaveis que sejam em outros pontos de vista as virtudes, os talentos e o bom comportamento de uma pessoa, se essa pessoa fôr habitualmente descuidada, ninguem poderá fiar-se nella ; por seu respeito verão os mais os seus trabalhos de continuo transtornados, e isto causa immenso aborrecimento, afflicção e até mesmo raiva. Nunca se pronunciaram palavras mais judiciosas do que as que o Sr. Dargan, empresario de estradas de ferro irlandezas, recitou em uma reunião publica em Dublin. « Tenho ouvido, disse elle fallar-se muito na independencia que deviamos obter por meio de taes e taes medidas ; mas ha sido sempre minha intima convicção que a nossa independencia industrial só depende de nós mesmos. A Irlanda, para se refazer, carece tão sómente de industria e de rigorosa exacção no trabalho. Demos, é certo, um passo no bom caminho ; mas a perseverança é absolutamente necessaria para o pleno conseguimento dos nossos intuitos. »

Carlos James Fox distinguia-se pelo habito de nunca

se eximir de trabalho algum, por mais fadigoso que elle fosse. Resentido, quando foi nomeado secretario de Estado, de uma observação que alguém fez ácerca da sua ruim lettra, tomou um mestre de escripta e poz-se, qual menino de escola, a copiar traslados, até haver adquirido a desejada perfeição. Comquanto fosse Fox mui corpulento, mostrava extraordinaria agilidade no jogo da pella, e quando lhe perguntavam em que consistia o segredo d'aquella agilidade : « Consiste, respondia elle, em eu nunca me poupar á fadiga. »

Se Fox mostrava tanta exacção nas cousas de pouca monta, com dobrada razão devia ser caprichoso nos negocios importantes ; e pois, como o pintor, deveu elle a celebridade ao habito de *nunca se descuidar de cousa alguma*.

V

O methodo, eis a qualidade indispensavel, e graças á qual póde-se fazer relativamente muito trabalho em pouco tempo. « O homem methodico, dizia o rev. Ricardo Cecil, é como o bom enfardador : este porá em uma unica caixa o que o desazado só accommodaria em duas. » A presteza com que Cecil decidia os negocios era extraordinaria, e elle assim procedia observando esta maxima, que « a melhor maneira do nosso trabalho avultar consiste em fazermos uma unica cousa de cada vez ». El pois, nunca deixava Cecil cousa alguma por acabar, com a intenção de concluir-a quando se achasse menos atarefado. Se tinha negocios urgentes, era-lhe mais facil comer tarde ou deitar-se alta noite, do que deixar em meio qualquer parte do seu trabalho. A maxima de Pitt, bem como a de Cecil, era : « Uma unica cousa de cada vez ». — Quando tenho de

expedir officios, dizia elle, não penso em outra cousa enquanto não os vejo promptos; se são negocios domesticos que reclamam a minha attenção, cuido delles com toda a sollicitude, até pôl-os em ordem. Tendo alguem perguntado uma vez a certo ministro de França que se tornara notavel não só pela presteza com que despachava os negocios, senão tambem pela sua assidua presença nos diversos logares de divertimento, como era que elle conseguia conciliar os trabalhos do seu cargo com os prazeres: — « De um modo bem simples, respondeu o ministro; nunca deixo para o dia seguinte o que póde ser feito immediatamente ». Lord Brougham dizia que certo homem de Estado invertera esta ordem, adoptando a maxima de nunca fazer immediatamente o que podia deixar para o dia seguinte. Infelizmente, não foi só esse ministro já quasi esquecido, quem teve tal habito; temo tambem todos os preguiçosos, todos os homens destituidos de aptidão para os negocios. Uma das fraquezas destes ultimos consiste em elles descançarem sobre agentes, que rarissimas vezes são dignos de confiança. Ora, cada um deve cuidar em pessoa dos seus negocios importantes. « Quem quer, diz o proverbio, vae; quem não quer, manda. »

Um fidalgo provinciano possuia uma propriedade rural que lhe rendia uns 12,500 francos. Como era muito indolente, individou-se e viu-se obrigado a vender metade da sua propriedade e arrendar a outra metade, por vinte annos, a um lavrador industrioso. Terminado o prazo, o lavrador, quando foi pagar o aluguel do ultimo anno, perguntou ao proprietario por quanto venderia a sua herdade. — Quereis compral-a? exclamou o fidalgo admirado. — Compral-a-hei, se o preço me convier. — Na verdade, isto é bem singular, disse o proprietario; não

me explicareis como é que eu não pude viver em uma terra duas vezes mais extensa e pela qual nada pagava, ao passo que vós não só pudestes pagar-me regularmente 5,000 francos de aluguel, mas até economisastes em alguns annos a somma necessaria para comprar a herdade? — A razão é bem simples, respondeu o rendeiro; vós vos poupaveis ao trabalho e deixaveis ir tudo pela agua abaixo; eu lido e torno a lidar, buscando sempre dar ás cousas a direcção que me parece mais acertada; vós dormieis até alto dia e só persaveis em gozar de vossa propriedade; eu me levanto ao romper d'alva e cuido em melhorar tudo quanto me pertence.

VI

A importancia da diligencia que releva empregarmos em nossos actos só será bem comprehendida por quem souber apreciar o valor de tempo. Certo philosopho italiano costumava chamar o tempo sua propriedade; e elle é com effeito uma propriedade, a qual, é certo, nenhum fructo bom produz sem cultivo, mas nunca deixa de remunerar os efforços do trabalhador solícito que sabe tirar della todo o proveito possível; ao passo que, ficando inculta, só dá hervas ruins e fructos venenosos. O trabalho regular ajuda aquelle que o exerce a livrar-se do vicio. A cabeça do ocioso é a officina do diabo, e o homem preguiçoso uma das columnas do inferno. A cabeça do homem laborioso assemelha-se a uma casa occupada pelo proprio dono, e a do vadio a uma casa vazia, e quando a tentação acha aberta as portas da imaginação, entra, trazendo após si toda a cafila de máos pensamentos. Tem-se notado, no mar, que os márujos sempre se mos-

tram tanto mais dispostos á insubordinação, quanto mais ociosos se acham; por isso, um velho capitão, quando não havia á bordo trabalho algum de maior monta, mandava a sua gente... *alcatroar a ancora.*

É moda entre os homens que se dedicam aos negocios dizer-se que *o tempo é dinheiro*; mas, na realidade, tem elle muito maior valor que o dinheiro, porquanto, se soubermos aproveitá-lo convenientemente, conseguiremos cultivar e melhorar o nosso proprio individuo e formar o nosso proprio character. Uma hora votada cada dia á indolencia, ou a futilidades peiores do que a indolencia, faria em alguns annos, se cada qual a consagrasse ao aperfeiçoamento de si mesmo, de um ignorante um sabio, e, empregada em boas obras, fecundaria a vida de um homem e faria da sua morte uma colheita de actos meritorios. Os bons pensamentos e as lições da experiencia não occupam lugar, e são companheiros que viajam connosco sem termos de sustental-os, nem soffrermos da sua parte o menor incommodo. O melhor meio de termos tempo para tudo consiste em empregal-o segundo os principios de uma boa economia; procedendo nós deste modo, os nossos negocios correrão bem; deixando de assim proceder, vêl-os-hemos em constante atrazo. Por outra parte, a má distribuição do tempo nos torna precipitados, origina a confusão, suscita-nos perpetuas difficuldades, e faz mudar-se a nossa vida em uma incessante excogitação de expedientes, a qual habitualmente só dá em resultado a ruina. « Se tenho sido feliz nas empresas que hei tentado, dizia Nelson, é porque costume fazer as cousas com um quarto de hora de antecipação. »

Ha pessoas que só apreciam o valor do dinheiro depois de o terem visto escoar-se todo até ao ultimo *penny*, e muitos fazem o mesmo com o tempo. Deixam passarem-

se as horas baldiamente, nem siquer lhes occorre dar-lhes o menor emprego util, e quando a sua vida está prestes a findar-se é que vêm, mas já mui tarde, que deveram tel-as aproveitado. Ora, o habito da incuria e da preguiça já os domina de tal fórma, que nunca mais conseguem elles sacudir o jugo a que se submetteram; apenas podem então reconhecer que a riqueza perdida se recupera por meio da industria, o saber perdido por meio do estudo, a saude perdida por meio da temperança e dos cuidados medicos, mas que o tempo perdido jámais se recupera.

VII

A justa apreciação do valor do tempo é tambem de muita importancia para nos fazer adquirir o habito da pontualidade. « A pontualidade, dizia Luiz XIV, é a urbanidade dos reis. » É tambem o dever da gente bem educada, e a lei dos homens que se dedicam aos negocios. Todo aquelle que pratica esta virtude grangeia facilmente a confiança das pessoas com quem se relaciona; todo aquelle que não a pratica, só a muito custo achará quem nelle confie. O homem que chega ao logar aprezado exactamente á hora que vos marcou e nunca vos obriga a esperal-o, mostra que não quer perder o seu tempo, nem fazer-vos perder o vosso. A pontualidade é, pois, uma maneira de manifestarmos o nosso respeito ás pessoas com quem nos achamos em razão dos negocios da vida. É tambem, até certo ponto, um acto de consciencia; porquanto, uma entrevista é um contracto, expresso ou implicito, e aquelle que deixa de comparecer não só falta á sua palavra, como abusa reprehensivelmente do tempo alheio, e vem por fim a adquirir, tão inevitavel

quão justamente, uma pessima reputação. Chegamos, pois, naturalmente a esta conclusão — que todo aquelle que não aprecia o valor do tempo, nunca será capaz de applicar-se aos negocios com a precisa solicitude, e que não se deve commetter a um tal homem o cuidado de interesses importantes. Um secretario de Washington, tendo-se uma vez demorado extraordinariamente, buscou desculpar-se allegando o estado do seu relógio : « Pois então, respondeu-lhe Washington com o maior desenfado; tratae de comprar outro relógio, para que eu não me veja obrigado a tomar outro secretario ».

O homem impontual está sempre a transtornar tudo, a perturbar a paz e a serenidade alheias. Afflige e enraivece alternativamente as pessoas com quem tem negocios : systematicamente remisso, só mostra regularidade na sua propria irregularidade : ronceiro por systema, chega ao logar da entrevista depois da hora marcada, á estação da estrada de ferro depois da partida do trem, ao correio depois de fechada a mala; suscita, com o seu detestavel procedimento, continuas complicações em todos os negocios em que intervem, e estanca a paciencia das pessoas que têm a infelicidade de atural-o. E, pois, não admira ter-se geralmente observado que os homens remissos em aproveitar o tempo acham sempre inven-cível difficuldade em levar ao cabo as suas empresas, e que a sociedade, aborrecida delles, afinal os põe á margem e manda-os fazer côro com os que só têm prestimo para se queixarem da fortuna, para maldizer a sua sorte.

Além das qualidades praticas ordinarias que acabámos de enumerar, todo o homem que se quizer tornar eminente no meneio dos negocios deve tambem dar provas, e em mui subido gráo, de discreção, de grande perspicacia e de firmeza de execução. Entre as qualidades

mais que todos preciosas para o homem que se dedica aos negocios, releva tambem mencionar o *tacto*, que, comquanto seja um dom da natureza, póde, até certo ponto, ser cultivado por meio da observação e da experiencia. Habeis em descobrir e em adoptar de prestes os melhores expedientes, os homens dotados desta inapreciavel qualidade conseguem geralmente levar ao cabo as mais arduas emprezas, graças á actividade com que nelas trabalham. São estes os que dão nova vida á industria, imprimem em tudo quanto fazem o sello do seu character, e figuram em todos os tempos entre os mais conspicuos collaboradores da civilisação.

VIII

Um dos melhores typos do homem eminente no meneio dos negocios — porquanto, neste particular, mostrou-se elle quasi um genio — foi Pedro Paulo Riquet, de Bom-repos, a quem a França deve a construcção do grande canal do Languedoc. Riquet tinha um espirito ousado e sagaz, uma intelligencia tão viva quão penetrante; além disto, era admiravel organisador e dotado de maravilhosa actividade.

A idéa de unir o Mediterraneo ao Atlantico, por meio de um canal navegavel, já era de ha muito assumpto de estudos curiosos e interessantes; mas as difficuldades da execução pareciam tamanhas, que até Riquet encarregar-se della nunca se fizera a menor tentativa séria para a effectuação d'aquelle projecto. Posto que pertencesse a uma pobre familia (os *Arrighetti* ou *Riquetti* de Florença, os quaes fôram o tronco do ramo que deu á França os marquezes de Mirabeau), Pedro Paulo Riquet

não passava de um simples cobrador do imposto do sal. Comtudo, possuía elle uma propriedade, situada ao pé da montanha Negra, no Languedoc.

É alli o ponto em que mais se estreita o territorio francez, e os que estudavam aquelle projecto deviam naturalmente pensar na immensa importancia que teria para o bem publico o facto de se unir, por meio de um canal, o Garonna, grande rio navegavel, que desagua no Oceano Atlantico, ao Aude, rio menos caudal, que desemboca no Mediterraneo. Nasciam estes dois rios nos Pyrenêos e no seu trajecto se approximavam tanto um do outro, que entre ambos mediava apenas a distancia de quatorze leguas. A idéa de os unir era extremamente simples; toda a difficuldade consistia na execução do plano, e provinha não só da differença de nivel entre os dois mares, senão tambem da estrutura do territorio que o canal teria de atravessar, territorio cheio de rochedos, montanhoso e impraticavel. Os deputados de Languedoc aos estados-geraes de Pariz tinham mais de uma vez ponderado ao governo a importancia do canal proposto, e alguns engenheiros haviam sido incumbidos de estudar o terreno e de emittir o seu parecer ácerca da possibilidade de se executar aquelle projecto; mas o unico resultado das investigações desses engenheiros fôra a confirmação do juizo que geralmente prevalecia, e segundo o qual a execução de uma tal obra era considerada como absolutamente impossivel.

A situação da propriedade de Riquet, perto da montanha Negra, contribuiu provavelmente para que a sua attenção se applicasse áquelle assumpto, e foi sem duvida o que o decidiu a estudar o curso dos dois rios, e a pesquisar a melhor maneira de os unir por meio de um canal navegavel. Parece que elle estudou muito o

assumpto antes de submitter os seus planos ao publico. Levantou, com o maior esmero, uma infinidade de plantas do districto, e no seu jardim, em Bomrepos, fez, em ponto pequeno, diversos ensaios da sua empreza, taes como *sanjas, bacios, e até uma montanha perfurada*. Seus instrumentos e as disposições que havia adoptado eram em extremo simples, mas sufficientes para o que elle projectava. O chanceller d'Aguesseau, em uma noticia de seu illustre pai, que conhecera pessoalmente Riquet, diz : « Ouvi muitas vezes meu pai assegurar que o unico instrumento de Riquet consistia em um ruim compasso de ferro; e foi com a sua limitada instrucção e sem o menor auxilio que elle, guiado sómente pelo instincto natural, não raro mais efficaz do que a sciencia, atreveu-se a conceber o portentoso projecto de unir o Oceano ao Mediterraneo. »

Foi no anno de 1662 que Riquet, pela primeira vez, apresentou o seu plano ao famoso ministro Colbert. No memorial que lhe remetteu da aldêa de Bomrepos, dizia : « De certo vos admiraveis de eu me abalançar a fallar em uma cousa que apparentemente me é estranha, e de vêr um homem da gabella (1) se intrometter em nivelamentos. Mas este meu arrojo será por vós desculpado quando souberdes que, escrevendo-vos, obedeco á ordem de S. Ex. Revm. o Sr. arcebispo de Tolosa, que assim m'o determinou. » Riquet proseguia dizendo que, depois de haver estudado com particular attenção aquella empreza, conseguira formar para a construcção do canal proposto planos definitivos, cuja descripção remetia ao ministro, « mas sem aquella boa ordem que fôra para desejar-se; porquanto, não entendendo o grego nem o

(1) Imposto do sal.

latim, e, sabendo apenas fallar francez, é bem possível que não me tenha expressado em termos apropriados. » Depois de haver ponderado ao ministro a immensa utilidade do canal proposto, a economia de tempo para a marinha mercante, cujos navios deixariam de passar forçosamente pelo estreito de Gibraltar, e a sahida que o mesmo canal proporcionaria aos productos das ricas provincias do Languedoc e da Guyenna, as quaes logo se mudariam em dois emporios commerciaes. Riquet concluia dizendo que assim que tivesse a satisfação de saber que o ministro aprovava as idéas capitaes do seu projecto, dar-se-hia pressa em lhe remetter planos mais minuciosos da obra, mostrando quantas comportas teriam de ser estabelecidas, o numero exacto de toezas dos canaes, que deveriam ser dois, e a profundidade que conviria dar-lhes, etc.

Colbert era então superintendente geral das finanças, e buscava meios de proporcionar á França novas fontes de riqueza. O plano de Riquet captivou immediatamente a sua attenção e o encheu de enthusiasmo. Interessando-se vivamente por aquella empreza, deu-se elle pressa em submettel-a á consideração de Luiz XIV, em cujo espirito nunca deixava de exercer influencia tudo quanto tinha o character de grandeza. O rei, logo reconheceu que, se o projecto de Riquet fosse coroado de bom exito, ainda mais glorioso seria o seu reinado; e, pois, resolveu auxiliial-o por todos os meios de que pudesse dispôr. Ordenou elle a nomeação de uma commissão para examinar o projecto e ir estudar no proprio sitio a direcção proposta: essa commissão, concluidos esses trabalhos, teria de emittir o seu parecer em um relatorio minucioso.

Entrementes, Riquet, pela sua parte, não descansava. Percorria a miúdo em toda a extensão a linha do canal

projectado, corrigindo, emendando e aperfeiçoando o seu plano, com o mais minucioso cuidado. « Tenho percorrido toda a linha, escrevia elle ao arcebispo de Tolosa; medindo e nivelando o terreno, de maneira que sei perfeitamente qual é a melhor direcção, o numero das toezas e das comportas, a natureza do sólo, se é de rocha ou areiavel, as elevações e o numero de moinhos que se acham ao longo das estradas. Em summa, Exm. e Revm. Sr., não ignoro a mais insignificante cousa relativa a esta empresa, e o plano que devo apresentar será exacto, porque o delineei no proprio terreno e com o mais escrupuloso cuidado. » Concluidos os seus estudos, Riquet partiu para Pariz, afim de se entender com Colbert, a quem foi apresentado pelo arcebispo de Tolosa; e, depois de numerosas conferencias, voltou para o Languedoc, onde preparou diligentemente tudo para os trabalhos da commissão. Duraram elles dois mezes, começando em Tolosa e terminando em Béziers. O parecer da commissão foi favoravel ao plano de Riquet, que ella declarou exequivel, mediante certas modificações relativas particularmente ás prezas e a direcção das aguas destinadas a alimentar o canal. A commissão recommendou tambem uma ampliação no plano, a qual consistia em levar-se o canal até um porto maritimo que se deveria construir em Cette.

Depois da apresentação deste relatorio, Riquet e Colbert entretiveram uma longa correspondencia ácerca de diversos assumptos relativos á empresa. Riquet viu-se obrigado a refutar o que a commissão dizia a respeito da difficuldade de construir-se a grande sanja que elle pretendia fazer, perto de Pedra de Maurouse, para abastecer de agua o canal: e, no intuito de mostrar quanto confiava nos seus proprios planos, declarou que estava

prompto a pagar todas as despesas que se fizessem com aquella obra : « Assim procedendo, disse elle, arrisco a honra e a fazenda; porquanto, se fôr mal succedido, passarei por visionario e perderei ao mesmo tempo todos os meus bens. » Todavia, não havendo possibilidade de Riquet chegar a um accôrdo com os peritos, porque ao passo que estes asseveraram serem incompletos os planos apresentados, aquelle sustentara a opinião diametralmente opposta, Colbert lhes declarou que o rei só mandaria dar principio ás obras do canal proposto depois que aquella questão se achasse decidida.

Comtudo, afim de habilitar Riquet a provar a sua asserção, e talvez tambem no intuito de lhe proporcionar o meio de mostrar que tinha sobeja capacidade para executar aquelles immensos trabalhos de excavação e construcção, concedeu-se-lhe carta régia conferindo-lhe o direito « de construir as sanjas necessarias para a experiencia do declive e da direcção das aguas. » Riquet, com sua costumada actividade, deu logo principio aos trabalhos. A diligencia que elle desenvolveu foi por todos admirada, e a sanja achou-se em breve prompta, com completa approvação dos inspectores nomeados pelo governo. Riquet foi entusiasticamente elogiado em razão dessa obra, e os visinhos o proclamaram — o *Moy-sés do Languedoc*. Tendo elle, com grande satisfação de Colbert, dado uma tal prova da sua habilidade e mostrado a possibilidade de conduzir á parte mais elevada do canal a agua precisa para o seu leito se prestar constantemente á navegação, o rei resolveu, emfim, autorisar Riquet a começar as obras do canal propriamente dito.

Restava decidir-se como seriam pagas as despesas que se iam fazer com aquella construcção. A provincia do

Languedoc era, na realidade, a que mais lucrava com a abertura do canal; e, pois, consultada pelo governo, a assembléa dos Estados, em 1665, decidiu que parte das despesas fossem pagas por aquella provincia, e o resto pelo thesouro real. Mas os Estados do Languedoc apertaram os cordões da bolsa, e até chegaram a declarar, a 20 de Fevereiro de 1666, que nunca contribuiriam para as despesas da construcção do canal projectado. Por outra parte as diversas guerras dispendiosas haviam exaurido o régio erario, que se achava assim quasi sem recursos para auxiliar qualquer nova empresa. Tudo parecia, pois, conspirar-se contra a effectuação do plano que Riquet concebera, de unir o Oceano ao Mediterraneo. Mas elle não era homem que recuasse depois de se achar tão adiantado. Pertencendo-lhe já o arrojado plano da obra, coube-lhe tambem a gloria de engenhar os meios de executal-o; e, instando de novo com o governo para que o autorisasse a dar principio aos trabalhos, suggeriu um expediente, graças ao qual, affirmava elle, seria facil obterem-se as sommas necessarias, sem o menor encargo para os cofres do Estado. Propôz incumbir-se, mediante a somma de 3,630,000 libras, da construcção da primeira secção do canal, comprehendida entre Tolosa e Tréves, perto do Aude. Obrigava-se elle a concluir em oito annos aquella parte das obras, e para o pagamento da somma acima mencionada propunha ao rei « lhe concedesse a exclusiva cobrança do imposto do sal no Languedoc, no Roussillon, em Conflans e em Cerdagne, por espaço de seis annos e pelo mesmo preço por que esse imposto se achava então contratado; pedia outrosim, lhe fossem consignados os direitos sobre as salinas do Peccais, e parte da renda do imposto de cabeção e dos estanques de sal. » O conselho de Estado

approvou a proposta de Riquet. Tendo obtido todos os poderes legais de que carecia, deu elle immediatamente principio ás obras.

Riquet poudo então ostentar o seu genio sob um novo aspecto. Até alli distinguira-se elle mais particularmente como inventor : engenhára planos, dera-lhes publicidade, explicara-os e, para vel-os adoptados, representara o papel de diplomata. Mas, posto que na construcção da sanja estabelecida perto da Pedra do Maurouse houvesse elle dado sobejas provas de habilidade como engenheiro o trabalho que ia desta vez emprehender era realmente formidavel, e exigia exercicios de mil diversas qualidades de ordem muito mais elevada. Devia Riquet dirigir os trabalhos de um grande numero de homens, escolher as pessoas aptas para presidirem á execução de certas obras complicadas, e estar sempre á alerta para impedir que deixassem de seguir exactamente os seus planos, os quaes, como acontece ás mais das vezes em todas as grandes emprezas, deviam ser de quando em quando modificados, conforme o exigissem as circumstancias occurrentes no decurso dos trabalhos.

« No intuito de desenvolver a maior actividade nas suas obras, diz o historiador do canal, dividiu-as em diversas secções ; cada secção tinha um chefe á testa de cinco ajudantes, e cada um destes dirigia uma turma de cincoenta trabalhadores. As secções fôram subdivididas, e em cada uma das subdivisões havia um inspector geral que tinha sob as suas ordens diversos inspectores ambulantes, encarregados de receber dos chefes e dos ajudantes das secções dos operarios, cujo numero subia ás vezes a onze e a doze mil homens. »

O unico obstaculo sério que se oppunha ao avanço das obras era a falta de dinheiro. O producto das gabellas e

dos outros impostos cedidos a Riquet não era sufficiente para habilital-o a empregar nos trabalhos toda a diligencia que desejava; e pois, não querendo elle de fórma alguma interrompel-os, contrahiu avultadas dividas e vendeu ou hypothecou, para obter as sommas necessarias, todas as propriedades de que podia dispôr. A despeito da decisão que os Estados do Languedoc haviam tomado, logo de principio, de não contribuirem para as despezas da construcção do canal, Riquet a elles se dirigiu amiudadas vezes, repetindo os seus pedidos de dinheiro; mas durante algum tempo todas as suas instancias fôrão baldadas. O régio erario valera-o em não poucos casos de apuros, e as sommas que elle assim obtivera o haviam ajudado a dar andamento ás obras; mas, tendo-se Luiz XIV empenhado de novo em guerras ruinosas, achou-se bem depressa na impossibilidade de auxiliá-lo, e Riquet, vendo exhaustos os seus proprios recursos, chegou a receiar sériamente que se tivesse de interromper a construcção do canal. « Na verdade, a sua penuria de dinheiro era inconcebivel. »

Colbert continuou a portar-se para com elle como amigo e protector dedicado, mostrando ao mesmo tempo o mais vivo interesse pelo bom exito da sua empreza. O nome d'aquelle ministro era um talisman, e a sua influencia egualava a um capital consideravel. De resto, Riquet se utilisou com summa habilidade dessa influencia para induzir afinal os Estados do Languedoc a auxiliarem a sua empreza. Convindo-lhe que elles o suppuzessem intima e confidencialmente relacionado com o grande ministro, obteve, dizem, permissão de Colbert para pôr em pratica um ardil que havia engenhado, e que consistia em elle entrar livremente no gabinete particular do ministro no momento em que este e os arrendadores dos

tributos da provincia estivessem tratando da renovação dos respectivos contractos, Com effeito, achando-se um dia os taes arrendadores reunidos no gabinete de Colbert, Riquet abriu a porta, entrou e se assentou em um canto, sem fallar a pessoa alguma e sem que pessoa alguma lhe fallasse. Os contractadores olharam para Riquet, depois para o ministro, que parecia não dar attenção ao que se passava, e por fim encararam-se muito admirados. Na verdade, bem grande devia ser a confiança depositada pelo ministro em Riquet, para este entrar assim tão sem cerimonia no seu gabinete particular!

Em outra reunião dos contractadores que houve em casa de Colbert, Riquet, como da vez passada, entrou no gabinete sem se fazer annunciar. Os homens, antes de retirarem, travaram conversação com elle, pediram-lhe informações a respeito do seu canal, reconheceram que a obra começada seria *provavelmente* de utilidade para a provincia, e até chegaram a offerecer-lhe 200,000 libras. Riquet agradeceu friamente aquelle offerecimento, mas não o quiz aceitar : a somma era muito inferior ás suas necessidades. Na terceira reunião, os contractadores mostraram-se mais condescendentes, e lhe offereceram 500,000 libras. Riquet respondeu que nada podia fazer sem approvação do ministro; e, entrando de novo no gabinete particular, referiu a Colbert o que se tinha passado. O ministro achou immensa graça no arдил de Riquet, e approvou immediatamente o emprestimo proposto.

Aquellas 500,000 libras fôrão o primeiro emprestimo feito a Riquet pelos Estados do Languedoc; os que se seguiram importaram em sommas mui consideraveis. Bem que os Estados se houvessem obstinado em não

reconhecer a exequibilidade da empreza, comtudo, assim que viram concluída e entregue á navegação a primeira secção do canal, comprehendida entre Tolosa e Trêves, deram-se pressa em proclamar a immensa utilidade d'aquella obra portentosa e envidaram todos os esforços no intuito de obter o dinheiro de que Riquet carecia para leval-a ao cabo.

Todavia, no decurso dos trabalhos, Riquet teve de superar outras difficuldades, quasi tão desanimadoras como as provenientes da falta de dinheiro. A continuação delles condemnava-o a uma incessante anciedade, obrigava-o a um labor indefesso, e impunha-lhe além disso a ardua tarefa de conciliar os proprietarios, que pela maior parte eram hostis ao projecto, e receiavam que delle resultasse irreparavel prejuizo para os seus predios. « Se consultardes a maioria dos habitantes da provincia, dizia o sr. de Froidour, apenas um ou outro deixará de sustentar-vos que esta empreza nunca será levada ao cabo. Porquanto, além dos preconceitos da ignorancia, muitos a abocanham, pelo simples facto de lhes ter tomado, para as obras do canal, alguma nesga de terra, pela qual não receberam indemnisação em dobro ou em tresdobro, conforme pretendiam. Outros espiritos tacanhos vos dirão a mesma cousa, porquanto estão avezados a desaprovar e a diffamar qualquer empreza extraordinaria que se tente. Ha tambem outros, ainda mais mesquinhos, que condemnam esta portentosa obra, porque se comem de inveja e enraivecem-se considerando no merito e na gloria do sr. Riquet. »

Mas a despeito das sinistras prophcias dos seus adversarios, a despeito do encarniçamento com que uns allegavam a inutilidade do canal, outros a imperfeição das obras, e outros finalmente asseveravam que, ainda

quando se realisasse um impossivel, concluindo-se o canal, nunca o seu rendimento chegaria a compensar o custo da construcção. Riquet não se deixou desanimar pelas difficuldades, nem pelos contratempos, nem mesmo pelos soffrimentos phisicos : conservou até ao fim a esperança e a energia. « Cada vez me convenço mais da exactidão dos meus planos, escrevia elle a Colbert, em Abril de 1667; e posso affirmar-vos com toda a verdade e certeza que esta obra será mais util e magnifica do que se póde imaginar. » — « A minha empresa, accrescentava Riquet, é o mais querido de meus filhos : della resultará gloria para mim, satisfação para vós; mas quanto a lucro, não espero colher nenhum. Todavia, como o que mais ambiciono é legar a meus filhos um nome honrado, não se me dá de morrer sem lhes deixar avultados cabedaes. »

Em principio de 1670, ao cabo de quasi tres annos de trabalho, uma secção do canal, a que fica entre Tolosa e Dupérrier, foi franqueada á navegação e logo começaram a ser por alli transportados os materiaes. A construcção d'aquella parte da obra fôra relativamente facil; mas Riquet dera-se pressa em mostrar a utilidade pratica do canal, não só para aquietar a opposição popular, senão tambem para determinar o rei, Colbert e os Estados geraes a lhe ministrarem as sommas necessarias para terminar a secção do canal que se tinha de construir entre Trèves e Cette. Ao cabo de dois annos, outra secção foi concluida e franqueada ao publico; o arcebispo de Tolosa poude embarcar-se em Maurouse e descer por aquella nova via até á sua metropole; quatro batelões subiram do Garonna até Maurouse, e voltaram carregados de viveres e mercadorias; em summa, os negociantes de Gaillac puderam desde então mandar

seus vinhos para Bordéos, e puzeram no canal um paquete que, tres vezes por semana, fazia regularmente o trajecto entre Maurouse e Tolosa.

Entretanto, trabalhava-se diligentemente na construcção do resto do canal. Até Caustelnaudary, as bacias, as levadas e as comportas já estavam bastante adiantadas; e Riquet, sempre tenaz no seu projecto, ia vencendo umas após outras as enormes difficuldades que offerencia a construcção da obra entre aquella cidade e o Mediterraneo. Entre os seus maiores dissabores, devemos mencionar os que provinham das contestações suscitadas de continuo entre os dois fiscaes, nomeados, um pelo rei, outro pelos Estados do Languedoc, para vigiar a execução do plano da obra. Cada um delles representava interesses locais particulares, e ao passo que este queria que o canal passasse ao norte do Aude, aquelle pretendia encaminhal-o para o sul, fazendo passar por Narbonna. No meio destes debates, Riquet via-se em sérios embaraços para fazer prevalecer a sua opinião. Assim, por exemplo, quando chegaram a Malpas, onde o canal devia passar por um *tunnel* construido por baixo da montanha d'Enserune, os dois fiscaes declararam impossivel uma tal obra, « porque a montanha, diziam elles, parecia formada de um tufo arenoso, permeavel á agua, e sujeito a desmoronar-se. » Cada um, pela sua parte, propoz com instancia a direcção que bem lhe pareceu : este queria que o canal passasse por Maureillan, ao norte; aquelle achava preferivel que elle passasse por Nissau e Vendres, ao sul. O unico ponto em ambos se achavam de accôrdo era o que dizia respeito á supposta impraticabilidade dos planos de Riquet, á impossibilidade absoluta da sua execução. Escreveram neste sentido a Colbert, e lhe disseram « que a segunda

empreza de Riquet se mallograra, porque as obras deviam começar em uma montanha de areia, tendo aos lados duas lagôas que ficavam vinte e cinco ou trinta pés abaixo do nivel determinado. » Os fiscaes officiarão ao mesmo tempo a Riquet, ordenando-lhe que suspendesse os trabalhos n'aquelle ponta da linha.

Riquet não deu a menor importancia áquella ordem, e resolveu executar, a todo custo, os seus proprios planos. Afim de baldar a vigilancia dos fiscaes, fingiu abandonar a excavação começada em direcção á montanha, e os operarios fôram trabalhar em outra secção do canal, entre Béziers e Aude. Entrementes, um certo numero de obreiros, guardando o maior segredo, perfuravam a montanha, perto de Malpas, e ao cabo de seis dias vencia Riquet o *impossivel*, abrindo por baixo do monte uma passagem para o canal. Mandou elle então rogar ao cardeal de Bonzy e aos dois fiscaes que viessem examinar a sua tentativa; e tendo aquelles tres personagens accedido ao convite, Riquet, com grande pasmo delles, os fez percorrer o *tunnel* á luz de archotes : o triumpho foi completo.

Riquet, infelizmente, não era tão bem succedido na lucta com as difficuldades que de continuo lhe suscitava a falta de dinheiro. Os milhares de obreiros e obreiras que elle empregava, as mulheres eram umas seiscentas, pouco mais ou menos, não podiam na realidade trabalhar por amor da gloria, e a necessidade de pagar regularmente as suas férias punha-o muitas vezes nos maiores apuros. É assim que o vemos, em 1675, rogar, supplicar a Colbert que obtenha do rei novos subsidios, « pois do contrario, dizia elle, ser-me-ha *impossivel* proseguir na empreza, sem me condemnar a uma ruina total. Alguns dirão, accrescentava o infatigavel empresario, que fiz

um canal para nelle me afogar com toda minha família ». Todavia, Riquet não perdia a esperança. O canal era a sua paixão; affligia-o, porém, a idéa de vir a morrer sem o haver concluido, « porquanto, taes são as suas proprias expressões; o tempo passa rapido, e depois de o termos perdido é-nos impossivel recuperal-o ».

Os seus receios não eram infundados. Durante os quinze annos decorridos desde que dera principio ás obras, vivera elle constantemente em tal estado de excitação physica e intellectual, que já por fim se sentia exaustão, e muitas vezes, na época de que fallamos, esteve gravemente doente. Mas os trabalhos continuaram com inalteravel actividade. A ordem estabelecida pelo previdente empresario era tão perfeita que uma ausencia de alguns dias e até de algumas semanas da sua parte nenhum transtorno occasionava; além disso, seu filho mais velho achava-se havia muito habilitado para substituil-o na direcção das obras.

Trabalhava-se, pois, com infatigavel ardor na execução da terceira parte do projecto, a qual comprehendia o porto e a embocadura do canal, em Cette; e o proprio canal, quasi prompto, já ia ser em breve franqueado em toda a sua extensão (mais de quarenta leguas), quando Riquet, succumbindo ás fadigas e á doença, exhalou a alma, sem ter a satisfação de vêr o esplendido bom exito da sua gloriosa empreza. O canal, concluido em breve sob a direcção de Riquet filho, foi franqueado ao publico seis mezes apenas depois da morte do desditoso empresario. A sua construcção importara pouco mais ou menos em 17,000,000 de libras. Riquet alli consumira toda a sua fortuna; e quando, elle morreu, reconheceu-se que as suas dividas subiam a mais de 2,000,000 de libras. Os procuradores de Riquet, para poderem pagal-as, viram-se

obrigados a vender a maior parte dos direitos que lhe tinham sido garantidos pelo contracto da construcção do canal; e só em 1724, isto é, quarenta annos depois da conclusão, foi que a portentosa obra começou a dar algum rendimento aos herdeiros do empresario.

Tal foi a carreira — que apenas esboçámos rapidamente — de um dos mais distinctos engenheiros que tem tido a França, homem de um genio verdadeiramente singular, de uma força de character pouco commum, e de uma aptidão para os negocios realmente maravilhosa.

IX

Estas mesmas qualidades, mais ou menos desenvolvidas, são os distinctivos de todo aquelle que tem de regrear ou de dirigir a actividade de um grande numero de seus semelhantes. O general illustre, por exemplo, não é o que se limita a ser um illustre guerreiro, senão o que é ao mesmo tempo consummado administrador; importa-lhe possuir uma sagacidade quasi infinita, o conhecimento das aptidões, dos temperamentos, dos caracteres diversos d'aquelles que tem de dirigir, e o talento não só de regrear os movimentos de um grande numero de homens que operam em uma grande extensão de terreno, senão tambem de alimentar-os, de vestir-os, e de lhes ministrar absolutamente tudo quanto lhes é necessario para se conservarem em campo e acharem-se em estado de ganhar batalhas.

A todos estes respeitos era Napoleão um admiravel admiravel administrador. Posto que elle gostasse muito de esmiúçar tudo, podia tambem, graças á sua ardente imaginação, abranger de uma só vista d'olhos as longas

linhas do campo aberto á sua actividade, e notar se cada cousa, por mais insignificante que fosse, se achava effectivamente no lugar que lhe convinha; ao passo que assim procedia, uma discreta rapidez se revelava em todas as suas acções, em todos os seus pensamentos. Napoleão possuia tambem profundo conhecimento dos homens, e tal era a razão por que descobria quasi constantemente os mais habilitados para lhes commetter a execução dos seus projectos; mas, nos negocios de summa importancia, n'aquelles de que esperava grandes resultados, abstinha-se o mais possivel de descançar em quem quer que fôsse. Eis o que se acha demonstrado de um modo mui notavel na sua *Correspondencia* (1), e particularmente no tomo XV, que contem cartas, ordens e officios por elle escriptos em Finkenstein, castellino situado na fronteira da Polonia, no anno de 1807. Era pouco depois da batalha de Eylau; o exercito francez achava-se acampado ao longo de Passarge, tendo na frente os russos, no flanco direito os austriacos, e na retaguarda a Prussia conquistada; além disto, importava manter-se com a França uma longa linha de communicações, a qual tinha forçosamente de passar atravez de um paiz inimigo. Ora, Napoleão dispuzera tudo com tanto cuidado e previdencia, que nenhum dos seus correios, segundo se diz, jámais deixou de chegar ao seu destino. Mil assumptos diversos occupavam-lhe incessantemente a attenção. Movimentos dos exercitos, reforços que deviam vir dos pontos mais remotos da Allemanha, França, Italia e Hespanha, abertura de canaes, nivelamento de estradas; taes eram alguns dos negocios em que elle se occupava, re-

(1) *Correspondencia de Napoleão I*, publicada por ordem de Napoleão III. — Pariz, 1861.

grando-lhes as mais miúdas particularidades. Vemol-o indicar onde se poderão achar cavallos, e tomar medidas para que o fornecimento de sellins eguale ás necessidades da cavallaria. Faz tambem encommendas de sapatos para o exercito, e especifica o numero de rações de pão, de bolacha e de aguardente que deverá haver no acampamento ou nos depositos para uso das tropas. Ao mesmo tempo escreve para Pariz, dá instrucções para a reorganisação do Collegio de França, prescreve o plano de um systema de educação publica, dicta boletins e artigos para o *Monitor*, examina minuciosamente os orçamentos, dá instrucções aos architectos ácerca dos concertos que devem ser feitos no palacio das Tulherias e na igreja da Magdalena, lança de passagem alguns sarcasmos contra a sra. de Staël e os jornaes de Pariz, intervem em uma discordia de bastidores que se suscitara no theatro da Opera, e dirige a correspondencia do governo francez com o sultão da Turquia e o *schah* da Persia; de maneira que só o seu corpo parece estar em Finkenstein, ao passo que o espirito lida a um tempo em cem logares differentes. Escreve elle a Ney para perguntar a este general se já recebeu as espingardas que lhe deveram ter sido remetidas; dá instrucções ao principe Jeronymo a respeito dos capotes, camisas, fardas, sapatos, barretinas e armas que devem ser fornecidos aos regimentos wurtemberguezes; e insta com Cambacérès para que mande um duplo fornecimento de trigo. « Os *mas* e os *se*, diz elle, são inadmissiveis neste caso : o que importa mais que tudo é fazerem-se as cousas de modo que o bom exito seja infallivel. » Escreve ao sr. Daru ponderando-lhe que « o exercito se achará em breve sem camisas, e que ellas ainda não chegaram ». Escrevendo a Massena, diz-lhe. « Importa-me muito saber se os vossos

fornecimentos de pão e de biscoutos já começaram a ser feitos regularmente ». Dá instrucções ao grão-duque de Berg ácerca do armamento dos couraceiros. « Queixam-se da falta de espadas para esses homens : mandai um official a Posen, com ordem de trazel-as d'alli. Queixam-se de não terem elles capacetes : mandai fazel-os em Elbing... Não é dormindo que se consegue ter a tempo as cousas promptas e em ordem. » O que é factó é que elle attendia a tudo, até mesmo aos objectos menos importantes, e tinha um talento extraordinario para estimular a actividade dos seus subordinados. Posto que a maior parte das suas manhãs fosse consagrada á inspecção das tropas (inspecção que ás vezes o obrigava a percorrer a cavallo trinta e quarenta leguas por dia), a revistas, a recepções e a negocios de Estado, e quasi não lhe sobrasse tempo para os negocios administrativos, nem por isso se descuidava de cousa alguma, e, quando era preciso, levava até alta noite a examinar orçamentos, a dictar despachos e a estudar minuciosamente todos os assumptos da administração imperial, cujo machinismo se achava em grande parte concentrado na sua propria cabeça.

É inutil insistirmos em um exemplo tão notavel, quão conhecido : tratemos agora de um homem que se distinguia pela sua grande habilidade no meio de negocios de outra especie, de um homem notavel como negociante e manufactureiro; tratemos de Francisco Ricardo.

X

Francisco Ricardo, cuja gloria consiste em ter elle sido o introductor do fabrico dos tecidos de algodão em França,

era um destes homens que nobilitam a classe a que pertencem, por muito humilde que seja posição na hierarchia social. Seu nascimento fôra muito obscuro; porquanto, seus pais não passavam de uns simples camponezes, rendeiros de uma herdadesinha, situada em Trélat, no actual departamento de Calvados. Deu elle demonstrações mui precoces da sua inclinação para o commercio, pois que, sendo ainda bem criança, lembrou-se de criar pombos para vender. Mas achando o senhor do lugar que era grande ousadia da parte de Ricardo o facto deste ter um pombal, o camponiosinho viu-se obrigado a desfazer-se dos seus pombos, em cuja venda apurou uns quarenta e dois francos. Empregou parte desta somma na comprã de um par de sapatos grossos, grande luxo para um rapazinho que até então só andara de tamancos! e com o resto pôz-se a criar cães para vendel-os, assim como já havia vendido pombos. Tendo ganho desta maneira algum dinheiro, comprou roupa, e desde então pode passar por um dos rapazes mais bem alinhados que frequentavam a escola da aldêa. Como elle era estudante assiduo e applicado, bem depressa aprendeu a lêr e a escrever, e foi escolhido para escripturar o registro da venda do gado na feira de Villers-le-Bocage. Voltando um dia dessa feira com seu pai, que se tinha embriagado, Ricardo salvou-lhe a vida, tirando-o de dentro de um regato mui fundo, onde elle cahira. « Aquelle exemplo, diz posteriormente Ricardo, preservou-me para sempre da embriaguez. »

Tendo completado dezoito annos, rogou elle a seus pais que o deixassem ir buscar fortuna. Ricardo economisara 60 francos, cujo deposito confiara a seu pai; mas este só lhe pôde restituir 12. Todavia, o adolescente partiu, e, tendo por unica fortuna aquella modica quantia e uma

mala bem fornida, foi buscar emprego em Ruão. Alli conseguiu ser admittido em casa de um negociante como criado para todo o serviço; mas bem depressa se descontentou do amo. Tendo este exigido um dia que elle sahisse na trazeira do seu carro como lacaio, Ricardo respondeu-lhe com uma negativa formal e foi-se embora, Depois disto, empregou-se como caixeiro em um botequim; e assim que juntou algum dinheiro partiu para Pariz, onde serviu em outro botequim, o da *Victoria*, situado na rua de S. Diniz. Tendo conseguido economisar alli 1,000 francos, Ricardo tomou a resolução de negociar, fez-se vendedor ambulante de fustões inglezes, e foi tão feliz nas suas transacções, que aos vinte e tres annos de idade já possuia a somma de 25,000 francos. Mas, victima da perfidia de um individuo com quem tivera negocios, foi preso por dividas e mettido na Force. « Eu bem podia pagar os 15,000 francos que de mim exigiam, diz elle nas suas memorias; mas não havia consideração alguma que me decidisse a deixar-me roubar tão escandalosamente. » Posto finalmente em liberdade, foi-lhe forçoso voltar á vida de vendedor ambulante, tendo apenas de seu alguns escudos. Mas bem depressa restaurou o seu credito, pagou todas as suas dividas, e achou-se em breve em estado de abrir uma loja na rua Franceza, onde tudo lhe correu tão bem, que em pouco tempo poude elle comprar a bella herdade de Fayt, situada perto de Nemours.

Estendendo successivamente as suas operações a diversos ramos de negocio, Ricardo começou a comprar e a revender brilhantes e outros objectos de luxo destinados aos mimosos da fortuna, mas continuou ao mesmo tempo com o trafego de mercadorias mais communs e geralmente procuradas. Entre estas ultimas achavam-se os

tecidos de algodão que elle vendia a toda a França. Nessa época a Inglaterra tinha o monopolio quasi exclusivo do fabrico d'aquelles tecidos, que elle devia, já á abundancia da materia prima, já ás suas machinas, já, finalmente, á muito maior força de que dispunham os seus manufactureiros com a applicação da machina de vapor aos trabalhos da industria. Ricardo concebeu o projecto de introduzir em França o fabrico daquelles tecidos, contribuindo assim para que a sua patria se opulentasse com um novo ramo de industria, de que a Inglaterra colhia tão avultados lucros. Notara elle que em uma peça de tecido vendida por 80 francos, só se empregavam 12 francos de algodão. Como deixaria aquella differença de 68 francos de tentar um homem emprehendedor, se, deduzindo-se della os salarios dos obreiros, todo o resto vinha a constituir os lucros do dono da fabrica! Ricardo determinou-se logo a emprehender por sua conta o fabrico dos tecidos de algodão, e, sem mais demora, pôz-se a estudar o segredo d'aquella industria. Nisto foi elle admiravelmente auxiliado pelo seu socio Lenoir, o qual, considerando nas difficuldades e nos riscos provaveis do negocio, não mostrou, é certo, a principio, grande confiança no bom exito da empreza; mas, com o andar do tempo, communicou-se-lhe o enthusiasmo de Ricardo, e a mais perfeita solidariedade se estabeleceu entre os dois socios.

Ricardo começou por comprar cem libras de algodão em rama, e, ajudado por dois operarios inglezes, chamados Brown e Gibson, conseguiu perfeitamente fazer do seu algodão, primeiro fio, e depois morim. Mas isto não era bastante : tinha elle ainda de formar fiandeiros e tecelões; todavia, foi tão bem succedido nesta nova empreza, que ao cabo de tres mezes, pouco mais ou menos,

já se achava com vinte *mull-jennies* montadas e funcionando. O campo das suas operações não tardou a alargar-se consideravelmente. Como as duas casinhas que alugara na rua Bellefond para nellas montar a fabrica já não lhe offerecessem commodos sufficientes, Ricardo ajuntou ao seu estabelecimento um espaçoso palacio da rua Thorigny, no Marais; e, carecendo ainda de maior espaço, requereu ao governo pedindo lhe fosse cedido o grande convento do Bom-Socorro, sito na rua Charone, e então abandonado. Não tendo sido o seu requerimento deferido com a presteza que tanto lhe convinha, Ricardo, á testa dos seus operarios, foi ousadamente tomar posse do velho convento, cujas abobadas silenciosas entraram bem depressa a resoar com a bulha das machinas. O ministro, ao saber da audaz invasão do convento, ordenou a um commissario que fosse expellir Ricardo d'aquelle proprio nacional. Mas o agente da autoridade ficou tão enlevado ante o espectaculo da industriosa actividade que alli se offereceu ante seus olhos, notou uma tão admiravel organização em todas as officinas, que por seu turno se atreveu a retirar-se sem ter executado a ordem do ministro. Referiu este o caso a Napoleão, então primeiro consul, o qual se deu pressa em ir vêr com os seus proprios olhos, em companhia da sra. Bonaparte, a fabrica do Bom-Socorro; e, longe de expulsar ou de punir os invasores, não só lhes garantiu a posse d'aquelle convento, como lhes deu outro, o de Grenelle, para serem alli estabelecidas novas officinas. Desde então concedeu Napoleão, solicita e constantemente, aos dois socios, todos os favores e auxilio de que elles careceram.

Ricardo e Lenoir continuaram a ampliar successivamente as suas operações, e, com os lucros consideraveis que auferiram dos productos de que haviam sido os pri-

meiros fabricantes no paiz, estabeleceram novas manufacturas em diversos pontos da França, montando nomeadamente trezentos teares na Picardia, quatrocentos em Alençon e duzentos em S. Martinho, perto de Lusarches.

Na primeira exposição da industria, em 1805, a primeira cousa que Napoleão fez, foi examinar os bellos productos da casa Ricardo-Lenoir. Pouco tempo depois, a morte roubou a Ricardo o seu estimavel amigo e socio Lenoir; mais nem por isso proseguiu elle na empreza menos energicamente do que a principio. Graças aos seus esforços, o fabrico dos tecidos de algodão se propagou rapidamente em França. Ricardo montou em Caen, em Aigle, em Chantilly, novas fabricas, nas quaes trabalhavam nada menos de vinte mil operarios. Durante o bloqueio continental, viram-o contribuir por todos os meios ao seu alcance para introduzir na Italia o plantio e o cultivo de algodão. Uma porção de sementes achadas nos fardos, vindos da America, fôram por elle mandadas para Napoles, e semeadas nos arredores d'aquella cidade; e, d'alli a dois annos, poudo Ricardo importar em França cincoenta mil libras de algodão cultivado na Italia. Mas aquella quantidade de materia prima bem longe estava de ser sufficiente para assegurar trabalho aos seus operarios, e elle começou a sentir profundamente as difficuldades da situação.

As guerras de continuo renascentes d'aquella época eram nimiamente prejudiciaes a Ricardo e a todos os outros fabricantes francezes. Por outra parte, a união da Hollanda á França foi para elle um golpe terrivel; e a fortuna, que por tanto tempo lhe fôra favoravel, mostrou-se pouco a pouco contraria ás suas vastas emprezas. Napoleão auxiliou-o, é certo, com um emprestimo de 1,500,000 francos; mas os seus apuros pecuniarios cres-

ciam de dia em dia, e cada vez se lhe tornava mais difficil remedial-os. Seus operarios, que a falta de materia prima condemnava á inacção, morriam de fome. Lembrou-se Ricardo de empregar nas suas fabricas linho em vez de algodão; mas todos os esforços por elle tentados neste intuito fôram baldados. As calamidades de 1813 quasi consummaram a sua ruina. Todavia, continuava elle a luctar energicamente, esperando sempre que os negocios melhorassem. Quando os alliados, em 1814, ameaçaram Pariz, Ricardo, nomeado commandante de batalhão, pôz-se á testa do seu corpo para defender a capital; mas Pariz capitulou; e o decreto de 20 de Abril, eximindo de direitos os tecidos de algodão, consummou a sua ruina. D'aquelle dia em diante, Ricardo, perdidos todos os seus bens. recolheu-se á obscuridade, mas conservou sempre o que nenhum vaivem da fortuna lhe podia tirar — a estima de quantos o haviam conhecido. Sua empresa, comquanto não lhe tivesse sido proveitosa, serviu ao menos de exemplo a alguns dos seus concidadãos. Com effeito, estabeleceram-se pouco a pouco diversas fabricas para o cultivo do ramo de industria de que Ricardo fôra o primeiro e unico introductor em França; e todas essas novas manufacturas, favorecidas pelas circumstancias, proseguiram com bom exito no seus trabalhos.

O imperador Napoleão III praticou um acto digno do mais alto louvor honrando a memoria deste grande artezão com o facto de dar o seu nome ao *boulevard*, em cuja visinhança haviam funcionado alguns dos seus estabelecimentos. Tinha-se resolvido dar áquelle *boulevard* o nome da rainha Hortensia; e o imperador, alludindo a essa circumstancia, pronunciou na cerimonia da inauguração as palavras seguintes: « A honra de

vêr o seu nome gravado no marmore não deve ser o privilegio exclusivo de minha familia. Muito me penhora o espontaneo accôrdo com que se deu o nome de minha mãe a uma grande via proxima a esta, mas não posso aceitar essa denominação. *O boulevard da rainha Hortensia* chamar-se-ha *boulevard de Richard-Lenoir*, o qual, de simples obreiro do suburbio Santo-Antonio, veio a ser um dos primeiros da França. »

XI

Pelos diversos exemplos que acabámos de citar ter-se-ha reconhecido que as qualidades do homem apto para o meneio dos negocios não se desenvolvem sómente no commercio, como em geral se suppõe, mas em quasi todos os ramos da actividade humana. A boa dona de casa, por exemplo, é uma mulher dotada de aptidão para os negocios. Tem ella de resolver os casos imprevistos e de regular e dirigir as cousas em sua casa, de modo que nada deixe de marchar na melhor ordem, agradavelmente e sem estrepito. Tudo isto exige previdencia, juizo e um certo talento de organização. Assim tambem o artista, o medico, o homem de letras, serão de necessidade bem succedidos, se tiverem verdadeira aptidão para os negocios; com effeito, só attinge a excellencia aquelle que trabalha indefessamente em aperfeiçoar-se, economizando o seu tempo com o maior cuidado, e empregando ordem e methodo em todos os actos da vida.

A carreira de Watter Scott nos offerece uma prova mui frisante do que estamos dizendo. A admiravel aptidão de Scott para o trabalho formou-se e desenvolveu-se em um escriptorio de advogado, onde elle, por

muitos annos, teve de empregar-se em uma tarefa rotineira e iusipida, mui pouco superior á de um simples copista. A aridez de seu trabalho diurno fel-o achar ainda mais gostosas as noites, que, ao menos, lhe pertenciam, e elle as consagrou geralmente á leitura e ao estudo. Scott attribuiu á prosaica disciplina a que estivera sujeito no escriptorio do seu advogado o habito da applicação séria e continua que havia contrahido, e que nem sempre se nota nos que são simplesmente homens de letras. Como copista ganhava elle 6 soldos por pagina de um certo numero de palavras; ás vezes, fazendo algum esforço, conseguia copiar cento e vinte paginas em vinte e quatro horas, e assim ganhava uns 36 francos, dos quaes tirava, de quando em quando, o dinheiro preciso para comprar alguma obra, mas truncada, bem entendido, porque as outras eram de preço superior aos seus recursos. E, pois, posteriormente, costumava Scott gloriar-se da sua aptidão para os negocios, e affirmava, contrariando os que elle chamava *fazedores de sonetos*, que o genio não é de necessidade incompativel com o cumprimento dos deveres ordinarios da vida. Até sustentava que, tudo bem considerado, era bom para o desenvolvimento das nossas mais altas faculdades consagrarmos uma certa parte do dia a alguma occupação material. Quando, posteriormente, empregou-se como escrivão do *tribunal das sessões* de Edimburgo, era principalmente de manhã, antes de almoçar, que elle se entregava aos seus trabalhos litterarios. Passava todo o dia no tribunal desempenhando os deveres de sua profissão, os quaes consistiam especialmente em legalisar contractos e outras escripturas que tinham de ser registradas. « Em summa, diz Lokart, seu biographo, a maior singularidade que se póde mencionar na sua historia, é a delle ter sempre

consagrado, durante o periodo mais activo da sua carreira litteraria, grande parte do seu tempo, pelo menos metade do anno, ao consciencioso cumprimento de algum dever profissional. » Tinha Scott por lei tirar meios de subsistencia dos negocios e não da litteratura, « Decidi, dizia elle, que a litteratura seria para mim uma bengala e não uma muleta; e çomquanto bem longe esteja de desdenhal-os, jámais contarei com os lucros dos meus trabalhos litterarios para pagar as minhas despezas usuaes. »

A pontualidade era um dos habitos que Scott cultivava com o maior cuidado; e se assim não fosse, nunca teria elle conseguido levar áo cabo os enormes trabalhos que emprehendeu. Recebida qualquer carta, respondia-lhe immediatamente, salvo quando tinha de pensar no assumpto ou de colher informações. Era por tal meio que elle conseguia dar vasão á prodigiosa quantidade de communicações que lhe remetiam e que provavam-lhe bem duramente o bondadoso character. Scott dividia o seu tempo desta maneira: levantava-se ás cinco horas, accendia o fogo, barbeava-se e vestia-se, sem se apressar, e ás seis horas ia sentar-se á mesa tendo todos os seus papeis dispostos diante de si na mais perfeita ordem e todos os livros de que carecia collocados no assoalho em redor da cadeira; da parte d'além dos livros, o seu cção, deitado sobre o tapete, observava todos os gestos e seguia com os olhos os menores movimentos que elle fazia. D'esta fórma, quando a familia, das nove para as dez horas, se reunia para almoçar, já Scott — servimo-nos das suas proprias expressões — *havia dado garrote no trabalho do dia*. Não obstante os seus cuidados diligentes, o seu amor infatigavel, o seu saber immenso, fructo de muitos annos de paciente labor, Scott, quando

lhe acontecia fallar de si mesmo e de suas proprias faculdades, empregava sempre a maior modestia. « Não ha em toda a minha carreira, dizia elle em certa occasião, época alguma em que não me visse tolhido e perplexo em razão da minha propria ignorancia. »

É assim que devem fallar a verdadeira sabedoria e a sincera humildade; porque quanto maior é o saber real de um homem, tanto menor é a sua propensão para a vaidade. Nunca imitemos o estudante do collegio da Trindade, de Oxford, que indo despedir-se do seu professor, disse-lhe « que se retirava por já ter concluido sua educação » e expoz-se assim a ouvir do mestre este justo remoque : « Devéras ! concluistes a vossa educação? pois eu só agora é que começo a minha ».

O espirito superficial que sabe um pouco de tudo, mas nunca estudou a fundo cousa alguma, póde ensoberbecer-se dos seus talentos; quanto ao sabio, esse confessa que *a unica cousa que sabe é que nada sabe*, ou declara, repetindo as palavras de Newton, « que apenas tem apanhado algumas conchas na praia, vendo estender-se inexplorado diante de si o grande oceano da verdade ».

CAPITULO OITAVO

O DINHEIRO—SEUS USOS E ABUSOS

Entendo que fonte de riqueza, tanto no familia como no Estado, é a economia.
CICERO.

Devemos ter o dinheiro na cabeça e não no coração.
SWIFT.

I

A maneira por que um homem se serve do dinheiro, ganha-o, economisa-o e gasta-o, é talvez a pedra de toque da cordura do seu procedimento. Comquanto não devamos considerar o dinheiro como um fim de nossa vida, comtudo mui longe está elle de ser uma cousa indifferente ou a que possamos votar desdem philosophico, pois que representa, e em mui subido gráo, os primeiros elementos do conforto physico e do bem estar social. Algumas das mais bellas qualidades da natureza humana acham-se intimamente ligadas ao bom uso que se póde fazer do dinheiro. Taes são a generosidade, a honradez, a justiça e a abnegação; taes são tambem as virtudes praticas da economia e da previdencia. Por outra parte, estas virtudes têm a sua contraposição na avareza, na fraude, na injustiça e no egoismo, que vemos

deshonrar a existencia dos que amam immoderadamente o lucro, e na prodigalidade e imprevidencia, de que dão provas os que abusam dos recursos que têm á sua disposição. « De maneira que, conforme pondera Henry Taylor, uma justa medida no modo de adquirir, de economisar, de gastar, de dar, de emprestar, de tomar emprestado e de testar, seria, pouco mais ou menos, o indício da perfeição humana. »

É a abastança um estado a que cada qual neste mundo tem o direito de buscar attingir, por todos os meios licitos. É o unico estado que pôde garantir ao homem a situação commoda e feliz, indispensavel ao desenvolvimento da parte mais nobre da sua natureza, e que o habilita a prover as necessidades da sua familia, condição *sem a qual*, diz o apóstolo, *o homem é peor do que um infiel*. Ora, esta obrigação deveria ser-nos tanto menos indifferente, quanto o respeito com que os nossos concidadãos nos tratam não pouco depende da máneira por que aproveitamos as occasiões que se nos podem offerecer de trabalharmos honestamente pelos nossos augmentos. O proprio esforço que o homem tem de fazer para conseguir um tal fim neste mundo é por si só uma educação que nelle estimula o respeito de si mesmo, e põe em revelo as suas qualidades praticas, disciplinando-se ao mesmo tempo por meio do exercicio da paciencia, da perseverança e de outras virtudes analogas. O homem previdente e cuidadoso é necessariamente um homem reflectido: porquanto não vive só para o presente, mas antes, com bem entendida previdencia, toma as suas medidas considerando no futuro. Deve elle tambem ser sobrio e capaz de praticar a abnegação, que, mais do que nenhuma outra virtude, é a prova de uma grande força de character. João Sterling diz mui judiciosamente

que « a peor educação, uma vez que ensine a abnegação, é preferível á melhor das que ensinam tudo o mais, menos aquella virtude ». Os romanos empregavam com razão esta mesma palavra (*virtus*) para designar não só a virtude, senão também o esforço, que é no sentido physico o que é a abnegação no sentido moral, porquanto a mais alta de todas as virtudes é aquella que nos assegura a victoria contra nós mesmos.

As qualidades de que ha maior falta nas classes operarias é a abnegação, ou a força de sacrificar uma pequenina satisfação presente com a mira em um mais consideravel bem futuro. Poder-se-hia crêr que as classes mais laboriosas são as que apreciam melhor o valor do dinheiro. Todavia, a facilidade com que tantos operarios se acostumam a gastar imprevidentemente tudo quanto ganham é a causa delles se acharem pela maior parte absolutamente baldos de recursos e na dependencia dos que hão contrahido o habito da frugalidade. Ha um grande numero de pessoas que, comquanto possuam meios sufficientes para viverem folgadamente e sem estarem na dependencia de ninguem, se acham muitas vezes, quando dá-se uma crise, em estado de não poderem prover por um ou dois dias as suas proprias necessidades; e isto é uma das maiores causas do soffrimento e da fraqueza social. De todas as magnas questões sociaes, é esta talvez a mais importante, e nenhuma ha em que a falta de propagandistas dedicados seja tão imperiosamente sentida. Mas, devemos reconhecê-lo, a abnegação e o aperfeiçoamento individual seriam uma bem mesquinha senha nas luctas eleitoraes, e é muito de receiar que o patriotismo de nossos dias não queira attender sériamente a cousas tão vulgares como a revidencia e a economia individuaes, comquanto, tudo bem pesado, se

torne manifesto que só por meio da pratica destas virtudes poderão as classes operarias nutrir a esperança de conquistar um dia uma verdadeira independencia. Socrates dizia : « Aquelle que quizer mover o mundo aprenda primeiro a mover o seu proprio individuo »; e nós repetiremos a velha cantiga :

If every one would see
To his own reformation,
How very easily
You might reform a nation ! (1)

Mas, em geral, não ha quem não julgue ser cousa infinitamente mais facil reformar a igreja e o estado do que corrigir o menor dos seus maus habitos; e em tal materia cada qual acha mais conforme ao seu proprio gosto, assim como inquestionavelmente ao habito commum, começar pelo seu proximo, que não por si mesmo.

II

Toda a classe de homens que viver aos dias será sempre uma classe inferior, e os seus membros ficarão necessariamente sem forças e sem defeza, agarrados ao seio da sociedade como naufragos de um navio lançado á costa, á mercê dos acontecimentos e das estações. Como elles não se respeitam a si mesmos, tambem os seus semelhantes não os respeitam. Se se dá uma crise commercial, ficam inevitavelmente esmagados. Privados da accumulção de recursos que toda a economia, por pequena que seja, garante invariavelmente, acham-se

(1) Se cada qual cuidasse de corrigir os seus proprios defeitos, tão facil não seria corrigir os da nação!

á mercê de todo o mundo, e, se têm bons sentimentos, só tremendo e afflictos pensarão na sorte que o futuro reserva para sua mulher e seus filhos. « O mundo, dizia em certa occasião o sr. Cobden, dirigindo-se aos operarios de Huddersfield; tem sempre estado dividido em duas classes: a dos que poupam e a dos que gastam, a dos economicos e a dos prodigos. A construcção de todas as casas, de todas as officinas, de todas as pontes, de todos os navios, e bem assim o remate de todas as grandes obras que hão contribuido para o bem estar e a civilisação, são devidos aos que sabem economisar, e que por isso mesmo sempre têm tido por escravos os que só sabem malbaratar estultamente os seus recursos. As leis da natureza e da Providencia assim o determinam, e eu seria um embusteiro se fizesse os membros de uma classe qualquer conceberem a esperanza de melhorar a sua sorte perseverando na imprevidencia, no deleixo e na preguiça. » Um conselho deste mesmo genero, e tão judicioso como o precedente, deu-o o sr. Bright, no anno de 1847 em uma reunião de operarios em Rochdale. Depois de ter affirmado que a honradez se acha em proporções quasi eguaes em todas as classes da sociedade, o orador continuou assim: « Tanto para o homem, como para uma classe de homens qualquer, só ha uma maneira de manter a posição presente, quando ella é boa, ou de buscar outra melhor — é a pratica do trabalho, a frugalidade, a honradez. O unico meio que têm os homens para sahir de uma posição em que as suas necessidades physicas ou intellectuaes não acham conforto, nem satisfação, é, repito, a pratica das virtudes que ajudam quotidianamente um tão consideravel numero dos seus semelhantes a elevarem-se e a melhorarem a sua sorte. »

Não ha a menor razão para que a condição dos operarios deixe de ser a um tempo util, honrosa, respeitavel e feliz. O grosso das classes laboriosas poderia, com poucas excepções, ser tão frugal, tão virtuoso, tãs instruido, e fruir um bem estar tão satisfactorio como os membros da mesma classe que conseguiram obter todos estes bens. O que alguns são, todos poderiam sel-o sem difficuldade. Empregai os mesmos meios, obtereis os mesmos resultados. Quiz Deus, e este seu decreto é, sem duvida, tão justo quão sabio, que em toda a sociedade houvesse uma classe de homens que vivesse do trabalho de cada dia ; mas que essa classe viva em outro estado que não o de frugalidade, de satisfação, de intelligencia e de felicidade, é o que não se compadece com os designios da Providencia, mas provem unicamente da fraqueza, da intemperança e da perversidade do proprio homem. Se a idéa salutar do aperfeiçoamento individual fosse alguma vez propagada entre os operarios, contribuiria mais do que qualquer outra cousa para os elevar como classe, e elles se elevariam, não rebaixando as outras classes, mas subindo progressivamente a um estado mais satisfactorio de religião, de intelligencia e de virtude.

III

Quando um homem considera no futuro, reconhece que os tres principaes evenios para os quaes lhe importa preparar-se são : a falta de trabalho, a doença e a morte. Para os dois primeiros não lhe é difficil achar remedio, mas o terceiro é inevitavel. Todavia, é do dever do homem prudente viver e portar-se de maneira que o peso dos soffrimentos, quando um ou outro destes casos venha

a dar-se, se torne, tanto quanto fôr possível, menos affrontoso, não só para elle mesmo, senão tambem para as pessoas das quaes lhe incumbe garantir o conforto e a subsistencia. Este dever póde parecer menos obrigatorio para o celibatario do que para o homem casado; mas ainda assim não fica aquelle dispensado do cuidado de se limitar aos seus recursos e de economisar alguma cousa com que lhe seja possível manter-se nos casos de doença, de falta de trabalho, e durante a velhice. Não ha espectáculo mais triste do que o de um homem que, tendo trabalhado muito e ganhado bons salarios, gastou todo o seu dinheiro á medida que o foi recebendo, e, chegado á velhice, se vê condemnado a ser um fardo para seus parentes, ou a subsistir por meio das taxas cobradas da frugalidade de seus concidadãos. Se o homem é casado e ha contrahido as responsabilidades de pai de familia, não é só obrigado moralmente a esforçar-se por prover durante a sua vida as necessidades de sua mulher e de seus filhos, como tambem lhe incumbe, tanto quanto fôr possível, dispôr as cousas de maneira que elles não fiquem reduzidos á miseria, no caso de lhes roubar inopinadamente a morte o seu unico arrimo; e o chefe de familia não póde desculpar-se deste dever sem se expôr ao desprezo, condemnando ao mesmo tempo á penuria sua mulher e seus filhos.

Considerados sob este ponto de vista, o ganho honesto e o judicioso emprego do dinheiro são da maior importancia. O dinheiro bem ganho é com effeito a representação da industria paciente, do esforço perseverante, da tentação vencida, da esperanza realisada, e o dinheiro judiciosamente empregado é o indicio da prudencia, da previdencia e da abnegação, verdadeiras bases de um caracter viril. Comquanto represente o dinheiro uma

infinidade de objectos que não têm a menor utilidade ou valor real, é certo que elle tambem representa cousas de summa importancia, como sejam o sustento, a roupa, o bem estar, e, o que é igualmente precioso, o respeito de nós mesmos e a nossa independencia pessoal. É assim que as economias, por pequenas que sejam, livram o operario da penuria, asseguram-lhe meios de subsistencia e o habilitam a aguardar, com esperança, e até alegremente, a volta de dias melhores. Na simples tentativa de um homem para conquistar na sociedade uma posição mais firme ha uma certa dignidade que tende a torná-lo mais forte e melhor. Em todo o caso, obtem elle assim mais liberdade de acção e fica em estado de poupar os seus recursos para ultteriores esforços.

Mas o homem para quem a necessidade é como um abysmo de continuo aberto a seus pés acha-se verdadeiramente em um estado que bem pouco differe do da escravidão. Não é senhor de si mesmo, porquanto vê-se constantemente em risco de cahir sob o dominio de outrem e de ser obrigado a submetter-se á lei que lhe fôr imposta; ser-lhe ha forçoso mostrar-se até certo ponto servil; pois que não ousa encarar de frente erguida o mundo, sabendo que na adversidade terá forçosamente de mendigar ou de recorrer ás sociedades de beneficencia. Emfim, dado o caso de absoluta falta de trabalho, acha-se sem meios de ir buscal-o em outro lugar: está agarrado á sua parochia como a ostra ao rochedo, e não pôde viajar nem emigrar.

IV

Ora, para o homem adquirir a independencia, bastava apenas cingir-se á pratica da mais simples economia, e a

economia não exige esforço superior nem virtudes eminentes : para realisar-a, faz-se sómente mister uma mediocre dóse de energia e aptidão regular. Em summa, a economia se resume no espirito de ordem applicado á administração dos negocios domesticos, isto é, no bom comportamento, na prudencia, e no cuidado de evitar toda a especie de desperdicio. O espirito de economia foi formulado nestes termos por nosso Divino Mestre : « Ajuntae as migalhas que sobejarem, para que nada se perca (1) ». A sua omnipotencia não despresava a mais insignificante conveniencia da vida ; no momento em que elle revelava ás turbas o seu poder infinito, dava-lhes a lição fecunda da economia, de que todos têm tanta necessidade.

Releva accrescentarmos que a economia tambem dá ao homem o poder de privar-se de uma satisfação presente no intuito de conseguir maior bem futuro, e, sob este ponto de vista, representa ella o predominio da razão sobre os instinctos brutaes. Importa não confundil-a com a parcimonia ; porquanto é sobretudo a economia que nos constitue em estado de podermos ser generosos. A economia não faz do dinheiro um idolo : considera-o simplesmente como um instrumento util. Conforme dizia Swift : « Devemos ter o dinheiro na cabeça e não no coração ». A economia póde ser considerada como filha da prudencia, irmã da temperança e mãe da liberdade. Ella aquieta os animos irritados e produz o contentamento. Torna os homens amigos da ordem e da segurança publica. Põe termo aos soffrimentos de todas as classes da sociedade, e priva assim os agitadores dos pretextos com que elles especulavam, tornando comparativamente inof-

(1) Ev. de S. João, VI, II.

fensivos os seus esforços para fomentar odios entre concidadãos. Quando os operarios, por meio da industria e da frugalidade, conquistarem um dia a sua independencia, cessarão desde logo de considerar o espectáculo do bem estar alheio como uma injustiça de que são victimas, e os seus imaginarios infortunios deixarão de ser convertidos pelos ambiciosos em capital politico.

Economisar pelo simples gosto de amontoar dinheiro é cousa vilissima : mas economisar no intuito de obter os resultados que acima enumerámos, é um dos mais certos indicios de força de character ; e quando cultivamos esta virtude com o proposito de prover as necessidades das pessoas que dependem de nós, então assume ella um aspecto verdadeiramente nobre : é o desenvolvimento do esforço individual sob uma das suas melhores fórmãs. Quando Francisco Horner se achou prompto para estrear no mundo, seu pai deu-lhe este conselho, que julgou ser o melhor de todos : « Comquanto deseje que vivas na abastança, nem por isso deixarei de recommendar-te mui particularmente a economia. Esta virtude é indispensavel a todo e qualquer homem ; e a despeito do desdem que lhe votam os espiritos superficiaes, é por intermedio della que se alcança seguramente a independencia, a qual constitue um dos importantes objectos que todo o verdadeiro homem deve ter em vista. »

V

Cada qual deveria regular sempre a sua despeza pela sua renda : este habito constitue a propria essencia da probidade. Com effeito, todo aquelle que não cuida de viver honestamente do fructo de seu trabalho, vem por

força a viver deshonestamente do fructo do trabalho alheio. Ora, os que nunca pensam em regradar as suas despezas e só attendem á sua propria satisfação, embora com prejuizo do bem estar dos mais, só mui tarde chegam geralmente a conhecer a verdadeira utilidade do dinheiro. Posto que naturalmente generosos, estes prodigos acham-se afinal reduzidos muitas vezes a fazer cousas bem mesquinhas : desperdiçam dinheiro e tempo, descontam o futuro, consomem antecipadamente as suas rendas, e condemnam-se assim a supportar um fardo de dividas e de obrigações que prejudicam sériamente a sua acção de homens livres e independentes.

O dinheiro miúdo que tanta gente gasta inutilmente, senão de um modo mais pernicioso, poderia muitas vezes construir o principio de uma fortuna e da independencia que della resulta ; e os dissipadores, comquanto se achem em geral nas fileiras dos que bradam contra a injustiça do mundo, não têm peiores inimigos do que elles mesmos ; porquanto se um homem não quer ser amigo de si proprio, como pôde esperar que os mais o sejam ? Os homens regrados, por mui modestos que sejam os seus recursos, têm sempre meios de auxiliar os seus semelhantes, ao passo que os prodigos, malbaratando tudo deleixadamente, nunca acham occasião de prestar o menor auxilio a quem quer que seja. Todavia, não ha economia mais triste do que a dos avarentos. A mesquizez de espirito na vida e nos negocios é geralmente myope e conduz ao mau exito. *A alma de um penny*, diz um proverbio inglez, *nunca chegou a valer dois*. A generosidade e a liberalidade são pois, juntamente com a probidade, o modo de proceder mais judicioso. Posto que Jenkinson, no *Vigario de Wakefield*, engenhasse mil meios para enganar todos os annos Flamborough, « nem

por isso, dizia elle, deixava Flamborough, de enriquecer cada vez mais, ao passo que eu empobrecia e me vi afinal mettido na cadeia. » E a experiencia da vida nos mostra quão magnificos resultados são quotidianamente obtidos por meio de um procedimento honesto e generoso.

VI

Sacco vasio, diz o proverbio, *não se tem em pé*; e o mesmo acontece com o homem endividado. O credito faz de tudo uma tentação e é tambem muito difficil vêr-se um homem endividado que seja veridico : tal é a razão por que diz o proverbio, que *a mentira viaja de garupa com as dividas*. O devedor vê-se com effeito obrigado a buscar desculpas, e talvez tambem a inventar mentiras para adiar o pagamento do seu debito. Todo aquelle que quizer cumprir a sua resolução de não se endividar, ponha muito cuidado em não contrahir o primeiro compromisso ; porque a facilidade com que foi contrahido o primeiro é muitas vezes uma tentação para o misero devedor contrahir segundo, terceiro, e assim por diante, até vêr-se em taes apuros, que nenhum esforço tardio da sua energia já o não poesa valer. O primeiro passo nas dividas é como o primeiro na mentira : obriga-nos quasi invariavelmente a ir por diante, porquanto cada divida é seguida de uma nova divida, assim como cada mentira é seguida de uma nova mentira. O pintor Haiden dizia que a sua decadencia datava do dia em que, pela primeira vez tomara dinheiro emprestado. Reconhecera Haiden a verdade do proverbio : *Quem tem dividas, tem cuidados*; e eis a nota significativa que elle consignou no seu diario : « Aqui começam as dividas e os compromissos que até

hoje ainda não pude nem poderei jámais satisfazer ». A sua auto-biographia mostra de modo bem doloroso como os apuros pecuniarios lançam o espirito em um estado de angustia pungente, tornam o homem incapaz de qualquer trabalho e o expõem a numerosas e reiteradas humilhações. Eis o conselho que Haiden deu, por escripto, a um moço que ia entrar para a marinha : « Nunca busqueis prazer algum, senão o que puderdes obter sem contrahir uma divida. Nunca tomeis dinheiro emprestado : é cousa degradante. Não digo que nunca o empresteis a outrem, o que digo é que não deveis emprestar quantia alguma, por muito insignificante que seja, se, emprestando-a, vierdes a ficar na impossibilidade de pagar o que deveis ; mas sobretudo não tomeis dinheiro emprestado em circumstancia alguma. »

Fichte, quando ainda era apenas um pobre estudante, recusava até mesmo os mimos que seus parentes, mais pobres do que elle, é verdade, estavam sempre a lhe mandar.

O dr. Johnson era de opinião que as dividas contrahidas na mocidade são a ruina da idade madura. Pronunciou elle, sobre este assumpto, palavras mui judiciosas e dignas de memoria : « Não vos acostumeis, dizia Johnson, a considerar as dividas como um simples inconveniente ; bem depressa reconhecereis que ellas são uma calamidade. A pobreza nos priva de tantos meios de fazer bem e torna-nos a tal ponto incapazes de resistir ao mal, physico e moral, que devemos evital-a por todos os meios honestos... Seja pois o vosso primeiro cuidado não dever a menor quantia a pessoa alguma. Tomae a resolução de não ser pobre, e para o conseguirdes, por muito avultada ou modesta que seja a vossa fortuna, gastae menos. A pobreza é a maior inimiga da felicidade, destróe infalli-

velmente a liberdade, inhabilita-nos para a pratica de certas virtudes e nos torna summamente difficil o exercicio de outras. A frugalidade é a base não só da tranquillidade, senão tambem da beneficencia : aquelle que carece de soccorro não póde soccorrer os seus semelhantes ; se não tendes com que prover as vossas proprias necessidades, como podereis poupar para outrem? »

VII

É dever formal de todo o homem pôr o maior cuidado nos seus negocios e fazer a conta exacta do que ganha e do que gasta. Sob este ponto de vista, a pratica dos principios mais simples da arithmetica é da maior importancia. A prudencia exige que o nosso tratamento esteja antes um pouco abaixo dos meios de que dispomos, do que exactamente no mesmo nivel ; mas só podemos conseguir isto adoptando uma norma de vida que nos ajude a equilibrar primeiro a receita com a despeza. « O melhor meio de um homem se manter nos justos limites, dizia Locke, consiste em elle trazer constantemente em ordem os seus negocios. » O duque de Wellington notava exacta e minuciosamente todo o dinheiro que gastava ou recebia. « Tenho por lei, dizia elle a sir Gleigs ; pagar em pessoa as minhas contas, e aconselho a todos que façam o mesmo. Outr'ora, costumava eu encarregar disto um criado de confiança ; mas curei-me desta loucura, desde que certa manhã, com grande admiração da minha parte, me vieram reclamar directamente o importe de umas contas que já tinham um ou dois annos de data. O maroto especulara com o dinheiro que eu lhe dera e

deixara de pagar as minhas contas. » A proposito de dividas, costumava elle dizer : « As dividas fazem do homem um verdadeiro escravo. Aprendi á minha propria custa o que é ter necessidade de dinheiro, mas nunca me endividei. » Washington, a este respeito, era tão escrupuloso como Wellington ; e é um facto notavel nunca ter elle considerado como cousa indigna da sua attenção o examinar rigorosamente as menores despezas de sua casa, resolvido como estava a viver honestamente segundo as suas posses, mesmo quando exercia o eminente cargo de presidente da União Norte-Americana.

O almirante Jervis, conde de S. Vicente, narrou a historia das lutas de sua mocidade, e, entre outras, a da resolução que tomou de nunca contrahir dividas. « Meu pae, diz elle, tinha uma familia muito numerosa, e pouca fortuna. Deu-me, pois, 500 francos para eu começar a minha vida, e foi tudo quanto recebi d'elle. Depois de ter levado muito tempo a viajar, saquei sobre elle outros 500 francos, mas a letra voltou protestada. Isto me mortificou tanto, que tomei a resolução, com a qual me hei até hoje conformado, de nunca assignar uma letra sem ter á certeza de que ella será paga. Mudei immediatamente de vida, deixei a mesa dos officiaes, isolei-me, e me limitei á ração de bordo, que achei mais que sufficiente. Lavei e concertei a minha propria roupa, fiz de um lençol da minha cama um par de calças, e tendo assim ajuntado dinheiro para satisfazer o meu compromisso, paguei a letra. Desde então hei sempre posto o maior cuidado em que as minhas despezas não excedam aos meus rendimentos. » Jervis sujeitou-se, pois, por espaço de seis annos, ás mais duras privações, mas conservou a sua integridade, estudou com bom exito a sua profissão, e, pelo seu merecimento e bravura, subio,

gradualmente mas com segurança, ao mais elevado posto da armada.

Para os moços tudo está em começar bem ; pois é na mocidade que se deve adoptar a norma de vida de que acabámos de fallar, se quizermos que ella adquira a força do habito. Conseguido isto, reconhecer-se-ha que a pratica do bem não é mais difficil do que a do mal. *A tarefa bem começada*, diz o proverbio, *está quasi acabada*; e a batalha bem principiada está quasi ganha. Quantos moços que davam as mais lisongeiras esperanças não se hão deitado irreparavelmente a perder em razão de um erro, o primeiro, commettido logo no principio da sua carreira; ao passo que outros, cujos talentos inspiravam muito menor confiança, têm sido felizes nos seus esforços, simplesmente porque havendo começado bem, souberam trilhar constantemente o caminho escolhido ! Um bom principio é até certo ponto um compromisso, uma promessa de triumpho ulterior. Quantos infelizes, cuja existencia é para elles mesmos uma calamidade, e para os mais uma fonte perenne de desgosto, não andariam de frente erguida e se achariam no mais prospero estado, se, em vez de se limitarem a engenhar excellentes projectos, tivessem posto resolutamente mãos á obra e trabalhado com energia !

VIII

Ha infelizmente muitos que não sabem aguardar com paciencia o bom exito ; estes taes jamais se decidiriam a começar como seus pais começaram, mais antes querem principiar por onde elles acabaram ; julgam poder gozar dos fructos da industria, sem nunca haverem feito o

menor esforço para adquiril-os ; e, não podendo aguardar o resultado do trabalho e da applicação, descontam o futuro no intuito de satisfazerem precocemente as suas desarrazoadas vontades. Nas classes médias, sobretudo, é manifesta a tendencia de cada qual para gastar o seu rendimento, senão ainda mais, e para preferir uma norma de vida cujos effeitos são altamente nocivos á sociedade em geral. Todos, na educação de seus filhos, buscam fazer delle, não homens polidos, mas personagens da alta classe, embora ás mais das vezes só consigam transformal-os em caricaturas de cavalheiros. Estes infelizes, affeitos cedo aos trajos apurados, ao luxo e aos prazeres, contráem gostos que, em caso nenhum, podem servir de base a um character nobre e viril ; e o resultado de tudo isto é termos uma infinidade de jovens cavalheiros de papelão que frequentam, não se sabe como, a alta classe, onde fazem mui triste figura, porquanto assemelham-se a esses cascos de navios abandonados, que ás vezes se encontram no mar arrastados pela corrente e tendo apenas a bordo... um macaco.

A *cavalheiromania* grassa verdadeiramente no mundo de um modo terrivel. Todos buscam salvar as apparencias, mesmo á custa da honestidade ; e quem não é rico trata ao menos de parecel-o. Cada qual quer ser *respeitavel*, ainda mesmo que o seja sómente no sentido mais baixo desta palavra, no que se refere unicamente á noção vulgar da apparencia exterior. Ninguem tem animo bastante para avançar lenta e pacificamente na condição social em que Deus o collocou ; todos querem absolutamente viver na classe dos opulentos casquilhos, onde, insensiveis ao ridiculo, tomam a liberdade de se intrometter ; e tudo isto só para sacrificarem á vaidade d'aquella classe facticia, de que querem á fina força fazer

parte. Eil-os que affluem de tropel, empurrando-se, pisando-se, para alcançarem os primeiros logares no amphitheatro social, e, no meio de um tal tumulto, toda a resolução nobre e generosa é calcada aos pés, ao passo que não poucos infelizes, aliás dignos até então de toda a sympathy, alli são inexoravelmente esmagados. Achamos inutil referir os desastres, as miserias, as quebras fraudulentas, que se originam deste furor de deslumbrar os mais com o esplendor de uma mentida opulencia. O resultado funesto de tudo isto se manifesta, por toda a parte e sob mil fórmas, nas fraudes escandalosissimas commettidas por homens que têm a coragem de praticar infamias, mas não a de serem pobres, e na caça á fortuna, caça desesperada, na qual são menos para lastimar os que succumbem, do que as centenas de innocentes familias, quasi sempre reduzidas á miseria com a ruina delles. Sir Charles Napier, ao deixar o commando do exercito inglez nas Indias, praticou um acto de probidade e de audacia publicando na sua ultima ordem do dia um protesto contra a vida desregrada que levavam muitos jovens officiaes d'aquelle exercito, vida que os obrigava a contrahir compromissos ignominiosos. Nesse famoso documento, sir Charles ponderava severamente « o que elles já tinham quasi de todo esquecido, — que a honestidade é inseparavel do character de um perfeito cavalheiro, e que beber champagne, que nunca é paga, cerveja, que nunca é paga, e montar cavallo, que nunca são pagos, são acções proprias de um velhaco e não de um cavalheiro ». Com effeito, homens que gastavam mais do que ganhavam, e não se pejavam de ser chamados a miúdo aos tribunaes, até pelos seus proprios criados afim de pagarem dividas que haviam contrahido para satisfazer um luxo extravagante, podiam ser offi-

ciaes em virtude das suas patentes, mas não eram de certo perfeitos cavalheiros. O commandante em chefe acreditava que o habito de estar constantemente endividado tornava os homens indifferentes aos sentimentos por que se devem distinguir as pessoas bem educadas. Ora, não bastava que um official pudesse combater; — qualquer cão de fila pôde fazer o mesmo; — conservava elle immaculada a sua palavra? pagava as suas dividas? taes eram alguns dos pontos de honra que, affirmava sir Charles Napier, deviam glorificar a carreira do perfeito cavalheiro soldado.

IX

O mancebo, á medida que vae avançando na vida, passa pelo meio de uma longa e duplice fileira de demônios tentadores; e se elle cede, o seu aviltamento, mais ou menos completo, é o effeito inevitavel da fraqueza com que se houve. Todo o contacto com aquelles demônios tende a privar-o insensivelmente de certa porção da electricidade divina de que a sua natureza está carregada; e só ha um meio de lhes resistir, é responder-lhes, tanto por palavras como por obras, com um *não* formal e absoluto. Deve o moço tomar em prompto uma resolução, e não se deter a pesar o pró e o contra, porque a mocidade, bem como a *mulher*, *perde-se emquanto delibera*. Muitos deliberam sem decidir cousa alguma: mas não *tomar resolução nenhuma, vem a ser o mesmo que tomar uma*. Ha perfeito conhecimento do homem nesta supplica: « Não nos deixeis cahir em tentação ». Todavia, importa que a tentação venha provar o esforço do mancebo; mas se elle succumbir uma vez, sua força de resistencia tor-

nar-se-ha cada vez mais fraca; quem cede, perde parte da sua virtude; quem resiste animosamente, adquire, por meio dessa primeira decisão, uma força que durará toda a vida, e virá a constituir um habito, sendo constantemente repetida. É nas obras exteriores formadas, por assim dizer, pelos habitos contrahidos na mocidade, que reside a força real da defeza; porquanto, foi sabiamente ordenado que o machinismo da existencia moral seria principalmente posto em movimento por meio dos habitos, e isto afim de impedir a deterioração dos grandes principios moraes. São pois, os bons habitos que, insinuando-se nos mil actos indifferentes da vida, chegam a constituir realmente a parte mais importante, e altamente importante, do comportamento moral do homem.

Hugo Miller refere como, por um acto de determinação, resistira, na sua mocidade, a uma dessas fortes tentações de que são particularmente accommettidos os que se empregam em trabalhos pesados. Os operarios da pedreira onde elle trabalhava costumavam tomar aguardante de quando em quando, e um dia chegou Miller a empinar dois calices que os camaradas lhe haviam offerecido. Quando se retirou para casa e abriu o seu livro predilecto — os *Ensaio de Bacon* — pareceu-lhe que as letras densavam diante dos seus olhos, e era-lhe impossivel comprehender o que estava lendo. « O estado, diz elle, a que me vi assim reduzido era, eu o reconheci, em extremo ignobil. Descera eu, por algum tempo, mas por minha propria vontade, a um gráo de intelligencia muito inferior ao que me compete; e, comquanto o estado em que me achava bem longe estivesse de ser favoravel á formação de sãs resoluções, nem por isso deixei de me determinar desde logo a nunca mais sacrificar á embriaguez faculdades que me haviam sido

dadas para apreciar os gozos intellectuaes, e, com o favor de Deus, conservei-me fiel a esta determinação. » Taes decisões são, por assim dizer, as voltas da estrada na vida do homem; pois são ellas que, para o futuro, determinam o rodeio do seu character e a direcção da sua actividade. E o principió em que Hugo Miller teria cahido, se não houvesse promptamente usado de toda a sua força moral para d'elle se afastar, é um dos que a mocidade, e até mesmo a idade madura, devem mais cuidadosamente evitar. É uma das mais vis, das mais funestas, e ao mesmo tempo das mais extravagantes tentações a que se acha exposta a mocidade.

X

Mas, para debellarmos com energia e bom exito um habito vicioso, não devemos nos limitar a travar simplesmente o combate no terreno vulgar da prudencia mundana, bem que haja nisto alguma utilidade; releva que nos collequemos em mais elevada posição moral. Os socorros artificiaes, taes como os juramentos, por exemplo, podem ser de alguma utilidade; mas o que importa é dar a todos um idéal elevado, e cuidar de purificar os principios, corrigindo ao mesmo tempo os maus habitos. Neste intuito deve o mancebo estudar-se si mesmo, vigiar o seu proprio comportamento, e comparar com aquelle ideal os seus pensamentos e acções. Quanto mais se conhecer a si mesmo, tanto mais modesto elle será, e menos confiará nas suas proprias forças. Mas a experiencia prova que a disciplina mais preciosa é a que adquirimos privando-nos de insignificantes satisfações actuaes para com maior segurança conseguirmos um dia

outras mais completas e de ordem mais elevada. Nisto consiste toda a nobreza da educação que cada qual dá a si mesmo, porquanto, « a verdadeira gloria provem desta conquista silenciosa de nós mesmos, sem a qual o conquistador nada mais é do que o primeiro dos escravos ».

Numerosos livros para o povo hão sido escriptos com o unico fim de communicar ao publico o grande segredo de fazer fortuna. Mas não ha tal segredo, como o provam superabundantemente os proverbios de todas as nações. — Olhae pelas sommas pequeninas, que as grandes olharão por si mesmas. — A vigilancia é a mãe da felicidade; — Não ha lucro sem trabalho; — Quem não trabalha não folga; — Trabalha e virás a ter; — Quem espera sempre alcança; — Antes dormir sem ceiar do que acordar endividado. — Taes são alguns dos apophthegmas da philosophia proverbial que resume para nós a experiencia dos seculos ácerca dos melhores meios de fazermos fortuna no mundo. Estes proverbios já eram sabidos do povo muito tempo antes de se ter inventado a arte de escrever, e constituíram, juntamente com os outros proverbios, os primeiros codigos de moral popular. Demais, hão sido provados pelo tempo, e a experiencia de cada dia confirma a sua exactidão, a sua força, a sua propriedade. Em tudo quanto diz respeito á efficacia do trabalho e ao bom ou máo uso do dinheiro, os proverbios de Salomão são cheios de sabedoria : Aquelle que afrouxa na sua obra é irmão do que dissipa o que possue. — Vae vêr a formiga, oh! preguiçoso, considera a sua industria e emenda-te. — A necessidade, diz elle, se acercará do preguiçoso como um viandante, e a pobreza como um homem armado; mas, fallando do industrioso, diz : — a mão dos diligentes enriquece. —

O ébrio e o glotão ficarão pobres, e á força de muito dormir andarão cobertos de andrajos. — Viste um homem habil no seu trabalho? pois esse homem será chamado para o serviço dos reis. — E emfim — mais vale adquirir sabedoria que ouro fino; porquanto a sabedoria é mais preciosa do que as perolas, e todas as cousas desejaveis são-lhe de todo ponto inferiores.

XI

O trabalho e a economia bastariam por si sós para assegurar a qualquer pessoa possuidora de meios ordinarios uma posição relativamente independente. O proprio operario poderá elevar-se a esta posição, se tiver o cuidado de economisar os seus recursos e de abster-se de despesas inuteis. Um soldo é sem duvida bem pouca cousa; todavia o bem estar de milhares de familias depende unicamente da maneira por que se gasta ou se economisa essa pouca cousa : se um homem fôr desperdiçar, na taverna ou em outros logares, a meia duzia de soldos que ganhou com o suor de seu rosto, bem depressa reconhecerá que a sua vida é mui pouco superior á de uma simples besta de carga; mas por outra parte, se elle poupar essa meia duzia de soldos, se os utilizar todas as semanas, já pagando a sua contribuição em uma sociedade de soccorros ou de seguros, já pondo um bocado desse dinheiro na caixa economica, e entregando o restó a sua mulher para esta empregal-o nas despesas da casa e na educação dos filhos, em breve reconhecerá que a attenção dada ás cousas de pouca importancia o indemnisa amplamente do seu trabalho com o augmento dos recursos que põe á sua disposição, com a

maior somma de bem estar que proporciona a todos os seus, e com a liberdade e tranquillidade de espirito que lhes assegura, livrando-os do temor do dia seguinte. Se qualquer operario tiver uma generosa ambição e robusta intelligencia, riquezas estas infinitamente mais preciosas que todas as posses materiaes, não só poderá ajudar-se a si mesmo, mas tambem achar-se habilitado para auxiliar efficaamente os que encontrar no seu caminho.

Honra, e não vergonha, é a companheira inseparavel de todo o trabalho honesto, quer consista esse trabalho no cultivo do sólo, quer no fabrico de ferramentas, na manufactura de tecidos ou na venda em partidas dos diversos productos da industria humana. Não ha a menor deshonor para um moço em viver a um balcão, de vara em punho, a medir fita, salvo se esse moço deixa o seu espirito elevar-se acima da vara e da fita, isto é, salvo se tem o espirito tão curto como aquella e tão estreito como esta. « Os que devem corar, dizia Fuller, são os que não têm emprego honesto, e não os que o têm. » E o bispo Hall tambem dizia : — Feliz destino é o de todos que trabalham, quer com o espirito, quer com o corpo! — Os que hão sahido das classes inferiores, longe de se envergonharem, deveriam com effeito orgulhar-se das difficuldades que tiveram de vencer ; o operario em pé é mais nobre que o fidalgo prosternado. Um presidente dos Estados-Unidos, a quem perguntaram quaes eram as suas armas, lembrando-se que fôra lenheiro na sua mocidade, respondeu : « Um par de mangas de camisa arregaçadas. » Lord Tenterden, chanceller de Inglaterra, tinha gosto em mostrar ao filho a loja onde seu pai fizera barbas por dois soldos. Tendo certo doutor francez escarnecido um dia da humildade da extracção de Fléchier, bispo de Nimes, que na sua

mocidade, fôra fabricante de velas de sebo, o illustre prelado redarguiu-lhe : « É verdade; mas se houvesseis nascido na mesma condição que eu, ainda estareis fabricando velas de sebo ».

XII

É muitissimo commum a energia empregada em ganhar dinheiro independentemente de todo o intuito mais elevado do que a sua simples accumulção. O homem que se vota em corpo e alma a uma tal empresa vem necessariamente a enriquecer; para isto, é de sobejo qualquer mediocre intelligencia : gastae simplesmente menos do que ganhaes, ajuntae soldo a soldo, economisae, sujeitae-vos a mil privações, e pouco a pouco achar-se-ha formado um montão de escudos. O grande banqueiro parisiense Osterwald foi por muito tempo pobre. Costumava elle beber todas as noites meia canada de cerveja, em certa taverna onde ceitava; e todas as noites ajuntava e levava para casa quantas rolhas podia apanhar. Ao cabo de oito annos, vendeu Osterwald por oito luizes todas as rolhas que havia ajuntado; e aquelle dinheiro foi a base da grande fortuna que elle conseguiu ganhar especulando em fundos. Quando morreu, deixou tres milhões de francos.

João Foster cita (1) um notavel exemplo do que póde produzir uma tal resolução quando se trata de accumulção de riquezas. Um moço que dissipara loucamente o seu patrimonio, achou-se afinal reduzido á miseria e ao mais horrivel desespero. Tendo um dia sahido de casa

(1) Ensaio sobre a energia de caracter.

decidido a suicidar-se, chegou ao alto de uma collina de onde podia vêr as terras que lhe haviam pertencido. Alli parou, assentou-se ficou algum tempo a meditar, e por fim levantou-se com a firme resolução de reassumir por meio do trabalho a posse de todos aquelles bens. Voltou para a cidade, e tendo visto á porta de uma casa uma carrada de carvão que alli fôra despejada, offereceu-se para recolhê-la : a sua proposta foi aceita. GANHOU assim o moço uma meia duzia de soldos, aos quaes ajuntaram, a seu pedido, alguns sobejos com que elle poude matar a fome, deixando intacto o dinheiro recebido. EMPREGANDO-se assiduamente em serviços domesticos d'aquelle genero, ganhou algum dinheiro, ajuntou-o escrupulosamente e veio por fim a achar-se senhor de uma somma sufficiente para comprar diversas cabeças de gado, de cujo preço entendia, e que vendeu com consideravel lucro. Desde então, proseguiu elle na sua marcha para a conquista da fortuna a passos tão regulares e indefessos como os do tempo, e com uma voracidade tão formidavel como a da morte; ampliou gradualmente o circulo das suas operações, e veio a possuir uma fortuna avultadissima. Todavia, comquanto lhe sobejassem enormes cabedaes depois de reassumida a posse dos bens que outr'ora alienara, a auricidia fel-o arrastar o resto dos seus dias na mais ignobil avareza. Quando o sepultaram, nada mais fizeram do que pôr na terra um pouco de estrume. Animado de espirito mais nobre, esse homem teria levado ao cabo a sua empresa, não só com proveito para os seus semelhantes, como para elle mesmo, mas sua vida e sua morte fôram igualmente sordidas.

XIII

Ajuntar dinheiro pelo simples gosto de o ajuntar é cousa mui desprezível, ainda mesmo quando ganho honestamente; mas que diremos dos que accumulam sommas agadanhadas nas mesas de jogo ou nas aguas turvas de especulação! Cuidar nos meios de assegurar o bem estar e a independencia da nossa velhice e da dos nossos é cousa honrosa e digna de ser altamente recommendada; mas amontoar um homem dinheiro pelo simples prazer de ser rico é o signal caracteristico de uma intelligencia acanhada e de uma alma vil. Toda a pessoa cordata porá sempre o maior cuidado em repellir as invasões deste habito exagerado de poupar; do contrario, o que na mocidade era apenas economia, muda-se na velhice em avareza, e o que no primeiro caso era um dever difficil vem a ser, no segundo, um vicio hediondo. A *origem do mal* não está no dinheiro, senão no *excessivo amor* que se lhe tem; é este excessivo amor que acanha a alma e a faz contrahir-se até ficar de todo incapaz de qualquer aspiração ou acção generosas. Eis tambem a razão por que Walter Scott diz, pela bocca de um de seus heróes, que « o numero das almas mortas pelo dinheiro é maior do que o dos corpos mortos pelo ferro ».

Um dos principaes defeitos do meneio demasiadamente exclusivo dos negocios consiste em tender elle a dar á vida do homem um character sobremodo machinal. O individuo que entra em uma tal trilha torna-se de ordinario inapto para tudo mais, vem a ser a presa do egoismo, e só cuida dos seus semelhantes enquanto elles lhe podem ser de algum prestimo para a consecução dos

seus designios. Arrancae uma folha do livro mestre destes homens, e tereis toda a sua vida.

O triumpho material medido pela quantidade de dinheiro que se conseguiu accumular é sem duvida uma cousa deslumbrante e que seduz o mundo onde todos são mais ou menos admiradores deste genero de triumphos. Mas, posto que os homens que estão sempre á espreita das occasiões, e para quem a perseverança, a finura, a habilidade e a ausencia de escrupulos são habitos, possam ser e com effeito sejam bem succedidos no mundo, nem por isso é raro mostrarem-se elles destituidos de toda a nobreza de character, e não possuirem um unico atomo de grandeza real. Aquelle que só admittie uma logica — a do dinheiro — póde vir a ser riquissimo, mas durante o resto de seus dias nunca passará de um miseravel, porquanto os avultados cabedaes não são prova de grandeza moral; e o seu esplendor, como os lampós que no vagalume revelam o verme, só serve ás mais das vezes para chamar a attenção sobre a indignidade de quem os possue. Consiga o homem ser o que quizer, é o espirito e o coração que contribuem para que ella seja rico ou pobre, feliz ou miseravel; e aquellas qualidades são sempre superiores á fortuna : *Mais vale a boa fama que grossos cabedaes.*

A maneira por que tanta gente se vota em holocausto á sua paixão pela riqueza traz á memoria a cupidez do macaco, que é a caricatura da nossa especie. Em Argel, os camponezes indigenas costumam atar bem a uma arvore uma cabaça, dentro da qual deitam um bocado de arroz. A cabaça tem uma abertura de tamanho sufficiente para deixar passar á custo a mão do macaco. Durante a noite, sóbe este á arvore, estende bem a mão e a introduz dentro da cabaça, toma um punhado de

arroz e quer retirar-se; mas a mão fechada já não póde sahir, e elle é incapaz de comprehender a necessidade de abril-a; fica, pois, alli até ao romper do dia, e é então apanhado, fazendo a mais ridicula figura que se possa vêr, porquanto conserva teimosamente na mão a presa que cobiçava. A moralidade desta historia é susceptivel de milhares de applicações.

XIV

Todavia, exagera-se realmente muito o poder do dinheiro. Os grandes commettimentos, os que têm redundado em maior copia de beneficios para toda a humanidade, não fôram realisados por homens ricos, nem por meio de subscrições, senão por individuos cujos recursos pecuniarios eram em geral limitadissimos.

O christianismo foi propagado no mundo por homens pauperrimos; e os pensadores, exploradores, inventores e artistas mais afamados hão sido em todas as épocas homens sem fortuna, e que pela maior parte até se achavam, quanto á posição material, pouco acima dos que se empregam em trabalhos manuaes. E isto ha de sempre ser assim, porquanto a riqueza, não poucas vezes, é antes um freio do que um incentivo, e em muitos casos seria difficil dizer-se se ella é um bem ou um mal. O mancebo que herda uma fortuna está sujeito a achar nimiamente facil a vida que lhe prepararam, e bem depressa se aborrece de nada ter que desejar. Como não é obrigado a lutar para obter algum objecto particular, o tempo se lhe torna horriavelmente enfadonho; fica elle, pois, moral e intellectualmente amodorrado, e a sua

posição na sociedade é muitas vezes bem semelhante á do polypo batido pelas ondas.

Todavia, o homem rico que fôr dotado de espirito cordato desprezará a preguiça como um vicio ignobil, e se reflectir na responsabilidade que anda unida á posse da riqueza, reconhecerá que está mais imperiosamente obrigado a trabalhar do que muitos homens mais pobres do que elle. Devemos, porém, confessar que não é isto o que se vê de ordinario na vida. A mediania que Agar implorava na sua admiravel oração « não me deis pobreza nem riqueza, dac-me sómente o sustento que julgardes convir-me », seria talvez a melhor das sortes, se tivessemos bastante sabedoria para o reconhecer. José Brotherton, membro do parlamento inglez, deixou para ser gravado no seu tumulo, em Peel Park, na cidade de Manchester, um epitaphio tanto mas bello, quanto a declaração nelle contida era, n'aquelle caso, perfeitamente verdadeira : « A minha riqueza não consistia na immensidade das minhas posses, mas no diminuto numero das minhas necessidades. » Subira Brotherton da humilissima condição de servente de fabrica á posição eminente que occupava pelo simples exercicio da probidade, do trabalho e da abnegação. Até ao fim da sua vida, officiou, no intervallo das sessões do parlamento, como ministro do culto em uma capellinha de Manchester; e em tudo e por tudo provou aos que sabiam da sua vida, privada que a gloria que buscava não era a que attrahe as vistas dos homens ou excita os seus louvores, senão a que consiste na consciencia de termos cumprido todos os deveres da existencia de cada dia, segundo as prescripções da honra, do amor e da justiça.

A *respeitabilidade*, na melhor accepção da palavra, é uma boa cousa, porque o homem respeitavel é verda-

deiramente digno de *respeito*, ou por outra, litteralmente, *merece que todos se voltem para vê-lo*. Mas a respeitabilidade que só consiste em salvar as apparencias é absolutamente indigna da menor consideração. Mil vezes melhor e mais respeitavel que o máo rico é o homem pobre e honesto; assim tambem mil vezes melhor que o prazenteiro e opulento velhaco, que tem carro e cavallo, é o homem modesto e silencioso que passa sem fazer os mais voltarem-se para segui-lo com os olhos. Um espirito bem ornado e convenientemente equilibrado, uma vida cheia de designios uteis, são, em toda e qualquer posição social, muito, muitissimo mais importantes do que tudo quanto o mundo considera de ordinario como digno de respeito. Pela nossa parte, cremos que não ha na vida tarefa mais relevante do que a que consiste em cada qual adquirir um caracter viril e em attingir o mais alto grau possivel de aperfeiçoamento do corpo, da intelligencia e da consciencia : eis o fim, e tudo o mais só devera ser considerado como meios. A vida mais bem empregada não é, pois, aquella em que o homem obtem mais gozos, mais dinheiro, mais poder, mais honras ou reputação ; senão aquella em que elle se torna cada vez mais *homem* e executa maior somma de trabalhos uteis e de deveres humanos. O dinheiro é uma potencia a seu modo, reconhecemol-o ; mas a intelligencia, a dedicação ao bem publico e a moralidade são tambem potencias, e mutissimo mais nobres. « Requeiram outros pensões, escrevia lord Collingwood a um amigo ; pela minha parte posso ser rico sem dinheiro, esforçando-me por me elevar acima de tudo quanto é mesquinho. Quero que os serviços por mim prestados á minha patria se conservem tanto quanto fôr possivel estremes de todo e qualquer motivo interesseiro ; demais,

o velho Scott (1) e eu podemos continuar a cultivar as nossas couves sem fazermos maior despeza que outr'ora. » Em outra occasião exprimia-se elle assim : « Os motivos que me guiaram no meu procedimento são taes, que não os trocaria por uma centena de pensões ».

XV

A aquisição de uma fortuna póde sem duvida proporcionar a certas pessoas os meios de serem recebidas na sociedade; mas para alli gozarem de estima, devem ellas possuir, além da delicadeza de maneiras, espirito recto e coração bem formado, pois do contrario nunca passarão de gente que tem dinheiro. Ora, de presente, ha na sociedade individuos tão ricos como Crespo, e que nem por isso gozam da menor consideração, do menor respeito. É como deixaria de ser assim? esses homens são uns saccoes de escudos, e todo o seu poder reside na sua burra. Os homens eminentes na sociedade, aquelles que guiam e dominam a opinião, aquelles cujos uteis trabalhos hão tido bom exito, não são necessariamente homens ricos; mas homens que se distinguem pela integridade do seu character, pela solidez da sua experiencia e por sua alta moralidade. O proprio pobre, quanto só possua uma parte infinitamente pequena dos bens deste mundo, póde olhar sem o menor sentimento de inveja para aquelle que se recommenda tão sómente pelos seus triumphos materiaes, para o homem dos terrenos e dos escudos; e até d'elle se commiserará, se tiver consciencia de se haver esmerado na cultura dos

(1), Assim se chamava o seu hortelão.

seus proprios talentos naturaes, de ter usado e não abusado das occasiões, e empregado o tempo da melhor maneira possivel.

XVI

Cumpre tambem reconhecer que o commercio prova o character do homem mais severamente talvez do que qualquer outra occupação : porquanto lhe tenta com o maior rigor a honradez, a abnegação, o amor da justiça e a veracidade; e os homens de negocio que saem-se bem de taes experiencias são dignos talvez de tão subidas honras como os soldados que ostentam a sua intrepidez no meio do fogo e dos perigos de combate. Ora, seja isto dito em honra de grande numero dos que exercem a sua actividade nos differentes ramos do commercio, devemos confessar que feitas as contas elles se saem nobremente de todas estas provas. Se reflectirmos um só instante na immensidade de riquezas confiadas todos os dias a subordinados que provavelmente apenas ganham o indispensavel para a sua subsistencia, no dinheiro que passa de continuo pelas mãos dos agentes, dos correctores, dos caixeiros de armazens e dos empregados subalternos dos bancos, e se considerarmos quão pouco frequentes são os abusos de confiança que se dão no meio de tantas tentações incessantes, confessaremos de certo, e não sem algum orgulho, que esta honestidade regular e perseverante é summamente honrosa para a natureza humana. Por outra parte, o grau de confiança que resulta, entre homens de negocio, de um systema de credito baseado principalmente no principio da honra, causaria estranheza, se não fosse uma cousa tão

ordinaria na pratica dos negocios, que já por fim se ha constituido em habito. O dr. Chalmers mui judiciosamente ponderou que a confiança que os negociantes costumam depositar em agentes estabelecidos longe delles, e até mesmo em remotissimos paizes estrangeiros, consignando riquezas consideraveis a pessoas que só lhes são recommendadas pelo seu character, e que muitas vezes nunca viram, é talvez a mais bella homenagem que podem homens tributar a homens.

A verdade dèsta velha e excellentè maxima que a *melhor politica consiste na probidade* é confirmada pela experiencia de cada dia, a qual nos mostra que a rectidão e a integridade asseguram o bom exito nos negocios como em tudo mais. Conforme o conselho que o digno tio de Hugo Miller costumava repetir a miúdo « em todas as vossas transacções, dai aos vossos freguezes medida bem cheia, cheia a trashedar, e por fim reconhecereis que nada se perde com isto ». A honestidade nas palavras e nas acções deveria ser a pedra angular de todos os negocios. Para o negociante, para o mercador e o manufactureiro a honestidade deveria ser o que é a honra para o soldado, a caridade para o christão. Por muito humilde que seja uma profissão, não nos inhihi ella de exercermos esta rectidão de character. Hugo Miller, fallando do pedreiro com quem aprendera o officio, diz que elle *punha um bocudo da sua consciencia em cada uma das pedras que assentava*. Assim, o bom operario se ufana da solidez e da perfeição das suas obras, e empresario liberal dá inteireza com que executou o seu contracto em todas as suas partes. O manufactureiro integro não só ganha honra e fama senão também consideravel lucro material, quando se esmera na pureza dos seus productos; e a mesma honra, a mesma fama e lucros materiaes não

menos consideraveis ganhará o mercador, se vender generos bons e que sejam realmente o que parecem ser.

Posto que o nivel da probidade tenda quotidianamente a elevar-se, infelizmente não são raros os exemplos de homens que buscam enriquecer mais depressa, por meio da velhacaria e da fraude; negociantes que falsificam os generos, depositarios que fogem da noite para o dia, manufactureiros que vendem borra em vez de lã ou algodão, ferro velho fundido em vez de ferro virgem, agulhas sem fundo, navalhas que nunca servirão para a barba, e uma infinidade de productos aladroados. Até ha mercadores de vinho que pela ganancia de alguns francos, não hesitam em sacrificar a boa reputação commercial de seu paiz, diminuindo artificialmente a capacidade das garrafas e vendendo aos freguezes estrangeiros vacuo em vez de vinho.

É a esta gente que quadram as palavras emphaticas pronunciadas pelo barão Dupin, ha quarenta annos, quando fallava na probidade commercial dos negociantes de Liverpool: « Os triumphos obtidos no governo das artes, dizia elle, são semelhantes aos que se obtêm no governo dos homens. A fraude, a surpresa e a violencia podem contribuir para a conquista; mas, para que qualquer conquista se torne perduravel, é de força empregarem-se meios inteiramente oppostos. Não basta que haja intelligencia, energia, actividade: importa que o homem industrioso seja tambem cordato, economico, e *sobretudo* *probo*, se quizer que se mantenha a superioridade dos productos e do commercio de seu paiz. Se o util cidadão das ilhas britannicas viesse a perder um dia estas virtudes, crêde que não só a Inglaterra (e a França?), como outro qualquer paiz, a despeito da providencia e dos soccorros dos seus numerosos diplomatas e do seus mais profundos po-

líticos, veria em breve os navios de um commercio degenerado, repellidos de todos os portos, desaparecerem dos mares que hoje coalham transportando os thesouros do universo, recebidos em troca dos thesouros da industria dos tres reinos ».

É possível que o homem escrupulosamente probro não enriqueça tão depressa como o que não tem escrupulos nem proibidade; mas a fortuna adquirida sem fraude nem injustiça, ainda mais preciosa se torna; e embora tenhamos de constituil-a lentamente, releva sermos probos. Perca-se tudo, comtanto que se salve a honra; pois a honra é por si só uma fortuna; e se o homem honrado proseguir intrepidamente na sua marcha, póde ficar certo de que não deixará de obter a alta recompensa a que tem jus

CAPITULO NONO

EDUCAÇÃO DE SI MESMO. — FACILIDADES E DIFFICULDADES QUE ELLA APRESENTA

Todo homem recebe duas sortes de educação, uma que lhe é dada pelos seus semelhantes, e outra, muito mais importante, que elle proprio dá a si mesmo.

CICERO.

E' das difficuldades que nascem os milagres.

LABSUYÈRE.

I

A educação que podemos adquirir, por meio dos nossos proprios esforços, comprehende a cultura ou o desenvolvimento de todas as faculdades, da nossa natureza physica, moral e intellectual. Importa, pois, que cada uma destas faculdades seja desenvolvida, e que cada uma, por outra parte, contribua até certo ponto para o desenvolvimento das outras. Com effeito, se cultivarmos exclusivamente as forças physicas de um homem, obteremos um athleta ou um selvagem; se exclusivamente as moraes, um entusiasta ou um maniaco; se exclusivamente as intellectuaes, um portento doentio, um monstro talvez. Se quizermos ter um homem com-

pleto, devemos pôr muito cuidado em que a mais perfeita harmonia presida á cultura destas tres ordens de faculdades.

Os antigos davam muita importancia á educação physica, e *um espirito são em um corpo são*, era o fim que elles tinham constantemente em vista nos seus melhores estabelecimentos de educação. Os mestres gregos eram *peripateticos*, e estes tinham por artigo de fé que a sciencia dos moços devia consistir no que elles pudessem aprender caminhando. Os inglezes da velha escola tambem eram desta opinão, e a exprimiam por esta maxima : *De verão nos campos, de inverno nas classes*. Milton diz que costumava levantar-se muito cedo — de inverno, antes do sino ter chamado o homem ao trabalho ou á oração, de verão, assim que cantava o passarinho mais madrugador, ou poucos minutos depois, para lêr ou ouvir lêr bons autores até a sua attenção achar-se sufficientemente fornida, e prestar depois, por meio de um trabalho lucido e generoso, excellente para conservar a saude e o vigor corporal, não uma obediencia passiva e grosseira, mas uma obediencia activa e leda ao espirito, á causa da religião e da liberdade de seu paiz.

Hoje em dia a educação tem-se tornado quasi exclusivamente intellectual, e a saude do corpo ha soffrido com isto. Cultivado o cerebro com prejuizo dós membros, o appetite physico acha-se de ordinario na razão inversa do appetite intellectual. Não é só a saude que se arruina em consequencia deste desprezo das condições da vida physica e desta falta de exercicio dos órgãos corporaes : o proprio espirito cáe em estado morbido e marasmodico, a pesquisa da sciencia é embarçada, e a natureza humana, inanida e enfezada, pára em seu desenvolvimento. É sem duvida em razão desta falta de exercicio physico

que se nota nos homens que se dedicam ao estudo tão frequente tendencia para o aborrecimento, para a misanthropia, para a inacção e o devaneio, tendencia que se revela pelo desprezo prematuro da vida real e pela aversão a toda e qualquer usauça; destes dois sestros resultaram, em Inglaterra, o *byronismo*, e na Allemanha o *wertherismo*. O dr. Channing, observando tambem na America este phenomeno, não hesitou em asseverar que « um grande numero de mancebos se educam realmente na escola do desespero ». Só ha um remedio para esta especie de chlorose moral, e é a abundancia de exercicio physico, de acção, de trabalho, de occupações corporaes de toda a sorte.

Daniel Malthus, tendo um filho no collegio, recomendava-lhe que cultivasse solicitamente a sua intelligencia, mas sem desprezar os jogos athleticos, os quaes, dizia elle, eram o melhor meio que se podia empregar para manter no mais alto grau de vigor as forças do espirito e a faculdade de gozar os prazeres da intelligencia. « Toda a especie de saber, dizia elle, toda a communhão com a natureza e a arte vos divertirá, e fortificará o vosso espirito; muito estimarei que do jogo do *cricket* (1) resulte o mesmo beneficio para os vossos braços e pernas. — É-me grato vêr que vos distinguis nos exercicios corporaes, pois sempre hei sido de opinião que a melhor e mais agradavel parte dos prazeres do espirito é a que podemos gozar passeiando. » Mas um dos maiores beneficios da constante actividade é o que o bispo Jeremias Taylor encarece tão judiciosamente: « Evitae a preguiça, diz elle, e ponde muito cuidado em empre-

(1) Jogo inglez que consiste em dar com um pau em uma pella.

gar os vossos menores instantes em occupações laboria-
sas e uteis ; porquanto a luxuria se introduz facilmente
pelas brechas que em nós fazem a inacção e bem estar
do corpo, e não nos consta que homem algum, gozando
de boa saude e grande bem estar, se haja conservado
casto, a despeito das tentações que acompanham a ocio-
sidade : sobretudo não esqueçaes que de todas as ma-
neiras de afugentar o espirito do mal, a mais util e effi-
caz consiste no trabalho manual.

II

O bom exito na vida activa depende muito mais do
que se pensa, da saude physica. Hodson, official do regi-
mento deste mesmo nome, nas Indias, escrevendo a um
amigo residente em Inglaterra, dizia : « Se eu fôr feliz
na minha carreira, devel-o-hei, creio eu, para não fallar
senão no physico, ás minhas boas digestões. » A facul-
dade de nos applicarmos de continuo ao trabalho, seja
qual fôr a nossa profissão, deve com effeito depender em
grande parte do facto, aparentemente prosaico, da di-
gestão ; de onde se segue que nos importa cuidar da
nossa saude, ainda quando a consideramos sómente como
uma das condições do labor intellectual. Póde-se sem
duvida exagerar a importancia da educação physica ;
mas nem por isso é menos incontestavel a transcendente
vantagem que ha para os moços em aprender cedo
a servirem-se livremente de todos os seus membros. To-
davia este principio elementar é do numero dos que ve-
mos tão a miúdo desprezados na educação moderna. Eis
a razão por que todos os dias estão a sahir das escolas e
dos collegios moços que, eruditos na sciencia grega e

romana, mal sabem para o que servem os seus proprios pés e mãos : cada um delles é sem duvida profundo no conhecimento dos gerundios e participios, mas nenhum sabe servir-se dos seus olhos, e, um tudo quanto diz respeito á faculdade tão commum da observação, não ha servente de charrua que lhes não leve a palma.

Quando os mestres forem um pouco mais instruidos, talvez venham a possuir a sabedoria pratica, e então reconhecerão sem duvida que um dos principaes objectos da educação é preparar homens para a vida activa, de fórma que elles possam achar interesse em tomar parte nas lidas quotidianas da maioria dos seus semelhantes. De resto, não ha incompatibilidade alguma entre a educação que dá aos moços uma idéa dos conhecimentos usuaes mais indispensaveis e a que os eleva ao mais alto grau de cultura intellectual ; desconhecer esta verdade é querer persistir no erro. Aprender, por exemplo, a manejar instrumentos em uma officina seria um excellente complemento de educação ; pois que, por este meio, os moços adquiririam o habito de servir-se dos seus braços e mãos ; familiarisar-se-hiam com um trabalho salutar, empregariam a sua actividade em cousas visiveis e tangiveis, adquiririam algumas noções de mechanica pratica, tornar-se-hiam, em summa, com grande satisfação sua ulterior, capazes de trabalhos uteis e aptos para qualquer esforço physico paciente e aturado. As classes chamadas laboriosas levam incontestavelmente vantagem ás abastadas, pelo facto de se vêrem cedo na necessidade de applicar-se indefessamente a um trabalho mechanico qualquer, graças ao qual adquirem a destreza manual e o pleno uso das suas faculdades physicas. Tudo bem considerado, a inferioridade das classes laboriosas não provem da necessidade do trabalho physico, mas *sim*

do abuso deste trabalho em que ellas são empregadas tão exclusivamente, com prejuizo das suas faculdades moraes e intellectuaes. Ao passo que os filhos das classes ricas aprendiam a considerar o trabalho como cousa servil, e por conseguinte a desprezal-o, a evital-o, crescendo em uma ignorancia completa de toda o especie de conhecimentos uteis, tolerou-se que as classes pobres, encerradas no circulo das suas laboriosas lidas, ficassem, em um grande numero de casos, sem a menor cultura intellectual. Todavia, parece-nos que ambos estes males podem ser evitados combinando-se judiciosamente a educação physica com a intellectual, e por toda a parte já se notam signaes que indicam a adopção gradual de um melhor systema de educação.

III

A infancia de Newton nos offerece um excellente exemplo da utilidade que ha em exercermos cedo um trabalho manual voluntariamente escolhido. Estudante mediocre, era elle em compensação muito assiduo no manejo da serra, da enxó e da plaina. O seu maior prazer consistia em fazer modelos de moinhos, de carros e de machinas de toda a especie; e, de tal fôrma se lhe enraizou no animo este habito, que mesmo na idade madura ainda elle se divertia fazendo mesas e armarios para os seus amigos. Smeaton, Watt e Stephenson não foram menos habeis, na sua infancia, em servirem-se de ferramentas; e, se não fosse esta especie de educação que elles deram a si mesmos, é bem provavel que nunca conseguissem levar ao cabo o que emprehenderam na idade madura. Tal foi tambem a educação primeira dos gran-

des inventores e artistas de que fallámos nas paginas precedentes, homens cuja intelligencia e espirito se exercitavam, de combinação e activamente, por meio da pratica constante do labor manual na sua adolescencia. De resto, os operarios que se elevam acima da classe a que pertenciam pelo seu nascimento e vão figurar entre os trabalhadores da categoria mais puramente intellectual, acham em geral que, mesmo no ponto de vista das suas occupações ultteriores, a sua educação primeira fôra-lhes sobremodo proveitosa. Burritt, por exemplo, era de opinião que um arduo labor physico torna agradável o estudo, e não poucas vezes largou elle os livros e deixou de ir á aula, para cingir de novo o avental de couro e voltar á forja e á bigorna, curando assim tanto da saude do espirito como da do corpo.

O vigor organico e o desenvolvimento das forças physicas contribuem não pouco para o bom exito dos que se consagram ás profissões liberaes. E' assim, por exemplo, que se considera um thorax bem desenvolvido tão indispensavel como uma intelligencia bem cultivada para os triumphos a que aspira o advogado ou o homem politico. O perfeito arejo do sangue, pela sua livre exposição em uma larga superficie respiratoria nos pulmões, é necessario para manter em sua plenitude a força vital de que depende em tão subido grau a vigorosa acção do cerebro. Com effeito, só depois de haver passado os melhores annos de sua vida em salas fechadas aquecidas a ponto de o ar tornar-se quasi irrespiravel, é que o advogado consegue abalisar-se na sua profissão, ao passo que o chefe politico, pela sua parte, tem de supportar a extrema fadiga e a superexcitação enervadora que occasionam os longos e calorosos debates das **assembléas parlamentares**, de maneira que o advogado e o chefe de par-

tido têm realmente de desenvolver, durante os annos activos de sua carreira, uma força de perseverança e de actividade physica ainda mais extraordinaria do que a robustez de espirito de que devem dar provas.

O maravilhoso vigor de lord Palmerston, vigor que resiste á fadiga e á velhice, é de ha muito objecto de admiração para todos. Mas não nos esqueçamos de que lord Palmerston, na sua mocidade, deleitava-se nos exercicios corporaes e se ufanava de ser o melhor remador, o melhor saltador, o melhor corredor, em summa, o primeiro nos jogos athleticos, assim como foi posteriormente o primeiro no senado; e ainda hoje consagra elle com prazer as suas horas vagas á equitação e á caça (1).

Quanto a lord Brougham, as suas proezas como trabalhador e os seus triumphos sobre o debil physico do homem hão feito d'elle o heróe de uma lenda herculea; e fallando deste personagem e de alguns outros da sua classe, mui judiciosamente ponderou um escriptor da imprensa que « a grandeza dos estadistas inglezes provem egualmente do corpo e do espirito ». Com effeito, o homem physico é o envoltorio do homem moral e intellectual; e é por meio dos orgãos corporaes que a propria alma vive e se manifesta. Conforme diz o velho Burton : « O corpo é *domicilium animæ*, o seu lar, a sua morada, a sua casa; e assim como uma tocha dá luz mais viva e exhala cheiro mais suave, segundo a materia de que é feita, assim tambem a nossa alma exerce mais ou menos cabalmente todas as suas funcções, sendo a disposição mais ou menos favoravel dos seus orgãos; ou, para nos

(1) Quando o auctor escrevia este livro, ainda era vivo lord Palmerston

servirmos de outra comparação, assim como o vinho conserva o gosto da pipa em que esteve, assim também a alma conserva a impressão do corpo, instrumento da sua actividade, o qual, por assim dizer, communica-lhe o seu geito. »

IV

Quando Walter Scott estudava na universidade de Edimburgo, puzeram-lhe a alcunha de *Asno-grego*; mas, posto que côxo, tinha elle notavel robustez, e podia fisingar um salmão tão destramente como o melhor pescador do Tweed, e cavalgar um cavallo arisco tão intrepidamente como qualquer caçador de Yarrow. Os trabalhos litterarios a que Scott posteriormente se votou, nunca o fizeram perder o gosto dos exercicios athleticos; e, na época em que elle escrevia *Waverley*, costumava recrear-se, depois de ter trabalhado toda a manhã, caçando lebres de tarde. O professor Wilson era um verdadeiro athleta, tão notavel pela maneira por que manejava o martello como o foi posteriormente pelos rasgos sublimes da sua eloquencia e da sua poesia; e Burns, quando moço, tornou-se sobretudo notavel pela sua força e agilidade em saltar, lutar e arremessar pesos. Alguns dos mais illustres theologos inglezes se distinguiram, na adolescencia, pelo vigor physico. Isaac Barrow adquiriu na escola a reputação de intrepido jogador do socco, reputação de que lhe resultaram não poucos murros bem no meio do rosto e perda de sangue pelo nariz. André Fuller, quando trabalhava como servente em uma herdade de Shoam, era sobretudo afamado pela sua pericia no pugilato. E Adão Clark, quando menino, só era notavel pela força com que carregava pedras

enormes : nisso consistio talvez o segredo de parte da valentia com que elle, na idade madura, aventava grandes idéas.

Eis a razão por que, reconhecendo quanto importa dar, primeiro que tudo, solidas bases á saude physica, não devemos por outra parte perder de vista a conveniencia de cultivar o habito da applicação mental, pois isto constitue tambem um ponto indispensavel na educação da mocidade. A maxima *Omnia vincit labor improbus* (1) é verdadeira, sobretudo quando se trata da conquista do saber; porquanto os campos da sciencia estão francos a todos que quizerem tomar o trabalho de nelles ceifar; e o estudante, por maiores que sejam as difficuldades que se suscitem, superal-as-ha perfeitamente por meio de uma firme determinação : *Querer é poder*. Chatterton nunca se cançava de repetir que Deus, pondo na terra as suas creaturas, dera-lhes braços bastante compridos para alcançar tudo, se quizessem tomar apenas o trabalho de servir-se delles. Mas, tanto no estudo, como nos negocios, a energia é o grande meio importa que haja o *fervet opus*; importa que não nos limitemos a malhar o ferro enquanto elle está quente, senão que o façamos aquecer á força de malhar-o : *Quem tem coração tem tudo* (1). É na verdade maravilhoso o que podem realisar, em materia de desenvolvimento individual, aquelles que são dotados de esforço e perseverança e sabem aproveitar as occasiões, empregando mesmo os mais curtos instantes de descanso, que os vadios, pelo contrario, sempre deixam passar desaproveitados. Assim

(1) O arduo trabalho tudo vince.

(1) *He who has hearth has everything*. — A palavra *coração* significa, neste caso, *esforço, energia*.

Fergusson aprendeu a astronomia contemplando o céu do alto de uma collina da Escossia, embrulhado em uma pelle de carneiro; assim Stone aprendeu a mathematica trabalhando ao mesmo tempo de dia como hortelão; assim Drew estudou a mais alta philosophia nos momentos de folga do seu officio de remendão; assim Miller sorprehendeu os segredos da geologia na propria pedreira onde trabalhava como operario. Applicando successivamente a sua attenção aos diversos aspectos da sciencia, e empregando com cuidado instantes que, se assim não fôra, ter-se-hiam perdido, estes homens, que pertenciam pelo nascimento ás classes mais pobres da sociedade, adquiriram a mais alta educação e tornaram-se honrosamente distinctos entre os seus concidadãos.

Sir Joshua Reynolds, conforme já dissemos, cria tão firmemente na efficacia do trabalho, que affirmava ser possivel tornar-se qualquer homem excellente na sua profissão, sempre que se dispuzesse a trabalhar assidua e pacientemente, na proporção das suas forças. Sustentava que só o trabalho e a fadiga conduzem ao genio, e que os unicos limites da carreira de um artista são os da sua propria paciencia e os da sua propria energia. Não podia crêr no que se chama inspiração, e só lhe mereciam confiança o estudo e o trabalho. « A excellencia, dizia elle, nunca é concedida ao homem senão como recompensa do trabalho. — Se tiverdes grande talento, o trabalho vol-o aperfeiçoará; se só tiverdes mediocre aptidão, o trabalho vos subministrará o que vos faltar neste particular. Não ha tarefa, por mais improba que seja, que a energia bem dirigida não consiga consummar; sem ella, porém, nada, absolutamente nada se fará. » Sir Fowell Buxton, cuja actividade se exercia em uma carreira mui diversa, tambem cria firmemente na efficacia do estudo; e a idéa

modesta e fecunda, a cujo imperio sempre se submettia, era que, para conseguir fazer as cousas tão perfeitamente como as pessoas mais bem dotadas do que elle, só lhe era preciso consagrar ao que emprehendia dobrado tempo e trabalho : de resto Buxton confiava quasi exclusivamente nas faculdades ordinarias fortificadas por constante applicação. É incontestavel que o genio sem o trabalho não passa de um oraculo mudo, e que os homens de maior genio sempre se hão achado entre os que podiam empregar no trabalho mais paciencia, mais resolução, mais tenacidade, em uma palavra, entre os que se distinguiam principalmente dos seus semelhantes pela sua maior aptidão para o trabalho

V

O essencial, em materia de estudo, é comprehendermos bem o nosso assumpto, de fórma que o possuamos a fundo e em todas as suas partes. Francisco Horner, quando quiz estabelecer regras para a sua propria educação, não deixou de collocar em primeiro lugar a necessidade de se applicar exclusiva e assiduamente ao assumpto em cujo estudo se achasse empenhado; para este fim contentava-se elle com um diminuto numero de livros e oppunha a mais inabalavel firmeza a toda a tentação que o pudesse habituar a leituras sem nexos nem methodo. É certo que o valor do saber consiste antes no bom uso que delle se póde fazer, do que na amplidão do que se sabe. De onde se segue que uma modesta dóse de sciencia exacta e de bom quilate é, sob o ponto de vista pratico, mil vezes mais preciosa do que os mais amplos conhecimentos superficiaes. Quanto ao dictado trivial que affirma achar-se

a sciencia hoje em dia tão vulgarisada como o espirito, ha nelle de certo alguma verdade ; mas cumpriria accrescentar que essa vulgarisação da sciencia se faz sobre uma superficie mui extensa, que a camada por ella penetrada bem longe está de ser profunda e que o resultado disto é revelar-se a crassa ignorancia que lhe fica por baixo. Nunca se leu tanto, é verdade, mas tambem nunca se estudou tão pouco; de maneira que vemos crescer todos os dias o numero dos que sabem um pouquinho de tudo, mas nada completamente. E, pois, já houve quem com toda a razão comparasse os leitores d'esta especie a essas facas que, além da folha ordinaria, têm uma lima, uma serra, uma verruma, uma chave de parafuso, uma tesoura e um sacca-rolhas, mas tudo de dimensões tão pequenas, que quando nos queremos servir de alguma dessas ferramentas, logo reconhecemos a sua inutilidade.

Uma das maximas que Ignacio de Loyola repetia a miúdo era que « ninguem trabalha mais do que aquelle que faz uma unica cousa de cada vez, mas com toda a perfeição ». Exercendo os nossos esforços em um campo demasiadamente extenso, debilitamos inevitavelmente as nossas forças, retardamos o nosso progresso, e adquirimos o habito de trabalhar atrapalhadamente e mal. O moço que se decide a aprender, seja o que fôr, nunca deve abandonar o que está aprendendo sem ter primeiro adquirido a maior somma possivel de pericia : ó só assim que ulteriormente se consegue fazer as cousas com perfeição. Lord Saint-Leonards, communicando um dia a sir Fowel Buxton o methodo que seguira nos estudos, explicou-lhe assim o segredo dos seus triumphos : « Quando comecei a estudar direito, diz elle; tomei a resolução de ficar bem senhor de tudo quanto apren-

desse, e de nunca passar a nova materia antes de me achar prompto na precedente. Muitos dos meus competidores liam mais em um dia do que eu em uma semana; mas, no fim do anno, eu sabia o que tinha aprendido tão bem como no primeiro dia, ao passo que elles haviam esquecido quasi tudo. » Sir E. B. Lytton explicou assim um dia como pudera escrever tantos livros, tomando ao mesmo tempo parte activa na vida publica : « Se consigo compôr tantas obras, disse elle, é porque nunca trabalho em mais de uma de cada vez. Regra geral, não consagro ao estudo mais de tres horas por dia, e ás vezes ainda menos quando o parlamento está aberto. Mais por isso mesmo, durante essas poucas horas, dou ao que faço toda a attenção de que sou capaz. »

VI

A instrucção real não depende da quantidade de materia que vemos ou do numero de paginas que aprendemos, mas sim da coherencia do assumpto com o objecto que temos em vistas estudando, da concentração de espirito que empregamos nos nossos estudos, e da disciplina habitual que preside á applicação systematica de todas as nossas forças intellectuaes. Abernety dizia que tinha no seu intellecto um ponto de saturação, passado o qual tudo quanto elle buscava introduzir no espirito só servia para fazel-o perder algum dos conhecimentos já adquiridos. A proposito do estudo de medicina, dizia : « Todo aquelle que tiver uma idéa perfeitamente clara do que quer fazer, raras vezes deixará de acertar na escolha dos meios convenientes para a execução do que houver emprehendido. » O estudo mais proveitoso é o que tem um

objecto especial e definido, para o qual convergem a um tempo todas as nossas observações, todas as nossas reflexões, todas as nossas leituras. Só tornando-nos peritos no ramo dos conhecimentos humanos a que nos applicamos é que adquirimos o poder de utilisal-o, sempre que assim nos convier. Não basta, pois, termos livros e sabermos onde acharemos as explicações de que possamos carecer; o que importa é trazermos connosco, para qualquer evento, os nossos conhecimentos praticos e tel-os á nossa disposição quando nos quizermos servir d'elles. Não basta, em uma palavra, termos um thesouro em casa e sahirnos á rua com as algibeiras vazias; o que importa é andarmos sempre munidos de moeda corrente, queremos dizer, de uma porção do nosso saber para empregal-o em toda e qualquer occasião; do contrario, se nos virmos de repente obrigados a mostrar o que sabemos, teremos de fazer tristissima figura.

VII

A decisão e a diligencia são, por outra parte, tão necessarias na educação como nos negocios; póde-se fomentar o desenvolvimento destas qualidades habituando os moços a contar com os seus proprios recursos, e deixando-os, cedo, gozar de toda a liberdade de acção compativel com a sua segurança. Querer guial-os e contel-os de mais, é condemnal-os a nunca poderem fazer cousa alguma por si mesmos; tanto monta pôr-lhes bexigas debaixo dos braços em vez de ensinal-os a nadar. A falta de confiança impede o progresso talvez mais do que geralmente se pensa. Comtudo, a verdadeira modestia é mui compativel com a justa apreciação da nossa propria

valia, e não exige que renunciemos o merito. Bem que haja incontestavelmente muitos homens presumidos que de bom grado se enganam a si mesmo pondo, na avaliação que fazem das suas proprias forças, um algarismo demasiadamente elevado á esquerda dos seus zeros, nem por isso é menos certo que a falta de confiança, a duvida de nós mesmos, e a ausencia de presteza que disto resulta na acção, são defeitos mui nocivos ao progresso individual. E pois, com muita razão, já alguém disse que metade dos maus exitos na vida provem de encurtar-se a redea ao cavallo no momento em que elle vae saltar. O Dr. Johnson costumava attribuir os seus triumphos á sua confiança em si mesmo. E é bem certo que a razão por que alguns homens fazem muitas vezes menos do que podiam fazer, está em elles não empregarem o necessario esforço; e se são mal succedidos, é porque põem obstaculos a si mesmos. Um passo para a direita ou para a esquerda poderia assegurar o bom exito, mas justamente no que menos se cuida é em dar esse passo.

Bem sabemos que não pouca gente deseja obter os fructos que produz infallivelmente a educação de si proprio: mas nem todos estão dispostos a preencher a condição inevitavel desta educação, isto é, a entregarem-se a um trabalho arduo e indefesso. O Dr. Johnson dizia que « a falta de paciencia para o estudo era a doença mental da geração presente »; e esta observação é ainda hoje perfeitamente justa. Podemos con effeito não crêr que haja uma estrada *real* que vá ter á sciencia, mas parecemos estar firmemente convencidos da existencia de um caminho *popular*. Em educação, engenhamos meios de economisar o trabalho; buscamos chegar á sciencia por atalhos, aprender o francez e o latim em *doze lições*, ou *sem mestre*, imitando assim a casquilha que contra-

ctava um mestre de linguas, com a condição delle nunca lhe fallar em verbos nem em participios. Adquirimos, por este mesmo methodo, uma ligeira tintura de todas as sciencias; aprendemos chimica assistindo a algumas lições acompanhadas de experiencias; e, depois de havermos respirado gaz hilariante, depois de termos visto um liquido verde tornar-se vermelho, e um pouco de phosphoro arder no oxigenio, possuímos a nossa tinturasinha de chimica, a qual, comquanto sempre seja melhor do que a absoluta ignorancia, nem por isso offerece a minima utilidade pratica. E é assim que muitas vezes cremos trabalhar no nossa instrucção, quando na realidade nada mais fazemos do que divertir-nos.

É isto um mal crescente, e que opera de diversa maneira: o seu menor inconveniente é produzir intelligencia sem profundeza; o seu mais pernicioso resultado é inspirar uma aversão extrema para todo o trabalho assiduo, e tornar o espirito deploravelmente acanhado e tibio. Se quizermos realmente ser sabios e instruidos, devemos tomar a resolução de nos votarmos ao trabalho com o mesmo indefesso ardor de que deram provas os nossos predecessores; porquanto o trabalho é, e será sempre, indispensavel para se obter tudo quanto tem algum valor. Convem, pois, que saibamos não só trabalhar com energia e resolução, senão tambem esperar com paciencia os resultados do trabalho. Buffon chegou a affirmar que a paciencia constitue o genio: querendo com isto dizer que, na sua opinião, o poder dos grandes homens provinha principalmente da faculdade que elles têm de trabalhar com ordem e de esperar. Todo progresso sério é lento; mas quem trabalhar com consciencia e firmeza de proposito, verá infallivelmente coroados de bom exito os seus esforços. Pouco a pouco o espirito de industria,

que aprende a exercitar-se primeiro nos ramos elementares da educação, passará naturalmente a objectos de mais subida dignidade e muitissimo mais uteis. Mas nem por isso devemos deixar de trabalhar, porque a nossa educação nunca se conclue. « Estar occupado, dizia o poeta Gray, é ser feliz. » — « Mais vale o homem gastar-se que enferrujar-se », dizia o bispo Cumberland. — « Pois não temos a eternidade para descansar! ? » exclamava Arnaldo. E o energico Mornix de Santa-Aldegonda tinha por divisa: « Descanço, no outro mundo! »

Dá mostras de grande curteza de engenho o trabalhador que não sabe aguardar com paciencia o resultado de seu labor. Por seu gosto, deveria elle manifestar-se sob uma fórma tangivel, e, por assim dizer, immediatamente. Como as crianças que querem vêr brotar da noite para o dia as sementes que deitam na terra, o nosso insoffrido arrancaria de bom grado as suas plantas, com risco de matal-as, para vêr se ellas vão em crescente desenvolvimento. Todavia, quem planta ou semêa, deve saber esperar pacientemente e com confiança, na certeza de que não deixarão de vir a primavera, e o verão, e o outono, e as flôres e os fructos que elles trazem comsigo. A's vezes até nos devemos contentar com a idéa de que estes fructos serão saboreados por nossos filhos. Um octogenario, diz La Fontaine em uma das suas lindas fabulas, estava a plantar arvores, quando tres moços que iam passando, admirados de vê-lo empregar as poucas forças que lhe restavam, disseram-lhe: « Porque razão vos daes a tão arduo trabalho, se, já no ultimo quartel da vida, não vereis de certo estas arvores crescidas? » E o velho, refutando a sabedoria dos seus imberbes criticos: « Meus bisnetos, replicou-lhes, dever-me-hão um dia a sombra destas arvores que estou plantando: achaes

então que o homem cordato não deve esforçar-se por ser útil aos seus semelhantes? Pelo contrario, a simples lembrança de que lhes preparo assim um beneficio já é por si mesma um fructo que saboreio de presente.»

VIII

A mais transcendente e util de todas as educações é a que cada qual dá a si mesmo. A que recebemos na escola ou no collegio é apenas um principio de educação que só tem valor porque nos faz adquirir o habito da applicação constante, e nos dá os meios de continuarmos mais tarde na nossa propria educação segundo um plano e systema definidos. Para que o espirito possa exercer as suas faculdades, é conveniente, até mesmo no systema de educação mais perfeito, deixar alguns espaços livres á sua actividade espontanea. Assim, entregue a si mesmo, e forçado, até certo ponto, a reconhecer o que póde e o que não póde, a força e a actividade se lhe augmentarão, e os males que resultam da excessiva dependencia da parte dos discipulos e da demasiada autoridade da parte do mestre serão quasi de todo evitados. Em muitos casos, a melhor educação possivel é a que adquirimos applicando-nos ao mesmo tempo laboriosamente ás occupações da vida activa. Adquirir idéas sem o espirito reagir sobre ellas, sem ficar bem senhor de todas, de maneira que possa utilisal-as, é tão inutil ao homem como metter dentro de um sacco uma infinidade de cousas de que não pretende servir-se. « Não basta, diz Locke, introduzirmos no espirito um montão indigesto de lições; para que ellas nos alimentem e fortaleçam, devemos ruminal-as com vagar. » Nunca comprehendemos tão perfeita-

mente o que outrem nos faz entrar na cabeça como o que devemos á espontaneidade e á perseverança dos nossos proprios esforços. O saber conquistado á força de trabalho torna-se uma possessão, uma propriedade inteiramente pessoal. As impressões adquirem então mais vivacidade, mais durabilidade, e os factos se gravam no espirito com uma força que a instrucção dada não poderia em caso algum produzir. Esta especie de educação desperta outrosim as nossas faculdades e lhes desenvolve a energia. O problema, cuja solução foi achada por nós mesmos, nos ajuda a resolver outro; e assim o saber torna-se por seu turno uma faculdade. Esforço pessoal, activo, espontaneo, eis o essencial; e não ha facilidades, nem livros, nem mestres, nem lições aprendidas rotineiramente, que possam supprir a sua falta. Este espirito de actividade espontanea, que é a fonte da educação que cada qual adquire por si mesmo, faz desta educação uma cousa viva, dá um alvo a todos os nossos esforços, um character distinctivo a todas as nossas faculdades, e favorece de todas as maneiras a formação de justos principios e de bons habitos de comportamento.

Os melhores professores hão reconhecido á profia a importancia da educação que cada qual dá a si mesmo, e pregado aos estudantes a necessidade de se acostumar a adquirir o saber por meio do exercicio espontaneo das suas proprias faculdades. Têm muito maior importancia á cultura das proprias faculdades do que ao ensino oral, esforçando-se sempre a fazer com que os seus discipulos tomem de sua cabeça a parte activa possivel no estudo em que se acham empenhados, e mostrando assim que, na sua opinião, a educação é cousa mui diversa da recepção passiva de algumas migalhas de saber. Tal era o espirito que ani-

mava o grande doutor Arnold. O que elle buscava com maior empenho ensinar a seus discipulos, era a confiança em si mesmos e o habito de cultivarem as suas proprias faculdades; pela sua parte, limitava-se a mostrar-lhes o caminho, dirigindo-os, estimulando-ose animando-os. « Na minha opinião, dizia elle, é mil vezes melhor mandar um moço ganhar o seu pão com o suor do seu rosto na ilha de Van Diemen, do que fazel-o viver em Oxford no seio de um luxo improprio para lhe inspirar o desejo de utilizar-se dos recursos que lhe são alli proporcionados. » — « Não ha no mundo cousa tão admiravel, ponderava elle em outra occasião, como vêr a sabedoria divina abençoar talentos naturaes mediocres que fôram cultivados com zelo, consciencia e integridade. » Fallando de um discipulo assim dotado, dizia: « Eu me descobriria com todo o acatamento em sua presença. » Um dia, em Laleham, aconteceu-lhe reprehender severamente um moço a quem dava lição e que era algum tanto rude; o discipulo, fitando nelle os olhos: « Porque vos agastaes assim commigo, senhor? Eu faço o mais que posso, crêde-me. » Depois de passados muitos annos, Arnold, quando fallava a seus filhos neste episodio, accrescentava: « Nunca senti em minha vida um abalo tão profundo; parece-me ainda hoje que estou ouvindo aquellas palavras e vendo aquelle olhar. »

O merito de possuirmos uma intelligencia naturalmente superior é, por fim de contas, perfeitamente igual ao do homem que enriqueceu por haver herdado uma fortuna consideravel. O uso que fizermos da nossa intelligencia ou da nossa riqueza é que nos dará jus ao respeito dos nossos concidadãos. Não seria caso inaudito o de um homem accumular thesouros de sciencia sem ter em visita o menor objecto util; mas, comquanto isto

possa ser uma fonte perenne de satisfação para o feliz possuidor de tão preciosos bens, póde também não ser da menor utilidade para pessoa alguma, á excepção do nosso *avaro de sciencia*. Não é a simples cultura litteraria que fórma o homem; bem póde um individuo ter lido muitos livros e estudado muitas sciencias, e ser, não obstante, absolutamente incapaz de uma sã actividade intellectual; ao passo que outros que não tiveram educação escolastica regular, mas que exercitaram vigilantemente o seu juizo e o seu talento de observação, conseguem tornar-se notaveis pelo vigor da intelligencia.

IX

Hoje em dia repete-se muito a miudo que *saber é poder*; mas isto não é sómente verdade quanto ao saber: o mesmo se poderia dizer do fanatismo, do despotismo, da ambição. O saber por si só, se não fosse discretamente dirigido, contribuiria sem a menor duvida para tornar os perversos ainda mais perigosos, e para fazer da sociedade onde o considerassem como o supremo bem, um verdadeiro *pandemonium*. Nada vale o saber quando não o acompanham a bondade e a cordura, e não se lhe allia a rectidão de character. Pestalozzi até chegava a dizer que a educação intellectual, quando isolada, era perniciosa; na sua opinião, o saber devia estribar-se e haurir forças em uma vontade sujeita ao imperio da reigião e da justiça. O saber póde até certo ponto impedir que o homem pratique crimes abominaveis, mas só o libertará dos seus vicios egoisticos se bons principios e habitos são o houverem fortalecido. Eis a razão por que vemos todos os dias na sociedade pessoas que, não obs-

tante serem admiravelmente dotadas quanto á intelligencia, só servem para nos inspirar asco, pelo lado do character. Cheias do saber das escolas, mas destituidas de sabedoria pratica, offerecem-nos ellas exemplos do genero daquelles que não só não devemos seguir mas até detestar.

Parece que a época actual exagera a importancia da educação litteraria. Como temos numerosos institutos, bibliothecas e museus, cremos de boamente que o nosso progresso vae em consideravel augmento. Mas é mui provavel que estas facilidades, fomentando em muitos casos o mais alto desenvolvimento individual, só sirvam em muitos outros casos para tolhel-o. Crêr que um homem fica sendo sabio pelo simples facto de possuir uma livraria, ou de poder utilizar-se de um grande numero de livros, é o mesmo que suppôr que alguem se torna generoso com a simples posse de avultados cabedaes. Posto que os recursos proporcionados aos individuos para a sua propria instrucção sejam hoje numerosissimos, nem por isso é menos certo que hoje, bem como outr'ora, só adquirem intelligencia e sabedoria os que seguem o antigo methodo, isto é, os que se ajudam principalmente da observação, da attenção, da perseverança e do trabalho. A méra posse dos materiaes do saber é cousa mui differente da sabedoria e de intelligencia, porquanto estas são o fructo de um desenvolvimento muito superior ao que podem produzir simples leituras, que no maior numero de casos só servem para nos pôr no habito de recebermos passivamente e sem esforço, para não dizer sem o menor esforço intellectual, as idéas de outrem. Por outra parte, quantas vezes não são os nossos estudos a satisfacção de um *epicurismo* litterario, especie de intemperança intellectual, que produz,

é certo, momentaneamente uma excitação agradável, mas que não contribue de maneira alguma, quer para melhorar e opulentar o espirito, quer para formar o character! Comtudo, muita gente se illude suppondo que cultiva o seu espirito, quando na realidade só se entrega á occupação mais humilde de *matar o tempo*; occupação de que o menos que se póde dizer é que ella, tudo bem considerado, sempre serve para impedir o homem de fazer cousa peor.

Importa tambem ter em consideração que a experiencia adquirida nos livros, por mui perniciosa que seja, é sempre da natureza do *saber*; ao passo que a experiencia restante das vicissitudes da propria vida é da natureza da *sabedoria*; e que um grão desta tem infinitamente mais valor do que uma montanha daquelle. « Todo e qualquer estudo, diz mui judiciosamente lord Bolingbroke, que não tende directa ou indirectamente a tornar-nos melhores, como homens e como cidadãos, nada mais é, quando muito, do que uma especie de engenhosa e agradável preguiça, e assim tambem o saber que d'elle resulta nunca passará de uma especie de pallida ignorancia, e nada mais. »

X

Devemos, pois, reconhecer que o fim principal da educação não é pejar-nos o espirito com as idéas de outrem e fazer de nós méros recipientes de impressões que nos são mais ou menos estranhas, mas sim desenvolver a nossa intelligencia individual, e preparar-nos para que venhamos a ser, tanto quanto fôr possivel, na esphera a que nos destinamos, activos e uteis trabalhadores.

Fôra-nos facil citar entre os mais energicos lidadores e aquelles cujos trabalhos hão sido mais uteis á humanidade, um grande numero de individuos que mui pouco leram em toda sua vida. Brindley e Stephenson só aprenderam a lêr e a escrever na idade madura, mas nem por isso deixaram de executar importantissimos trabalhos e de percorrer uma carreira cheia de honra. João Hunter, aos vinte annos de idade, ainda não sabia lêr nem escrever; mas, em compensação, não havia marceneiro algum que fizesse mesas e cadeiras melhor do que elle. « Por minha parte nunca leio, dizia um dia o grande physiologista em uma das suas lições; eis o livro (e mostrava aos discipulos o cadaver estendido diante de si) eis o livro que deveis estudar, se quizerdes ser eminentes na vossa profissão. » Tendo-lhe alguem dito que um dos seus contemporaneos o accusava de não saber as linguas mortas, Hunter replicou: « Pois eu lhe ensinarei disseccando qualquer cadaver, o que elle nunca soube, em lingua alguma, morta ou viva. »

O que mais importa não é o que um homem pôde saber, senão o fim, o alvo que elle attingirá ajudado do seu saber. A sciencia devera ter por fim dar mais madureza á sabedoria, mais grandeza ao character, e tornarnos melhores, mais felizes, mais uteis, mais benevolos, mais aptos para nos dedicarmos a todos os grandes interesses da vida. Cada um de nós deve *ser e fazer*, e não se contentar com o *lêr e meditar* no que foram e fizeram os nossos semelhantes. Importa que a melhor parte das nossas luzes se transforme em movimento e a melhor parte das nossas idéas em acção, afim de ao menos podermos dizer, como Richter: « Fiz de mim o que melhor pude, segundo as forças da minha natureza; e ninguem, de certo, achará que fiz pouco. » Todo o homem tem o

dever de governar-se e de dirigir-se por si mesmo, com o favor de Deus, segundo o grau de responsabilidade que lhe cabe e as faculdades de que é dotado. Tome elle por guia, se quizer, os bons exemplos e as boas obras de outrem; mas confie sobretudo nos seus proprios esforços, e edifique sobre alicerces que privativamente lhe pertencãam.

XI

A disciplina e a censura que cada um exerce sobre si proprio são, pois, o principio da sabedoria pratica: e é no respeito de nós mesmos que estas virtudes devem ter as suas raizes. A esperança se deriva egualmente dellas, a esperança! companheira de força e mãe do bom exito; pois todo aquelle que espera esforçadamente, possui o dom dos milagres. O mais humilde dos homens póde e deve dizer: « Respeitar-me e aperfeiçoar-me, tal é nesta vida o meu verdadeiro dever. Parte integral e responsavel do grande systema da sociedade, estou obrigado para com ella e para com o seu autor a não perverter nem destruir, quer o meu corpo, quer a minha intelligencia, quer os meus instinctos. Pelo contrario devo empregar todos os esforços para que estas diversas partes da minha natureza atinjam o maior grau de perfeição possivel. Tenho obrigação não só de extirpar os meus maus instinctos, senão tambem de cultivar os bons; e o respeito que voto a mim mesmo, devo do mesmo modo aos meus semelhantes, que por seu turno m'o devem em grau equal. » D'aqui provem o respeito mutuo, a justiça e a ordem, dos quaes a lei vem a ser depois o monumento e a garantia.

O respeito de si mesmo é o mais bello manto com que

se póde cobrir um homem, o sentimento mais elevado que póde esforçar-lhe o espirito. Uma das mais sabias maximas de Pythagoras, nos *Versos dourados*, é a que recommenda ao discipulo que se *respeite a si mesmo*. Fortalecido por este nobre sentimento, nunca elle tolerará que a sensualidade lhe manche o corpo ou que o servilismo lhe avilte o espirito. Este sentimento, posto em pratica, será a origem de todas as virtudes — sobriedade, castidade, moralidade, religião. « Pode-se considerar, diz Milton, o justo e pio respeito que votamos a nós mesmos como a fonte de onde se derivam as aguas vivas necessarias para a fecundação de toda a empreza digna e louvavel. » Com effeito, ninguem póde ter-se em pouca conta sem descer muito na sua propria estima e na dos seus semelhantes. De resto, os actos revelam os pensamentos. Não é abaixando humildemente os olhos para o chão que o homem se eleva, mas sim levantando-os bem e fitando-os no céu. A pessoa mais humilde póde achar neste sentimento um sustentaculo e uma consolação, pois que elle até serve para illuminar e ennobrecer a pobreza. Não ha de certo spectaculo mais sublime do que o do justo resistindo a todas as sordidas e pungentes tentações da pobreza, e seguindo altivo o seu caminho, sem se deixar aviltar pela minima acção vergonhosa.

XII

Quanto á utilidade do saber como meio de conseguirmos os nossos intuitos, assumpto é este em que julgamos inutil insistir. Em materia de ensino deste genero poder-nos-hemos louvar na perspicacia do interesse pessoal, que já vae fazendo generalisar-se a convicção de ser

a educação que cada qual busca adquirir por si mesmo un dos melhores empregos que o homem pôde dar ao seu tempo e ao seu trabalho. Com effeito, não ha carreira alguma em que a intelligencia não seja da maior utilidade, quer para ensinar o homem a amoldar-se mais facilmente ás circumstancias, quer para lhe suggerir novos methodos para augmentar de todas as maneiras a sua aptidão, a sua habilidade e a efficacia dos seus esforços. Aquelle que trabalha a um tempo com a cabeça e com as mãos tem sempre uma idéa mais elevada da sua tarefa do que o individuo que trabalha sómente com as mãos. Além disto, augmenta-se-lhe de continuo a consciencia das suas proprias forças, facto este que constitue de certo a idéa mais consoladora a que pôde ater-se o espirito humano. O trabalhador, dotado de intelligencia cultivada, torna-se tambem cada vez mais capaz de ajudar-se a si mesmo; e quanto mais respeita elle os seus novos meritos, tanto melhor resiste á tentação de entregar-se aos gozos vulgares. Contempla então com um novo interesse a sociedade e a sua acção; suas sympathias se ampliam e elevamse; e mais evidente emfim se lhe torna a necessidade de trabalhar para os seus semelhantes da mesma sorte que para si proprio.

Todavia, por mais que cada qual se esmere na sua propria educação, nem sempre attingirá a eminencia de que os illustres *filhos das suas proprias obras*, que já citámos, nos hão dado tantos exemplos. Sempre e de necessidade a grande maioria dos homens, por muita esclarecida que seja, terá de dar-se ás occupações ordinarias da industria, e nenhum gráu de cultura a que a comunidade possa elevar-se o habilitará, ainda quando isto fosse desejavel, que o não é, a libertar-se da rotina diaria dos trabalhos indispensaveis á existencia material

da sociedade. Eis, na nossa opinião, os resultados que se poderão colher : conseguir-se-ha elevar o trabalho na estima dos homens, alliando-o ás nobres idéas que têm para as classes mais humildes o mesmo esplendor que para as mais elevadas ; pois que, por mais pobre e obscuro que seja o homem, isto não obstará que o mais illustre pensador do tempo presente ou dos tempos passados venha assentar-se em sua casa e fazer-lhe companhia, embora more elle na mais miseravel cabana. É deste modo que o habito das leituras bem escolhidas póde vir a ser a fonte do maior prazer e do mais proveitoso progresso, e dar resultados preciosissimos, exercendo suave refreioamento no character e tambem no comportamento do homem. De resto, ainda quando a educação de nós mesmos não nos conduza á fortuna, dar-nos-ha ao menos a excellente companhia das idéas elevadas. Tendo um fidalgo perguntado um dia desdenhosamente a um sabio : « De que vos tem servido a vossa philosophia ? » O sabio respondeu : « Tem-me servido aos menos para uma cousa, que é andar eu sempre em boa companhia. »

XIII

Muitas pessoas, porém, se entregam facilmente ao desespero e ao desanimo, por não serem bem *succedidas* no mundo tão depressa como crêm merecel-o. Tendo plantado a sua bolota, querem vê-la de prompto mudada em carvalho. Consideraram sem duvida o saber como uma mercadoria de rapida extracção, e mortificam-se por ella não ter a sahida vantajosa que haviam esperado. Esta baixa idéa do saber é de continuo alimentada

pelo juizo erroneo que cada qual mais ou menos sempre fórma a respeito da vida na sociedade. Todavia, estima em bem pouco o saber quem o considera como uma escada para se elevar acima dos mais no mundo, ou como uma fonte de dissipação e divertimento intellectual, e não como um meio de ennobrecer o seu proprio character e de abrir mais vastos horizontes ao seu espirito. É por certo mui honroso buscar o homem elevar-se e melhorar a sua condição social, comtanto que a consecução deste intuito não exija o sacrificio da sua propria dignidade. Fazer do espirito um méro escravo do corpo é condemnal-o a um papel ignobil : é levar uma pessoa constantemente a aborrecer-se e a queixar-se da sua desditosa sorte, porque não consegue findar os seus dias na posse dos bens que, feitas as contas, dependem muito mais do habito do trabalho diligente e da attenção empregada em tudo quanto diz respeito ao meneio dos negocios do que propriamente do saber, é signal de um espirito apoucado, senão atrabiliario. Á gente desta especie é que conviria repetir as palavras dirigidas pelo historiador Roberto Southey a um amigo que lhe pedia conselhos : « Eu vol-os daria de bom grado se elles vos pudessem servir para alguma cousa ; mas como se ha de curar uma pessoa que tem gosto em estar doente ? O homem discreto e bom póde sem duvida irar-se ás vezes contra o mundo e outras vezes affligir-se ao vêr o que n'elle se passa ; mas vou indubitavelmente sobre certo affirmando que ninguem vive absolutamente descontente do mundo, quando nelle cumpre todos os seus deveres. Se um homem de educação, possuindo fortuna, podendo dispôr livremente de seu tempo, e tendo todos os seus membros em perfeito estado, não acha objecto algum digno dos seus esforços, é simplesmente porque aprouve

à Providencia conceder todos estes dons a um homem que não os merece. »

XIV

Na obra da sua propria educação o estudante sério encontrará de certo difficuldades de toda a sorte ; mas nunca esqueça elle que não ha mestre algum cujo ensino seja mais proveitoso do que o da difficuldade vencida, assim como não ha experiencia que eguale á que adquirimos á nossa propria custa. O celebre Fox costumava dizer que havia mais que esperar de um homem que era ás vezes mal succedido nas suas empresas, mas não se deixava abater por nenhum revez, do que de outro cujos constantes triumphos não lhe provavam o character, É certo que muitas vezes achamos o que *não serve* primeiro que descobramos o que *serve*; e eis a razão por que aquelle que nunca erra, parece ser o menos proprio para fazer qualquer descoberta. Um sabio, que se distinguuiu pelas suas investigações nas sciencias physicas, affirmava que nunca fizera uma nova descoberta, no longo decurso das suas laboriosas pesquisas, sem ter primeiro vencido algum obstaculo que a principio parecia insuperavel. De resto, foi no seio das difficuldades e das afflicções de toda a sorte que as mais sublimes idéas, as mais portentosas descobertas, as mais admiraveis invenções nasceram e se desenvolveram, e só a muito custo foi que vieram a triumphar.

Tudo quanto aprendemos é o segredo de uma difficuldade; e o segredo de uma nos ajuda a descobrir o de uma infinidade de outras. Muitas materias que na educação podem parecer de pouca importancia — o estudo

das linguas mortas, por exemplo, ou o das razões das linhas e das superficies que chamamos mathematicas — têm realmente um valor pratico enorme, não tanto pelo que nos ensinam, como pelo desenvolvimento que occasionam. O bom exito destes estudos exige esforços e uma energia de applicação **que, se assim não fosse**, bem poderiam ficar para sempre em estado latente. Deste modo uma cousa conduz á outra, e, como trabalho entretém o trabalho, a luta com as difficuldades só finda quando cessa a vida ou o progresso. Mui judicioso foi, pois, o conselho dado por d'Alembert ao estudante que se lhe queixava do seu pouco aproveitamento no estudo dos rudimentos da mathematica : « Continuae a estudar, a força e a fé vos virão ajudar. »

As cousas que achamos mui faceis, inclusive a mais simples e primitiva das acções, a de andar, foram a principio difficeis. A dansarina que faz uma pirueta, o rabequista que executa uma sonata, devem a sua habilidade á repetição perpetua dos mesmos ensaios e ás numerosas difficuldades vencidas. Carissimi, sendo um dia elogiado por uma pessoa que exaltava a facilidade e graça das suas melodias, exclamou : « Ah! se soubesseis quanto custa a adquirir esta facilidade! » Quanto tempo gastastes para pintar este quadro? perguntaram um dia a Reynolds. « Toda a minha vida », respondeu elle. O orador que, com tanta facilidade apparente, esparge sobre os ouvintes enlevados as ondas da sua eloquencia, só adquire tão portentoso poder á força de trabalho, de paciencia, de ensaios, e muitas vezes de crueis contrariedades. O orador americano Henrique Clay, a quem uns mancebos haviam pedido conselhos, explicou-lhes assim o segredo dos seus triumphos : « A posição que consegui conquistar é devida sobretudo ao facto de eu

haver começado na idade de vinte e sete annos, e de ter continuado, durante um bom numero de annos, a lêr todos os dias, em voz alta, um trecho de historia ou de sciencia, sobre o qual discorria depois sem preparo. Entregava-me a estes improvisos, ora nos campos, ora nos bosques, e até ás vezes em alguma granja isolada onde tinha por auditorio o boi e o cavallo. A esta pratica, precoce da mais transcendente de todas as artes, devo os primeiros e irresistiveis impulsos que me arrastaram e deram ao meu destino direcção e character definitivos. »

XV

Os homens cuja educação fôra esmeradissima tambem se hão mostrado capazes de lutar esforçadamente com toda a sorte de difficuldades. A propria pobreza, por maior que fosse, nunca constituiu um obstaculo insuperavel para os que se haviam determinado a elevar-se por meio do seu proprio esforço. O professor de linguistica Alexandre Murray aprendeu a escrever rabiscando as suas lettras em um papelão com um pauzinho queimado. O unico livro que havia em casa de seu pai, pobre pegureiro, era um catecismo de dois soldos; mas como este livro fosse sobremodo precioso para servir todos os dias, estava cuidadosamente guardado em um armario, de onde só sahia aos domingos. O professor Moor, na sua mocidade, não podendo, por causa da sua extrema pobreza, comprar os *Princípios* de Newton, tomou emprestado um exemplar daquella obra e o copiou todo com o seu proprio punho. Uma infinidade de pobres estudantes que, em razão de sua miseria, se viam obrigados a ganhar a vida por meio de um trabalho quotidiano

qualquer, tiveram, como os passarinhos no inverno, quando a terra está coberta de neve, de andar respigando aqui e alli, e com largos intervallos, algumas migalhas de saber.

Guilherme Cobett referiu as immensas difficuldades que teve de vencer quando aprendeu grammatica ; e, para que o leitor possa fazer idéa do grande esforço de que era dotado este excellente homem, citaremos aqui a sua interessante historia. « Aprendi grammatica, diz elle, quando era simples soldado, ganhando apenas doze soldos por dia. A beira da minha cama no meu alojamento, ou da tarimba no corpo da guarda, foi a unica cadeira que tive para me assentar quando estudava ; a minha moxila servia-me de estante ; escrevia em cima de um pedaço de taboa posto sobre os meus joelhos e nesta tarefa empreguei seguramente mais de um anno de minha vida. Não tinha com que comprar azeite nem velas ; e no inverno era raro ter eu outra luz a não ser a do fogo, e ainda assim, só quando me tocava a minha vez. Se, em taes circumstancias, e sem parentes nem amigos que me guiassem ou animassem, consegui levar ao cabo a minha empreza ; poderá por ventura haver desculpa para o moço que não cuida de instruir-se, a despeito da sua pobreza, a despeito de todo o trabalho de que se veja sobrecarregado e das mil circumstancias exteriores que lhe difficultem a aquisição do saber ? Posto que eu sempre andasse morrendo de fome, não podia comprar uma penna ou uma folha de papel sem me privar de parte do meu sustento. Não tinha um unico momento de meu ; e via-me obrigado a lêr e a escrever no meio das conversações, das risadas, das cantigas e da algazarra de uma duzia de homens pelo menos, os quaes, longe de se conterem para não me serem incom-

modos, só tratavam, pelo contrario, de aproveitar aquelles instantes de plena liberdade. Muito vos enganarieis se supuzesseis que eu não fazia gradde sacrificio empregando de quando em quando alguns centimos na compra de pennas, papel e tinta. Ah! um centimo era então dinheiro para mim! Tinha eu nessa época a mesma estatura que hoje. Gozava de muita saude e fazia muito exercicio. Do dinheiro que sobejava das compras feitas para nós no mercado tocavam todas as semanas quatro soldos a cada homem. Lembra-me, e como poderia esquecel-o! que um dia (era por signal uma sexta-feira), tomei minhas medidas para que, pagas todas as despezas, me restasse um soldo : tencionava comprar, no dia seguinte, com esse soldo, um arenque salgado. De noite ao despir-me — a fome que eu curtia era tal que a vida quasi se me tornava insupportavel — vi que tinha perdido o meu unico soldo... Cobri a cabeça com o lençol e puz-me a chorar como uma creança! Ora, repito, se em taes circumstancias pudeprehender e levar ao cabo esta tarefa, haverá, será possivel que haja em todo o mundo um moço que possa justificar a sua falta de applicação? »

XVI

Referiram-nos, não ha muito tempo, um exemplo de perseverança e applicação não menos notavel, dado por um operario francez que se achava em Londres. Depois de ter trabalhado algum tempo como pedreiro nesta cidade e nos arredores, faltou-lhe de repente o trabalho e elle se viu em luta com a pobreza. Em tão critica situação, foi o triste operario visitar um seu compatriota, que ganhava bem bom dinheiro dando lições de francez,

e consultou-o sobre o expediente que lhe conviria adoptar. « Fazei-vos professor, disse o mestre de francez sem hesitar. » — « Eu, professor! respondeu o pedreiro; eu que sou um simples operario e fallo tão mal a minha lingua! Estaes zombando? » — « Não, fallo-vos com toda a seriedade, e repito que tereis um excellente meio de vida fazendo-vos professor. Tomae-me para vosso mestre, que eu me faço cargo de pôr-vos em muito pouco tempo prompto na arte de ensinar. » — « Não, não, replicou o pedreiro; é impossivel: estou muito velho para aprender; não tenho instrucção alguma; não posso ser professor. » E, despedindo-se do seu compatriota, poz-se de novo a buscar trabalho. Nessa época era mui limitado o numero das obras em Londres, e o pobre operario, não achando onde se empregar, resolveu vêr se seria mais feliz fóra da capital. Partiu, caminhou algumas centenas de milhas, mas debalde se cançou, porquanto não achou occupação em parte alguma. Quando voltou para Londres, foi logo direito á casa do amigo, cujo conselho não quizera seguir da primeira vez, e disse-lhe: « Tenho buscado trabalho em toda a parte, mas nada consegui até o presente; agora estou determinado a ser professor. » E submittendo-se immediatamente á direcção do seu compatriota, conseguiu, graças á sua incessante applicação, á sua vivacidade de concepção e á sua vigorosa intelligencia, tornar-se em pouco tempo perito nos elementos da grammatica, nas regras da construcção e da composição, faltando-lhe apenas aperfeiçoar-se na pronuncia do francez classico. Quando o seu amigo e mestre viu que elle já se achava sufficientemente habilitado para ensinar, tratou de buscar-lhe emprego, e o nosso pedreiro foi afinal admittido como professor em um collegio que annunciara precisar de um

mestre de francez. O mais curioso é que esse collegio ficava em um dos suburbios de Londres onde elle exercera outr'ora o seu officio ; e todas as manhãs avistava o novo professor, das janellas do seu quarto, as chaminés de tres casinhas de campo feitas por elle mesmo. Durante algum tempo todo o seu receio foi que alguem da visinhança o reconhecesse, e que disso resultasse descredito para o collegio, que era um estabelecimento de primeira ordem. Mas não havia motivo para elle nutrir taes receios : a sua reputação de professor era excellente, e seus discipulos já tinham sido muitas vezes elogiados publicamente em razão do grande aproveitamento que mostravam. Além disto, todas as pessoas com quem elle se achava em contacto, collegas e discipulos, tinham-lhe amizade e respeito ; e quando souberam a historia do seu passado, das suas lutas, das suas difficuldades, ainda mais o ficaram estimando.

Quantos nomes illustres não poderíamos citar, se houvesse necessidade de provar a verdade do proverbio que diz *nunca é tarde para aprender!* Até mesmo em uma idade avançada póde o homem fazer muito, se se applicar com afinco ao que houver apprehendido. Sir Henrique Spelmann tinha mais de cincoenta annos quando começou os seus estudos scientificos. Franklin era tambem maior de cincoenta annos quando se decidiu a estudar sériamente physica. Dryden e Scott só foram conhecidos como autores quando já tinham mais de quarenta annos. Boccacio contava mais de trinta e cinco annos quando estreou na carreira litteraria, e Alfieri tinha quarenta e seis quando começou o estudo do grego. O Dr. Arnold aprendeu o allemão em um idade avançada, afim de lêr Niebuhr no original ; e para lêr as obras sobre mechanica, escriptas nas linguas franceza, allemã

e italiana, foi que James Watt, na idade de quarenta annos, se decidiu a aprender aquelles tres idiomas, trabalhando ao mesmo tempo como fabricante de instrumentos de mathematica em Glasgow. Roberto Hall, velho e doente, foi um dia achado estendido no assoalho, onde, a despeito das dôres que o atormentavam, estudava com ardor o italiano, que elle tomára a resolução de aprender afim de apreciar com perfeito conhecimento de causa o paralelo estabelecido por Macaulay entre Milton e Dante. Handel aos quarenta e oito annos de idade ainda não havia publicado nenhuma de suas grandes obras. Na verdade fôra-nos facil citar centenas de homens eminentes que seguiram uma nova carreira e começaram e concluíram novos estudos em idade relativamente avançada. Hoje só o imbecil e o preguiçoso podem dizer : « Já não estou em idade de aprender. »

XVII

De resto é bom repetirmos aqui o que já dissemos, isto é, que não são os homens de genio que dirigem o mundo, mas sim aquelles que a uma tenaz resolução unem indefesso ardor. A despeito das numerosas e singulares historias que todos os dias ouvimos contar ácerca da infancia dos homens de genio, o que é certo é que a habilidade precoce não póde em caso algum dar a medida exacta da grandeza á qual o homem feito se elevará. A precocidade é tambem em muitos casos symptomas de doença, e não indicio de vigor intellectual. Que fim levam tantos portentosinhos? Qual é o destino dos eximios em themas, dos recompensados com os primeiros premios? Segui-os na vida e muitas vezes vereis que os

collegas que elles punham tão facilmente abaixo de si na escola os hão por seu turno desbancado. Todas as recompensas são para os discipulos intelligentes ; mas é bem raro que os premios concedidos á vivacidade da sua intelligencia e á sua facilidade de percepção lhes venham a servir para o quer que seja. O que se deveria principalmente recompensar é o esforço, a perseverança, a obediencia ; pois aquelle que, comquanto dotado de talentos naturaes inferiores, esforça-se por se esmerar, é que mais do que qualquer outro tem necessidade de ser, e deveria ser com effeito animado.

Que capitulo interessante não se poderia escrever ácerca dos imbecis illustres, pessimos estudantes na adolescencia, homens notaveis na idade madura! O pintor Pietro di Cortona tinha na sua infancia tal fama de estupidez, que todos os chamavam *cabeça d'asno* ; e Tomasso Guidi, na mesma época da sua vida, era geralmente conhecido pelo alcunha de *Thomaz o bronco* (*Mas-sacio Tomassaccio*), o que não o impediu de elevar-se depois á mais alta eminencia. O logar de Newton, na escola, era na extremidade do penultimo banco. O alumno que ficava acina delle deu-lhe um ponta-pé ; o nosso futuro sabio, que ao menos era corajoso, desafiou-o immediatamente e o venceu ; depois, não contente de haver mostrado ao seu antagonista quanto era perito em materia de murros, tomou a resolução de lhe provar que tinha capacidade para ser bom estudante ; e, pondo-se a trabalhar com ardor, passou bem depressa do penultimo banco para o primeiro logar da classe. Muitos dos grandes theologos inglezes bem longe estiveram de recommendar-se por precoces talentos. Isaac Barrow distinguuiu-se na escola pelo seu character assomado, pelos seus habitos de violencia, pela sua incorrigivel preguiça ;

e taes desgostos causou á familia, que seu pai ás vezes dizia que se aprouvesse ao céo tirar-lhe algum de seus filhos, só pedia a Deus que fosse Isaac, porque de todos era o que menos promettia. Adão Clarke, quando era menino, podia, é certo, rolar pedras enormes; mas parecia tão estúpido, que o proprio pai confessava nunca ter visto um rapaz tão *insupportavelmente bronqueirão*. Dean Swift foi reprovado nos exames que fez na Universidade de Dublin e só poudo ser admittido na de Oxford *speciali gratiã*. Os celebres drs. Chalmers e Cook foram collegas na escola provincial de Santo André; e ambos se mostraram alli tão estúpidos e malfazejos, que o mestre, já não podendo atural-os, expulsou-os como garotos incorrigíveis.

O espirituoso Sheridan mostrou na infancia tão pouco talento, que sua mãe, apresentando-o a um professor, asseverou ser elle um *vadio incorrigivel*. Walter Scott, quando estudante, era mais notavel pelas travessuras e pelo seu gosto para a luta, do que pelo aproveitamento. O professor Dalzell, da universidade de Edimburgo, emittiu a respeito delle um juizo, que, felizmente, não era definitivo: « Este rapaz, disse o professor, é um asno, e asno morrerá. » Chatterton foi recambiado a sua mãe como *um estúpido que nunca seria cousa alguma*. Burns, que depois veiu a ser tão eminente poeta, só se distinguia em sua infancia nos exercicios athleticos. Quanto a Goldsmith, elle mesmo se comparou á uma planta tardia. Alfieri, ao sahir do collegio, não se achava mais adiantado que quando para elle entrara; e só começou os estudos que o tornaram celebre depois de haver percorrido metade da Europa. O philanthropo João Howard tambem foi um asno illustre, e durante os sete annos que passou na escola nada aprendeu por

assim dizer. O afamado engenheiro Stephenson tornou-se sobretudo notavel na mocidade pela sua habilidade nos jogos athleticos, e bem assim, cumpre dizel-o, pela attenção que dava ao que fazia. O preclaro Humphry Davy tambem não se distinguiu dos collegas pela sua intelligencia. O Dr. Cardew, seu professor, disse a respeito delle : « Durante todo o tempo que o tive como discipulo, nunca pude discernir no seu espirito as faculdades por que elle se ha tornado tão distincto. » E o proprio Humphry declarou posteriormente que considerava como uma grande felicidade terem-o deixado gozar da *liberdade de estudar tão pouco* quando esteve na escola. Apesar de todas as lindas historias que hão sido inventadas ácerca da sua precocidade, Wett bem longe esteve de ser bom estudante ; mas, o que era muito melhor, distinguia-se pela sua paciencia e perseverança ; e foi por este meio e graças ao cuidado com que cultivou o seu gosto pelas invenções, que elle conseguiu aperfeiçoar a sua machina de vapor.

Alguns generaes mui distinctos tambem foram perfeitadas nullidades nos seus primeiros annos. Lord Clive, o grande general anglo-indio, era na mocidade um terrivel garoto que só tinha a energia para o mal. A familia, contentissima por achar um meio de descartar-se delle, mandou-o para Madrasta : e, não obstante, tal foi o homem que lançou nas Indias os alicerces do poder britannico. Nàpoleão e Wellington fizeram triste figura como estudantes ; nunca se distinguiram em nenhuma das materias que estudaram. A duqueza de Abrantes, fallando do primeiro, dizia que elle gozara de excellente saude na mocidade, mas que nunca fôra notavel por talento algum. Um dos generaes do partido federal americano, Ulysses Grant, tinha entre os seus collegas

o alcunha de *Useless Grant* — o inutil, o incapaz Grant; — e o mais distincto dos ajudantes do general Lee, Stonewall Jackson, só se tornava notavel na sua mocidade pela sua lentidão. Todavia, distinguio-se na escola militar de West-Point pela sua tenaz applicação e infatigavel perseverança. Fosse qual fosse a sua tarefa, só a deixava depois de acabada; além disto, nunca fingia possuir conhecimentos que não houvesse realmente adquirido. « Muitas e muitas vezes, disse uma pessoa que o conhecia bem, chamado a responder ás perguntas feitas pelo mestre sobre a lição do dia, virão-o desculpar-se dizendo: *Ainda não estudei isto; estive a recordar a lição de hontem ou a de ante-hontem.* » O resultado destes esforços foi elle vir a occupar o decimo-setimo lugar em uma classe que contava setenta alumnos. Não havia provavelmente em toda a classe um unico moço que não fosse no principio superior a Jackson em saber e em talentos; mas no fim do curso só dezeseis o haviam desbancado, e elle deixara cincoenta e tres abaixo de si. Os collegas diziam que se o curso fosse de dez annos e não de quatro, vel-o-hiam de certo conquistar o primeiro lugar da classe.

XVIII

O que o Dr. Arnold dizia dos adolescentes tambem se póde dizer dos homens: a differença entre elles provem, não tanto do talento, como de energia. Havendo perseverança, a energia muda-se bem depressa em habito. Se o bronco tiver persistencia e applicação, virá de certo a desbancar o estudante talentoso que não possuir aquellas duas qualidades. O premio da corrida toca áquelle que, sem se apressar, vae por diante e não pára. É a perse-

verança que explica como as posições respectivas que alguns moços occupavam na escola se invertem tantas vezes na vida real; e vale bem a pena observar como os que fôram tão habeis se tornam tão obscuros, ao passo que outros que passavam por imbecis, e de quem nada se esperava, conseguem, com as suas tardias faculdades e o seu passo inflexivel, tomar a posição de chefes e conductores de homens.

O autor deste livro teve por collega, na infancia, um rapazinho estúpido a mais não poder ser. Os mestres mais habeis tinham successivamente emprehendido desbastal-o, e haviam desistido da empreza. Castigos corporaes, orelhas de burro, caricias, rogos, tudo era baldado. Mais de uma vez fez-se a experiencia de pô-lo á testa da classe, e era summamente curioso vér a rapidez com que elle descia ao inevitavel ultimo logar, qual pedaço de chumbo passando atravez do azougue. Os mestres o abandonaram dizendo que o mesquinho nunca passaria de um asno de albarda, e um delles até chegou a affirmar que o pobre rapaz era « phenomenalmente estúpido ». Todavia, mesmo moroso como se mostrava, o bronqueirão possuia uma especie de surdo esforço e de tenacidade que se desenvolveram com os annos e as forças do corpo; e, cousa singular! quando, finalmente, tomou parte nos trabalhos da vida, viram-o pouco a pouco avantajarse a muitos dos seus collegas de classe e deixar com o andar do tempo o maior numero delles abaixo de si. A ultima vez que o autor ouviu fallar neste individuo, achava-se elle á testa da magistratura na sua cidade natal.

Pouco importa que um rapazinho seja tardo de engenho, comtanto que seja diligente. A tartaruga, seguindo direito o seu caminho, avanta-se á lebre que

se diverte avançando e retrocedendo, e dando saltos para aqui e para alli. A grande facilidade até póde em muitos casos ser um defeito : em primeiro lugar porque aquelle que aprende com muita facilidade, facilmente esquece ; e em segundo lugar porque não sente necessidade alguma de cultivar estas preciosas qualidades — a applicação e a perseverança, que o moço menos bem dotado se vê obrigado a exercitar e que são sempre um dos elementos mais importantes para a formação do character. Davy dizia : « O que eu sou devo-o sómente aos meus proprios esforços » ; e todos podem com verdade dizer o mesmo.

Em resumo, a mais alta educação não é tanto a que os mestres dão, como a que o proprio individuo adquire por si mesmo, depois de homem feito. E, pois, não deveriam os pais desejar a florescencia precoce dos talentos de seus filhos. Limitem-se antes a vigiar e a esperar, deixando que o bom exemplo e as influencias suaves produzam os seus effeitos, e confiando quanto ao mais na Providencia ; tenham todo o cuidado em que seus filhos, por meio do livre exercicio, gozem sempre de excellente saude ; acostumem-os cedo a cuidar de seu aperfeiçoamento individual, a cultivar esmerada e constantemente o habito da applicação e da perseverança ; e, á medida que elles fôrem crescendo em idade, vêl-os-hão, se a natureza os ajudar, tornarem-se cada vez mais aptos para trabalhar com vigor e efficacia na obra do seu proprio desenvolvimento.

CAPITULO DECIMO

NOBREZA DE CHARACTER—CAVALHEIRISMO

Não ha acção alguma nesta vida que não seja o principio de uma cadera de consequencias de tal sorte longa, que nenhuma providencia humana é bastante elevada para nos mostrar a sua perspectiva até ao fim.

THOMAS DE MALMESBURY.

O talento se fórma no silencio da vida privada, e o character no tumulo da vida publica.

GOETHE.

I

A nobreza de character é a perfeição e a gloria da vida. É o mais precioso dos bens; o unico que, no conceito geral, supre a posição e a fortuna; o unico que enobrece toda e qualquer carreira, e exalta todo e qualquer posto aos olhos da sociedade. A nobreza de character exerce maior poder que a riqueza, e, sem excitar as mesmas rivalidades que a fama, confere-nos as mesmas honras. Della resulta uma influencia sempre vivaz e sensivel, e com todo o direito, porquanto é a influencia da rectidão, da constancia, da honra provada, qualidades estas que, talvez mais do que nenhuma outra, conciliam a estima e a confiança dos homens.

A nobreza de caracter é a propria natureza do homem no que ella tem de melhor : é a ordem moral constituida em homem. Com effeito, os grandes caracteres não são sómente a consciencia da sociedade; são tambem, pelo menos, em todo o estado sabiamente regido, a sua força motriz por excellencia; porquanto tudo bem considerado, são as qualidades moraes que governam o mundo. Até mesmo na guerra, segundo dizia o proprio Napoleão, o moral está para o physico assim como dez para um. Força, industria, civilisação, tudo para as nações depende da energia dos caracteres individuaes. Esta força de caracter é a verdadeira base da segurança publica; as leis e as instituições são simplesmente o reflexo e a consagração della. Na recta balança da natureza, individuos, nações, raças, obtêm todos exactamente a parte que merecem; e assim como é impossivel não seguir-se o effeito á causa, assim tambem as qualidades do caracter popular hão de necessariamente manifestar-se em actos correspondentes á natureza de sua origem.

Por mais modesta que houvesse sido a sua educação, por mais mediocres que sejam os seus talentos, todo o homem, pobre ou rico, se fôr grande pelo caracter, exercerá sempre, na officina, na loja, na praça, no senado, uma influencia preponderante. « Só quero subir ao poder, escrevia Canning em 1801, pela força de meu caracter : não buscarei nenhum outro meio de me elevar; e é-me grato nutrir a esperanza de que este meio, se não fôr o mais prompto, será pelo menos o mais seguro. » Todos nós nos sentimos facilmente dispostos a votar admiração ao homem intelligente; mas a nossa confiança, esta só a obterá elle se provar que possui outras qualidades além da intelligencia. Franklin attribuia todos os seus triumphos na vida publica, não á sua eloquencia ou

aos seus talentos, que bem longe estavam de ser esplendidos, mas á notoria integridade de seu character. « Eis o que me dava, dizia elle, tanta influencia sobre os meus concidadãos. Eu era fraco orador, hesitava na escolha das palavras, apenas fallava correctamente, nunca me elevava á eloquencia; e, não obstante, fazia geralmente prevalecer a minha opinião. »

Quer nas altas posições, quer nas inferiores, é pela inteireza de character que o homem inspira confiança. Do imperador Alexandre I da Russia houve quem dissesse que o seu character valia uma constituição. Durante as guerras da *Liga*, Montaigne foi o unico entre os fidalgos francezes que não se viu obrigado a trancar-se no seu castello; dizia-se a este respeito que a veneração infundida pelo seu character pessoal guardava-o melhor que um regimento de cavallaria.

II

Têm sem duvida razão os que dizem que o saber é uma força; mas a nobreza de character é tambem uma força, e muito maior e de ordem muito mais elevada. O espirito sem o coração, a intelligencia sem o bom procedimento, a habilidade sem a benevolencia, são forças a seu modo, mas forças que podem muito bem servir sómente para o mal; e ainda quando nos proporcionem instrucção ou recreio, ás vezes nos é tão difficil admiralas, quão difficil nos seria admirar a destreza de mão em um gatuno ou a pericia com que um saltador maneja o seu cavallo.

A veracidade, a integridade, a bondade — qualidades que não podem ser barateadas como as condecorações —

formam a essência do caracter viril, ou, para nos servirmos da expressão de um dos nossos velhos escriptores, « a fidelidade incarnada na virtude para servir a esta, não carece de trajar a sua libré ». O homem que une estas qualidades á firmeza de proposito possui um poder irresistivel : é poderoso para praticar o bem, poderoso para lutar com o mal, poderoso, emfim, para arrostar com a miseria e triumphar da sorte. Estevão Colonna, tendo sido aprisionado pelos seus covardes aggressores, estes lhe perguntaram ironicamente : « Onde está agora a tua fortaleza? » — « Aqui, respondeu elle com toda a altivez, pondo a mão sobre o coração. » É na adversidade que o caracter do justo brilha com dobrado esplendor; e, quando tudo o mais lhe vem a faltar, tem elle ainda um terreno em que é invencivel — a sua integridade e o seu esforço.

As regras de comportamento seguidas por lord Erskine — homem tão notavel pela alta independencia dos seus principios, como pelo seu profundo amor á verdade — são dignas da mais séria meditação dos moços. « Um dois primeiros mandamentos, um dos primeiros conselhos que recebi na minha mocidade, dizia elle, foi que sempre fizesse o que a minha consciencia me prescrevesse, e deixasse as consequencias ao arbitrio de Deus. Descerei ao tumulo, não só com a lembrança desta lição paterna, mas tambem com a convicção de ter constantemente observado. Esta fidelidade, porém, não me tem imposto até ao presente o menor sacrificio temporal. Serviu-me ella, pelo contrario, de meio para obter a prosperidade e a riqueza e não deixarei de recommendar a meus filhos que nunca busquem outro. »

III

A educação do character é em grande parte uma questão de exemplo, porquanto todos nós nos imbuimos insensivelmente no character, nos costumes, nos habitos e opiniões das pessoas que frequentamos. Os bons principios podem exercer grande influencia, mas muito maior é a que exercem os bons modelos, pois estes nos mostram a instrucção em acção, a sabedoria em exercicio. O que os bons conselhos edificam é logo destruido pelos maus exemplos; e eis a razão por que deve haver o maior cuidado na escolha dos companheiros, sobretudo na mocidade. Ha entre os moços uma affinidade magnetica que tende insensivelmente a fazel-os parecerem-se uns com os outros. Egeworth estava intimamente convencido de que elles imitam ou contrahem involuntariamente, pelo simples effeito da sympathia, o tom das pessoas com quem acompanham; e, pois, considerava como um ponto da mais essencial importancia ensinal-os a escolher os seus melhores modelos. « Ou boa companhia ou nenhuma » tal era a sua divisa. Lord Collingwood, escrevendo a um mancebo seu amigo, dizia-lhe : « Seja vossa regra que *mais vale andar só que mal acompanhado*. Escolhei os vossos companheiros entre as pessoas que vos são eguaes ou superiores; o merito de um homem se reconhece sempre pelo da gente com quem elle acompanha ». Assim como sir Peter Lely punha constantemente o maior cuidado em não olhar para quadros ruins, por acreditar que o seu pincel se resentiria da imperfeição que nelles notasse; assim tambem deve cada um de nós abster-se de contemplar a miúdo ou de frequentar individuos indignos e torpes, afim de não ser insensivelmente

contaminado por taes modelos. « Não ha pessoa alguma, costumava dizer o famoso Dr. Sydenham, sobre que o simples factó de haver fallado a um homem honrado ou a um improbo não possa, em um momento dado, exercer a boa ou a má influencia. »

O exemplo, comquanto seja mudo, instrue mais effizantemente que os melhores mestres do mundo. Sua escola é a vida pratica, onde o ensino se dá por meio da acção, sempre muito mais convincente do que a palavra. O ensino oral póde com effeito indicar-nos o caminho, mas é força persistente e silenciosa do exemplo que, dominando-nos por meio dos habitos e combinando-se com a nossa propria natureza, nos arrasta comsigo. Os bons conselhos são certamente valiosos; mas sempre que não fõrem acompanhados de bons exemplos, a sua influencia será relativamente insignificante; e se considerarmos bem, reconheceremos que a experiencia da vida nos mostra de ordinario os termos do adagio : « Faze o que digo e não o que faço » invertidos e restabelecidos na sua ordem logica.

O exemplo até mesmo nas cousas aparentemente triviaes, tem pois uma importancia tanto maior quanto se insinua de continuo na vida dos mais, e contribue forçosamente, quer no ponto de vista do bem, quer do mal, para a formação do seu character. É assim que vemos o character dos pais reproduzir-se nos filhos, e os exemplos de affeição, de disciplina, de trabalho e de imperio sobre si mesmo que elles lhes dão quotidianamente perdurarem e continuarem a ter influencia, mesmo depois de achar-se de ha muito esquecido o que se aprendeu de cór. E eis porque certo sabio dizia que seus filhos eram « a sua vida futura ». O pai ou a mãe, pela simples maneira natural de viver e de exercer a sua influencia vêm a im-

primir no caracter do filho um cunho que nunca mais se apaga. E quem poderia dizer quantos mancebos, já em pontos de se precipitarem no abysmo, hão parado e fugido da senda fatal, ao pensarem em algum parente muito amado cuja memoria não queiram deshorrar, commettendo uma acção indigna ou entregando-se libertamente a pensamentos impuros? As cousas de nonada adquirem assim importancia e tornam-se susceptiveis de exercer influencia sobre o caracter dos homens. « Um beijo de minha mãe, dizia West, fez de mim um pintor. » É da direcção dada á infancia por cousas aparentemente tão insignifiantes que dependem principalmente a felicidade e a honra futura do homem feito. Na verdade a influencia que os pais exercem quotidianamente sobre os filhos pela maneira por que se portam na presença delles é tamanha, que o melhor systema de educação paternal poderia quasi resumir-se nestas palavras — Aperfeiçoa-te a ti mesmo.

IV

É com effeito terrível e solemne a idéa de não haver na vida do homem uma unica acção, um unico pensamento, de que não resulte uma série de consequencias, cujos vestigios nos é impossivel investigar até certo ponto, não se reflecta em nossa vida, e não exerça insensivelmente influencia sobre as pessoas com quem acompanhamos. Um bom pensamento e uma boa acção nunca deixam de produzir os seus fructos, embora já não existamos para gozal-os; mas o mesmo succede com as acções e os pensamentos detestaveis; e por mais obscura e insignificante que seja a nossa existencia, nem por isso podemos ter a certeza de que o nosso exemplo não pro-

duzirá algum effeito, quer em bem quer em mal. A vida do homem, mesmo neste mundo, participa verdadeiramente da immortalidade. Nenhum individuo no universo existe só e para si proprio; cada um de nós é parte constituinte de um todo solidario; e, por seus actos, augmenta ou diminue, emquanto ao presente e para sempre, a somma do mal ou do bem na humanidade. Assim como o presente tem as suas raizes no passado e a vida e os exemplos de nossos avós continuam a exercer sobre nós sua poderosa influencia, assim tambem todos nós, por nossos actos quotidianos, contribuimos para fazer formar as condições de existencia e o character das gerações futuras. O homem vivo é um fructo desenvolvido e amadurecido pela cultura de todos os seculos precedentes. Gerações sem conta, cuja origem se perde em uma noite de mais de seis mil annos, se concatenam atraz de nós, cada uma com as mãos postas sobre os hombros da que lhe succedeu, e a geração viva continua a receber e a transmittir a corrente magnetica destinada a ligar, por uma série não interrompida de acções e de exemplos, o passado mais remoto, a posteridade mais longinqua. Não morrem completamente os actos de homem algum; seu corpo póde resolver-se em ar e pó, mas as suas boas ou más acções continuarão a dar fructos segundo a sua especie, e a exercer influencia sobre as gerações humanas em todos os tempos por vir: é neste facto grave e solemne que consiste o maior perigo e a grande responsabilidade da existencia humana.

Assim, todo acto que praticamos ou de que somos testemunhas, toda palavra que pronunciamos ou ouvimos, exerce uma influencia que fica dominando para sempre sobre nossa vida, e vae ao mesmo tempo affectar a propria constituição da sociedade em peso. Nem sempre é

facil, e muitas vezes é até impossivel investigar em todas as suas ramificações ou vestigios desta influencia entre nossos filhos, amigos e conhecidos; mas nem por isso é menos certa que ella existe, e quer a notemos ou não, a sua obra se consumma. Isto demonstra a immensa importancia do bom exemplo, ensino mudo que, em todos os dias da vida, o mais pobre e humilde dos homens pôde dar. Ninguem, com effeito, pelo facto de ser humilissima a sua posição, fica dispensado de proporcionar aos seus semelhantes este simples, necessario e preciso ensino; e não ha condição miseravel que não possa deste modo tornar-se util; porquanto, a luz brilha tão fielmente no valle como no alto da collina. Sempre e em toda a parte, por mais desfavoraveis que sejam as circumstancias exteriores, nas choupanas perdidas no meio das charnecas incultas, nas aldêas, nas travessas estreitas das grandes cidade, pôde achar-se o perfeito homem de bem. Aquelle que cultiva um pedaço de terra pouco maior do que o preciso para a sepultura onde um dia descançará, pôde trabalhar com tanta fé e esperanca e para um fim tão elevado, como o individuo que deve herdar uma grande fortuna. A officina mais humilde pôde tornar-se, segundo a escolha de quem nella trabalha, uma escola de industria, de sciencia e de moralidade, ou uma escola de preguiça, de perversidade e de depravação. Tudo depende dos individuos, e do uso que elles fazem das occasiões que se lhes deparam.

Uma vida sabiamente empregada, a honra do character escrupulosamente mantida, são uma herança, e bem valiosa, que legamos a nossos filhos e ao mundo; porquanto constituem a mais eloquente lição de virtude e a mais severa critica do vicio, e offerecem uma tonte perenne de riquezas incomparavelmente preciosas. Felizes

os que podem dizer como Pope, rebatendo um sarcasmo de lord Hervey : « O que é certo é que meus pais, taes quaes eram, nunca me deram motivos de envergonharme delles, e que seu filho, tal qual é, nunca os obrigou a derramar uma unica lagrima. »

V

É, pois, essencial que os moços busquem a boa companhia e se esforcem sempre para realizar um idéal superior. Francisco Horner, fallando no proveito que colhera das suas relações pessoaes com homens de alta intelligencia e nobre character, dizia : « Não hesito em declarar que, relativamente ao progresse intellectual, lhes devo mais do que a todos os livros que tenho lido. » Lord Shelburn (marquez de Lansdswne) fez, na sua mocidade, uma visita ao veneravel Malesherbes, cuja presença o impressionou tão vivamente, que elle, passados annos, dizia : « Tenho viajado muito, mas nunca senti igual abalo á vista de nenhum outro homem ; e se no decurso de minha vida eu praticar algum bem, estou certo que será por inspiração da lembrança de Malesherbes. »

Com effeito, o trato com homens de bem nunca deixa de nos ser benefico, e ganhamos parte da graça de que elles estão cheios, assim como os passeadores conservam na roupa o aroma das flores e dos arbustos por entre os quaes andaram a espairecer. Todos que conheceram intimamente John Stirling são unanimes em confessar a influencia benefica por elle exercida sobre as pessoas com quem tratava. Muitos lhe deveram o sentir pela primeira vez despertadas as suas mentes para uma vida mais elevada, e aprenderam com elle o que eram e o que

lhes cumpria ter sido. « Quem se achava em contacto com elle, disse o Sr. Trench, sentia-se de alguma sorte *ennobrecido* e, conforme sempre o experimentei quando deixava a sua companhia, *elevado* a uma esphera superior áquella em que de ordinario nos deixamos voluntariamente ficar. » Eis o genero de influencia que um nobre character nunca deixa de exercer : somos sublimados e esclarecidos por elle : cedemos de força ao seu ascendente e nos habituamos a considerar as cousas como elle as considera; tão portentoso é o mysterio da acção e reacção dos espiritos uns sobre os outros

VI

Os artistas tambem se sentem elevados quando frequentam artistas que lhes são superiores. O genio de Haydn, por exemplo, accendeu-se pela primeira vez ao achar-se em contacto com Handel. Foi ouvindo este tocar que Haydn se apaixonou pela composição musical; e elle mesmo cria que, se não se tivesse dado essa circumstancia, nunca houvera escripto *A Creação*. Fallando a respeito de Handel, Haydn costumava dizer : « Quando elle quer, fere como o raio », ou senão : « Não ha uma só das suas notas que não produza effeito. » Scarlatti era outro fervoroso admirador de Handel. Viajou com elle por toda a Italia, e tamanho era o seu enthusiasmo pelo grande artista que, posteriormente, nunca fallava nelle sem persignar-se. Os verdadeiros artistas estão sempre dispostos e reconhecer generosamente a grandeza de seus collegas. Beethoven, por exemplo, votava a maior admiração a Cherubini, e, saudando com enthusiasmo o genio nascente de Schubert, bem mostrou ser

dotado do fogo sagrado. « Northcote, desde a sua adolescencia, votou tamanha admiração a Reynolds, que, achando-se um dia em uma reunião publica a que assistia o grande pintor, rompeu pelo meio da multidão até chegar junto de artista, e conseguiu tocar-lhe na aba da casaca; e « isto, dizia elle com um enthusiasmo juvenil que bem mostrava a sinceridade da sua admiração pelo genio de Reynolds; causou-me a mais viva a satisfacção ».

VII

Uma das provas mais notaveis da força do exemplo, é a que nos dão es bravos com o seu poder de esforçar os pusillanimes, de lhes communicar a sua intrepidez e de arrastal-os por meio da sua simples presença. Tal é a razão dos portentosos rasgos de seu valor que tantas vezes vemos serem praticados por homens aliás muito mediocres, mas guiados por chefes heroicos. A simples memoria dos altos feitos de valor é como um tambor que toca a avançar, como um clarim que manda a cavallaria carregar sobre o inimigo. João Ziska, para continuar mesmo depois de morto a inflammar o valor aos bohemios, não se contenta com lhes legar a memoria das suas façanhas; deixa-lhes tambem a sua pelle e ordena que façam della um tambor. Morto Scanderberg, os turcos dividem entre si os seus ossos; cada um quer trazer um pedaço delles sobre o coração, afim de se sentir penetrado de parte da coragem de que fôra dotado o guerreiro, e de que lhes dera tantas provas nos combates. Quando o bravo Douglas levava para a Palestina o coração de Bruce, viu de repente um dos seus cavalleiros cercado pelos sarracenos, que o atacavam por

todos os lados : em um rasgo de generosa intrepidez, tira elle do pescoço a urna de prata que continha o coração do heróe, e, arremessando-a no ponto em que mais renhida estava a peleja, exclama : « Sê hoje como sempre oprimeiro no combate, e que Douglas te siga ou morra ! » Dito isto, penetra no esquadrão inimigo, e, traspassado de golpes, vae calir justamente junto do coração do seu amigo.

VIII

A principal utilidade das biographias consiste em ellas nos offerecerem grande cópia de nobres exemplos que nos podem servir de modelos. Nossos gloriosos maiores continuam a viver, não só na nossa lembrança, senão tambem na memoria dos altos feitos por elles praticados, e que por seu turno são impereciveis; assentam-se con-nosco á mesa; serve-nos de guia e de auxilio, e nos ministram, para maior beneficio nosso, exemplos que podemos todos os dias estudar, admirar e imitar. Na realidade, todo aquelle que deixa memoria de uma nobre vida, lega á posteridade uma fonte de bens inexaurivel: porquanto essa vida é para os seus semelhantes um modelo por que elles poderão em todos os tempos guiar-se, que sempre lhes infundirá novo ardor e os ajudará a reproduzil-a, sob outras fórmulas, sim, mas com todas as bellas qualidades do varão que della foi o heróe. Eis a razão por que o livro que contém a vida de um homem virtuoso encerra sementes de subida valia. « E', para nos servirmos das palavras de Milton, a parte mais pura e preciosa do sangne de um espirito preclaro, embalsamada, e conservada para uma segunda vida. » A's vezes reconhece-se um moço em uma biographia, como

Corregio, que, sentindo o primeiro assomo do seu genio ao contemplar as obras de Miguel Angelo, exclamou: « Tambem eu sou pintor! » — Sir Samuel Romilly confessou, na sua autobiographia, a poderosa influencia que sobre elle exercera a vida do grande e generoso chanceller francez d'Aguesseau. « Tendo comprado as obras de Thomas, diz sir Romilly, li com admiração o seu *Elogio de d'Aguesseau*: e a honra de que elle mostrava ter-se coberto este illustre magistrado excitou-me no mais alto grau a ambição e o ardor e abriu á minha imaginação uma nova perspectiva de gloria. »

Franklin costumava attribuir a utilidade e a eminencia do papel que representara, ao facto de ter lido na sua mocidade os *Ensaïos sobre a arte de praticar o bem*, de Cotton Mather, livro em que Mather nada mais fizera do que escrever a sua propria vida. E (vêde como um bom exemplo produz outro e se propaga no mundo inteiro atravez das gerações!), Samuel Drew declarou que tomara para modelo, de sua propria vida, sobretudo nos negocios, o typo de Benjamin Franklin. Assim é impossivel dizermos até onde se estenderá um bom exemplo e onde findará, se é que em effeito elle pôde ter fim. Isto nos mostra a conveniencia que ha, tanto na vida como em litteratura, de preferirmos a melhor companhia, de lermos os melhores livros, e de admirarmos e imitarmos discretamente o que nelles houver de mais perfeito. Em materia de litteratura, dizia lord Dudley, prefiro sempre a melhor companhia, que se compõe sobretudo para mim, de antigos conhecidos, com os quaes desejo familiarisar-me cada vez mais; parece-me que no maior numero de casos ha mais proveito, e até mesmo divertimento, em relêr um livro velho do que em lêr um novo pela primeira vez. »

IX

Têm-se visto ás vezes livros que continham nobres exemplos, colligidos ao acaso e com o unico fim de distrahir o leitor, despertarem faculdades a respeito de cuja existencia não se formara até então a menor conjectura. Alfieri apaixonou-se pelas lettras ao lêr a *Vida dos varões illustres*, de Plutarcho. Loyola, bravo e gentil official, combatendo no cerco de Pampeluna, foi gravemente ferido em uma perna. Durante a sua convalescença pediu um livro para se distrahir; deram-lhe a *Vida dos Santos*, e lendo-a, sentio elle incender-se de tal sorte o seu espirito, que résolveu immediatamente votar-se á fundação de uma ordem religiosa. Luthero tambem se determinou a emprehender os trabalhos que tornaram a sua vida para sempre memoravel, ao lêr a *Vida e os escriptos de João Huss*. O dr. Wolff reconheceu-se com vocação para missionario quando leu a *Vida de S. Francisco Xavier*; desde então sua alma se sentiu dominada da mais sincera e ardente paixão pela empreza á que elle devia consagrar toda a sua vida. Emfim, foi lendo as *Viagens do capitão Cook* que Guilherme Carey concebeu a idéa de emprehender os sublimes trabalhos por meio dos quaes tanto se distinguio como missionario.

Francisco Horner costumava tomar nota dos livros que haviam exercido sobre elle mais grata e duravel influencia. Entre esses livros achavam-se o *Elogio de Haller*, por Condorcet, os *Discursos de sir Joshua Reynolds*, as *Obras de Bacon* e a *Vida de sir Matheus Hale*, pour Burnet. Hornez diz que a leitura deste ultimo livro — pintura de um prodigio de trabalho — o encheu de enthusiasmo. A respeito do *Elogio de Haller*, por Condorcet,

diz : « Nunca largo este livro sem sentir em todo o meu ser um intimo abalo que nem mesmo sei definir, porquanto participa elle a um tempo da admiração, da ambição e do desespero. » Quanto aos *Discursos de sir Joshua Reynolds*, eis o que elle diz : « Depois dos escriptos de Bacon, não ha livro que mais poderosamente contribuisse para a resolução que tomei de me instruir. Reynolds é um dos primeiros homens de genio que se dignaram de revelar ao mundo o caminho por onde podemos chegar á excellencia ; graças á convicção com que elle prega a omnipotencia do trabalho, vem o leitor a familiarisar-se com a idéa de que o genio é antes uma aquisição do que um dom da natureza ; e a tudo isto se ajunta tão natural e eloquentemente tamanha e tão fervorosa admiração pelo bello, que, tudo bem pesado, não ha leitura mais *seductora* ». O proprio Reynolds (coisa notavel!) dizia que o enthusiastico ardor com que se havia applicado ao estudo da sua arte proviera d'elle ter lido a biographia de um pintor illustre, escripta pelo novelista Richardson ; e posteriormente Haydn, por seu turno, sentiu irresistivel inclinação para a mesma carreira ao lêr a biographia de Reynolds. Assim a vida de um unico homem que se distingue pela energia e persistencia de suas aspirações basta para accender o fogo sagrado em todos aquelles que têm os mesmos gostos e as mesmas aptidões, e para garantir a mesma distincção e a mesma gloria a todos aquelles cujos esforços são egualmente vigorosos. A cadeia do exemplo abrange desta sorte todas as idades no successão infinita do seus anneis, e a admiração, mãi da imitação, perpetúa atravez dos seculos a verdadeira aristocracaa, do genio.

X

Um dos mais preciosos e efficazes exemplos que podem ser dados á mocidade é o da alegria no trabalho; e, pois, mui judiciosamente ponderou um homem de bem que o bom humor constitue os nove decimos do christianismo, e que a leda assiduidade com que nos votamos ao trabalho está naquella mesma razão para a sabedoria practica. A alegria dá com effeito elasticidade ao espirito, afugenta os espectros, e obsta a que o sentimento das difficuldades chegue alguma vez a degenerar em desespero; e isto assim succede porque o espirito, accommettendo as difficuldades com a animação da esperanza, adquire o invejavel habito de aproveitar as çircumstancias, habito que de raro deixa de garantir o bom exito. Um espirito fervoroso é sempre feliz e robusto; trabalhando com leda diligencia, estimula os mais no trabalho, e reveste de dignidade as mais vulgares occupações. De resto, o trabalho mais productivo é sempre o que se faz com amor, o que sáe das mãos ou da cabeça do homem em cujo coração está de assento a alegria. Eis a razão por que Hume dizia que ter por unica fortuna um character prazenteiro, sempre disposto a vêr as cousas pelo lado mais seductor, era incomparavelmente melhor do que ter um character sorumbatico e 10,000 libras de renda.

E cabe ponderarmos aqui quanto o character pôde ser fortalecido e mantido pela cultura dos bons habitos. Se o habito, conforme se diz, é uma outra natureza, tambem o proprio homem nada mais é do que uma amontoação de habitos. Metastasio tinha tão intima convicção da efficacia da repetição dos mesmos actos e pensamentos, que costumava dizer: « Tudo no homem é habito até mesmo

a virtude. » Buttler, na sua *Analogia*, affirma que o imperio que exercemos sobre nós mesmos e a firme resistencia que oppomos á tentação tendem a fazer da virtude um habito; de maneira que, segundo elle, torna-se-nos com o andar do tempo mais facil praticar o bem do que ceder ao peccado. « Assim como os habitos do corpo, diz Buttler, são produzidos pelos actos exteriores, assim tambem os do espirito são produzidos pela execução das resoluções internas, isto é, pela realisação pratica dos principios de obediencia, de veracidade, de justiça, de caridade. » E lord Brougham, por seu turno, fallando na immensa importancia que ha em dar uma boa educação e bons exemplos á mocidade, diz: « Em tudo e para tudo neste mundo, confio no habito, com o qual sempre hão particularmente contado tanto o legislador, como o pedagogo; no habito, que torna tudo facil, e graças ao qual só achamos difficuldade no que se desvia da regra de comportamento por nós adoptada. » Assim é que, se tivermos adquirido o habito da sobriedade, aborreceremos a intemperança, e se nos tivermos habituado á prudencia, consideraremos a incuria do prodigo como uma cousa indigna que não póde de maneira alguma coadunar-se com os principios por que se rege o nosso comportamento individual. De onde se conclúe que muito nos importa estar sempre álerta, afim de repellirmos com toda a energia as invasões de qualquer mau habito: pois o ponto mais fraco do character é sempre em que já fomos vencidos uma vez; e immenso tempo se passará primeiro que um principio restaurado se torne tão firme como o que nunca foi abalado. « Os habitos, diz tão judiciosa quão engraçadamente um escriptor russo; são como um collar de parolas: desatae o nó, e vereis logo todo o collar desmanchado. »

Seja qual fôr a maneira por que se haja formado, o habito, logo que de nós se apodera, exerce a sua influencia ás surdas e sem esforço, e só reconhecemos a força por elle adquirida quando nos determinamos sériamente a extirpal-o. A repetição frequente de um acto qualquer crêa bem depressa a aptidão e a inclinação; e o habito que a principio nos parece não ser mais forte que uma têa de aranha, em chegando a formar-se, acaba por mudar-se em uma corrente de ferro. Os acontecimentos ordinarios da vida, considerados isoladamente, tambem podem parecer pouco importantes; mas elles são como a neve que cãe silenciosamente, fróco por fróco, e que de todos esses frócos accumulados formam por fim a temerosa mole que se despenha do alto das montanhas.

XI

O respeito de si mesmo, a iniciativa individual, a applicação, a industria, a integridade, dependem da natureza dos habitos e não das crenças. Os principios, na realidade, nada mais são do que os nomes que damos aos habitos, porquanto os principios são palavras, mas os habitos são as proprias cousas: nossos bemfeitores ou nossos tyrannos, conforme fôrem bons ou maus. Desta maneira, á medida que envelhecemos, parte de nossa individualidade e de nossa livre actividade se muda em habito; nossas acções vêm assim a participar da natureza do destino; e com o andar do tempo nos achamos carregados de grillhões, por nós mesmos forjados.

Na verdade, fôra impossivel fazer-se uma idéa bastante elevada da importancia que ha em constituirem os habitos virtuosos a base da educação dos moços. É

na mocidade que os habitos se formam mais facilmente, e, depois de formados, duram por toda a vida : como as lettras gravadas na casca de uma arvore, elles crescem e alargam-se com o tempo. O homem maduro continúa a ceder ao habito que contrahiui na sua mocidade. O principio, na realidade, contem o fim. *O primeiro passo é que custa*; e deste primeiro passo dependem a direcção e o fim da viagem. « Não esqueçaes, dizia lord Collingwood a um mancebo seu amigo; que, antes de completardes os vinte e cinco annos, deveis estar com o vosso character já formado, e para toda a vida. Como os habitos se fortalecem com a idade, e é tambem com a idade que se fixa o character, torna-se-nos cada vez mais difficil, á medida que envelhecemos, a escolha de uma nova carreira. Eis a razão por que muitas vezes é mais difficil desaprender do que aprender; e nenhuma injustiça praticava, á vista disto, o flautista grego, quando exigia dobrada paga dos discipulos que já haviam estudado com outro mestre, seu inferior. A extracção de um mau habito é infinitamente mais difficil que a de um dente bem arraigado. Tentae converter um homem em quem a preguiça, a intemperança e a prodigalidade se hajam mudado em habitos, e na immensa maioria dos casos serão baldados os vossos esforços, porquanto nesta hypothese o habito confundido com a propria vida, constituindo uma parte integrante della, já não póde ser extirpado. Mui judiciosamente disse, pois, o sr. Lynch que o melhor dos habitos é o que consiste em nos esforçarmos por adquirir sómente os bons.

Até a felicidade póde mudar-se em habito. Com effeito, podemos nos acostumar a vêr tudo côr de rosa, da mesma maneira que outros se acostumam a só vêr as cousas pelo lado mais triste. O dr. Johnson, fallando a este respeito,

chegou a dizer que o habito de vêr as cousas pelo lado risonho valia muito mais para o homem que 25,000 francos de renda. Ora, como possuímos em alto grau a faculdade de fazer que os nossos pensamentos tenham por fim objectos que redundem em prazer e progresso para nós, evitando tudo quanto nos possa penalisar ou abater o animo, segue-se que, deste modo, podemos cultivar o habito dos pensamentos prazenteiros com a mesma facilidade com que cultivariamos qualquer outro; e cultivar em todos, homens e mulheres, um genio alegre, um character franco, uma grata disposição de espirito, talvez fosse muito mais importante do que aperfeiçoal-os em qualquer sciencia ou arte que constituam méras prendas.

XII

Assim como a luz do dia penetra pela mais pequenina fenda, assim tambem o character do homem se revela nos actos aparentemente insignificantes que elle pratica. Na verdade, o character iudividual nada mais é do que o resultado de uma infinidade de actosinhos justa e honrosamente praticados, e a vida de cada dia é a pedreira de onde tiramos os materiaes que, depois de aperfeiçoados e polidos, terão de formar os nossos habitos. Uma das mais infalliveis pedras de toque do character é o modo por que nos portamos no trato social. Maneiras affaveis, tanto para os nossos superiores, como para os nossos inferiores e eguaes, são uma fonte perenne de satisfação. Agradam ellas necessariamente a todos, porquanto indicam um certo respeito tributado á sua personalidade, mas causam dez vezes mais prazer a nós mesmos. Todo o homem pôde adquirir boas maneiras, e

essa aquisição, como qualquer outra, depende de nós em grande parte. Com effeito, para sermos polidos e attentiosos, basta que o queiramos ser; tanto póde ser polido e attentioso o millionario, como o individuo que nada tem de seu. Muito mais efficaz que a da fama e a da força, e tambem muito mais fecunda, a influencia da affabilidade no mundo é como a da luz que, conquanto opere em silencio, nem por isso deixa de jubilar toda a natureza. Abre ella caminho lenta e tranquillamente, como a abratea que, pela simples persistencia do seu crescimento, vem por fim a levantar e lançar para um lado a terra que a cobre.

XIII

Os usos e costumes, que dão á vida um aspecto peculiar, são muito mais importantes que as leis, as quaes apenas constituem uma das manifestações da propria vida. A lei, com effeito, só exerce sobre nós uma influencia relativa, mas os usos e costumes nos dominam absolutamente, e penetram no seio da sociedade como o ar ambiente que respiramos. As boas maneiras, como as chamamos, nada mais nem menos são que a affabilidade do comportamento. Por meio dellas é que se manifestam a cortezia e a benevolencia e o elemento preponderante em todas as relações sociaes em que os homens podem mutuamente achar prazer ou proveito. « A polidez, dizia lady Montaigne, nada custa, e com ella obtemos tudo. » A cousa menos dispendiosa que ha no mundo é a bondade; não exige ella trabalho algum, nem sacrificios. Captivae os corações, dizia Burleigh á rainha Isabel, e bolsas e corações serão vossos. » Se deixassemos a na-

tureza operar com a sua genuina bondade, livre de affectação e de artificio, os thesouros de contentamento e de ventura que ella proporcionaria á sociedade seriam incalculaveis. As attencõesinhas que formam, por assim dizer, os trocos da vida, podem ter isoladamente mui pouco valor intrinseco ; mas com a frequencia e a accumulacão se tornam importantes. É o mesmo caso das economias de moedinhas insignificantes ou diminutas que, no fim do anno ou da vida de um homem, produzem, segundo a opinião geral, incriveis resultados.

As maneiras são o ornato da acção ; e ha um modo de dizer uma palavra agradavel ou de fazer um obsequio que lhe augmenta enormemente o valor. O que parece feito contra a vontade ou por méro merecimento é raramente aceito como um favor. Todavia, ha homens que se gabam da sua rispidez ; não obstante os seus talentos e virtudes, acham elles meios de tornarem-se, pelos seus modos, quasi insupportaveis. É difficil amarmos um homem que se abstem, é certo, de nos esbofetear, mas para quem é o prazer sem egual offender-nos na nossa consciencia ou dizer-nos cousas desagradaveis. Outros tomam ares horriveis de protecção, e não perdem a occasião, por mais insignificante que seja, de ostentar a sua grandeza e a sua consciencia. Quando Abernethy quiz se empregar como cirurgião no hospital de S. Bartholomeu, foi fallar a um personagem desta especie, rico tendeiro e um dos administradores do hospital. O grande homem — fallamos do tendeiro — ao vêr o cirurgião entrar na loja, revestiu-se de um ar magestoso para receber o candidato que, julgava elle, lhe vinha pedir o voto. « Presumo, senhor, disse-lhe, que nesta época critica de vossa vida, careceis do meu voto e da minha influencia. » Abernethy, que não podia supportar nullidades apavo-

nadas, ficou ardendo ao ouvir aquellas palavras insolentes, e exclamou : « Não, não ha tal ! entrei aqui para comprar dois soldos de figos ; eia, embrulhae-os quanto antes : estou com muita pressa ! »

XIV

O requinte das maneiras, que se torna summamente ridiculo quando degenera em excesso, é, não obstante, indispensavel aos que se acham encarregados de negocios importantes. Póde-se até considerar a affabilidade e a polidez como essenciaes aos triumphos dos que occupam uma posição eminente e vivem nas altas regiões da sociedade ; e tem-se visto mui frequentemente a falta desta virtude social neutralisar em grande parte os resultados que se podiam esperar do amor do trabalho, da integridade, da honradez do character. Ha sem duvida no mundo um certo numero de espiritos a um tempo superiores e tolerantes que desculpam os defeitos e as angulosidades das maneiras, e preferem achar nos individuos qualidades mais solidas ; mas a sociedade em geral não é tão tolerante, e, muitas vezes, até nem póde deixar de tomar o comportamento do homem para base dos seus juizos e preferencias.

O respeito para com as opiniões alheias é outra maneira de mostrarmos verdadeira polidez. Já alguém disse que o dogmatismo era a fatuidade em estado de madureza ; e por certo, de todas as fórmãs que esta qualidade póde revestir, a peor é a da obstinação e da arrogancia. Concedam, pois, os homens uns aos outros, de uma vez para sempre, a liberdade de não serem perfeitamente semelhantes, e, dada esta inevitavel differença, apren-

dam a supportar-se e a tolerar-se taes quaes são. Cada qual pôde sustentar os seus principios e opiniões com perfeita brandura, sem empregar palavras virulentas nem vias de facto; e casos ha em que as palavras são pancadas, e causam feridas de muito mais difficil cura. A este respeito citaremos uma parabola mui instructiva de que se serviu ha algum tempo um pregador itinerante de Alliança Evangelica, que se achava então nos confins do paiz de Galles: — « Caminhando um dia para as montanhas, pouco antes de amanhecer e no meio de densa cerração, avistei, disse elle, na encosta de uma collina uma cousa que se movia e parecia tão estranha, que a tomei por um monstro. Quando me achei mais perto daquelle vulto, vi que era um homem. Parei por fim diante d'elle, e vi que era meu irmão. »

A polidez innata que se deriva da rectidão do coração e da benevolencia dos sentimentos não é privativa de nenhuma classe, de nenhuma posição social. O operario pôde possuil-a do mesmo modo que o ecclesiastico ou o senador. A incivildade e os modos asselvajados nunca foram nem podem ser uma das condições necessarias do trabalho. A polidez e a amenidade por que se distinguem todas as classes da sociedade entre muitos povos do continente bem provam que aquellas qualidades podem ser adquiridas por todos os homens em geral — como de certo o serão um dia, graças ao progresso da educação e á extenção das relações sociaes sem que para isso se torne indispensavel o sacrificio de qualquer das qualidades solidas por que nos podemos distinguir como homens ou como povos. Desde a mais elevada até a mais humilde, desde a mais rica até a mais pobre, não ha classe alguma, nem condição alguma social a que a natureza haja negado o mais precioso dos seus dons, um

coração magnânimo. E, pois, nunca tereis de certo visto um perfeito cavalheiro que não possuísse um nobre coração; e este nobre coração tanto pôde pulsar sob a jupon grosseira do camponez como sob a farda bordada do fidalgo.

XV

O verdadeiro cavalheiro (assim designamos tanto o que é fidalgo dos quatro costados, como o que descende de pais obscuros) é aquelle cujo character se ha formado em conformidade com os mais sublimes modelos. É um antigo e grande nome o de cavalheiro, e um nome a que sempre se ha associado a idéa da alta posição e do poder. « O cavalheiro nunca se desmente, dizia o velho general francez ao seu regimento de cavalheiros escosazes no Russilhão; e é no momento da necessidade e do perigo que elle mostra invariavelmente o que é. » Um tal character está sempre revestido de uma dignidade que concilia o respeito instinctivo de todos os espiritos generosos; e até mesmo aquelles que menos deslumbrados podem ser por titulos ou pela importancia das posições acatam de bom grado o verdadeiro fidalgo. Suas qualidades não são devidas á moda ou aos costumes da época, têm um valor real; não dependem de possessões, mas de qualidades pessoaes. O psalmista o define em poucas palavras, quando falla no varão que « observa a integridade, faz o que é justo, e diz a verdade conforme a tem no coração. »

O cavalheiro se distingue eminentemente pelo respeito que vota a si mesmo. Preza elle no mais subido grau o seu character, não tanto por se preocupar com o que a sociedade possa pensar a seu respeito, como pelo

que elle proprio pensa a respeito de si mesmo, e para merecer a approvação da sua consciencia. E assim como respeita a si, assim tambem, e pela mesma razão, respeita os seus semelhantes. A humanidade é sagrada para elle; e é deste sentimento que procede a sua polidez e a sua tolerancia, a sua benevolencia e a sua caridade.

Dizem que lord Eduardo Fitzgerald, viajando um dia em companhia de alguns indios no Canadá, ficou profundamente commovido ao vêr uma misera mulher arrastar-se a custo carregando a bagagem de seu marido, ao passo que este caminhava altivamente, sem levar a minima carga. Lord Eduardo não poudo conter-se, e para alliviar a triste mulher, pôz aos seus hombros a carga com que ella mal podia : admiravel exemplo daquella *polidez do coração* que é a civilidade de todo o homem verdadeiramente nobre.

O verdadeiro cavalheiro tem um vivo sentimento da honra e evita escrupulosamente toda a acção ignobil. O seu modelo, tanto nas acções como nas palavras, é um alto idéal de probidade. Nunca o vereis empregar ardis nem tergiversar, e nem tão pouco recorrer á fraude ou á dissimulação : é honesto, justo, integro. Sua lei é a rectidão — a acção em linha recta. Quando elle diz *sim*, este seu — *sim* — tem força de lei; e, quando fôr preciso, tambem não hesitará em dizer resolutamente *não*. Inaccessivel á corrupção, deixa que as almas vis e sem principios commettam a infamia de se venderem áquelles que têm interesse em compral-as. É como o integro Jonas Hanwei que, exercendo o emprego de intendente dos viveres, nunca aceitava presentes dos fornecedores : premunindo-se assim contra a influencia que poderiam, mau grado seu, desviar-o do recto cumprimento dos seus deveres publicos. O mesmo se póde dizer do duque de

Wellington. Pouco tempo depois da batalha de Assaye, o primeiro ministro da côrte de Hyderadab foi uma manhã visital-o, afim de saber d'elle, em particular, que territorio e vantagens haviam sido concedidos ao rei seu amo no tratado de paz celebrado entre os principes Marates e o Nizam. Para obter esta informação o ministro ousou offerecer ao general uma quantia avultadissima, mais de 2,500,000 francos. Sir Arthur poz-se a olhar para elle mui tranquillamente, e, ao cabo de alguns minutos disse-lhe : — « Creio que sois capaz de guardar um segredo? » — « Oh! de certo, respondeu o ministro. » — « Pois eu sou tão discreto como vós », disse o general; e, sorrindo-se, despediu o ministro envergonhado e confuso. Para se fazer idéa da integridade de Wellington, basta dizer que, não obstante seus constantes triumphos na India, e mau grado os numerosissimos ensejos que se lhe offereceram para adquirir uma immensa fortuna, achou-se elle relativamente pobre, quando voltou para Inglaterra. A mesma susceptibilidade e o mesmo desinteresse caracterisavam seu nobre parente, o marquez de Wellesley, que um dia tambem recusou um dom de 2,500,000 francos que lhe queriam fazer os directores da companhia das Indias orientaes, por occasião da conquista do Mysore. « Não se trata, respondeu elle, de falar agora na independencia de meu character, nem na dignidade particular do meu cargo; estas importantes considerações não são as unicas que me determinam a recusar um presente que não convem-me de modo algum. *Primeiro que tudo cumpre-me assegurar o bem estar do nosso exercito; e muito me affligiria ficar com a minima parte do que toca aos nossos bravos soldados.* » E o marquez se manteve inabalavel na sua resolução.

XVI

As riquezas e o nascimento não têm conexão alguma necessaria com as qualidades que constituem o verdadeiro cavalheiro. O pobre pôde ser, sob todos os pontos de vista, um verdadeiro cavalheiro. Pôde ser honrado, veridico, justo, polido, sobrio, energico, independente, cheio de respeito para consigo mesmo, em uma palavra, um verdadeiro cavalheiro. O homem pobre de fortuna, mas rico de coração, é a todos os respeitos superior ao homem rico de fortuna, mas pobre de coração. Para fallarmos como S. Paulo, aquelle « parece não ter cousa alguma de seu, e não obstante possui todas as cousas, ao passo que este parece possuir todas as cousas, e na realidade nada tem. O primeiro espera tudo e nada teme, o segundo nada espera e teme tudo. Os unicos pobres são os pobres de coração. O homem que, tendo perdido tudo, conserva a energia, a egualdade de alma, a esperança, a virtude e o respeito de si mesmo, é ainda rico. Para este, o mundo, por assim dizer, está guardado em deposito; seu espirito alça-se acima dos cuidados mesquinhos, e nada o impede de trazer a frente erguida, como verdadeiro cavalheiro que é.

Não é raro vermos pulsar no peito do homem mais pobre e obscuro um coração esforçado e bondadoso. Citaremos a este respeito uma anecdota um tanto velha, mas lindissima. Um dia, em uma cheia repentina do Adige, a ponte de Verona foi levada pela agua, á excepção do arco central sobre o qual havia uma casa, cujos habitantes, debruçados nas janellas, bradavam por soccorro. O arco abria-se insensivelmente. « Cem luizes, bradou o conde Spolverini, a quem se quizer arriscar

para salvar aquella familia! » Um joven camponez sahio de entre a multidão, metteu-se em um batel e poz-se a remar para o meio do rio. Tendo conseguido chegar, não sem difficuldade, ao logar do perigo, recebeu toda a familia na sua embarcação e tornou para terra, onde os miseros desembarcaram sãos e salvos. « Aqui tendes o vosso dinheiro, meu bravo, disse então o conde ao camponez. » Mas este respondeu : « Não arrisco a minha vida por dinheiro; dae isso a esta pobre familia que se acha reduzida a tamanha miseria. » O espirito do verdadeiro cavalheiro fallava pela bocca de joven camponez.

O sr. Turnbull, referindo na sua obra sobre a Austria as qualidades pessoaes por que os principes daquelle paiz se fazem amar do povo, conta uma linda anecdota do fallecido imperador Francisco. Na época em que o cholera grassava em Vienna, o imperador, passando nas ruas da cidade e dos arrabaldes, seguido de um ajudante de campo, encontrou um cadaver que levavam para o cemiterio em padiola : não se via pessoa alguma acompanhando o defunto. Admirado de uma circumstancia tão extraordinaria, o imperador pediu explicações, e soube que aquelle cadaver era o de um pobre que morrera do cholera; os parentes não o acompanhavam ao cemiterio porque naquella quadra considerava-se como perigosissimo o cumprimento desse pio dever : — *Pois bem*, disse Francisco; *nós os substituiremos, porque não quero que os meus pobres subditos sejam assim enterrados sem a menor demonstração de respeito; e acompanhou o cadaver até um ceniterio distante, onde descoberta a cabeça, se demorou até o fim da cerimonia religiosa.*

XVII

O verdadeiro cavalheiro tem sobretudo horror á mentira. Sente que a verdade é o coroamento da vida e a alma da justiça nos negocios humanos. Lord Chesterfield, tendo de definir um cavalheiro, disse « que era aquelle que devia os seus triumphos á verdade » : e nunca pronunciou elle palavra que mais merecessem os sympathicos applausos dos seus compatriotas. O duque de Wellington, que tinha profundo horror á mentira, escreveu a Kellermann, que commandava então as forças francezas na Hespanha, para lhe dizer que os officiaes inglezes prezavam duas cousas mais que tudo neste mundo : a sua veracidade e o seu valor. « Quando officiaes inglezes, dizia elle, derem a sua palavra prometendo não fugir, ficai certo de que elles a cumprirão. Crêde-me, confiae nelles ; a palavra de um official inglez é uma garantia mais infallivel que a vigilancia das sentinellas. »

XVIII

A verdadeira coragem e a bondade andam juntas, de ordinario. O homem verdadeiramente bravo é generoso e paciente, nunca implacavel, nem cruel. E isto é tão certo, que, para elogiar o celebre navegante sir João Franklin, seu amigo Parry dizia : — Era um homem que nunca virava as costas ao perigo, comquanto fosse dotado de tal brandura de coração, que nem tinha animo de matar um mosquito.

Um bello rasgo, verdadeiramente nobre e digno do espirito heroico de Bayar, foi o que praticou um official

francez, no combate de cavallaria de El Bodon, na Hespanha. Lançara-se elle de espada levantada sobre sir Fulton Harvey, e já o ia ferir, quando notou que o seu antagonista só tinha um braço : parou immediatamente, abaixou a espada diante de sir Fulton, e saudando-o, partiu a galope.

Ha uma infinidade de signaes que nos ajudam a reconhecer o verdadeiro cavalheiro ; mas, de entre todos, é este o infallivel : como exerce elle a seu autoridade para com os seus subordinados ? qual é o seu procedimento para com as mulheres e as crianças ? como trata os seus soldados, se é official ; seus operarios, se é dono da fabrica ; seus discipulos, se é mestre ; e, como homem, os que são mais fracos do que elle ? A discreção, a paciencia, a bondade com que usamos da nossa autoridade em certas circumstancias, são na verdade a mais rigorosa prova por que póde passar um nobre character. O homem que abusa da sua autoridade para com aquelles que não se acham em posição de lhe resistir, póde ter-se em conta de grande personagem, mas nunca será um cavalheiro : e se tyrannisa o fraco e o humilde, não é um homem, senão um covarde. O tyranno, conforme já alguém disse mui judiciosamente, nada mais é que o avesso de um escravo. A força e a confiança que elle inspira dão uma grande nobreza ao character do homem, quando este é dotado de coração bem formado ; mas importa que o justo saiba usar da sua força de gigante, mas é tyrannia servirmo-nos della como um gigante.

A brandura é na verdade a melhor prova da nobreza do character. O verdadeiro cavalheiro mostrar-se-ha, pois, no seu comportamento, cheio de attentões para com os sentimentos dos seus semelhantes ; será affavel, quer para com os inferiores e subordinados, quer para

com os seus eguaes, e lhes respeitará sempre a dignidade pessoal; preferirá mil vezes soffrer um leve prejuizo, só para não correr o risco de commetter uma grande injustiça interpretando desfavoravelmente o procedimento de outrem; tolerará as fraquezas, os erros, os defeitos dos que na vida não fôram tão bem aquinhoados como elle; será compassivo até mesmo para como os animaes; não se gabará das suas riquezas, nem dos seus talentos; saberá fazer um obsequio sem a menor demonstração de arrogancia: será daquelles a quem se poderá applicar este dito de Walter Scott a respeito de lord Lothian: « É um homem de quem se póde receber um favor, e isto, na actualidade, já não é pouco. »

O velho Fuller, com a originalidade que o caracterisava, resumiu em algumas palavras o character do verdadeiro cavalheiro e do homem de acção, quando representou o almirante sir Francisco Drake, como « um homem de vida pura; justo no commando e fiel á sua palavra; benigno para com os seus subordinados e inimigo encarnicado da preguiça, affeito a nunca descançar, principalmente nos negocios importantes, sobre o zelo de pessoa alguma, por mais habil e digna de confiança que ella fosse; desprezador do perigo e de toda e qualquer fadiga; resolvido emfim a mostrar-se (ajudado ou não) tal qual deve ser o homem em todas as conjecturas em que lhe incumbe dar provas de energia, de habilidade ou de intrepidez. »

FIM

INDICE

DOS

NOMES PROPRIOS

QUE CONTÉM ESTE VOLUME

A

Abernethy	312
Abrantes (duqueza d')....	335
Addison	125
Adriano VI	19
Agar	295
Aguesseau (d')	124
Albemarle	199
Alembert (d')	15
Alexandre I	339
Alfieri	334
Alen	336
Anaxagoras	136
Apollonio (de Pergaj)....	113
Arago	132
Argyle (duque d')	416
Arkwright	78
Argone (Boaventura)....	160
Arnaldo	315
Arnold	332
Ary Scheffer	161
Augereau	20

B

Bach	279
Bacon	11

Baile	179
Balcombe	21
Banks	168
Barberine	158
Barrow	308
Barry	123
Basselin	21
Bataille	64
Baily	236
Beccaria	106
Beddoes	110
Bell (Carlos)	136
Bentham (Jeremias)....	135
Bentley	105
Béranger	21
Berg (gran duque)	256
Bewick	115
Bessières	20
Bird	145
Black	117
Blackstone	241
Blake (William)	115
Blondel	22
Bloomfield	33
Blucher	194
Bobadilla	202
Boccacio	331
Boettgher	49
Bolingbroke	320
Boswell	85

Boutton.....	76
Boyle.....	71
Bramah.....	66
Branca.....	69
Brantôme.....	133
Brindley.....	74
Bristol (conde).....	83
Brougham.....	305
Brown (sir Samuel).....	112
Bruce.....	376
Brunel (Marcos).....	75
Brunn (Isambert).....	112
Buffon.....	26
Burgoyne.....	75
Burke.....	233
Burleigh.....	397
Burnet.....	350
Burney.....	126
Burns.....	23
Burritt (Elihu).....	306
Buston.....	185
Buttler.....	552
Buxton (Fowel).....	229

C

Calcott.....	143
Cambacères.....	278
Campbell (sir Collin).....	198
Canning.....	339
Canova.....	106
Carcy.....	206
Carissini.....	327
Carlos I.....	201
Carlos II.....	204
Carlos IX (da Suécia).....	182
Carnot.....	83
Carolina.....	49
Carracci.....	141
Caus (Salomão).....	69
Cecil (Ricardo).....	247
Cellini (Benvenuto).....	251
Chalmers (dr.).....	298
Chantrey.....	176
Chasles (Philarete).....	65
Channing.....	302
Châteaubriand.....	26
Chatterton.....	308
Chaucer.....	235
Cherubini.....	384

Chesterfield.....	366
Cicero.....	271
Clare.....	23
Clark (Adam).....	308
Clarkson.....	227
Claudio (Lorenzo).....	19
Clive.....	335
Clyde.....	202
Cobbet (William).....	328
Cobden.....	374
Cœur (Jacques).....	180
Cooke.....	13
Colbert.....	249
Coleridge.....	119
Collingwood.....	296
Colombo (Christovão).....	19
Colonna.....	340
Condorcet.....	358
Cook.....	19
Cooper.....	23
Copernico.....	15
Corregio.....	318
Cortona.....	333
Cosme.....	158
Cotat.....	132
Cottoumaker.....	378
Cowper.....	235
Critchley-Prince.....	23
Cumberland.....	315
Cuvier.....	119

D

Daguerre.....	19
Dalton.....	423
Dalzell.....	334
Dante.....	362
Dargan.....	241
Darú.....	273
Darwin.....	124
Davis (Ricardo).....	236
Davy (Humphry).....	117
Degennes.....	90
Delambre.....	120
Dellaporta.....	54
De Maistre.....	109
Democrito.....	133
Denmann.....	167
Diderot.....	106
Disraeli (Senior).....	106

Dominichino	142
Douglas.....	348
Drake.....	335
Drew..	309
Dryden.....	331
Dubois (cardeal).....	361
Dudley.....	349
Dupin.....	300
Dupuytren.....	17
Durand.....	21
Durant.....	181

E

Egworth.....	74
Edwards..	196
Eddon...	122
Ellers.....	57
Elmore.....	101
Emerson..	196
Erlon.....	20
Erskine.....	127
Etty (William).....	177
Evelyn.....	71

F

Faraday.....	119
Faucher (Leon).....	98
Felibiano.....	161
Felthan (Owen).....	233
Fénélon.....	26
Fergusson.....	115
Fichte.....	302
Filinto Elyseo.....	145
Fitzgerald (Ed.).....	260
Flamborough.....	301
Flaxmann.....	60
Fleury.....	90
Foley (Ricardo).....	492
Foster (João).....	290
Fourier.....	18
Fox (Carlos James).....	241
Francisco de Salles (S.)..	26
Francisco Xavier (S.)....	36
Francisco I.....	178
Franklin.....	113
Frederico I.....	50

Frederico Augusto I.....	50
Froidour.....	214

G

Gainsborough.....	134
Galileu.....	114
Galvani.....	114
Gassendi.....	16
Goefs.....	19
Genlis (M ^{me} de).....	124
Germigni.....	29
Gesner.....	15
Giambatista.....	66
Giardini.....	137
Gibbon.....	122
Gifford.....	20
Giotto.....	249
Girard.....	98
Gleig.....	286
Goethe.....	61
Goldsmith.....	285
Good (Mason).....	297
Gonzalle.....	21
Good (Darwin).....	12g
Goupil.....	26
Graham.....	318
Grant.....	313
Granville Sharp.....	293
Gray.....	319
Gregorio VII.....	13
Gregory.....	176
Grotstes.....	21
Gret.....	232
Guidi.....	338
Guérin.....	145
Guise (duque de).....	115
Gurney (Prescilla).....	116

H

Haiden.....	228
Hall.....	332
Halle.....	311
Haller.....	326
Hamilton.....	56
Handel.....	881
Hargreaves.....	112
Harvey.....	416

Harvey (Fulton)	16
Hastings (Warren).....	100
Hautefeuille.....	16
Hauy.....	16
Havelock.....	86
Hanwkshaw.....	99
Haydn.....	19
Hazlitt.....	114
Heilmann (Josué).....	91
Helps.....	117
Helvetio.....	186
Henrique IV.....	21
Heron.....	69
Herschell.....	137
Hervey.....	12
Hiblay.....	21
Highs.....	56
Hoche.....	19
Hodson.....	303
Hogarth.....	147
Hope (Thomas).....	174
Horner.....	279
Howard.....	168
Humbert.....	19
Hume.....	126
Hunter (João).....	47
Hunter (Guilherme).....	16
Huss.....	312
Huyghens.....	70
Hylas.....	301
Hyperates.....	234

I

Inigo Jones.....	179
Isabel (princeza).....	58
Isabel (rainha).....	324

J

Jackson.....	126
Jackson (Stonewal).....	335
Jacquard.....	9
Jasmin.....	21
Jenner.....	131
Jeronymo (Bonaparte).....	275
Jervis.....	488
Jesus Christo.....	41
João III.....	203

Johnson.....	111
Johnson (Ben).....	235
Jorge III.....	129
Joubert.....	410

K

Kay.....	81
Kellermann.....	473
Kepler.....	15
Kergarbay.....	21
Kirke (White).....	176
Kléber.....	19

L

Labruyère.....	314
Ladyard.....	178
Lafontaine.....	325
Lagrange.....	15
Lamennais.....	185
Lannes.....	20
Laplace.....	16
Lawrences.....	197
Layard.....	168
Lebreton.....	21
Lee.....	117
Lefebvre.....	19
Leibnitz.....	72
Lelham.....	341
Lely (sir Peter).....	341
Lenoir.....	235
Leonardo de Vinci.....	146
Leslié.....	182
Lewis.....	78
Linneu.....	119
Lippershey.....	111
Littleton.....	128
Livingstone.....	111
Locke.....	106
Lokart.....	287
Lothiam.....	365
Loyola (Santo Ignacio de).....	212
Lucrecio.....	121
Luiz XIII.....	229
Luiz XIV.....	245
Lusignan.....	21
Luthero.....	350
Linch.....	238
Litton (sir E. B.).....	311

M

Macaulay.....	191
Magu.....	21
Maistre (de).....	108
Maillardet.....	90
Malesherbes.....	29
Malmesbury.....	338
Maltus (Daniel).....	363
Mansfield.....	416
Marchand.....	21
Marini.....	154
Marmontel.....	24
Marshmann.....	223
Martin.....	175
Massena.....	20
Mathews.....	162
Maurý.....	228
Medicis (Lorenzo).....	139
Melanchton.....	126
Metastasio.....	21
Metcalf.....	186
Meyerbeer.....	184
Michelet.....	21
Miguel Angelo.....	109
Mill (Stuart).....	9
Miller (Hugo).....	25
Milton.....	235
Mirabeau.....	167
Molière.....	21
Monk.....	217
Montagne (lady).....	294
Montaigne.....	29
Montesquieu.....	127
Montmorency.....	38
Moor.....	328
Morris.....	192
Moschelás.....	178
Mozart.....	178
Muley (Moluc).....	198
Murat.....	20
Murray (Alex.).....	328
Murray (Matheus).....	98

N

Napier (sir Charles).....	188
Napoleão I.....	35
Napoleão III (Luiz).....	68

Nassau (Mauricio de).....	111
Necker.....	28
Neid.....	81
Nehmitz.....	48
Nelson.....	258
Newcomen.....	74
Newton.....	15
Ney.....	20
Nicoll.....	21
Normanby.....	203
Northcot.....	361
Novalis.....	61

O

Opie.....	97
Orrit.....	21
Osterwald.....	291
Owen.....	173

P

Palissy (Bernardo).....	38
Palmerston.....	326
Papin.....	70
Paré.....	17
Parry.....	365
Peel (sir Robert).....	107
Perkins.....	97
Perrier (Francisco).....	149
Pestalozzi.....	349
Phipps (William).....	197
Pichegru.....	19
Platão.....	146
Plutarco.....	349
Polignac (abbade de).....	228
Poncy.....	21
Pope.....	345
Poquozzo.....	163
Parigi.....	161
Porta (J. B. della).....	69
Portland.....	56
Poussin (Nicolau).....	109
Priestley.....	117
Pye (dr. Smith).....	121
Pythagoras.....	352

R

Raphael (del Moro).....	511
Ramus.....	18
Raul.....	21
Rawlinson.....	191
Reboul.....	21
Rey.....	97
Reynolds.....	106
Ricardo (Francisco).....	272
Ricardo (Davis).....	248
Richardson.....	338
Richelieu (cardinal).....	154
Richelieu (duque de).....	158
Richter.....	126
Riquet (Pedro Paulo).....	567
Ritthenhouse.....	110
Robbia (Luca).....	37
Robert (Leopoldo).....	19
Roberto.....	98
Robillac.....	167
Roebuck.....	76
Rogers.....	171
Romilly.....	349
Rousseau (J. B.).....	21
Ruskin.....	146

S

Saboya (duque de).....	131
Saint Pierre.....	215
Salomao.....	69
Salvador Rosa.....	136
Salvandy.....	34
Santa Aldegonda.....	265
Savery.....	68
Scanderberg.....	347
Scarlatti.....	97
Scheele.....	117
Schiller.....	14
Schimme Penninck.....	85
Schubert.....	278
Schwartz.....	249
Scott (sir Walter).....	217
Shakespeare.....	23
Sharpi (Guilherme).....	238
Sheele.....	114
Shelburn.....	345
Sheridan.....	336

Sixto V.....	19
Smeaton.....	68
Socrates.....	295
Solon.....	248
Sommerset.....	239
Soult.....	20
Southey.....	354
Souwarow.....	187
Spagnoletto.....	136
Spelmann.....	331
Spencer.....	235
Spinola.....	236
Spinoza.....	239
Spolverini.....	324
Staël (M ^{me} de).....	268
Stephenson.....	65
Sterling.....	291
Saint-Cyr.....	20
Stirling.....	341
St. Leonard.....	334
Stofflet.....	18
Stone (Edmundo).....	116
Stothard.....	115
Strong.....	235
Strutt.....	81
Suchet.....	20
Swift.....	271
Sydenhan.....	342

T

Taglione.....	98
Tonnahill.....	23
Tassi.....	137
Taylor (Henrique).....	294
Taylor (Isaac).....	64
Taylor (Jeremias).....	59
Tchirnhaus.....	52
Tobaldo.....	21
Tenterden.....	281
Tessier.....	120
Thales.....	224
Thann.....	99
Thierry.....	32
Thomaz.....	354
Tintoreto.....	234
Tissot.....	86
Ticiano.....	236
Tocqueville.....	32
Tomassino.....	242

Trench	346
Triquetti	95
Trevistoch	66
Tornbull	348
Turner	244
Turgot	225

V

Varigun	224
Varin	252
Vasari	37
Vaucanson	89
Vauquelim	26
Vere (Horacio)	234
Vialot	236
Vicente de Paulo (S.)	20
Victor	203
Vigneul de Marville	206
Virgilio	205
Voilleu	22
Voltaire	206

W

Walker	282
Ward	227
Washington	245

Washinton Irving	239
Watt	65
Wedgwood	57
Wellesley	63
Wellington	294
West	225
Wilberforce	323
Wilkie	247
Williams	237
Wilson	239
Wolf	350
Wollaston	225
Worcester	70
Wordsworth	30

X

Xenephonte	232
------------------	-----

Y

Young	220
-------------	-----

Z

Zingarelli	234
Ziska	347
Zucarelli	242

Devolva à
Biblioteca da "Luiz de Queiroz"
na última data fixada



ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).